



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
DOUTORADO EM LETRAS**

**RODRIGO ALVES SILVA**

***A TRADIÇÃO DE PESQUISA EM LÍNGUAS DE SINAIS NO/DO BRASIL (1980 a  
2019): UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA A PARTIR DE TESES E  
DISSERTAÇÕES***

Teresina  
2023

RODRIGO ALVES SILVA

**A TRADIÇÃO DE PESQUISA EM LÍNGUAS DE SINAIS NO/DO BRASIL (1980 a  
2019): UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA A PARTIR DE TESES E  
DISSERTAÇÕES**

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (PPGEL/UFPI), desenvolvida na área de concentração Estudos da Linguagem, na linha de pesquisa Gramática e léxico: descrição e ensino, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos.

Teresina  
2023

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco  
Divisão de Representação da Informação

S586t Silva, Rodrigo Alves.  
A tradição de pesquisa em Línguas de Sinais no/do Brasil (1980 a 2019) : uma análise historiográfica a partir de teses e dissertações / Rodrigo Alves Silva. -- 2023.  
258 f.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Teresina, 2023.  
“Orientador: Prof. Dr. Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos”.

1. Historiografia Linguística. 2. Línguas de Sinais. 3. TPLS.  
4. Teses e Dissertações. I. Anjos, Marcelo Alessandro Limeira dos.  
II. Título.

CDD 417.7

Bibliotecária: Francisca das Chagas Dias Leite – CRB3/1004

## AGRADECIMENTOS

A Deus, autor e mantenedor da vida, por ter me concedido forças e resiliência.

A meu pai, Raimundo de Moura Silva (*in memoriam*), por sempre acreditar em mim e ter sido, até seu último dia de vida, meu principal incentivador e exemplo de amor abnegado. A ele dedico este momento, no qual ele sonhou estar, mas não pôde. Porém, ajudou a construir junto comigo este sonho. Saudades, pai.

A minha mãe, Ana Paula Alves de Abreu, por seu amor e cuidado constantes, por ser meu alicerce em todos os momentos e por me incentivar a seguir adiante na carreira acadêmica.

Ao meu orientador, prof. Marcelo dos Anjos, por ser muito mais que um professor. Desde 2012, em que fui seu monitor na disciplina de Latim na graduação, ele viu em mim um grande potencial acadêmico e me motivou a pesquisar e seguir carreira na pós-graduação. Com ele, segui na Iniciação Científica, no mestrado e, agora, doutorado. Tenho muito orgulho de ser seu orientando, pois, para além de suas inteligentes orientações, sem as quais eu não estaria em fase de finalização desta etapa, foi muito compreensivo e, ao mesmo tempo, encorajador para que eu continuasse a lutar por um sonho. Obrigado, professor, por não ter soltado a minha mão.

Aos meus colegas de grupos de pesquisa, em especial a Meryane Oliveira, por ter sido companheira desde a seleção do Doutorado até o momento da defesa e sempre solícita nos momentos em que precisei; à Raimunda Silva, pelas trocas de ideias a respeito da pesquisa e pelas revisões em alguns momentos do trabalho; e à Gláucia, por ter sido um braço forte de apoio na etapa final, me auxiliando nas revisões da tese.

À prof. Auxiliadora Lima, pelo aceite em participar da banca de defesa, mas também por ter sido uma das responsáveis pela minha formação em Linguística, quando cursei as disciplinas de Sintaxe e Semântica, ministradas por ela na graduação.

À prof. Maraisa Lopes, porque estive desde o início avaliando o desenvolvimento deste trabalho, nas bancas de qualificação, mas também por ter sido uma incentivadora para que eu fizesse a seleção de professor substituto no curso de Letras Libras da UFPI, onde atuei como docente entre 2017 e 2019, período em que tive uma experiência com a Libras e com os estudos da área.

Ao prof. Ronaldo Batista, cujas interlocuções foram fundamentais para que o trabalho fosse desenvolvido, quando das participações nas etapas de qualificação, às quais ele sempre se dispôs a participar e a contribuir com seus conhecimentos teóricos na área.

Ao prof. Jair Barbosa, pelo aceite em participar, como membro avaliador externo, da etapa de defesa. Certamente, suas contribuições serão de inteira relevância.

À Universidade Federal do Piauí, por ter me acolhido como aluno desde a graduação (2011-2014), o mestrado (2015-2017) até o doutorado (2019-2023). A educação pública me proporcionou a oportunidade de crescimento como pessoa e como profissional.

Aos meus familiares e amigos, por entender a minha ausência em muitos momentos.

Aos alunos que por mim passaram durante o quadriênio do Doutorado. Eles são a motivação principal da minha busca por aperfeiçoamento profissional.

Aos meus colegas de trabalho do IFCE – *campus* Acopiara, em especial aos amigos Cauê Jucá, por me auxiliar nos ajustes da versão final do trabalho, e Raquece Mota, por ter sido um apoio nos momentos em que precisei me afastar de algumas atividades para concluir a tese.

À comunidade surda piauiense e cearense, por despertarem em mim o interesse pelas línguas de sinais.

A todos aqueles que contribuíram de alguma forma para a conclusão desta etapa, a todos os votos de confiança e palavras de incentivo. A conclusão deste trabalho significa, para mim, não somente o fim de todo um caminho percorrido, mas a continuação de uma vida dedicada à busca pelo conhecimento.

## RESUMO

Este trabalho se insere no campo da Historiografia Linguística e tem como objetivo geral construir uma narrativa historiográfica e uma fonte documental acerca da produção de conhecimento no âmbito do que chamamos de *Tradição de Pesquisa em Línguas de Sinais (TPLS)* no/do Brasil, no período de 1980 a 2019, a partir de teses e dissertações produzidas ao longo desse período. Além disso, objetivamos, de modo mais específico: i) analisar, segundo o princípio da *contextualização* (KOERNER, 2014[1995]), os fatores sociais, políticos e históricos que favoreceram o desenvolvimento dos estudos sobre línguas de sinais no/do Brasil, a partir de 1980; ii) identificar, com base no *corpus* selecionado (teses e dissertações), os dados externos (ano de publicação, orientação e universidade) e os dados internos (conhecimentos abordados e línguas em estudo), a fim de perceber as produções por universidades e os tipos de conhecimento (SWIGGERS, 2013; 2015; 2019) mais ou menos privilegiados pelos pesquisadores da *TPLS*; iii) mapear e analisar os principais *grupos de especialidade* (MURRAY, 1994; BATISTA, 2013), a formação acadêmica dos principais líderes intelectuais identificados no *corpus* e a produção deles, com base, principalmente, no Currículo *Lattes*. Em termos metodológicos, utilizamos, como base, o modelo adotado por Oliveira (2021) e a técnica de *mapeamento* (COELHO; NÓBREGA; ALVES, 2021) de teses e dissertações da área, por meio do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Quanto ao *mapeamento* do *corpus*, chegamos a um total de 146 trabalhos (42 teses e 104 dissertações), produzidos entre 1980 e 2019, nos quais analisamos os dados externos e internos. Diante da análise dos dados externos, identificamos 23 orientadores diferentes, com mais de uma orientação de pesquisa. A partir disso, fizemos um levantamento da formação e da produção acadêmica de cada um deles. Identificamos ainda a UnB como a universidade com maior número de teses e dissertações no *corpus*. Quanto aos dados internos, notamos que a maior parte das pesquisas se inserem no campo do conhecimento (sub)sistêmico da linguagem, que engloba conhecimento (orto)gráfico, gramatical e lexical (SWIGGERS, 2013; 2015; 2019). Fizemos também o levantamento dos grupos de pesquisa cadastrados no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (CNPq), que resultou em 38 grupos, presentes em todas as regiões, da área da Linguística de línguas de sinais. Com base nos dados descritos, notamos que a *TPLS* se constituiu como uma *tradição* que se consolidou ao longo de quatro décadas, em razão das políticas de expansão do Ensino Superior, de fomento à pesquisa e da implementação do curso de Letras Libras nas universidades brasileiras. Soma-se a isso a atuação de líderes intelectuais, de diferentes gerações, os quais realizaram pesquisas na área ao longo das décadas, legitimando a estatuto linguístico das línguas de sinais e intensificando a formação de novos pesquisadores.

**Palavras-chave:** Historiografia Linguística. Línguas de Sinais. *TPLS*. Teses e dissertações.

## ABSTRACT

This study is inserted in Linguistics Historiography and its main goal is to build a historical narrative and a documental source about knowledge production in a field named *Research Tradition of Sign Languages (TPSL)* in/of Brazil, from 1980 until 2019, from Dissertations and Theses produced in this period. Besides, the specific goals are: i) analyze, from the *contextualization* principle (KOERNER, 2014[1995]), the social, political, and historical factors which favor the development of studies about sign languages in/of Brazil, from 1980 onwards, ii) identify, based on the selected *corpus* (dissertations and theses), the external data (year of publication, academic guidance, and university) and the internal data (knowledges approached and language in study), aiming at perceiving university productions and the types of knowledge (SWIGGERS, 2013; 2015; 2019) that are more or less privileged by *TPLS* researchers; iii) map and analyze the relation between the main *specialty groups* (MURRAY, 1994; BATISTA, 2013), the academic education of main intellectual leaders identified in the *corpus* and their production based mainly on their *Lattes* Résumé. In methodological terms, we used the model adopted by Oliveira (2021) and the *mapping* technique (COELHO; NÓBREGA; ALVES, 2021) that searches dissertations and theses by knowledge field, through the Catalogue of Dissertations and Theses from CAPES. About the *corpus* mapping, there are 146 researches (42 Doctoral dissertations and 104 Masters theses) produced between 1980 and 2019 which external and internal data were analyzed. From the analysis of external data, there are 23 different advisers with more than one research guidance. From that, a survey was done about their academic education and production. We also identified UnB as the university with the bigger number of dissertations and theses in the *corpus*. About the internal data, we noticed that the majority of researches are inserted in the field of (sub)systemic knowledge of language, which includes (ortho)graphic, grammatical, and lexical knowledge (SWIGGERS, 2013; 2015; 2019). We also surveyed the research groups registered in the Research Group Directory in Brazil (CNPq), which resulted in 38 groups, present in all regions of the country, in the field of Sign Languages Linguistics. Based on the data described, we perceived that *TPLS* has constituted itself as a *tradition* that consolidated throughout four decades. Due to politics for tertiary education expansion, research promotion, and the implementation of Libras (Brazilian Sign Language) major in Brazilian universities. Besides that, there are the intellectual leaders' actions, in different generations, who have been researching the field for decades, legitimizing the linguistic status of sign languages and intensifying the academic education of new researchers.

**Keywords:** Linguistic Historiography. Sign Languages. *RTSL*. Dissertations and Theses.

## RÉSUMÉ

Ce travail s'inscrit dans le domaine de l'Historiographie Linguistique et a pour objectif général de construire un récit historiographique et une source documentaire sur la production de connaissances dans le cadre de ce que nous appelons la *Tradition de Recherche en Langues des Signes (TPLS)* au/du Brésil, dans la période de 1980 à 2019, à partir de thèses et de mémoires produits tout au long de cette période. En outre, nous visons, plus spécifiquement: i) à analyser, selon le principe de la *contextualisation* (KOERNER, 2014 [1995]), les facteurs sociaux, politiques et historiques qui ont favorisé le développement des études sur les langues des signes au/du Brésil à partir de 1980; ii) identifier, à partir du *corpus* sélectionné (thèses et mémoires), les données externes (année de publication, direction et université) et les données internes (connaissances abordées et langue étudiée), afin de percevoir les productions des universités et les types de savoirs (SWIGGERS, 2013; 2015; 2019) plus ou moins privilégiés par les chercheurs de la *TPLS*; iii) mapper et analyser la relation entre les principaux *groupes de spécialité* (MURRAY, 1994; BATISTA, 2013), la formation des principaux leaders intellectuels identifiés dans le *corpus* et leur production, basée principalement sur le *Lattes Curriculum*. En termes méthodologiques, nous avons utilisé, comme base, le modèle adopté par Oliveira (2021) et la technique de *mappage* (COELHO; NÓBREGA; ALVES, 2021) de thèses et mémoires du domaine, à travers le Catalogue des Thèses et Mémoires de la CAPES. En ce qui concerne le *mappage* du *corpus*, nous avons atteint un total de 146 travaux académiques (42 thèses et 104 mémoires), produits entre 1980 et 2019, dans lesquels nous avons analysé des données externes et internes. Compte tenu de l'analyse des données externes, nous avons identifié 23 directeurs différents, avec plus d'une direction de recherche. À partir de là, nous avons étudié la formation et la production académique de chacun d'entre eux. Nous avons également identifié UnB comme l'université avec le plus grand nombre de thèses et de mémoires dans le *corpus*. En ce qui concerne les données internes, nous avons remarqué que la plupart des études font partie du domaine de la connaissance (sous)systemique du langage, qui englobe la connaissance (orto)graphique, grammaticale et lexicale (SWIGGERS, 2013; 2015; 2019). Nous avons également établi un relevé des groupes de recherche inscrits dans le Répertoire des Groupes de Recherche au Brésil (CNPq), ce qui a abouti à 38 groupes, présents dans toutes les régions, dans le domaine de la Linguistique des langues des signes. Sur la base des données décrites, nous avons remarqué que la *TPLS* était une *tradition* qui s'est consolidée sur quatre décennies, en raison des politiques d'expansion de l'Enseignement Supérieur, de promotion de la recherche et de la mise en œuvre du cours de Lettres Libras dans les universités brésiliennes. À cela s'ajoute la performance des leaders intellectuels, de différentes générations, qui ont mené des recherches dans ce domaine au fil des décennies, légitimant le statut linguistique des langues des signes et intensifiant la formation de nouveaux chercheurs.

**Mots clés:** Historiographie Linguistique. Langues des Signes. *TPLS*. Thèses et mémoires.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Nuvem de palavras com base nos títulos das teses e dissertações .....	47
Figura 2: Mapa dos cursos de Letras Libras nas Universidades Federais .....	81
Figura 3: Mapa dos cursos de Letras Libras nas Universidades Estaduais .....	83
Figura 4: Redes de trabalhos entre os grupos de pesquisa .....	174

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Quantidade de teses e dissertações, por períodos, entre 1996 e 2019 .....	47
Tabela 2: Disciplinas da área da Fonética e Fonologia .....	89
Tabela 3: Disciplinas da área da Morfologia e da Sintaxe .....	89
Tabela 4: Disciplinas da área da Semântica, Pragmática e Análise do Discurso .....	91
Tabela 5: Disciplinas da área da Sociolinguística .....	91
Tabela 6: Quantidade de teses e dissertações ao longo das décadas analisadas .....	93
Tabela 7: Evolução, em números, dos cursos de pós-graduação no Brasil de 1976 a 2004 ....	94
Tabela 8: Pesquisadores(as) com mais de uma orientação listada no <i>corpus</i> .....	97
Tabela 9: Quantidade de publicações e de orientações de Lemle .....	101
Tabela 10: Quantidade de publicações e de orientações de Lamprecht .....	103
Tabela 11: Quantidade de publicações e de orientações de Grannier .....	106
Tabela 12: Quantidade de publicações e de orientações de Ferreira .....	110
Tabela 13: Quantidade de publicações e de orientações de Faulstich .....	111
Tabela 14: Quantidade de publicações e de orientações de Viotti .....	116
Tabela 15: Quantidade de publicações e de orientações de Campello .....	118
Tabela 16: Quantidade de publicações e de orientações de Faria .....	121
Tabela 17: Quantidade de publicações e de orientações de Salles .....	123
Tabela 18: Quantidade de publicações e de orientações de Capovilla .....	126
Tabela 19: Quantidade de publicações e de orientações de Aguiar .....	129
Tabela 20: Quantidade de publicações e de orientações de Bernardo .....	131
Tabela 21: Quantidade de publicações e de orientações de Vasconcelos .....	133
Tabela 22: Quantidade de publicações e de orientações de Nunes .....	135
Tabela 23: Quantidade de publicações e de orientações de Oliveira .....	137
Tabela 24: Quantidade de publicações e de orientações de Quadros .....	140
Tabela 25: Quantidade de publicações e de orientações de Magalhães .....	142
Tabela 26: Quantidade de publicações e de orientações de Stumpf .....	144
Tabela 27: Quantidade de publicações e de orientações de Peres .....	147
Tabela 28: Quantidade de publicações e de orientações de Gomes .....	149
Tabela 29: Quantidade de publicações e de orientações de Leite .....	152
Tabela 30: Quantidade de publicações e de orientações de Silva .....	155
Tabela 31: Quantidade de publicações e de orientações de Godoi .....	157
Tabela 32: Quantidade de grupos de pesquisa em instituições brasileiras (por regiões) .....	162

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Tipos de conhecimento linguístico enumerados por Swiggers .....	36
Quadro 2: Modelo de quadro para organização dos dados externos das teses e dissertações ..	49
Quadro 3: Universidades com cursos presenciais de Letras Libras .....	82
Quadro 4: Levantamento das disciplinas de linguística nos cursos de Letras Libras.....	85
Quadro 5: Teses do <i>corpus</i> orientadas por Lemle .....	101
Quadro 6: Teses e dissertações do <i>corpus</i> orientadas por Lamprecht.....	105
Quadro 7: Teses e dissertações do <i>corpus</i> orientadas por Grannier .....	107
Quadro 8: Dissertações do <i>corpus</i> orientadas por Ferreira.....	109
Quadro 9: Teses e dissertações do <i>corpus</i> orientadas Faulstich .....	113
Quadro 10: Dissertações do <i>corpus</i> orientadas por Viotti.....	117
Quadro 11: Dissertações do <i>corpus</i> orientadas por Campello.....	120
Quadro 12: Teses e dissertações do <i>corpus</i> orientadas por Faria .....	122
Quadro 13: Dissertações do <i>corpus</i> orientadas por Salles.....	124
Quadro 14: Teses e dissertações do <i>corpus</i> orientadas por Capovilla.....	128
Quadro 15: Dissertações do <i>corpus</i> orientadas por Aguiar .....	130
Quadro 16: Dissertações e teses do <i>corpus</i> orientadas por Bernardo.....	131
Quadro 17: Teses e dissertações do <i>corpus</i> orientadas por Vasconcelos .....	133
Quadro 18: Dissertações do <i>corpus</i> orientadas por Nunes .....	135
Quadro 19: Dissertações do <i>corpus</i> orientadas por Oliveira .....	138
Quadro 20: Teses e dissertações orientadas por Quadros .....	141
Quadro 21: Dissertações do <i>corpus</i> orientadas por Magalhães.....	143
Quadro 22: Teses e dissertações do <i>corpus</i> orientadas por Stumpf .....	145
Quadro 23: Dissertações do <i>corpus</i> orientadas por Peres .....	148
Quadro 24: Dissertações do <i>corpus</i> orientadas por Gomes.....	150
Quadro 25: Dissertações do <i>corpus</i> orientadas por Leite .....	153
Quadro 26: Dissertações do <i>corpus</i> orientadas por Silva.....	156
Quadro 27: Dissertações do <i>corpus</i> orientadas por Godoi .....	157
Quadro 28: Membros do GT Libras da ANPOLL.....	161
Quadro 29: Teses e dissertações de conhecimento (orto)gráfico .....	176
Quadro 30: Teses e dissertações de conhecimento gramatical.....	179
Quadro 31: Teses e dissertações de conhecimento lexical .....	182
Quadro 32: Teses e dissertações de conhecimento variacionista .....	185

Quadro 33: Dissertações de conhecimento histórico-linguístico .....	186
Quadro 34: Teses e dissertações de conhecimento comparativo de línguas .....	187
Quadro 35: Teses e dissertações de conhecimento ecolinguístico e glotopolítico .....	189
Quadro 36: Teses e dissertações de conhecimentos linguísticos gerais .....	190
Quadro 37: Teses e dissertações de conhecimento paralinguístico .....	191
Quadro 38: Teses e dissertações de conhecimento linguístico aplicado .....	192

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Total da produção (teses e dissertações), por ano, em números reais, entre 1996 a 2019, segundo o catálogo da CAPES .....	46
Gráfico 2: Matrículas na graduação a distância, em termos absolutos, entre 2003 e 2013 .....	84
Gráfico 3: Alunos titulados nos cursos de doutorado, por grande área, entre 1998 e 2021 .....	95
Gráfico 4: Alunos titulados nos cursos de mestrado (profissional e acadêmico), por grande área, entre 1998 e 2021 .....	95
Gráfico 5: Participação percentual e número de docentes na educação superior, por grau de formação e regime de trabalho, segundo o grau acadêmico – 2021 .....	96
Gráfico 6: Quantidade de dissertações e teses por Universidades.....	158
Gráfico 7: Línguas de sinais descritas nas teses e dissertações .....	194

## LISTA DE SIGLAS

ABD	Associação Brasileira de Dislexia
AIPD	Ano Internacional das Pessoas Deficientes
ANPOLL	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística
ASL	<i>American Sign Language</i>
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNAIPD	Comissão Nacional do Ano Internacional das Pessoas Deficientes
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNRS	<i>Centre National de la Recherche Scientifique</i>
CONFAP	Conselho Nacional das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa
Copadis	Comissão Paulista para Defesa dos Direitos dos Surdos
FAP	Fundo de Amparo à Pesquisa
FCMSCSP	Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo
Febrapils	Federação Brasileira de Profissionais Intérpretes de Línguas de Sinais
FENEIDA	Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
FINEP	Financiadora de Estudos e Projetos
FNDCT	Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
GELES	Grupo de Estudos sobre Linguagem, Educação e Surdez
GT	Grupo de Trabalho
GTLS	Grupo de Trabalho Linguagem e Surdez
HL	Historiografia Linguística
IES	Instituição de Ensino Superior
IFSP	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
LGP	Língua Gestual Portuguesa
LSB	Língua de Sinais Brasileira
LSC	Língua de Sinais Chinesa
LSCB	Língua de Sinais dos Centros Urbanos
LSF	Língua de Sinais Francesa

LSJ	Língua de Sinais Japonesa
LSKB	Língua de Sinais Kaapor Brasileira
LSS	Língua de Sinais Sueca
MEC	Ministério da Educação
MIT	<i>Massachusetts Institute of Technology</i>
MONASH	<i>Monash University</i>
ONU	Organização das Nações Unidas
PUC-MG	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
PUC-RJ	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUC-RS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
REUNI	Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
THSU	<i>Texas Health and Science University</i>
TPLS	Tradição de Pesquisa em Língua de Sinais
UCL	<i>University College London</i>
UCS	Universidade de Caxias do Sul
UConn	<i>University of Connecticut</i>
UEA	Universidade Estadual do Amazonas
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UFAC	Universidade Federal do Acre
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFDPAr	Universidade Federal do Delta do Parnaíba
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFNT	Universidade Federal do Norte do Tocantins
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFRR	Universidade Federal de Roraima
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UMC	Universidade de Mogi das Cruzes
UNB	Universidade de Brasília
UNESP	Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNIFAP	Universidade Federal do Amapá
UNIR	Universidade Federal de Rondônia
UNISAL	Centro Universitário Salesiano de São Paulo
UNISC	Universidade de Santa Cruz do Sul
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	20
<b>2 FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA EM HL</b> .....	27
<b>2.1 HL: definição e objeto de investigação</b> .....	27
<b>2.2 Conceitos e princípios</b> .....	30
<b>2.3 Princípios e procedimentos para a pesquisa historiográfica</b> .....	33
<b>2.4 Estágios para a formação de <i>grupos de especialidade</i></b> .....	37
<b>2.5 Relato de pesquisas prévias em HL e proposição de pesquisa</b> .....	39
<b>2.6 Seleção do <i>corpus</i> e procedimentos de análise</b> .....	44
<b>3 A TRADIÇÃO DE PESQUISA EM LÍNGUA DE SINAIS (TPLS): FUNDAMENTOS TEÓRICOS</b> .....	52
<b>3.1 Um conceito de <i>tradição</i></b> .....	53
<b>3.2 <i>Tradição oral. Tradição escrita. Tradição gestual-visual?</i></b> .....	56
<b>3.3 A visão laudanianiana de <i>tradição de pesquisa</i></b> .....	61
<b>3.4 <i>Tradição de Pesquisa</i> em Língua de Sinais</b> .....	64
<b>4 O MOVIMENTO SOCIAL SURDO, A LUTA PELO RECONHECIMENTO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS E CRIAÇÃO DO CURSO LETRAS LIBRAS</b> .....	67
<b>4.1 As lutas pela inclusão e o surgimento do movimento social surdo</b> .....	67
<b>4.2 O papel da FENEIS na luta pelo reconhecimento da língua brasileira de sinais</b> ...	72
<b>4.3 Constituição e expansão da graduação em Letras Libras</b> .....	78
<b>4.4 O lugar da Linguística nos currículos dos cursos de Letras Libras</b> .....	85
<b>5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS EXTERNOS</b> .....	93
<b>5.1 Teses e dissertações por décadas</b> .....	93
<b>5.2 Orientações</b> .....	97
5.2.1 Miriam Lemle.....	99
5.2.2 Regina Ritter Lamprecht .....	102
5.2.3 Daniele Marcelle Grannier .....	105
5.2.4 Lucinda Ferreira .....	107
5.2.5 Enilde Leite de Jesus Faulstich .....	111
5.2.6 Evani de Carvalho Viotti.....	115
5.2.7 Ana Regina e Souza Campello.....	118
5.2.8 Evangelina Maria Brito de Faria .....	120
5.2.9 Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Salles.....	123
5.2.10 Fernando César Capovilla .....	125

5.2.11 Maria Suelí de Aguiar .....	129
5.2.12 Sandra Pereira Bernardo.....	130
5.2.13 Sandra Maia Farias Vasconcelos.....	132
5.2.14 Jairo Morais Nunes.....	134
5.2.15 Christiane Cunha de Oliveira .....	136
5.2.16 Ronice Müller de Quadros .....	138
5.2.17 Telma Moreira Vianna Magalhães .....	142
5.2.18 Marianne Rossi Stumpf.....	143
5.2.19 Sarajane Marques Peres .....	146
5.2.20 Dionei Moreira Gomes.....	148
5.2.21 Tarcísio de Arantes Leite .....	151
5.2.22 Jair Barbosa da Silva.....	154
5.2.23 Elena Godoi.....	156
<b>5.3 Universidades .....</b>	<b>158</b>
<b>5.4 Grupos de pesquisa na área da Linguística de línguas de sinais .....</b>	<b>159</b>
<b>5.4.1 O GELES e o GT Libras da ANPOLL.....</b>	<b>159</b>
<b>5.4.2 Grupos da região Norte .....</b>	<b>163</b>
<b>5.4.3 Grupos da região Nordeste.....</b>	<b>164</b>
<b>5.4.4 Grupos da região Centro-Oeste .....</b>	<b>168</b>
<b>5.4.5 Grupos da Região Sudeste.....</b>	<b>169</b>
<b>5.4.6 Grupos da região Sul .....</b>	<b>171</b>
<b>6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS INTERNOS.....</b>	<b>176</b>
<b>6.1 Conhecimento (sub)sistêmico da linguagem.....</b>	<b>176</b>
<b>6.1.1 Conhecimento (orto)gráfico .....</b>	<b>176</b>
<b>6.1.2 Conhecimento gramatical.....</b>	<b>178</b>
<b>6.1.3 Conhecimento lexical .....</b>	<b>182</b>
<b>6.2 Conhecimento variacionista.....</b>	<b>184</b>
<b>6.3 Conhecimento histórico-linguístico .....</b>	<b>186</b>
<b>6.4 Conhecimento comparativo de línguas .....</b>	<b>187</b>
<b>6.5 Conhecimento ecolinguístico e glotopolítico.....</b>	<b>188</b>
<b>6.6 Conhecimentos linguísticos gerais.....</b>	<b>189</b>
<b>6.7 Conhecimento paralinguístico .....</b>	<b>191</b>
<b>6.8 Conhecimento linguístico aplicado.....</b>	<b>192</b>
<b>6.9 Línguas.....</b>	<b>194</b>
<b>6.10 Análise interpretativa dos dados externos e internos .....</b>	<b>195</b>

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	203
<b>REFERÊNCIAS DAS TESES E DISSERTAÇÕES</b> .....	206
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	219
<b>APÊNDICE</b> – Lista de grupos de pesquisa catalogados no Diretório do CNPq.....	236
<b>APÊNDICE B</b> – Lista das teses e dissertações do <i>corpus</i> .....	243

## 1 INTRODUÇÃO

Entendida como uma metaciência (BATISTA, 2007), a Historiografia Linguística (doravante, HL) se detém a examinar e apresentar a história da Linguística em seus diversos campos de estudo. Entre os campos de estudo da Linguística, estão aqueles que incidem sobre as línguas de sinais, o que permite conferir a elas o mesmo *status* das línguas orais. O campo de estudos linguísticos de línguas de sinais é mais recente no quadro de trabalho de estudos da linguagem, muito embora, conforme Oviedo (2007), as primeiras reflexões filosóficas remontem à Antiguidade Clássica, em que Cícero (106 – 43 a. C.) e Quintiliano (35 - 96) defendiam o uso dos gestos como elemento essencial da retórica. Além disso, o autor argumenta que, no século XVIII, filósofos do Iluminismo estavam em busca da linguagem universal e, por isso, se interessavam, de algum modo, pelas línguas de sinais.

A ideia de uma linguagem universal, por seu turno, pode ser percebida ainda no século XVI, pois, consoante Trabant (2020), estando a Europa imersa no contexto da formação dos Estados nacionais e diante de uma diversidade linguística que ameaçava a soberania do latim, surgiram algumas maneiras de lidar com essa situação: a busca pela unidade profunda entre a diversidade das línguas, tentando resgatar a língua das origens com a pesquisa histórica; a procura pela unidade estrutural profunda, a gramática geral; e a busca por uma teoria linguística que atestasse a existência de uma linguagem universal. Esses posicionamentos teóricos vão de encontro ao pensamento de que cada língua compreende uma diversidade cognitiva, ou seja, as visões de mundo podem ser distintas a depender da língua que se utiliza, teoria que, no século XX, atinge seu ápice com os estudos de Benjamin Lee Whorf (TRABANT, 2020).

Quanto às línguas de sinais, já no século no século XIX, houve um abandono de seus estudos, devido à associação do “gestual” com o “primitivo”, motivada pela disseminação da teoria darwinista que apregoava a ideia de que os organismos vivos se tornaram mais complexos e capazes de sobreviver ao longo do tempo e, dessa forma, povos “primitivos” usavam um tipo de linguagem fundamentalmente gestual em contraste com os povos mais evoluídos, os quais se utilizavam da escrita. Conforme Baynton (2002):

Os professores do século XIX, por outro lado, não falavam de “linguagem<sup>1</sup> de sinais”, mas, sim, de “a linguagem de sinais”. A linguagem de sinais para eles era uma linguagem universal que apareceu entre diversos povos ao longo da história. A linguagem de sinais dos surdos americanos era a mesma usada pelos surdos britânicos, russos ou chineses, ou pelos índios americanos.

---

<sup>1</sup> A tradução para o termo “linguagem” tem um sentido mais geral, que se refere a uma possível forma de comunicação. Já a tradução para o termo “língua” remete a um código linguístico específico, no caso as línguas de sinais. Vale lembrar que, por muito tempo, o termo “linguagem” era utilizado para se referir a este código.

Embora estivessem bem cientes das diferenças entre eles, viam-nas como indicações de variações superficiais de uso, em vez de línguas distintas (BAYNTON, 2002, p. 17)<sup>2</sup>

A defesa de uma linguagem universal é endossada, na década de 1950, pelo linguista Avram Noam Chomsky (1928-). Com a publicação de *Syntactic Structures* (1957) e da resenha do livro do psicólogo Burrhus Frederic Skinner (1904-1990), *Verbal Behavior*, submetida à revista *Language* em 1957 e publicada por ela em 1959, Chomsky critica o behaviorismo radical e argumenta a favor da ideia de uma gramática universal e inata ao ser humano e da linguagem como um elemento biológico. Em entrevista à *Revista Linguística* (2017), da UFRJ, no volume 13, em comemoração aos 60 anos da publicação de *Syntactic Structures*, Chomsky afirma que:

As duas publicações complementares [o livro e a resenha] foram baseadas em alguns poucos princípios fundadores, que vinham sendo discutidos desde o início dos anos 50 por três alunos de pós-graduação em Cambridge, amigos próximos, que estavam insatisfeitos com as doutrinas predominantes (Morris Halle e Eric Lenneberg eram os outros dois, também alguns amigos). Sentimos que a linguagem de uma pessoa deveria ser vista como um objeto biológico, a ser estudado pelos métodos normais das ciências, que deveria abordar a propriedade básica da linguagem humana: que cada linguagem fornece um conjunto digitalmente infinito de expressões hierarquicamente estruturadas que possuem interpretações nas interfaces com outros sistemas orgânicos, sensório-motoras para exteriorização e conceituais para pensamento e ação (as interfaces SM e CI, em formulações mais recentes). A abordagem afastou-se nitidamente das concepções behavioristas e estruturalistas reinantes. Seguiu-se imediatamente que duas preocupações fundamentais são a capacidade de aprendizado (como uma criança pode adquirir o sistema linguístico interno?). Em retrospecto, a crítica me parece sólida, e as novas direções exploradas ali realmente se mostraram muito valiosas, embora, é claro, tenha havido grandes melhorias e muitas ideias e descobertas novas e importantes, de muitas fontes<sup>3</sup> (CHOMSKY *apud* MEDEIROS, 2017, p. 16).

<sup>2</sup> Tradução livre para: Nineteenth-century teachers, on the other hand, did not speak of “sign language,” but rather of “the sign language”. Sign language for them was a universal language that appeared among diverse peoples throughout history. The sign language of American deaf people was the same as that used by the British, Russian, or Chinese deaf, or by American Indians. While they were well aware of the differences among them, they saw these as indications of superficial variations in usage rather than distinct languages (BAYNTON, 2002, p. 17).

<sup>3</sup> Tradução livre para: The two complementary publications were based on a few founding principles, which had been discussed from the early ‘50s by three graduate students in Cambridge, close friends, who were dissatisfied with the prevailing doctrines (Morris Halle and Eric Lenneberg were the two others, also a few friends). We felt that a person’s language should be viewed as a biological object, to be studied by the normal methods of the sciences, and that the approach should address the basic property of human language: that each language provides a digitally infinite array of hierarchically structured expressions that have interpretations at the interfaces with other organic systems, sensorimotor for externalization and conceptual for thought and action (the SM and CI interfaces, in more recent formulations). The approach departed sharply from reigning behaviorist and structuralist conceptions. It followed at once that two fundamental concerns are learnability (how can a child acquire the internal linguistic system?) and evolvability (how could the general principles – later called UG – that are instantiated in individual languages evolve?). In retrospect, the critique seems to me sound, and the new directions

Nota-se que Chomsky reconhece, até o momento da entrevista, que as ideias defendidas, na década de 1950, por ele e outros pesquisadores tinham bases sólidas e serviram para que outras pesquisas na área fossem realizadas. No entanto, contrário a essa perspectiva inatista do Chomsky sobre a linguagem, o linguista estadunidense Daniel Everett (1951-), reconhecido por suas pesquisas linguísticas e etnográficas da língua pirahã e dos indígenas usuários da língua, os quais vivem às margens do rio Maici, no sul do Amazonas, na fronteira com o estado de Rondônia, contesta a teoria gerativista ao negar que a linguagem seja inata. Além disso, afirma que talvez as línguas sejam mais diferentes do que semelhantes entre si e que “não há nenhum molde mental inato para a linguagem. Elas se seguem de uma cultura e de soluções de processamento de informações comuns e têm suas próprias histórias evolutivas individuais” (EVERETT, 2019, p. 12).

Sobre o papel dos gestos na linguagem humana, Everett (2019) é incisivo em sua defesa de que os gestos são parte integrante da linguagem, combinando-se com a entonação, a gramática e o significado. Além disso, o linguista defende a tese de que os gestos e a fala sempre foram concomitantes no processo evolutivo da linguagem e que, sem gestos, não poderia haver linguagem. Interessante notar que tal teoria se contrapõe à perspectiva adotada por Armstrong (2022[2008]), em sua teoria gestual das origens da linguagem, de que o “visual tenha sido a manifestação mais antiga da capacidade humana de linguagem e que a fala tenha evoluído, posteriormente, a partir de um sistema de comunicação visual/gestual original” (ARMSTRONG, 2022[2008], p. 7650). O autor apresenta, em seu texto, um arrazoado de pesquisas neurológicas sobre os gestos, pesquisas sobre a comunicação gestual em símios africanos, pesquisas de bases cognitivas das línguas de sinais de surdos e sobre línguas de sinais emergentes. Com base nisso, Armstrong (2022[2008]) considera que:

[...] Talvez, em algum momento da evolução da linguagem, os sinais fossem simplesmente ilustrações icônicas e pantomímicas das coisas a que se referiam. Pode-se imaginar um estágio durante o qual sons incidentais, especialmente aqueles que também eram icônicos ou onomatopéicos, em um complexo gestual, se associaram ao sinal visível e ao seu referente. Posteriormente a isso, o sinal visual perderia intensidade ou viria a ser usado como um complemento visual da atual palavra falada predominante (ARMSTRONG, 2022[2008], p. 7650).

Para Everett (2019), no entanto, é insustentável tal teoria – não se referindo especificamente a Armstrong (2022[2008]), mas aos defensores dela, de um modo geral –, uma

---

explored there have indeed proved very valuable, though of course there have been great improvements and many new and important ideas and discoveries, from many sources.

vez que, segundo ele, se as línguas de sinais e os gestos tivessem precedido a fala, não haveria necessidade funcional para que a fala se desenvolvesse. Vale salientar ainda que o autor adota o conceito de *contínuo gestual*, que inicia com a gesticulação, preenchedores linguísticos, mímicas, até chegar às línguas de sinais. Estas são formadas quando os gestos são convencionalizados e gramaticalizados. Everett (2019) também argumenta que os gestos convencionalizados substituem a fala, mas a fala não substitui os gestos, o que deveria acontecer caso os gestos tivessem, de fato, precedido a fala na progressão evolutiva.

[...] De todo modo, se nós estivermos na direção correta, os gestos não poderiam ter sido a nossa forma inicial de linguagem. Eles teriam ocorrido ao mesmo tempo que a entonação e a vocalização. Isso não quer dizer que as criaturas pré-linguísticas não podiam expressar intencionalidade, de alguma forma, pelo apontamento ou pela gesticulação. Isso quer dizer que a comunicação linguística real deve ter sempre incluído tanto gestos quanto fala [...] (EVERETT, 2019, p. 320).

Observamos, pois, que há muitas questões acerca da origem da linguagem. O que pretendemos aqui é apresentar, minimamente, diferentes visões, acerca da natureza da linguagem humana e como isso implica a noção que se tem de línguas de sinais e como o estudo delas foi negligenciado ao longo do tempo. Além da influência da teoria darwinista, apontada anteriormente, Everett (2019) expõe algumas razões pelas quais os estudos sobre os gestos foram negligenciados no final do século XIX e início do século XX, entre os quais o fato de que os linguistas estavam mais preocupados com o estudo da gramática, definida de forma estrita e, portanto, excluindo os gestos, como também pela ausência de métodos linguísticos próprios para o estudo dos gestos.

Com efeito, Rocha (2019, p. 32) afirma que “línguas orais e línguas de sinais fazem parte do repertório humano, da vida em sociedade. É preciso apostar nas possibilidades dialógicas, na mistura. Uma língua não deveria ser confinada a uma circunscrição, ou a um domínio”. Com essa visão, entende-se que tanto as línguas orais quanto as línguas de sinais são essencialmente humanas e necessárias para comunicação e, embora sejam de modalidades distintas, possuem características equivalentes, que podem ser investigadas pela mesma ciência: a Linguística.

Essa visão de equivalência entre línguas orais e línguas de sinais fez com que o interesse pela descrição e sistematização de aspectos linguísticos das línguas de sinais atingisse seu apogeu na década de 1960, na Universidade de Gallaudet, com o trabalho de William Stokoe (1919-2000), intitulado *Sign Language structure. An outline of the visual communication*

*systems of the American deaf*. Seu pioneirismo, porém, é questionado, já que, ainda na primeira metade do século XIX, o francês Auguste Bébien (1789-1839), maestro e professor de surdos, e um grande defensor da escola bilíngue na França, se dedicou à descrição da Língua de Sinais Francesa e publicou, em 1825, a *Mimographie*, uma proposta de escrita de sinais de base fonética. Segundo Oviedo (2009), é possível perceber muitas semelhanças entre o *Mimographie* e os estudos de Stokoe, desvelando uma aparente influência do primeiro sobre o segundo. Ressalta-se ainda os estudos do médico inglês John Bulwer (1606-1656) acerca dos gestos e da retórica, em duas obras: *Chironomia: a arte da Retórica das Mãos* e *Chirologia: a Linguagem Natural das Mãos* (1644) (GATTI, 2008). Com isso, é possível conjecturar possíveis influências dos estudos mais antigos sobre as pesquisas surgidas na segunda metade do século XX, como as de Stokoe (1960).

Os estudos de Stokoe (1960), por sua vez, tiveram destaque no contexto acadêmico e impulsionaram as pesquisas linguísticas, legitimando o estatuto linguístico de uma “nova” modalidade de língua no quadro de estudos da Linguística. Conforme Garcia (2019), na ocasião do *Simpósio Nacional de Pesquisa de Língua de Sinais*, a primeira conferência nacional sobre linguística das línguas de sinais ocorrida em outubro de 1980 em Boston, Massachusetts, disseminou-se o trabalho de Stokoe em nível nacional, reverberando, posteriormente, em nível internacional.

Nesse cenário, o Brasil já era um dos países que incentivava a educação de surdos e o ensino de línguas de sinais desde a fundação do então *Collégio Nacional para Surdos-Mudos de Ambos os Sexos*, em 1856, no Rio de Janeiro, o atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), o qual esteve integrado historicamente a uma rede de instituições de educação de surdos, que se iniciou no século XVIII, com as escolas alemã e francesa. Já no século XIX, havia quase quatrocentas instituições distribuídas pelos cinco continentes, e o instituto brasileiro teve como sua principal referência, para o desenvolvimento de seu trabalho pedagógico, o Instituto de Jovens Surdos de Paris (ROCHA, 2019).

Ligada à escola de surdos francesa, a instituição de educação de surdos do Brasil, ainda no século XIX, adotava uma metodologia que utilizava sinais para a comunicação de surdos e com foco no desenvolvimento da linguagem escrita. No entanto, na ocasião do Congresso de Milão, em 1880, decidiu-se que o uso dos sinais fosse deixado de lado nas instituições de educação de surdos, e que os projetos educacionais focassem, prioritariamente, na aquisição da linguagem oral. Rocha (2019, p. 23) ressalta que, nesse contexto, o então diretor do instituto brasileiro, Dr. Tobias Leite, cuja gestão ocorreu entre 1868 e 1896, defendia a aquisição da linguagem escrita, pois, para ele, a finalidade dos institutos era oferecer uma formação que

“levasse ao surdo a possibilidade de estabelecer relações com a sociedade na qual estava inserido”. Por conta disso, o ensino e o uso das línguas de sinais permaneceram em um plano secundário.

As lutas a favor do uso das línguas de sinais pelos surdos, associadas aos debates sobre as concepções filosóficas de educação de surdos, e o avanço nas pesquisas linguístico-descritivas da *American Sign Language* (ASL) foram determinantes para que as línguas de sinais fossem de fato reconhecidas como língua. No Brasil, esse reconhecimento/legitimação se dá por duas vias: a legal, ocorrida no ano de 2002, com a sanção da Lei nº 10.436/2002 pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso, resultado de um longo processo histórico de reivindicações do *movimento social surdo* (BRITO, 2021), iniciado na década de 1980; e a científica, através dos estudos linguísticos que se realizavam e se publicavam, dentro e fora do Brasil, a partir da década de 1970 e, mais proeminentemente, a partir da década de 1980, por linguistas brasileiros, como Lucinda Ferreira (1945-), fundadora do primeiro grupo de pesquisa sobre línguas de sinais<sup>4</sup>. Garcia (2019) aponta que:

O trabalho na Língua Brasileira de Sinais começou nos anos de 1970, quase simultaneamente com os desenvolvimentos nos EUA. Stokoe foi o pioneiro da linguística da língua de sinais e seu trabalho tornou-se um ponto de partida para pesquisadores de língua de sinais em outros países. O papel da linguista Lucinda Ferreira Brito, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é tido como pioneiro e importante entre os linguistas da língua de sinais brasileira. Ela iniciou discussões fundamentais considerando o uso da língua de sinais e o português na educação de surdos (GARCIA, 2019, p. 16-17)<sup>5</sup>.

Com base nisso, o que se disse a respeito das línguas de sinais do Brasil, seja no aspecto social, político e linguístico, a maneira como essas ideias circularam e os desdobramentos desse *clima de opinião* são questões caras à nossa investigação, a qual se alicerça no aporte teórico-metodológico da HL. Nesse sentido, objetivo geral deste trabalho é, pois, construir uma narrativa historiográfica e uma fonte documental acerca da produção de conhecimento no âmbito do que chamamos de *Tradição de Pesquisa em Línguas de Sinais (TPLS)* no/do Brasil, no período de 1980 a 2019, a partir de teses e dissertações produzidas ao longo desse período.

---

<sup>4</sup> Conforme Garcia (2019), um aspecto que difere o trabalho acadêmico do Brasil da experiência norte-americana em línguas de sinais é a criação de GTs (Grupos de Trabalho). Conforme o levantamento feito para este trabalho, com base nos dados do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, há, atualmente, 46 grupos de pesquisas na área de línguas de sinais nas universidades brasileiras.

<sup>5</sup> O texto referido foi publicado sob tradução do prof. Dr. André Nogueira Xavier, docente da Universidade Federal do Paraná, Departamento de Letras Libras.

Além disso, objetivamos, de modo mais específico: i) analisar, segundo o princípio da *contextualização* (KOERNER, 2014[1995]), os fatores sociais, políticos e históricos que favoreceram o desenvolvimento dos estudos sobre línguas de sinais no/do Brasil, a partir de 1980; ii) identificar, com base no *corpus* selecionado (teses e dissertações), os dados externos (ano de publicação, orientação e universidade) e os dados internos (conhecimentos abordados e línguas em estudo), a fim de perceber as produções por universidades e os tipos de conhecimento (SWIGGERS, 2013; 2015; 2019) mais ou menos privilegiados pelos pesquisadores da *TPLS*; iii) mapear e analisar os principais *grupos de especialidade* (MURRAY, 1994; BATISTA, 2013), a formação acadêmica dos principais líderes intelectuais identificados no *corpus* e a produção deles, com base, principalmente, no Currículo *Lattes*.

A nossa tese gira em torno da ideia de que, embora a *TPLS* tenha se constituído como uma *tradição* própria ao longo de quatro décadas, desde 1980, no Brasil, a partir da intensa produção de conhecimento, formação de pesquisadores e de grupos de especialidade etc., tal *tradição* ainda se ancora, como traço de *continuidade*, ao modelo de pesquisa da tradição de línguas orais, lugar de onde emergem os primeiros pesquisadores da *TPLS*, conforme se verá ao longo do trabalho. Essa ancoragem, segundo Massone (1993), tem base na *tradição fonocêntrica* dos estudos da linguagem, a qual priorizou, historicamente, a descrição da fala e de tudo o que for de natureza oral, porém, não gestual. Essa ideia será discutida mais adiante, mormente nas seções finais deste trabalho.

Em termos de organização, esta tese se estrutura da seguinte forma: no **capítulo 2**, discorreremos a respeito dos fundamentos teórico-metodológicos da HL; no **capítulo 3**, nos propomos a discutir o conceito de *tradição de pesquisa*, baseado, sobretudo, em Laudan (2011[1977]), a partir do qual cunhamos o conceito de *Tradição de Pesquisa em Língua de Sinais (TPLS)*; no **capítulo 4**, fazemos uma *contextualização* do desenvolvimento dos estudos linguísticos de línguas de sinais na década de 1980; no **capítulo 5**, realizamos as análises dos dados externos, apontando orientadores e grupos de pesquisas; no **capítulo 6**, as análises dos dados internos das teses e dissertações; e, por fim, tecemos as **considerações finais** a respeito do que fizemos ao longo da pesquisa.

## 2 FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA EM HL

Neste capítulo, apresentamos os principais fundamentos teórico-metodológicos da HL que baseiam esta pesquisa. Inicialmente, mostramos como se define o campo e seu objeto de investigação. Em seguida, discutimos a respeito dos princípios e procedimentos da pesquisa historiográfica, sobretudo *contextualização*, *imanência* e *adequação* (2014[1995]) e de algumas categorias de análise, como *tipos de conhecimento linguístico* (SWIGGERS, 2013; 2015; 2019) e *grupos de especialidade* (MURRAY, 1994).

### 2.1 HL: definição e objeto de investigação

A HL é uma “disciplina à vocação científica” (ALTMAN, 2012, p. 29) que objetiva descrever e explicar como se desenvolveu o conhecimento linguístico inserido em um determinado contexto social e cultural, através do tempo. A disciplina se institucionalizou por volta de 1970, tendo como seu principal líder intelectual o linguista alemão Ernst Frideryk Konrad Koerner (1939-2022).

Conforme Leite (2019, p. 140), A HL surge no mesmo período em que a HIL, cujo principal líder intelectual é o filósofo e linguista francês Sylvain Auroux (1947-), também se institucionaliza. Aliás, conforme a autora, ambas as áreas “têm um objetivo comum, no plano de fundo, que é analisar e interpretar o conhecimento linguístico tecido no tempo e no espaço”.

Nesse período, os dois líderes intelectuais foram responsáveis por viabilizar as condições para a criação e a institucionalização desse domínio científico, por meio da criação de revistas especializadas, como a *Historiographia Linguistica*, criada por Koerner em 1973 e publicada pela John Benjamins, e a *Histoire, Epistemologie Langage*, criada por Auroux em 1979, a qual objetivava não somente reunir textos voltados à história da linguística, mas também artigos de pesquisadores voltados para a história das ciências da linguagem (LEITE, 2019).

Após a publicação dessas duas primeiras revistas, outras também surgiram com destaque na publicação de trabalhos sobre a história das ciências da linguagem: *Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft* (1991), *Boletín de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística* (2002-), e a *Revista Argentina de Historiografía Lingüística* (2009-) (SWIGGERS, 2015).

Tanto a HL quanto a HIL surgem como uma nova proposta de fazer história da ciência da linguagem, pois tanto Koerner quanto Auroux reagem criticamente aos trabalhos que propunham uma história da Linguística em sua época, que eram, em geral, lineares, panorâmicos, sem um olhar crítico aos fatos históricos, desprovidos de métodos de análise e

que tinham caráter propagandístico e laudatório. Ao citar cita algumas das histórias da linguística mais proeminentes da época, Leite (2019) afirma:

[...] tanto Auroux quanto Koerner estão de acordo quanto à insuficiência desses trabalhos de narrativa histórica de teorias linguísticas, exatamente no que concerne à natureza de sua “historicidade”, pois constituem, em geral, relatos que cobrem o desenvolvimento de teorias, cronologias do desenvolvimento das pesquisas linguísticas que vigoraram em certo tempo e espaço (LEITE, 2019, p. 144)<sup>6</sup>.

Por conseguinte, Koerner (2014[1974]) apresenta uma forma crítica de fazer história da linguística, o que ele chama de “Historiografia da Linguística” ou “Historiografia Linguística”, a partir de conceitos e métodos, a fim de distingui-la do que vinha sendo feito até então. Baseado no filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900), Koerner (2014[1974], p. 10) apresenta três tipos de abordagem da história: a monumental, a antiquária ou conservadora, e a crítica. Cada tipo de história corresponde a um tipo de historiador, respectivamente: o que é ativo e que se esforça, aquele que é conservador e reverente, e o que sofre e necessita de libertação.

A abordagem da história monumental de Nietzsche diz respeito àquela que está essencialmente relacionada com os acontecimentos do passado como uma sucessão de grandes homens e do modo como eles fizeram seu caminho através da história. Koerner (2014[1974]) discorda desse tipo de tratamento histórico, o qual, segundo ele, é aceito por um número considerável de linguistas, a exemplo da aproximação histórica entre Chomsky e as teorias dos estudiosos de *Port-Royal*.

O segundo tipo de fazer história, mencionado em Koerner (2014[1974]), é aquele cuja natureza de atividade histórica é essencialmente a reverência aos antepassados, em que todas as coisas antigas e passadas são enaltecidas, enquanto as inovações são desprezadas. Koerner (2014[1974]) a denominou como o “tipo propagandístico” de fazer história. O autor afirma que esse tipo de abordagem tem seus inconvenientes, principalmente pelo fato de seus autores, apegados ao passado, terem a tendência de “manter o que até ao momento foi alcançado, em vez de tentar abrir-se para uma possível ruptura com a tradição” e que a história conservadora pode ter seus benefícios, caso tenha sua natureza liberal reconhecida (KOERNER, 2014[1974], p. 11).

---

<sup>6</sup> É certo que as duas áreas – HL e HIL – mantêm seus pontos divergentes, o que as torna áreas distintas, mesmo que semelhantes quanto ao caráter histórico. Nosso foco aqui é apenas nos pontos convergentes na origem das áreas.

A terceira abordagem histórica de Nietzsche é a crítica, a qual Koerner (2014[1974], p. 13) aproxima da sua nova proposta de fazer história, que ele chamou, como já foi dito, de “Historiografia”. Para ele, a HL é uma atividade científica fundamentada em termos bem definidos e em princípios metodológicos e possui uma missão importante no campo da linguística, que é o de promover “uma melhor compreensão e apreciação da história das ideias em geral”. Dessa forma, a história da linguística é uma história de *continuidades*, *descontinuidades* e *influências*. Koerner (2014[1974]) apresenta quatro razões para o estudo da história da linguística, uma vez que a HL:

- 1) fornece ao cientista a perspectiva e a distância que lhe permitirão distinguir entre ganhos significativos na disciplina e “teorias” imaturas e alegações infundadas;
- 2) oferece ao linguista praticante material para obter conhecimento sobre o desenvolvimento do seu próprio campo;
- 3) promove a habilidade no julgamento de teorias novas ou opostas, e, assim, ao mesmo tempo, protege-nos contra a aceitação da forma acrítica de reivindicações excessivas a favor de uma determinada teoria linguística;
- 4) permite ao estudioso participar de esforços científicos que se encontram fora de sua própria vida, pois passam, desta forma, a ampliar a sua experiência pessoal.

Apontadas as quatro razões de Koerner (2014[1974]), mas não limitadas a elas, percebe-se a relevância do trabalho historiográfico no estudo das ciências da linguagem, o qual tem como pano de fundo a história da ciência, que, por sua vez, registra fatos, teorias e métodos que se desenvolveram com o tempo ou que foram inibidos (KUHN, 2018[1962]). Destaca-se também o papel de historiador/historiógrafo, qual seja:

[...] ir ao passado e interrogar as evidências que este deixou com as perguntas adequadas, munido dos conceitos e métodos apropriados, para este passado oculto revelar-se em sua lógica subjacente, agora por ele percebida, embora, muitas vezes, ignorada por seus próprios agentes (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 27).

Conforme apontado acima, o trabalho historiográfico deve ser orientado por conceitos e métodos apropriados. Espera-se também que o historiógrafo da linguística ideal cumpra, pelo menos, dois critérios<sup>7</sup>: ser um linguista e ter conhecimento de teoria e filosofia da história. Para

---

<sup>7</sup> Além desses, é possível citar: i) conhecimento de métodos de análise linguística e gramatical; ii) conhecimento da história do conhecimento sobre a linguagem; iii) conhecimento de línguas estrangeiras; iv) capacidade de leitura analítica de textos e de elaboração de correlações interpretativas abrangentes; v) evitar opiniões preconcebidas sobre épocas, autores e obras; vi) conhecer áreas que dialogam com a Linguística: Sociologia, Antropologia, Filosofia, Arqueologia (BATISTA, 2020). Acrescento ainda a habilidade no tratamento de dados qualitativos, haja vista um grande número de trabalhos dessa natureza em HL.

Swiggers (2013, p. 43), o objetivo fundamental do historiador/historiógrafo é o de “reconstruir o ideário linguístico e seu desenvolvimento através da análise de textos situados em seu contexto”. E aquilo que o historiógrafo da linguística narra e descreve não é a história propriamente dita, mas o olhar do historiador, sob sua perspectiva, a respeito do seu objeto de investigação, a história da linguística, pois, como afirma Albuquerque Júnior (2019, p. 33):

[...] qual evento histórico é uma mistura tal de variáveis, é fruto do entrelaçamento de tantos outros eventos de natureza diferenciada, que sempre visualizamos apenas parcialmente e pomos em evidência apenas alguns destes elementos que o constituem (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 33).

Com base nisso, é preciso deixar claro que a narrativa historiográfica aqui apresentada nada mais é do que, nos termos de Batista (2020, p. 37), “apenas mais uma em meio a tantas outras possíveis”, já que o historiador não atua em termos de objetividade absoluta, mas de uma objetividade relativa, condicionada por sua formação, seus interesses e seus recortes seletivos (BATISTA, 2020). Além disso, a HL se caracteriza ainda por seu caráter interdisciplinar, que engloba a descrição e a explicação, em termos de fatores intradisciplinares e extradisciplinares de como o *know-how* linguístico foi obtido e implementado (SWIGGERS, 2010).

## 2.2 Conceitos e princípios

Definindo a HL como um “estudo interdisciplinar”, Swiggers (2010) situa esta área na intersecção entre a Linguística, a História, a Filosofia e a Sociologia da Ciência, com o objetivo de oferecer uma descrição e uma explicação da história contextualizada do conhecimento linguístico. Assim, pode-se definir, como objeto de investigação da HL, a história da linguística, sendo esta entendida como um “conjunto cronológico e geográfico dos acontecimentos, dos fatos, dos processos de conceptualização e de descrição, e dos produtos que moldaram a tradição do pensamento e da práxis linguísticos” (SWIGGERS, 2013, p. 42). De acordo com o autor, a história da linguística consiste em um conjunto complexo, porque há diversas tradições que se diferenciam por sua emergência e seu desenvolvimento, como também por sua abrangência perante o fenômeno da linguagem e seu enfoque em áreas particulares no estudo das línguas; é um tecido integrado de vários acontecimentos pessoais e públicos, intelectuais, culturais etc. e porque apresenta uma ampla gama de produtos do pensamento da prática linguística, como descrições de línguas, manuais, obras teóricas, estudos históricos etc. (SWIGGERS, 2013).

Nesse sentido, vale destacar o que aponta Leite (2019) a respeito do objeto de estudo da HL quando a contrapõe com o objeto de estudo da HIL:

Para Koerner, no contexto da Historiografia Linguística, o objeto são as *teorias*, o que favorece, evidentemente, a aceitação da tese da descontinuidade e dos paradigmas, porque uma teoria aparece em oposição a outra e traz consigo todas as marcas da ruptura entre modelos. No contexto da História das Ideias Linguísticas isso é diferente porque o objeto é muito mais amplo do que as teorias, é o conhecimento sobre a linguagem e as línguas, o conhecimento externalizado a respeito do funcionamento da linguagem e das línguas, de suas características, de suas categorias. (LEITE, 2019, p. 161 - grifo no original).

Se considerarmos o conceito de *conhecimento* conforme explica Swiggers (2013), tem-se, na citação de Leite (2019), um certo equívoco ao explicitar que a HL tem como objeto *teorias*, no sentido estrito do termo. A autora cita um trecho de Koerner (2014[1995], p. 46) em que o linguista usa o termo “teorias da linguagem” e “teorias da linguística” para se referir ao objeto de investigação. Contudo, se tomamos como base outro trecho, do mesmo texto utilizado por Leite (2019), percebemos que o termo *teorias* se refere a ideias linguísticas mais amplas e não somente àquelas circunscritas em um quadro teórico específico, mas as inclui. Conforme Koerner (2014[1995]):

Do ponto de vista metodológico, pode perguntar-se o que é que os outros campos da investigação histórica, já estabelecidos, têm a oferecer ao historiógrafo da linguística, sem deixar de ter em mente, ao mesmo tempo, que *o seu objeto de estudo, isto é, as ideias sobre a linguagem* e propostas para a sua descrição e explicação, deve impor um tratamento particular ao investigador (KOERNER, 2014[1995], p. 49)

É possível destacar também, a fim de corroborar com a ideia de um objeto mais amplo para a HL, o que diz Altman (2012):

Dessa perspectiva, a historiografia linguística tem como objeto a história dos processos de produção e de recepção das ideias linguísticas e das práticas delas decorrentes que, por sua vez, geraram novas ideias e novas práticas, em um processo de continuidade e descontinuidade, de avanços e de retomadas, inerentes à busca de conhecimento. As maneiras pelas quais o conhecimento linguístico se produziu, desenvolveu, foi divulgado e percebido também fazem parte, em suma, da sua história (ALTMAN, 2012, p. 22).

Cabe ao historiógrafo, então, determinar, com base em seus interesses de pesquisa, que aspectos da história da linguística serão relevantes para a construção de sua narrativa

historiográfica, pois “a pertinência e o valor do acontecimento são funções não apenas do objeto selecionado, mas, de igualmente, do historiógrafo que opera a seleção” (ALTMAN, 2012, p. 29) Assim como a HIL, a HL tem como objeto o conhecimento (científico ou não, institucionalizado ou não) sobre a linguagem e as línguas. Ao definir a HL como a atividade científica de escrever a história do estudo sobre a linguagem, Swiggers (2019) aponta que:

A expressão “estudo sobre a linguagem” não deve ser tomada em um sentido estritamente “disciplinar”, ou seja, com referência limitada a uma disciplina “científica” estabelecida; refere-se, na verdade, a uma investigação sobre a linguagem, resultando na produção de “conhecimento linguístico” (SWIGGERS, 2019, p. 48).

Para tanto, a HL utiliza-se de fontes diversas, como dados cronológicos, documentais, biográficos, institucionais etc., visando a realizar uma análise que pode ser de caráter mais descritivo-narrativa ou mais interpretativa (COELHO; HACKEROTT, 2012).

Koerner (2014[1995]) concebe a HL como uma maneira de escrever a história dos estudos da linguagem, incluindo questões metodológicas e epistemológicas. Nesse caso, o historiógrafo da Linguística tem o papel de investigar o processo histórico pelo qual a disciplina passou. Assim, a HL parte do pressuposto de que toda ciência, área ou campo do saber tem uma história construída e registrada por meio daqueles que desenvolveram seus estudos. De tal modo se constitui a Linguística, entendida aqui, segundo Altman (2012), como qualquer estudo sobre linguagem que tenha sido feito pelo homem, onde quer que se encontrem vestígios de documentação. Dessa maneira, a Linguística, no sentido *lato*, não surge somente no século XIX, pois, desde que o homem passou a ter consciência de sua existência e dos fatos que o envolvem, existiam reflexões sobre a linguagem. Assim, o objeto de estudo da HL é o conhecimento linguístico historicamente construído. Koerner (2014[1995]) afirma ainda:

É importante compreender, entretanto, que devido à natureza particular do objeto de investigação, nomeadamente, as teorias da linguagem (bem como as teorias da linguística), a sua aplicação e a sua evolução através do tempo, os historiadores da linguística devem insistir em procurar o seu próprio quadro, a sua própria metodologia e epistemologia, e não podem ficar à espera e aplicar os métodos e os ensinamentos de outros campos diretamente ao seu objeto de investigação, como procurarei esclarecer a seguir (KOERNER, 2014[1995], p. 46).

Sendo assim, o autor sugere que a metodologia na pesquisa historiográfica não é rígida e pode ser delineada de acordo com a natureza do objeto de investigação. Ainda, é importante

que o trabalho historiográfico mantenha sua característica peculiar, que é reconstruir, ordenar e interpretar os fatos a partir de procedimentos básicos minimamente consensuais (ALTMAN, 2012). Portanto, as fontes listadas precisam ser, além de descritas, interpretadas mediante categorias de análise ou princípios. Conforme Altman (2012):

a HL tem como objeto a história dos processos de produção e de recepção das ideias linguísticas e das práticas delas decorrentes que, por sua vez, geraram novas ideias e novas práticas, em um processo de continuidade e descontinuidade, de avanços e de retomadas, inerentes à busca do conhecimento (ALTMAN, 2012, p. 22).

Para empreender esta investigação sobre a história das ideias linguísticas<sup>8</sup>, conforme a citação anterior, é necessário seguir alguns princípios estabelecidos por Koerner (2014[1995]). A seguir, faz-se uma discussão acerca deles.

### 2.3 Princípios e procedimentos para a pesquisa historiográfica

Nesta seção, retomamos os princípios da pesquisa historiográfica, proposta por Koerner (2014[1995]). Conforme dito anteriormente, a pesquisa historiográfica deve pressupor o uso de três princípios: *contextualização*, *imanência* e *adequação*. Ao propô-los, Koerner (2014[1995], p. 59) adverte que tais princípios não devem ser tomados como absolutos, pois reconhece que estabelecê-los “não implica que não possa haver outros interesses legítimos nas teorias do passado” e que “podem ser adaptados a períodos diferentes da história das ciências da linguagem e a aspetos particulares de investigação” (KOERNER, 2014[1995], p. 63).

No princípio da *contextualização*, Koerner (2014[1995]) parte do pressuposto de que nenhuma ideia linguística surge independentemente de outras correntes teóricas que vigoram no período, assim como não se desvincula de fatores socioeconômicos e políticos vigentes no período em que tal ideia emerge. Dessa forma, segundo o princípio da *contextualização*, o historiógrafo precisa realocar seu objeto de análise no espaço social em que ele circulou, ainda que o contexto de produção e de recepção não sejam, necessariamente, coincidentes. Como afirma Koerner (2014[1995], p. 58), “por vezes, a influência da situação socioeconômica, e mesmo política, deve igualmente ser tida em conta”. Ao operacionalizar este princípio em nossa tese, levantamos algumas questões sociais e, sobretudo, políticas, que circundaram os discursos

---

<sup>8</sup> A expressão “ideias linguísticas” faz referência a todo o conhecimento, reflexão, descrição e explicação a respeito da linguagem e da língua, sem um vínculo necessário com uma teoria científica. O termo “história das ideias linguísticas” pode também fazer referência a uma área/disciplina, cujo principal teórico é o filósofo e linguista francês Sylvain Auroux (1947-). Quando se tratar da área em questão, optaremos pelo uso de iniciais maiúsculas (História das Ideias Linguísticas) ou da sigla (HIL).

acerca das línguas de sinais no Brasil. A década de 1980, por exemplo, período que tomamos como marco inicial de periodização, foi notavelmente movimentada por arregimentação social e política que defendia os direitos dos surdos, mormente o linguístico. Dessa maneira, contextualizar é pôr em evidência a *dimensão externa* e o *clima de opinião* do objeto em análise (ALTMAN, 2004[1998]; BATISTA, 2013). Portanto, a partir do princípio da *contextualização*, na perspectiva da HL, é importante observar os fatores externos, que dizem respeito ao contexto de produção de determinada obra ou trabalho, ligados ao conteúdo que trata de descrição e explicação de fenômenos linguísticos (BATISTA, 2013).

O princípio da *imanência* “consiste em tentar estabelecer uma compreensão completa do texto linguístico em questão, tanto do ponto de vista histórico como crítico, talvez até mesmo filológico” (KOERNER, 2014[1995], p. 58). Esse passo analítico requer um olhar imanente, ou seja, que leve em conta o pensamento linguístico e a terminologia da época em estudo, buscando fidelidade ao conteúdo em análise, a fim de captar o que os autores disseram a respeito da língua e da linguagem. É possível observar também as escolhas teórico-metodológicas na abordagem dos fenômenos linguísticos e o nível linguístico<sup>9</sup> em análise. Batista (2013) acrescenta que o uso do princípio da *imanência* não é tão simples, pois o trabalho historiográfico

[...] é, também, resultado de um ponto de vista, de uma seleção, que pode encontrar dificuldades para abordar a obra tal como ela é, pois a observação não se encontra exclusivamente num viés positivista, já que a atividade de pesquisa está entrelaçada a uma série de fatos que acabam por constituir o processo histórico e seus eventos como fatos discursivos também, diante da reconstrução de um historiógrafo pertencente a uma determinada formação discursiva (resultado do seu horizonte de formação e trabalho) e responsável, assim, pelos caminhos descritivos-analíticos que opera (BATISTA, 2013, p. 77).

A partir do princípio da *imanência*, é possível analisar, por exemplo, que modelos teórico-metodológicos são privilegiados nas pesquisas linguísticas, além de identificar as diferentes formas de conceber o objeto de análise, conforme se verá no tópico seguinte. Para tanto, tem-se a *dimensão interna* do trabalho historiográfico (ALTMAN, 2004[1998]; BATISTA, 2013), que diz respeito ao olhar mais incidente às fontes documentais em estudo. Embora o princípio da *imanência* consista num exame objetivo do documento, é necessário que essa análise seja articulada, na medida do possível, com os parâmetros externos de análise num

---

<sup>9</sup> Segundo Chomsky (2018[1957], p. 13), “um nível linguístico – como a fonologia, a morfologia ou a estrutura frasal – é essencialmente um conjunto de recursos descritivos que estão disponíveis para a construção de gramáticas; um nível linguístico fornece um certo método para a representação de enunciados” (tradução de Gabriel de Ávila Othero e Sérgio de Moura Menuzzi). Esse conceito é adotado, neste trabalho, com vistas nas análises das teses e dissertações selecionadas para o *corpus*.

atividade implicativa, qual seja: identificar de que modo o *clima de opinião* vigente à época do documento influenciou a ideias nele contidas, pois, como afirma Batista (2020, p. 50): “as ideias linguísticas são produto de um agente situado em um contexto histórico em diálogo com outros agentes dos saberes sobre a linguagem”.

O terceiro princípio é o da *adequação*. Segundo Koerner (2014[1995]), esse princípio só pode ser seguido depois de haver os dois primeiros, pois é nesta etapa que o investigador pode estabelecer determinadas aproximações, principalmente terminológicas, entre o período anterior e o período mais recente em que se insere o pesquisador. Só assim, reforça Koerner (2014[1995], p. 59), “é que se pode esperar que distorções sérias das ideias e intenções dos linguistas, dos filósofos da linguagem, ou dos gramáticos do passado possam ser evitadas”. Esse princípio se torna mais relevante quando o historiógrafo lida com documentos históricos muito distantes temporalmente do período em que se insere o pesquisador, pois este deverá aproximar a metalinguagem do tempo histórico ao contexto atual, a fim de garantir a compreensão pelo leitor. Tendo em vista a aproximação temporal dos trabalhos analisados nesta pesquisa (segunda metade do século XX) ao período atual, o uso deste princípio será dispensado.

Partindo dos princípios de Koerner (2014[1995]), o historiógrafo poderá empreender sua investigação, com o propósito de descrever e explicar o processo de desenvolvimento do conhecimento linguístico. Esse processo pressupõe movimentos de *continuidade* e *descontinuidade*, que podem ser detectados mediante um olhar voltado aos trabalhos produzidos ao longo da história de uma *tradição de pesquisa*.

Ao definir a HL como “a atividade, *cientificamente fundamentada*, de *escrever a história do estudo sobre a linguagem*”, Swiggers (2019, p. 47 – grifos no original) destaca o que ele entende por estudo sobre a linguagem, a saber:

A expressão “estudo sobre a linguagem” não deve ser tomada em um sentido estritamente “disciplinar”, ou seja, com referência limitada a uma disciplina “científica” estabelecida; refere-se, na verdade, a uma investigação sobre a linguagem, resultando na produção de “conhecimento linguístico”. “Estudo sobre a linguagem” é usado aqui para se referir a esses tipos de atividade intelectual relacionados à linguagem ou às línguas que se concentram em propriedades (da linguagem ou das línguas) estruturais, socioculturais e históricas (incluindo características [talvez] atribuídas erroneamente à linguagem ou às línguas (SWIGGERS, 2019, p. 48).

Quanto a esse conjunto de estudos sobre a linguagem, várias questões podem ser levantadas, como afirma o Swiggers (2019, p. 49), e uma delas seria: *que tipos de (partes de)*

*de conhecimentos linguísticos foram elaborados no passado?* Essa pergunta é um dos nossos pontos de partida para a investigação do conhecimento linguístico produzido a respeito das línguas de sinais no/do Brasil. Por isso, partimos da enumeração (com possíveis intersecções e sobreposições) feita por Swiggers (2013; 2015; 2019), que responde, de um modo geral, à pergunta levantada, como também abre, no quadro de pesquisas de línguas de sinais, a possibilidade de ampliação desses tipos. O quadro a seguir apresenta, sumariamente, a enumeração dos tipos de conhecimento linguístico:

Quadro 1: Tipos de conhecimento linguístico enumerados por Swiggers

TIPOS	SUBTIPOS
Conhecimento (sub)sistêmico da linguagem	- (orto)gráfico - gramatical - lexical (lexicológico/lexicográfico)
Conhecimento variacionista da linguagem	- diatópico (= dialetológico) - diastrático (= sociolinguístico)
Conhecimento histórico-linguístico	- “genealógico” - genético (ou seja, genuinamente histórico) - reconstrucionista
Conhecimento comparativo de línguas	- histórico-comparativo - contrastante - tipológico - avaliativo (“qualidades” ou “vícios” das línguas)
Conhecimento ecolinguístico e glotopolítico	
Conhecimentos linguísticos gerais	- sobre a natureza/ “vida”/funções das linguagem
Conhecimento paralinguístico	- neurolinguístico - psicolinguístico
Conhecimento linguístico aplicado	- ensino de idiomas, engenharia da linguagem

Fonte: elaboração própria com base em Swiggers (2013; 2015; 2019)

Em nossa pesquisa, partiremos da classificação acima para a descrição dos trabalhos que constituem nosso *corpus* principal (teses e dissertações), com a pretensão de identificar que tipos de conhecimentos foram produzidos sobre língua de sinais ao longo da *tradição*. É certo que, como já dito anteriormente, pode haver intersecções ou sobreposições de tipos de conhecimento nos trabalhos analisados. Nesses casos, buscamos identificar quais as possíveis intersecções a fim de classificá-los. Tal movimento de análise, além de elucidar o conhecimento produzido nas pesquisas investigadas, revelam *grupos de especialidade*,

formados a partir das preferências teórico-metodológicas dos pesquisadores analisados. Sobre esta categoria, discorreremos no tópico seguinte.

#### **2.4 Estágios para a formação de *grupos de especialidade***

O termo *grupo de especialidade* pode se referir a um grupo científico academicamente organizado em torno de uma especialidade comum e que se reconhecem coesos e atuantes em determinada área de pesquisa e ensino (BATISTA, 2013). A formação de tais *grupos*, segundo Murray (1994), passa por alguns estágios. Inicialmente, os cientistas de uma determinada área da ciência formam o *invisible college*. Sobre essa terminologia, Murray (1994) comenta que

Foi utilizada, pelo menos no início do século XVII, para se referir aos cientistas que se reconhecem como competentes para julgar o bom trabalho da ciência. Tais cientistas não são invisíveis um para o outro. Sua colegialidade é “invisível” no sentido de que os participantes não estão reunidos em uma única organização formal, em locais específicos, e que partes importantes de suas comunicações são avaliações informais, não publicações formais (MURRAY, 1994, p. 10)<sup>10</sup>.

Essa rede de relações informais entre cientistas permite que o conhecimento se desenvolva não só nas instituições organizadas, embora estas sejam essenciais para o fortalecimento de um *grupo de especialidade* e de um conjunto de ideias defendidas por ele. Murray (1994) chama atenção ao fato de que a institucionalização não garante que tais ideias sejam verdadeiras, mas que elas sejam mais bem elaboradas, consolidadas e difundidas.

Murray (1994) descreve cada estágio do processo de formação de um *grupo de especialidade*. O primeiro deles seria o “estágio normal”, em que os cientistas estão espalhados por instituições distintas e mantêm poucas relações entre si. Também, nessa fase, o trabalho de coautoria é raro.

Após essa etapa, surge o estágio do “trabalho em rede”. Esse trabalho parte da atitude de um ou mais líderes intelectuais que propõem o reconhecimento de uma nova perspectiva científica, devido a um novo problema de pesquisa. O papel desses líderes, então, consoante Murray (1994), é convencer os cientistas de que há algo novo a ser feito, segundo novas linhas.

---

<sup>10</sup> Essa e as demais traduções de excertos de Murray (1994) presentes neste trabalho foram sugeridas pelos membros do grupo *Historiografia Linguística no Brasil: estudo de fontes pretéritas e contemporâneas* (CNPq/UFPI). Texto original: “The formulation ‘invisible college’ was hardly new. It has been used at least as early as the 17th century to refer to those science. Such scientists are not invisible to each other. Their collegiality is ‘invisible’ in the sense that the participants are not gathered in a single formal organization at a specific places and that important parts of their communications are informal assessments, not formal publications”.

Com isso, forma-se um grupo de cientistas que trabalham com ideias semelhantes, assumindo ainda a missão de arregimentar novos cientistas, iniciantes ou experientes, a compor essa rede. Só então, após estabelecida certa coesão de ideias, é que se pode falar em *grupo* ou *cluster*. Para Murray (1994),

É mais apropriado dizer que um *cluster* é caracterizado pela consciência de que eles são um grupo. Isso pode acontecer espontaneamente dentro do grupo ou pode ser auxiliado por ser rotulado por pessoas de fora do grupo. A identificação como parte de uma perspectiva distintiva promove uma nova atitude dogmática no estágio *cluster* (MURRAY, 1994, p. 15)<sup>11</sup>.

Até chegar ao estágio de especialidade, o *cluster* pode ainda ser atacado por outros cientistas. Segundo o autor, isso pode ser um indicador de sucesso. Além disso, as ideias do novo grupo podem ser aceitas ou rejeitadas pelas instituições existentes. O fato é que, sendo aceito ou não, o novo grupo que se forma já pode ser considerado um *grupo de especialidade*, já que se distingue das ideias coexistentes e tais ideias vão sendo desenvolvidas pelos alunos que vão se formando e sendo “contratados” por suas instituições de origem, para assim manter a prática do grupo. Com isso, passa-se ao estágio acadêmico, que ocorre quando o desafio do novo paradigma foi bem-sucedido e se tornou a nova ‘ciência normal’ (MURRAY, 1994).

Importante ressaltar que o próprio Murray (1994) afirma não ser rígida a formação desses estágios. É possível que *grupos de especialidade* se formem seguindo etapas distintas. Isso foi constatado, por exemplo, por Altman (2004[1998]) ao tratar da institucionalização da Linguística no Brasil, quando afirma que “no Brasil, a conscientização interna dos participantes das primeiras atividades ligadas à Linguística, de que constituíram um grupo à parte, foi posterior ao momento da sua institucionalização; ao contrário, pois, da escala prevista por Murray (1994)” (ALTMAN, 2004[1998], p. 265).

Pensando no contexto dos primeiros estudos acadêmicos sobre língua de sinais no Brasil, tópico que será visto com mais profundidade *a posteriori*, percebe-se que a formação dos grupos de pesquisa em língua de sinais existentes nas universidades brasileiras parecem ter passado por esses estágios tal qual descreve Murray (1993), considerando que: linguistas brasileiros, ligados a movimentos ativistas de surdos, em diferentes localidades, se debruçaram

---

<sup>11</sup> Texto original: “It is more appropriate to say that a cluster is characterized by consciousness that they are a group. This may come about spontaneously within the group or may be aided by being labeled by outsiders. Identification as part of a distinctive perspective fosters a newly dogmatic attitude at the cluster stage”. A opção por não traduzir o termo *cluster* é feita na intenção de designar um grupo que assume essas características descritas por Murray (1994). Importante ressaltar que, mesmo abonado nos dicionários gerais Houaiss e Aurélio, o termo *cluster* não é definido do modo como se discute aqui.

no estudo linguístico-descritivo das línguas de sinais, a fim de evidenciar o estatuto linguístico dessa modalidade de língua e, assim, colaborar com as reivindicações dos movimentos sociais para o seu reconhecimento legal e acadêmico.

Sendo assim, o que está em jogo na história das ciências e, especificamente, na História da Linguística, são os movimentos tanto de rupturas quanto de continuidades que, em um momento ou outro, podem sobressair. Tendo em vista que a *tradição* de estudos linguísticos privilegiou os estudos das línguas orais, é possível que o início dos estudos linguísticos sobre a língua de sinais seja marcado por uma tentativa *ruptura*, dada a natureza do objeto de estudo e os diferentes métodos de descrição linguística. Na prática, contudo, ao longo da história desses estudos, a *continuidade* com a *tradição* dos estudos de línguas orais pode estar presente, como uma tentativa de equivaler as duas modalidades de língua. Se essa *continuidade* com os estudos de línguas orais foi válida no início, atualmente, vale a *ruptura*, já que, em todos esses anos de pesquisa e de produção de conhecimento, consolida-se uma *tradição* que já se diferencia daquelas que privilegiam as línguas orais, muito embora ainda carregue marcas dessa *tradição*, sobretudo quanto aos estudos fonocêntricos (MASSONE, 1993).

Diante dos conceitos apresentados até o momento, nota-se que, consoante Swiggers (2009), a história do conhecimento científico é um tecido integrado de acontecimentos pessoais e públicos (políticos, socioeconômicos, institucionais), de correntes intelectuais e culturais, de redes sociais etc. Por isso, investigar a história da linguística, por exemplo, exige uma *contextualização* desses fatores externos que influenciaram o desenvolvimento do pensamento linguístico. Ademais, a história da Linguística apresenta uma gama muito vasta de produtos do pensamento linguístico, que podem ser descrições de línguas, manuais, obras teóricas, estudos históricos e/ou comparativos etc. Com isso, o autor afirma que “é precisamente essa complexidade que explica porque o campo da história da linguística é um campo interdisciplinar” (SWIGGERS, 2009, p. 69). Em nosso trabalho, a *contextualização* desses fatores externos é apresentada no capítulo 4. Antes, porém, cumpre apresentar, na seção seguinte, o relato das pesquisas prévias que nortearam nossa proposta de construção de narrativa.

## **2.5 Relato de pesquisas prévias em HL e proposição de pesquisa**

Partindo dos princípios e métodos da HL, propomos, como dito anteriormente, construir uma narrativa historiográfica acerca da produção de conhecimentos sobre línguas de sinais no

Brasil. Antes, foi preciso fazer um levantamento de pesquisas prévias que, dada a sua relevância, pudessem contribuir, de alguma forma, para a construção dessa narrativa. Não obstante, encontramos algumas lacunas de pesquisa, que nos ajudaram a trilhar outros caminhos possíveis para o nosso trabalho historiográfico.

Para tanto, estabelecemos como critérios de seleção das pesquisas prévias: i) a área de pesquisa, sendo ela a HL; e ii) o objeto de pesquisa, que seriam os estudos sobre línguas de sinais. Analisar trabalhos feitos à luz da HL foi, então, o primeiro passo, uma vez que as pesquisas sobre a história do conhecimento linguístico têm ganhado cada vez mais espaço no meio acadêmico.

Iniciamos, então, pelo trabalho pioneiro na área da HL no Brasil da pesquisadora Cristina Altman (1954-), editado em forma de livro, intitulado *A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)* (2004[1998]). Na obra, a autora apresenta um panorama “de um longo e descontínuo processo de cientificação e institucionalização dos estudos linguísticos no Brasil” (ALTMAN, 2004[1998], p. 28), no período indicado no título. Na narrativa historiográfica proposta pela autora, observa-se o grande impulso que a Linguística teve no Brasil a partir da década de 1970, ocupando cada vez mais espaço nas universidades e fomentando pesquisas descritivas sobre a língua portuguesa, nos níveis fonético, morfológico, sintático etc., como também sobre línguas indígenas. A pesquisa, porém, não inclui os estudos linguísticos sobre língua de sinais, ainda que estes tenham se iniciado no Brasil ainda no fim da década de 1970. Isso evidencia a necessidade de um trabalho historiográfico que lance luz às pesquisas linguísticas com foco nas línguas de sinais.

No universo de pesquisas em HL, encontramos a dissertação intitulada *Língua de sinais x Libras: uma abordagem da Historiografia Linguística*, de Almeida (2014), defendida na UEMS. O autor busca fazer um resgate histórico, à luz da HL, a partir dos princípios de *contextualização*, *imanência* e *adequação* de Koerner (2014[1995]), da língua brasileira de sinais, desde o século XIX até o século XXI. Em seu trabalho, Almeida (2014) discute, a partir do princípio da *contextualização*, a história da educação dos surdos, os aspectos culturais e de identidade dos surdos, bem como os aspectos legais. O autor também analisa, a partir dos princípios de *imanência* e *adequação*, mudanças na língua de sinais, especialmente em seus aspectos fonológicos (configuração de mãos, ponto de articulação e movimento). Para esse trabalho de descrição, o autor analisou e comparou os sinais HOMEM; MULHER; SAL; QUEIJO; PAI; PROFESSOR; COLHER; GARFO; CARNE, presentes no dicionário *Iconografia de Signaes*, de Flaustino José Gama (séc. XIX), e no *Dicionário Eletrônico da Língua Brasileira de Sinais* (séc. XX).

Apesar da contribuição que este trabalho oferece para a área dos estudos historiográficos e, principalmente, para os estudos sobre Libras, percebemos que o autor, ainda que cite dois trabalhos de natureza lexicográfica, como os dois dicionários analisados, não privilegia a análise de outros materiais científicos que falaram sobre a língua de sinais numa perspectiva linguística, como teses e dissertações. Não há, por exemplo, menção aos primeiros estudos linguísticos sobre língua de sinais e que fatores sociais, políticos e educacionais favoreceram o surgimento desses trabalhos.

Há ainda o artigo de Quadros (2013), intitulado *Contextualização dos estudos linguísticos sobre libras no Brasil*. No artigo, que compõe a obra *Estudos da Língua Brasileira de Sinais I*, (QUADROS; LEITE; STUMPF, 2013), a autora apresenta o *estado da arte* dos estudos sobre Libras, sobretudo no campo acadêmico, desde a década de 1980 até 2013. Inicialmente, a autora fez uma busca de teses e dissertações no repositório da CAPES, no qual foram localizadas 166 dissertações e 44 teses, distribuídas em quatro áreas: Educação, Psicologia, Linguística/Letras e Computação/Informática. Em seu artigo, a autora identificou as principais áreas de pesquisa contempladas nesses trabalhos, quais sejam: Literatura, Fonologia, Sintaxe, Política Linguística, Aquisição, Discurso, Tradução/Interpretação, Sociolinguística, Lexicografia e Ensino de Línguas. Ao longo do texto, a autora descreve as pesquisas realizadas durante esse recorte temporal, apresentando a temática abordada e os resultados obtidos.

O levantamento realizado por Quadros (2013) apresenta aos leitores um panorama das pesquisas linguísticas na área. Contudo, à luz da HL, observam-se algumas lacunas que poderão ser preenchidas com esta pesquisa, tanto no âmbito teórico quanto no metodológico, pois, embora apresente um histórico das pesquisas linguísticas sobre Libras no Brasil, Quadros (2013) não se vale ainda de uma abordagem historiográfica, a fim de observar, por exemplo, as *dimensões externa e interna* (BATISTA, 2013). Além disso, a autora não menciona como se iniciaram as reflexões linguísticas sobre língua de sinais. Um olhar historiográfico, mediante o princípio da *contextualização*, permitirá desvelar as condições de produção desse campo de estudos. Dessa forma, percebemos a necessidade de, além de historiar as pesquisas feitas nesse recorte temporal, ampliar as fontes documentais, analisando, por exemplo, numa dimensão mais interna, as teses e dissertações produzidas até o fim da década de 2010 e traçar o perfil acadêmicos e dos principais orientadores dessas pesquisas; e, numa dimensão mais externa, observar o contexto social, político e intelectual que favoreceu o desenvolvimento desse campo de estudos.

Ainda quanto às pesquisas prévias, cita-se o trabalho pós-doutoral de Lopes (2018), no qual a autora busca, à luz da História das Ideias Linguísticas, analisar, sob uma perspectiva materialista e articulada com os pressupostos teórico-analíticos da Análise de Discurso, na linha de Michel Pêcheux e Eni Orlandi, o processo de institucionalização do curso de Licenciatura em Letras Libras no Brasil. Para atingir esse objetivo, a autora analisa a representação das universidades como lugar de formação e de produção do conhecimento, sendo o lugar de referência para a produção do saber. Também destaca, historicamente, a criação das principais instituições responsáveis pela educação de surdos no Brasil, citando os marcos legais que favoreceram a criação delas, até as políticas de inclusão do surdo no ensino superior. São citados ainda os marcos legais do reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e regulamentada pelo Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005), que influenciaram a criação do curso de Letras Libras no Brasil. A partir disso, Lopes (2018) discute, à luz da perspectiva discursiva, como se dá a representação do sujeito surdo no âmbito da universidade.

Estabelecendo um contraponto entre o que foi feito por Lopes (2018) e o que se pretende investigar neste trabalho, verifica-se que há diferenças quanto ao escopo teórico, uma vez que a História das Ideias Linguísticas e a HL constituem áreas próximas, porém, diferentes teórica e metodologicamente. Além disso, a pesquisa de Lopes (2018) volta-se, principalmente, para a institucionalização do curso de Letras Libras no Brasil e o lugar que o sujeito surdo tem ocupado nas universidades, a partir das leis de inclusão, contudo, não resgata os estudos sobre língua de sinais. Não obstante as inegáveis contribuições da pesquisa, sobretudo no viés discursivo, ficam ainda algumas lacunas de investigação se se pensar num momento concomitante ou posterior a essa institucionalização, como a formação de *grupos de especialidade* (MURRAY, 1993; BATISTA, 2013) e a produção do conhecimento linguístico por meio de teses e dissertações.

Um outro trabalho que converge com nossa pesquisa está contido no livro *História da emergência do campo das pesquisas em educação bilíngue de/para surdos e dos estudos linguísticos da Libras no Brasil: contribuições do Grupo de Trabalho Língua(gem) e Surdez da ANPOLL*, (SOUZA, 2019). Esta obra é o segundo volume da coleção *Educação bilíngue de surdos: história, desafios e avanços*, produzida por membros do GT Libras da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Neste segundo volume, as autoras dos capítulos relatam suas experiências como pesquisadoras e membros do GT, narrando alguns fatos que foram importantes para a consolidação do grupo, que vai desde a criação do Grupo de Estudos sobre Linguagem, Educação e Surdez (GELES), em 1980, liderado pela professora Ferreira, a criação do GT Linguagem e Surdez (GTLS), em 1988,

vinculado à ANPOLL, até a mudança do nome do GT para GT Libras, em 2014 (FELIPE, 2019).

Chama-se atenção, ainda nesta obra em questão, para o capítulo intitulado *Breve histórico dos estudos sobre a língua de sinais no Brasil do final dos anos 70 até o início da segunda década dos anos 2000: resgatando os surdos da marginalização*, das professoras (SANTOS; MONTEIRO, 2019). O objetivo das autoras é “revisitar a história dos estudos linguísticos sobre a língua de sinais e educação de surdos no Brasil, período pioneiro que envolveu o final dos anos de 1970 até o início da segunda década dos anos 2000” (SANTOS; MONTEIRO, 2019, p. 10). No capítulo, apresentam-se fatos históricos que foram cruciais para o desenvolvimento dos estudos sobre línguas de sinais, como a criação do Grupo Geles; informações sobre publicações de Boletins e da Revista do Geles<sup>12</sup>; a criação da Comissão Paulista para Defesa dos Direitos dos Surdos (Copadis), em 1988, e seus Programas de Ação; a fundação do Grupo de Trabalho Língua(gem) e Surdez (GTLS) da ANPOLL, com ênfase nos membros fundadores, nos coordenadores e vice-coordenadores, entre 1988 a 2018, e nos encontros da ANPOLL em que o GTLS esteve presente; e a realização do *II Congresso Latino Americano de Bilinguismo (Língua de Sinais/Língua Orais) para Surdos*, no período de 12 a 17 de setembro de 1993, no Rio de Janeiro, que “trouxe a oportunidade de trocas de experiências com vários pesquisadores da área da Linguagem e Surdez” (SANTOS; MONTEIRO, 2019, p. 11).

Nota-se, pois, a relevância que este trabalho descrito possui para pesquisadores da área de línguas de sinais, uma vez que serve como memória de um longo processo de lutas e conquistas no que tange à educação de surdos e sua inclusão na sociedade. Por outro lado, apesar da proposta em realizar um “breve histórico dos estudos sobre a língua de sinais no Brasil”, as autoras não citam, com mais detalhe, os trabalhos que foram produzidos pelos pesquisadores em termos de descrição da língua de sinais. Levando em conta o propósito das autoras, o texto destaca fatos e eventos que ajudaram a formar o GT Libras, contudo, diferentemente do que proposto nesta tese, não abordou a respeito do conhecimento desenvolvido no contexto de pesquisas acadêmicas.

Diante das lacunas aqui apontadas, fica clara a necessidade de se investigar os estudos linguísticos sobre línguas de sinais no/do Brasil, tanto pela ausência de trabalhos, até o momento, com esse fim, quanto pelas contribuições que tal pesquisa pode trazer, seja para a área da HL, seja para a área dos estudos sobre línguas de sinais. Tendo em vista que

---

<sup>12</sup> Foram cinco números de Boletins e um número de Revista: Boletim nº 1 (1985); Boletim nº 2 (1986); Boletim nº 3 (1988); Boletim nº 4 (1990); Boletim nº 5 (1990); Revista nº 6 (1992) (SANTOS; MONTEIRO, 2019).

“historiógrafos da linguística podem, ou devem, oferecer *insights* aos linguistas interessados ‘no que estão fazendo’ (SWIGGERS, 2010, p. 3 – grifo do autor)”, pretende-se, portanto, como contribuição de pesquisa, oferecer à comunidade acadêmica uma narrativa historiográfica, bem como uma fonte documental, a partir de um *mapeamento* teórico e histórico dos estudos linguísticos sobre as línguas de sinais produzidos no Brasil. Essa tentativa de historicização é importante para o pesquisador hodierno que se debruça sobre as questões linguísticas das línguas de sinais, bem como para o estudante que inicia sua carreira na área, pois, conforme assevera Altman (2009):

Se é verdade que o lingüista individual pode prescindir da dimensão histórica da sua disciplina para exercer seu ofício, também é verdade que é o passado que informa continuamente o presente. Os conceitos e os procedimentos de pesquisa que o lingüista utiliza são produtos históricos. Se uma das tarefas da historiografia lingüística é (re)estabelecer os pressupostos, nem sempre explicitados, com que os lingüistas do passado sustentaram suas práticas, bem como as conseqüências das suas proposições para o desenvolvimento do conhecimento que produzimos sobre a linguagem e as línguas, a investigação das condições passadas de produção e recepção do conhecimento lingüístico é um passo importante para nosso entendimento das ciências contemporâneas da linguagem e das suas metodologias como um todo (ALTMAN, 2009, p. 127-128).

Com a citação acima, nota-se a relevância, nas ciências, de modo geral, e, especificamente, na Linguística, de se perquirir os processos de produção e de recepção de estudos da Linguística, bem como dos contextos favoráveis a esses processos. É esse conhecimento que dará luz ao momento presente da área em estudo e até mesmo indicar perspectivas futuras. E, como corroboram Coelho e Hackerott (2012, p. 381-382), “conhecer a dimensão histórica da Linguística leva o pesquisador a uma maior consciência sobre o lugar que ele ocupa na área de investigação, assim como a uma melhor compreensão do lugar no universo da ciência e da sociedade”.

Após a descrição do levantamento das pesquisas prévias e das lacunas de pesquisa, partimos, na seção seguinte, para a apresentação do percurso metodológico adotado para o empreendimento da construção da narrativa e da fonte documental.

## **2.6 Seleção do *corpus* e procedimentos de análise**

Para a construção da narrativa e da fonte documental que aqui propusemos, tomamos como alicerce algumas categorias e métodos caros à HL, que possibilitam uma compreensão adequada da história da Linguística. Dessarte, a escrita de uma narrativa historiográfica precisa

ser mediada por conceitos e métodos que constituem uma espécie de *framework*, não normativo, mas como uma possibilidade, já que é fruto das regularidades das pesquisas em HL.

Como explanou Pierre Swiggers, em uma mesa-redonda intitulada *Historiografia Linguística: métodos*, transmitida no *Youtube* pelo canal *Abralin*, em 04 de outubro de 2021<sup>13</sup>, a HL possui uma flexibilidade metodológica, em razão dos períodos históricos que se estudam, das diversas possibilidades de documentação e das situações culturais, institucionais e ideológicas. Além disso, a metodologia pode se modificar em função das perguntas que são feitas ao material documental ou em função das escolhas do historiógrafo segundo o quadro de opções: intenção (ideias/fatos); extensão: duração (sincronia/diacronia); extensão: amplitude (conteúdos/contextos) (HISTORIOGRAFIA..., 2021).

Ainda no quadro teórico da HL, Swiggers (2019) afirma que o trabalho historiográfico se delinea a partir de três procedimentos globais, que são: a) fase heurística: que consiste na etapa de seleção e organização dos textos; b) fase hermenêutica: que se caracteriza pela interpretação do objeto de análise; c) fase expositiva: que é a própria exposição da análise.

Na fase heurística, optamos por selecionar teses e dissertações para compor o *corpus* de análise. O trabalho com teses e dissertações na pesquisa historiográfica é recente e tem contribuído para a reflexão acerca do método em HL. É possível citar, por exemplo, a tese de Oliveira (2021), que analisa, à luz da HL, teses e dissertações das áreas Fonética e Fonologia, defendidas entre 1949 e 2000; a tese de Santos (2013), cujo objeto de análise são teses e dissertações sobre tradução/interpretação de língua de sinais no Brasil, defendidas entre 1990 e 2010; e a tese de Cavalcante (2016), que faz um estudo de teses e dissertações sobre Educação de Surdos, defendidas entre 1990 e 2010.

Neste primeiro momento, fizemos um *mapeamento* de teses e dissertações que abordam as línguas de sinais nos mais diversos campos do saber, por meio do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Entende-se *mapeamento* como um recurso metodológico que faz uma espécie de descrição inicial da documentação da pesquisa (COELHO; NÓBREGA; ALVES, 2021). A composição de ‘mapas’ se dá por meio de um *levantamento de pretensão exaustiva* de fontes potenciais, como se fez com as teses e dissertações: foram mapeados e quantificados os trabalhos registrados no catálogo da CAPES, a fim de verificar a produtividade das pesquisas, em âmbito de pós-graduação, que versam sobre línguas de sinais. Conforme Coelho, Nóbrega e Alves (2021):

---

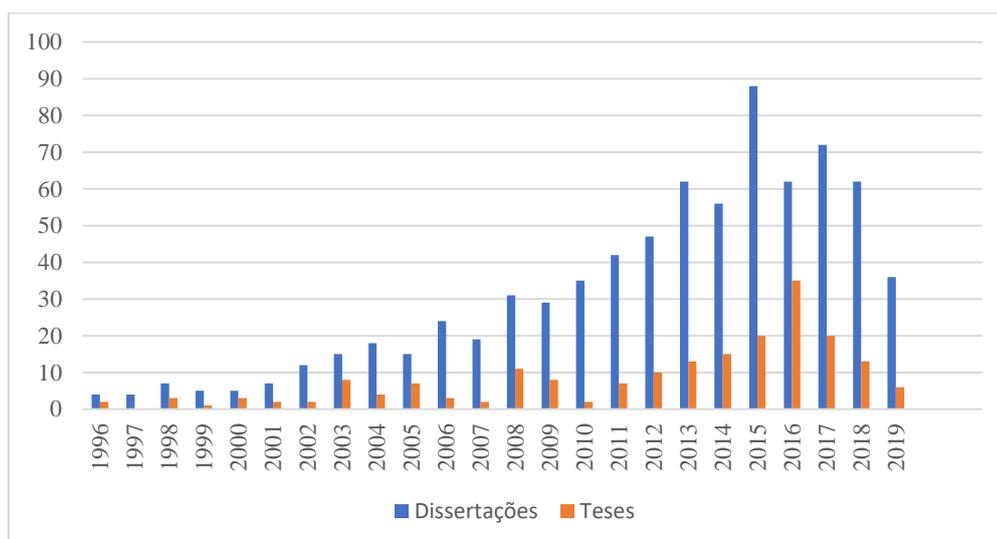
<sup>13</sup> A mesa-redonda também teve a participação de Cristina Altman (USP) e Ronaldo Batista (UPM) e foi moderada por Leonardo Ferreira Kaltner (UFF). O objetivo da mesa foi discutir questões meta-historiográficas relacionadas à pesquisa em HL.

[...] a técnica do *mapeamento* são atividades que tomamos como formativas para pesquisadores da área de Historiografia Linguística e necessárias no contexto dos estudos da linguagem no Brasil, onde ainda há muita dispersão, lacunas e desorganização de fontes (COELHO; NÓBREGA; ALVES. 2021, p. 15 - grifo no original).

Nas primeiras consultas ao catálogo, utilizando o filtro “língua de sinais”, o sistema apresentava, de imediato, um total de 1.020 teses e dissertações, publicadas entre 1996 e 2020. Optamos por trabalhar com esse quantitativo, inicialmente, pois, a partir dele, seria possível fazer um maior refinamento dos trabalhos que comporiam o *corpus*.

Chamou-nos atenção o fato de, em alguns refinamentos de busca, que podem ser feitos por anos, por área do conhecimento, por universidade, por orientador etc., esses números mudarem e o total de trabalhos não convergir com a primeira informação de 1.020. Em razão disso, optamos por contabilizar, manualmente, página por página, os trabalhos listados no sistema da CAPES. Entendemos que, uma vez que os números automaticamente apresentados pelo sistema não convergiam, o melhor seria fazer uma contabilização manual. Com isso, obteve-se um total de 954 trabalhos (teses e dissertações), entre 1996 a 2019, distribuídos conforme o gráfico a seguir:

Gráfico 1: Total da produção (teses e dissertações), por ano, em números reais, entre 1996 a 2019, segundo o catálogo da CAPES



Fonte: elaboração própria, a partir dos dados da CAPES.

Nota-se, mediante o gráfico acima, a crescente produção de trabalho a respeito de línguas de sinais, em âmbito de pós-graduação, com destaque, em todos os anos, à produção de

dissertações de mestrado. Essa quantidade pode ser vista também na tabela abaixo, que divide a produção por períodos, a fim de que se possa ter uma ideia geral da quantidade de trabalhos ao longo dos anos.

Tabela 1: Quantidade de teses e dissertações, por períodos, entre 1996 e 2019

Anos	Dissertações (Qtd./%)	Teses (Qtd./%)	Total
1996 – 1999	20 (77%)	6 (23%)	26
2000 – 2010	210 (80%)	52 (20%)	262
2011 – 2015	295 (82%)	65 (18%)	360
2016 – 2019	232 (76%)	74 (24%)	306
<b>Total</b>	<b>757</b>	<b>197</b>	<b>954</b>

Fonte: elaboração própria, a partir dos dados da CAPES.

Uma das principais constatações desta primeira fase do *mapeamento* é que as línguas de sinais não são apenas objeto de estudos de pós-graduação em Letras ou Linguística, mas também de outras áreas, como Ensino, Computação, Medicina, Psicologia, Nutrição, Enfermagem, Comunicação, Engenharia etc., obviamente que abordando diferentes aspectos da língua. Utilizando o recurso de nuvem de palavras, é possível notar aquelas que são mais recorrentes nos títulos dos trabalhos, o que desvela os temas de maior interesse nesse universo de 954 trabalhos. Ei-la:

Figura 1: Nuvem de palavras com base nos títulos das teses e dissertações



Fonte: produzido a partir da ferramenta *Voyant Tools*.<sup>14</sup>

<sup>14</sup> O *Voyant Tools* é um aplicativo disponível na *web* que auxilia na leitura de textos selecionados e pode gerar diversas informações, entre elas, a nuvem de palavras. A ferramenta está disponível em: <https://voyant-tools.org/?lang=pt>. O acesso para a criação da nuvem de palavras se deu em: 15 jan. 2022.

A nuvem de palavras destaca, como termo mais frequente no *corpus*, segundo a ferramenta *Voyant Tools*, a palavra *surdos*, com 429 ocorrências; em seguida, vem o termo *língua*, com 349; em terceiro lugar, vem a palavra *sinais*, com 335; *Libras*, com 251; e *ensino*, com 160 ocorrências. Além disso, é possível destacar os principais eixos temáticos abordados nos trabalhos mapeados, quais sejam: Educação de surdos; Descrição fonético-fonológica e morfosintática; Identidade e cultura surda; Tradução e interpretação; Inclusão de surdos; Psicologia e surdez; Léxico/lexicografia e dicionários de Libras; Escrita de sinais; Aquisição da linguagem e da escrita; Saúde e inclusão de surdos; Língua de sinais e computação/criação de software; Ensino de libras; Leitura e escrita de surdos; Currículo; Língua de sinais, artes e corporeidade; Letramento; História dos surdos; Variação linguística; Discurso; Metáforas em línguas de sinais etc.

Num segundo momento, o trabalho de *mapeamento* seguiu com a seleção de trabalhos mais específicos da área de descrição linguística, para refinamento do *corpus*. Esse refinamento consistiu em definir, a partir da natureza do trabalho, que pesquisas estão no escopo da Linguística descritiva nos níveis fonético/fonológico<sup>15</sup>, morfológico, sintático e semântico, por entendermos que esses trabalhos estão em menor quantidade, já que pesquisas desses vieses são mais recorrentes em pesquisas de línguas orais. Por conseguinte, destacamos, a partir da citação infra, a importância do trabalho de *mapeamento*:

com efeito, mapear, em Historiografia Linguística, tem significado explicitar áreas, temas preferenciais de estudos, abordagens teóricas e metodológicas em disputa, tipos de objetos privilegiados, orientações gerais impressas nas fontes. Cavando um pouco mais, o mapeamento também tem mostrado grupos em competição, perfis institucionais, redes (mais ou menos formalizadas), entre outros aspectos da produção e da circulação do conhecimento linguístico (COELHO; NÓBREGA; ALVES, 2021, p. 24).

Nesse processo de seleção de teses e dissertações do *corpus*, escolhemos os trabalhos cujo escopo principal é a linguística descritiva das línguas de sinais, a partir dos títulos dos trabalhos e dos resumos, chegando a um total de 146 trabalhos (42 teses e 104 dissertações), defendidas entre 1980 e 2019, em universidades públicas brasileiras.

---

<sup>15</sup> Reconhecemos que Fonética e Fonologia podem ser consideradas áreas distintas e separadas, pois nem sempre houve consenso sobre essa distinção (OLIVEIRA, 2021). Notamos também que os trabalhos analisados aqui não buscam marcar posição em uma dessas áreas. Por isso, nesta pesquisa, optamos por tratá-las como áreas complementares, de modo que as teses e dissertações que abordam aspectos fonéticos e/ou fonológicos foram alocadas no mesmo subgrupo.

Os trabalhos selecionados foram listados, em ordem cronológica, em um quadro, para fins de organização de informações. Nele, destacamos alguns dados externos importantes: ano de publicação, título do trabalho, autor(a), universidade, nível (mestrado ou doutorado), conforme o exemplo a seguir:

Quadro 2: Modelo de quadro para organização dos dados externos das teses e dissertações

Ano	Título	Autor(a)	Universidade	Nível	Orientador (a)
1982	A Ordem Sintática e A Repetição Na Língua de Sinais Em São Paulo	Maria Inês Cossermelli Namura	UMC	Mestrado	Lucinda Ferreira

Fonte: elaboração própria.

Com base nessa organização, foi possível analisar os dados externos das teses e dissertações que constituem o *corpus*, conforme o modelo adotado por Oliveira (2021). Vale destacar que não tivemos acesso ao trabalho completo de algumas das teses e dissertações, sobretudo aquelas da década de 1980, orientadas por Ferreira. Buscamos contato com a universidade referida nos trabalhos, porém, não tivemos resposta. No entanto, mantivemos seus títulos na lista de trabalhos para servir de fonte para pesquisas futuras. Disponibilizamos ainda, no Apêndice desta tese, a lista de todas as teses e dissertações, com os dados externos, para servir de fonte de consulta para os interessados.

Quanto aos dados internos, analisamos as teses e as dissertações no intuito de identificar os tipos conhecimentos linguísticos (SWIGGERS, 2013; 2015; 2019) mais recorrentes no *corpus* e as *línguas* em análise, com o propósito de verificar que línguas de sinais são mais ou menos visadas pelos pesquisadores da *tradição*

A análise das teses e dissertações se divide em duas partes: na primeira, analisamos os dados externos das 146 teses e dissertações selecionadas, identificando, em termos quantitativos, a produção desses trabalhos ao longo do recorte temporal de 1980 a 2019. Nesta etapa da análise também incluímos dados estatísticos acerca do aumento no número de programas de pós-graduação no Brasil e o conseqüente crescimento na formação de mestres e doutores, a fim de subsidiar a interpretação dos dados quantitativos das teses e dissertações.

Além disso, nesta etapa de análise dos dados externos, verificamos quais os orientadores possuem mais de um trabalho orientado no *corpus*. Utilizamos este critério quantitativo com o intuito de identificar os pesquisadores mais recorrentes, cuja produção na área seja mais expressiva. Deste levantamento, chegamos a um total de 23 (vinte e três)

pesquisadores/orientadores, quais sejam, em ordem alfabética: Ana Regina e Souza Campello (1957-); Christiane Cunha de Oliveira (1967-); Daniele Marcelle Grannier (1943-); Dionei Moreira Gomes (1975-); Elena Godoi (não identificado); Enilde Leite de Jesus Faulstich (1947-); Evangelina Maria Brito de Faria (1957-); Evani de Carvalho Viotti (1955-); Fernando César Capovilla (1960-); Heloisa Maria Lima de Almeida Salles (1958); Jair Barbosa da Silva (1977-); Jairo Morais Nunes (1966-); Lucinda Ferreira (1945-); Maria Suelí de Aguiar (1961-); Marianne Rossi Stumpf (1973-); Miriam Lemle (1937-2020); Regina Ritter Lamprecht (1943-); Ronice Müller de Quadros (1969-); Sandra Maia Farias Vasconcelos (1962-); Sandra Pereira Bernardo (1961); Sarajane Marques Peres (1974-); Tarcísio de Arantes Leite (1977-); e Telma Moreira Vianna Magalhães (1971-).

Com base nessa lista, partimos para a análise do perfil acadêmico, bem como da produção desses pesquisadores. Os dados foram organizados em tabelas, nas quais expomos o quantitativo de artigos, capítulos de livros e livros publicados e a quantidade de orientações de graduação, mestrado e doutorado concluídas, no intuito de desvelar a dimensão da produção de tais pesquisadores e a importância deles para a *tradição de pesquisa*. Esses dados foram obtidos, principalmente, mediante consulta ao Currículo *Lattes* dos pesquisadores e, em alguns casos, por meio de depoimentos de domínio público, publicados na plataforma *Youtube*.

A segunda etapa da análise das teses e dissertações consistiu em verificar os tipos de conhecimento abordados em cada trabalho. Para tanto, tomamos como base a classificação de Swiggers (2013; 2015; 2019), apresentada na seção 2.5. Para esta análise, observamos a temática abordada, a linha de pesquisa, os níveis de descrição linguística, a fim de identificar a natureza do conhecimento linguístico. Em alguns trabalhos, identificamos temas que se intersectam, por isso, propusemos uma ampliação do quadro de Swiggers, sobretudo no que diz respeito ao conhecimento gramatical. A organização desses dados se deu por meio de quadros, nos quais listamos o sobrenome do autor e o ano da publicação e a universidade vinculada.

Para além das teses e das dissertações, fizemos o *mapeamento dos grupos de pesquisa* na área da Linguística de línguas de sinais, por meio de consultas ao site do Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. Esses acessos tiveram o objetivo de extrair as principais informações dos grupos, como ano de fundação, lideranças, IES vinculada, linhas de pesquisa e parcerias institucionais. Esses dados também constituem nossa base documental e podem ser vistos, com mais detalhe e de forma sistematizada, no Apêndice, em que também é possível acessar o *link* do Currículo *Lattes* dos líderes de cada grupo.

Quanto ao *mapeamento* das Instituições que ofertam os cursos de Letras Libras, utilizamos, principalmente, o sistema E-Mec, que consiste numa base de dados de cursos e

instituições de Ensino Superior, regulamentado pela Portaria Normativa nº 21, de 21/12/2017. A partir dos dados coletados, fizemos um quadro com o nome das instituições e o ano de abertura do curso. Ademais, elaboramos, para efeitos ilustrativos, desenhos de mapas do Brasil, com pontos coloridos indicativos de presença dos cursos espalhados pelo mapa, a fim de facilitar a compreensão e a leitura dos consulentes. Realizamos também uma breve análise dos currículos dos cursos, identificando as disciplinas de Linguística obrigatórias, no intuito de averiguar quais áreas são mais ou menos contempladas nos PCCs. Esta etapa da pesquisa pode ser vista no capítulo 4 (tópicos 4.3 e 4.4).

Antes da descrição e análise dos dados, partimos, no capítulo seguinte, para a discussão teórica a respeito do conceito de *tradição de pesquisa*, a fim de entender como as línguas de sinais podem compor uma tradição.

### 3 A TRADIÇÃO DE PESQUISA EM LÍNGUAS DE SINAIS (TPLS): FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, discutimos o conceito de *tradição* e *Tradição de Pesquisa em Língua de Sinais* (doravante, *TPLS*) a partir do conceito de *tradição de pesquisa* de Larry Laudan (1941-2002), já que, segundo Batista (2013, p. 84), “o modelo epistemológico de Larry Laudan, por sua vez, parece enquadrar-se mais adequadamente ao panorama dos estudos inseridos no campo das humanidades, como é o caso da Linguística”.

Além do aporte de Laudan (2011[1977]), a proposição da *TPLS* se pautou no conjunto de elementos que se desdobram dessa *tradição*, como grupos de trabalho, periódicos especializados, teses e dissertações defendidas e cursos de Letras Libras implementados nas instituições de ensino brasileiras. Todo esse desdobramento foi crucial, ao longo de quatro décadas (1980 – 2019), conforme o recorte temporal adotado para a pesquisa, na consolidação da *tradição de pesquisa*, no Brasil, com a amplitude da produção de conhecimentos na área.

Com efeito, é importante pontuar que, na década de 1980, utilizava-se, para se referir à língua de sinais nacional, a sigla LSCB (Língua de Sinais dos Centros Urbanos). A mudança para o termo Libras ocorreu, segundo Campelo (2019), a partir de uma reunião da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), em agosto de 1987, porém, não registrada nas atas. Conforme Santos e Monteiro (2019), essa decisão só foi oficializada em uma reunião entre pesquisadores da UFRJ e membros da FENEIS, em 1992, quando decidiram então adotar a sigla LIBRAS, que já vinha sendo utilizada pelas comunidades surdas, nos trabalhos acadêmicos, com o objetivo de uniformizar a terminologia.

Mesmo com essas mudanças terminológicas, sabe-se que as línguas de sinais, antes de ser apenas um objeto de estudo das ciências da linguagem (ou de outras áreas, como a Educação, a Psicologia, a Fonoaudiologia etc.), são uma das principais marcas da identidade das comunidades surdas brasileiras, pois dela se utilizam para a comunicação, para a transmissão de conhecimento e de valores dessas comunidades (STROBEL, 2016), assim como as línguas orais são fundamentais para as comunidades ouvintes. A diferença está, contudo, na modalidade: enquanto as línguas orais utilizam os canais oral-auditivo, as línguas de sinais, o canal gestual-visual (FELIPE, 1988)<sup>16</sup>. Portanto, assim como há a *tradição oral* e a *tradição*

---

<sup>16</sup> O termo *gestual-visual* (ou espaço-visual) se refere à modalidade das línguas de sinais, que se distingue da modalidade oral-auditiva das línguas orais, “pois a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 47).

*escrita* nas sociedades (CALVET, 2011), deve haver também a *tradição gestual-visual*, como se discutirá adiante. Antes, cumpre discutir o conceito de *tradição*.

### 3.1 Um conceito de *tradição*

Neste tópico, busca-se, primeiramente, abordar o conceito de *tradição* de modo mais geral, para, só então, partir para a discussão da *tradição* na ciência. A discussão sobre *tradição* ocorre em áreas da História, da Sociologia, da Literatura, da Filosofia etc. Ela pode servir de base para a compreensão do conceito de *tradição de pesquisa* a ser discutido adiante.

Comumente, o termo *tradição* pode remeter a vários sentidos (HOUAISS; VILLAR, 2009 – versão eletrônica), como “transferência”, “herança cultural”, “conjunto de valores”, “uso, costume”. Em *A invenção das tradições*, livro organizado por Eric Hobsbawm e Terence Ranger, Hobsbawm (1997[1987]), na Introdução à obra, traz à baila o conceito de *tradição*, sobretudo no que ele chama de *tradição inventada*. Para Hobsbawm (1997[1987]), o termo *tradição inventada* refere-se tanto às tradições que foram realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas quanto àquelas que surgiram de modo mais natural, cujo tempo determinado não se pode localizar. Essas tradições são comuns na sociedade: é o caso dos rituais cívicos e/ou rituais religiosos. Contudo, a *tradição inventada* possui suas regras que determinam como esses hábitos devem ser feitos. Conforme o autor:

Por “*tradição inventada*” entende-se um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBBSAWM, 1997[1987], p. 9).

Nota-se, a partir do excerto, o elemento histórico como fundamental para o conceito de *tradição*, uma vez que esta se insere num contexto historicamente construído. O passado histórico, como afirma o autor, não precisa ser tão remoto, mas é suficiente para que a *tradição* estabeleça uma relação de continuidade e inovação.

Desta feita, Hobsbawm (1997[1987]) afirma que a *tradição* se diferencia de “costume”, vigente nas sociedades ditas “tradicionalistas”. Enquanto a *tradição* se caracteriza pela invariabilidade, o “costume”, segundo o autor, não impede a inovação e é variável, porém, é limitado até certo ponto, pois deve manter características semelhantes ao costume precedente. Como afirma, “o ‘costume’ não pode se dar ao luxo de ser invariável, porque a vida não é assim

nem mesmo nas sociedades tradicionais” (1997[1987], p. 10). Com isso, o autor afirma que *tradição* e *costume* estão relacionados, já que é a decadência do costume que leva à mudança da *tradição*.

Além dessa distinção entre “*tradição*” e “costume”, Hobsbawm (1997[1987]) salienta o que ele entende por *tradição inventada* e *tradição* ligada ao sentido de “convenção” ou “rotina”. A “convenção” ou a “rotina”, segundo o autor, não possuem nenhuma função simbólica nem ritual importante e são frutos de práticas repetidas, geralmente formalizadas de fato e de direito, no intuito de facilitar a transmissão do costume. Isso leva à imutabilidade e à automatização da convenção ou rotina, o que dificulta a capacidade de lidar com situações imprevistas. Embora sejam imutáveis e tenham procedimentos fixos, essa rede de convenção e rotina são criadas para facilitar operações práticas e podem ser modificadas ou abandonadas de acordo com as transformações das necessidades práticas, sem perder, contudo, “a inércia que qualquer costume adquire com o tempo, e a resistências às inovações por parte das pessoas que adotaram esse costume” (HOBSBAWM, 1997[1987], p. 11)

Apesar da defesa na possibilidade de invenção de tradições, Hobsbawm (1997[1987]) afirma que não há necessidade de novas tradições quando os velhos usos ainda se conservam. A criação de novas tradições não significa uma ruptura radical com a *tradição* passada, mas uma continuidade histórica. Nesse caso, pode haver “adaptações” da velha *tradição*. Como afirma o autor:

É preciso que se evite pensar que formas mais antigas de estrutura de comunidade e autoridade e, conseqüentemente, as tradições a elas associadas, eram rígidas e se tornaram rapidamente obsoletas; e também que as “novas” tradições surgiram simplesmente, por causa da incapacidade de utilizar ou adaptar as tradições velhas. Houve adaptação quando foi necessário conservar velhos costumes em condições novas ou usar velhos modelos para novos fins (HOBSBAWM, 1997[1987], p. 13).

Finalmente, o autor citado classifica a *tradição* “inventada” em três categorias superpostas: a) aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; b) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, *status* ou relações de autoridade; c) aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento (HOBSBAWM, 1997[1987]). Nota-se que tais categorias, embora distintas, são complementares e ajudam a entender o que, de fato, pretende uma *tradição*. Seja um grupo ou comunidade de natureza diversa, é necessário que haja coesão social e condições de admissão,

a fim de que, conseqüentemente, sejam estabelecidas as instituições e delas surjam ideias, valores e padrões que são compartilhados.

Relacionando o conceito de *tradição* com a pesquisa historiográfica, Swiggers (2019) menciona que a noção de *tradição* pode ser compreendida em uma variedade de modos. Convém, pois, apresentar este conceito:

(1) como uma *tradição* “nacional” (cf. Noordegraaf (1990), que focaliza os Países Baixos), como uma *tradição* “étnica” (cf. Waldman, 1975) ou como uma *tradição* “geograficamente definida” (cf. Miller, 1975); para uma comparação abrangente das tradições étnico-areais da linguística, v. Itonen (1991a); (2) como uma *tradição ligada a um paradigma científico ou a um tipo de investigação linguística (por exemplo, a tradição da gramática histórico-comparativa); essa concepção de tradição pode, é claro, ser combinada com um foco “nacional”* (cf. Göbels, 1999); (3) como uma *tradição* de “envolvimento [e investimento] linguístico” em função de um objetivo cultural e/ou político; uma interessante e complexa *tradição* de envolvimento linguístico ligada a uma agenda religiosa e político-econômica é a linguística missionária, uma *tradição* que se tornou objeto de intensa pesquisa nas últimas décadas [...]; (4) *uma tradição, entendida num sentido muito amplo, que se define pelo foco em um subgênero da prática linguística (por exemplo, a tradição da lexicografia bilíngue/multilíngue) ou por um foco “tópico” em uma língua particular* (cf. Hüllen, 1999) (SWIGGERS, 2019, p. 76 – grifo meu).

Dessa variedade de concepções para o termo *tradição* destaco os itens 2 e 4, que apresentam a *tradição* ligada a um paradigma científico ou a um tipo de investigação, que pode ser combinada também com o foco nacional, e se define pelo foco em um subgênero da prática linguística. A *tradição* que discutimos aqui está assente nesta definição, pois se trata de um tipo de investigação linguística (aquelas voltadas às línguas de sinais) combinada com foco nacional (pesquisas feitas no Brasil sobre línguas de sinais brasileiras).

A partir do que foi exposto, é possível entender a *tradição* em diversas concepções. Quando entendida como “práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas” (HOBSBAWM, 1997[1987]), ou como “paradigma científico ou investigação linguística” (SWIGGERS, 2019), tais concepções podem estar relacionadas. Ademais, destaca-se a noção de *tradição* com o “envolvimento linguístico” de uma comunidade de fala, que pode ser de *tradição oral*, quando as práticas orais são mais significativas que as escritas, e a *tradição escrita*, quando há uma supervalorização da escrita em detrimento da oralidade. E nas comunidades em que nenhuma dessas tradições preponderam, mas são comunidades que também utilizam um sistema linguístico, como a língua de sinais? É o que se discute no tópico a seguir.

### 3.2 *Tradição oral. Tradição escrita. Tradição gestual-visual?*

Em geral, os estudos concernentes à linguagem humana dicotomizam duas modalidades de língua: a oral e a escrita. Assim, Calvet (2011) define dois tipos de *tradição* linguística: a *tradição oral* e a *tradição escrita*. O autor argumenta em defesa de que, assim como as sociedades de *tradição escrita* registram e conservam sua memória por meio da transcrição, as sociedades de *tradição oral* também mantêm sua memória. Isso ocorre, segundo Calvet (2011), por meio da linguagem infantil, de trava-línguas, de adivinhações etc.

Além desses dois tipos de *tradição* citados – *tradição oral* e a *tradição escrita* -, Calvet (2011, p. 11) reconhece também alguns outros tipos que estão num eixo contínuo entre esses dois extremos. A primeira delas são *as sociedades de tradição escrita antiga*, nas quais a língua escrita é aquela que se utiliza na comunicação oral cotidiana (com as diferenças óbvias entre o oral e o escrito. O autor atribui essa classificação à maioria das sociedades europeias atuais, nas quais, segundo ele, o analfabetismo é raro. O segundo tipo são *as sociedades de tradição escrita antiga*<sup>17</sup>, nas quais a escrita não é aquela que se usa na comunicação oral cotidiana. Nesse grupo, o linguista inclui as sociedades dos países árabes, onde se escreve o árabe clássico, mas se fala o árabe dialetal. O terceiro tipo consiste em *sociedades nas quais se introduziu recentemente a prática alfabética*, em geral pela via de uma língua diferente da língua local. O autor atribui esse caso aos países da África e da Ásia que foram colônias e aos quais se impôs o alfabeto latino como herança cultural colonial. O quarto tipo, por fim, são *as sociedades de tradição oral*, nas quais, afirma o linguista, a ausência da *tradição* escrita não significa, de maneira alguma, ausência de *tradição* gráfica, pois em muitas sociedades de *tradição* oral existe uma pictorialidade muito viva (CALVET, 2011).

O linguista também discute a respeito da valorização da *tradição* escrita em detrimento da *tradição* oral e as consequências disso. Uma delas é a imposição da escrita à sociedade de *tradição* oral que geralmente vem de uma via externa e não de uma necessidade endógena. Criase também uma visão mais ou menos xenofóbica dessas sociedades. Contudo, o autor argumenta que:

[...] todas as sociedades de *tradição* escrita foram, em um momento de sua história, sociedades de *tradição* oral. Os homens falaram antes de escrever (a melhor prova disso está em que se estuda o *nascimento* da escrita) e organizaram sua sociedade em função da fala. Mas esses “vestígios” testemunham também o fato de que todas as sociedades de *tradição* escrita conservam uma parte de oralidade, e que essa parte não é, não pode ser

<sup>17</sup> O autor utiliza o mesmo nome para os dois tipos, porém, os distingue na explicação de cada um deles.

considerada como um *corpus* fóssil (CALVET, 2011, p. 141 - grifo no original).

Salvaguardada a relevância da proposta tipológica de Calvet (2011), bem como sua defesa e valorização da *tradição oral*, reconhece-se a fragilidade da proposta ao não contemplar, por exemplo, as sociedades em que nem a *tradição oral* nem a *tradição escrita* são, de certo modo, as principais, mas que, como nas outras, a memória é conservada. É o caso das comunidades surdas, que não são formadas apenas por surdos, mas também por ouvintes, os quais utilizam a modalidade *gestual-visual*. Nessas comunidades, a língua de sinais é o principal meio de comunicação, o que pode constituir uma *tradição gestual-visual*, na qual tanto a *tradição oral* quanto a *tradição escrita* ficam em segundo plano. Nesse caso, ao invés da dicotomia *tradição oral e tradição escrita*, ocupando os dois extremos e incluindo mais quatro possibilidades, tem-se, além das já mencionadas, o que estou chamando de *tradição gestual-visual*, a qual vigora nas comunidades surdas.

Há, contudo, uma visão ainda equivocada dessas comunidades minoritárias. Calvet (2011, p. 139) destaca que “cada vez que falamos de *tradição oral*, pensamos em sociedades perdidas no fundo das selvas, ou em cumes de montanhas inacessíveis, em costumes estranhos, roupas coloridas, artesanato artístico...” (CALVET, 2011, p. 139). O mesmo se aplica às sociedades de *tradição gestual-visual*. Por utilizarem majoritariamente a língua de sinais, há quem pense que os utentes dessa língua não se comunicam plenamente, não conseguem desenvolver a língua e, conseqüentemente, não conseguem aprender. Porém, é preciso “recusar esse exotismo de bazar, essa atitude de um observador que só aceita o outro em sua estranheza e não em sua simples diferença” (CALVET, 2011, p. 139).

Strobel (2016) distingue os termos *comunidade surda* e *povo surdo*. Segundo a autora, a expressão *povo surdo* se refere aos sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, que compartilham costumes, história, tradições e peculiaridades culturais. Já a expressão *comunidade surda* refere-se não somente aos sujeitos surdos, mas também sujeitos ouvintes, como membros de família de surdos, intérpretes, professores, amigos etc., que participam e partilham interesses comuns em associações de surdos, federações de surdos, igrejas etc. e apoiam ativamente os objetivos da comunidade (STROBEL, 2016; PADDEN; HUMPHRIES, 2000).

As comunidades surdas no Brasil têm uma longa história. O povo surdo brasileiro deixou muitas tradições e histórias em suas organizações, as quais iniciaram diante de uma necessidade de o povo surdo ter um espaço para se reunir e resistir contra as práticas ouvintistas que não respeitavam sua cultura.

Essas organizações – as associações de surdos, federações de surdos, igrejas e outros – também tiveram e têm o papel importante que é a transmissão cultural, esportiva, política, religiosa e fraternal pelos povos surdos (STROBEL, 2016, p. 32).

É claro que as comunidades surdas estão imersas em sociedades de *tradição* oral e/ou escrita e, por isso, utilizam-se também, em segunda instância, dessas tradições. É o caso, por exemplo, de surdos oralizados que “aprendem” a falar como os ouvintes e dos surdos que frequentam a escola regular e são levados a aprender a escrita alfabética, em vez de aprender as escritas de sinais<sup>18</sup>, própria de sua cultura. Importante ressaltar que a escrita de sinais surgiu antes da era digital. Hoje, com o advento e expansão dos recursos tecnológicos, é possível que as informações sinalizadas sejam gravadas e transmitidas por meio de aplicativos de conversa. Por isso, cada vez mais os surdos optam por esse recurso ao invés de utilizar a escrita de sinais.

Além da língua de sinais, outros artefatos culturais, entendidos aqui como “tudo o que se vê e sente quando se está em contato com a cultura de uma comunidade” (STROBEL, 2016, p. 43), são peculiares às comunidades surdas. Uma delas é a experiência visual, já que os surdos percebem o mundo e interagem com ele por meio da visão, em substituição à audição. Disso resulta, então, a *tradição gestual-visual*, uma vez que o canal utilizado para a comunicação e desenvolvimento da língua são os gestos corporais (sinais) e a visão. Por isso, as expressões facial e corporal são fundamentais na comunicação com surdos e entre surdos, até mesmo na comunicação com ouvintes ou entre ouvintes, pois

[...] elas podem desempenhar outro papel de suma importância na conversação em língua de sinais, como uma forma de transmissão de mensagens através de um contexto que não procede da oralidade, mas do corpo e de expressão do rosto, que funciona algumas vezes como meio de reforçar uma ideia que está sendo transmitida (STROBEL, 2016, p. 51).

Leite e Quadros (2014) apresentam uma classificação de língua de sinais: *as línguas de sinais nacionais*, as quais são reconhecidas como língua oficial das comunidades surdas de seus respectivos países – no caso do Brasil, a Língua Brasileira de Sinais (Libras); *as línguas de sinais nativas*, faladas por comunidades isoladas, distantes dos centros urbanos, e que, por vezes, apresentam grande incidência de surdez; e *as línguas de sinais originais*, aquelas que

---

<sup>18</sup> De acordo com Strobel (2016), a escrita de sinais, conhecida também como SignWriting (SW), foi desenvolvida a partir dos sistemas de escrita de danças de Valerie Sutton, na Dinamarca, no ano de 1974. No Brasil, esse sistema foi estudado e difundido principalmente pela doutora surda Marianne Stumpf. Outra proposta de escrita de sinais desenvolvida no Brasil é a de Barros (2008): a Escrita da Língua de Sinais (ELiS).

existiam antes do reconhecimento de uma língua de sinais nacional no país. Segundo os autores,

[...] muitas das línguas de sinais nacionais hoje utilizadas no mundo são produto de um processo histórico de crioulização entre uma língua de sinais estrangeira, instituída na educação de surdos nacional, e as línguas de sinais originais que já eram parte do repertório dos educandos surdos do país previamente a essa instituição (LEITE; QUADROS, 2014, p. 17).

O processo histórico de formação da língua que conhecemos hoje como Libras se deu a partir de 1856, quando o francês Edward Huet (1819-1908) veio ao Brasil, a convite de D. Pedro II (1825-1891), para fundar a primeira escola para surdos do país, o então Instituto Imperial de Surdos-Mudos<sup>19</sup>. Com isso, Huet passou a ensinar a Língua de Sinais Francesa (LSF) aos surdos brasileiros que já utilizavam suas línguas de sinais originais.

Ademais, antes mesmo da instituição da LSF no INES, é provável que os surdos brasileiros já usassem suas línguas originais. Contudo, a influência das LSF sobre a Libras foi inevitável, criando assim a língua de sinais nacional do Brasil. Do ponto de vista legal, a Libras só foi oficializada pela Lei Federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002, no entanto, não é a única língua de sinais existente no Brasil.

Há também outras línguas de sinais utilizadas em aldeias ou em comunidades isoladas. Silva e Quadros (2019) fazem um levantamento de pesquisas de viés antropológico e linguístico realizadas nessas comunidades, a saber:

- Kakamasu (1968) e Ferreira-Brito (1984) analisaram as Língua de Sinais Urubu-Kaapor, utilizada pelos índios Kaapor, no interior do Maranhão<sup>20</sup>;
- Giroletti (2008) investigou o uso da língua de sinais Kaingang, na Escola Indígena de Educação Básica Cacique Vanhkre, situada na Aldeia Sede, município de Ipuacu, oeste de Santa Catarina;
- Temóteo (2008) analisou a língua de sinais de Caiçara, utilizada no Sítio Caiçara, no município de Várzea Alegre, Ceará;

<sup>19</sup> Cf. <http://tvines.org.br/?p=17135>. Acesso em: 03 fev. 2023.

<sup>20</sup> As duas pesquisas citadas foram realizadas no Brasil, porém, publicadas em revistas internacionais, quais sejam a *International Journal of American Linguistics (IJAL)*, dedicada à documentação e análise de línguas indígenas das Américas, vinculada à Universidade de Chicago e fundada por Franz Boas e Pliny Earle Goddard em 1917 (<https://www.journals.uchicago.edu/toc/ijal/current>); e a *Sign Language Studies*, vinculada à Universidade de Gallaudet, que publica artigos e ensaios sobre línguas de sinais e comunidades surdas, sob o enfoque da Linguística, Antropologia, Semiótica, Cultura Surda e História e Literatura Surda, (<https://muse.jhu.edu/journal/184>).

- Coelho (2011), Vilhalva (2012) e Lima (2013) pesquisaram a Língua de Sinais Guarani-Kaiowá dos Índios Guarani-Kaiowá, no interior do Mato Grosso do Sul;
- Vilhalva (2012) e Sumaio (2014) estudaram a Língua de Sinais Terena dos índios Terena, no interior do Mato Grosso do Sul;
- Pereira (2013) descreveu a Língua de Sinais Cena, utilizada na Várzea Queimada, em Jaicós - Piauí;
- Martinod (2013), Formigosa (2015) e Fusilier (2016) pesquisaram a Língua de Sinais da Ilha do Marajó, no estado do Pará;
- Azevedo (2015) investigou a Língua de Sinais Sateré-Mawé, dos índios Sateré-Mawé, de Parintis, em Manaus;
- Carliez, Formigosa e Cruz (2016) centraram sua atenção à língua de Sinais de Porto de Galinhas (PE) e à Língua de Sinais da Fortalezinha (PA);
- Cerqueira & Teixeira (2016) analisaram a Língua de Sinais Acenos, utilizada em Cruzeiro do Sul, no estado do Acre;
- Damasceno (2017), por seu turno, fez sua pesquisa sobre a Língua de Sinais Pataxó, utilizada pelos índios Pataxó, da Aldeia Coroa Vermelha, no estado da Bahia

É importante salientar que, a despeito dessa variedade linguística, as línguas de sinais nativas de comunidades indígenas estão sob risco de desaparecimento, conforme Leite e Quadros (2013). O fato de o uso dessas línguas ser pouco representativo diante do cenário linguístico brasileiro, em que a língua de sinais legalmente reconhecida e amplamente difundida é a Libras, somado ao fato de a Libras estar sendo ensinada em algumas dessas comunidades com o intuito de promover a “inserção na sociedade” e “promover o desenvolvimento social”, acrescido ao infortúnio de não haver uma documentação e difusão dessas línguas emergentes, favorece a extinção dessas variedades e uma perda para o patrimônio cultural (LEITE; QUADROS, 2014). Em vista disso, Leite e Quadros (2014) defendem a necessidade de documentação dessas línguas, para a preservação do patrimônio linguístico, o que já vem sendo feito por alguns pesquisadores na área, conforme se verá mais à frente. E não só as línguas nativas: os autores avaliam que a Libras, como língua nacional, também possui estatuto de risco, motivado, principalmente, pelo processo tardio e precário de aquisição dessa língua por surdos. Ademais, Silva e Quadros (2019) asseveram que:

Independentemente de seu estatuto particular, as diferentes variedades de línguas de sinais do Brasil necessitam ser legitimadas, estudadas e promovidas

como um bem intrínseco revelador da riqueza e diversidade da experiência cultural brasileira. [...] Observa-se também o risco que estas línguas utilizadas por comunidades surdas isoladas sofrem, e, por conseguinte o risco de desaparecimento. [...] somente a partir do registro e da documentação será possível não apenas às comunidades usuárias dessas línguas, mas a toda população do país, reconhecer o valor e a riqueza de suas particularidades linguísticas e das perspectivas culturais nelas imbuídas (SILVA; QUADROS, 2019, p. 22121 – 22122).

As linguistas ressaltam a importância do registro e da documentação dessas línguas de sinais minoritárias, tanto para o seu reconhecimento quanto para sua sobrevivência. Logo, torna-se ainda mais relevante tratar das pesquisas em línguas de sinais, porque serão elas responsáveis por esse registro e documentação, para que as línguas de sinais subsistam não somente entre os usuários, mas também como objeto de pesquisa.

Embora se reconheça o estatuto de risco das línguas de sinais emergentes, a existência dessas línguas, bem como seu uso por comunidades específicas, corrobora a noção de *tradição gestual-visual*, pois é dessa modalidade de língua que estes usuários dependem para seu desenvolvimento linguístico, cognitivo e cultural.

No que diz respeito às pesquisas sobre as línguas de sinais, entende-se que elas desempenham um papel fundamental na consolidação da *TLPS*. Diante disso, é importante discutir a epistemologia do conhecimento científico e como se caracterizam as *tradições de pesquisa*. Para tanto, discutimos, a seguir, a visão do filósofo da ciência e epistemólogo americano Larry Laudan (1941-2002) sobre a noção de *tradição de pesquisa*.

### **3.3 A visão laudanianiana de *tradição de pesquisa***

A discussão epistemológica trazida nesta seção tem como base a obra *O progresso e seus problemas*, do filósofo e epistemólogo Larry Laudan (2011[1977]). Nela, o filósofo retoma e critica algumas ideias de Thomas Kuhn (1922-1996), propondo sua teoria para o progresso científico, na qual discute duas noções para o termo “teoria”. A primeira diz respeito a um conjunto específico de doutrinas relacionadas (chamadas de “hipóteses”, “axiomas” ou “princípios”) que pode ser usado para fazer previsões experimentais específicas e dar explicações pormenorizadas dos fenômenos naturais. A segunda refere-se a um conjunto de doutrinas ou suposições mais abrangentes, que envolve várias doutrinas histórica e conceitualmente relacionadas, que compartilham teses comuns. Ele exemplifica citando o termo “teoria da evolução”, que remete não a uma teoria específica, mas a um conjunto de

teorias que acreditam que as espécies compartilham linhas de descendência (LAUDAN, 2011[1977], p. 101).

É nessa segunda noção de teoria que Laudan alicerça seu conceito de *tradição de pesquisa*. Segundo Laudan (2011[1977]), toda disciplina intelectual, científica ou não, tem uma História repleta de *tradições de pesquisa*. Assim sendo, é possível inferir que a Linguística é constituída por diversas *tradições de pesquisa*. Conforme o epistemólogo, as *tradições de pesquisa* cumprem a função de delinear um conjunto de diretrizes para o desenvolvimento de teorias específicas, as quais explicam os problemas da área, de modo a determinar a ontologia da *tradição*. Além disso, as *tradições de pesquisa* determinam os métodos de investigação disponíveis ao pesquisador em determinada *tradição*.

Ainda segundo Laudan (2011[1977]), a *tradição de pesquisa* é constituída de duas partes: a ontologia definida pelo conjunto de teorias específicas e os métodos de investigação. Se um cientista rompe com a ontologia ou metodologia de uma *tradição de pesquisa*, é possível que surja outra, o que, para o autor, não é necessariamente ruim. Por isso, ele define *tradição* como “um conjunto de suposições acerca das entidades e dos processos de uma área de estudo e dos métodos adequados a serem utilizados para investigar os problemas e construir as teorias dessa área do saber” (LAUDAN, 2011[1977], p. 115).

Como dito anteriormente, as *tradições de pesquisa* são constituídas por um conjunto de teorias, as quais são designadas para particularizar a ontologia da *tradição de pesquisa* e para legitimar sua metodologia (LAUDAN, 2011[1977]). Mas isso não significa que todas as teorias de uma mesma *tradição de pesquisa* partam de conceitos iguais e utilizem dos mesmos métodos. Cada teoria se preocupa com a investigação de problemas distintos, cuja natureza é determinada pelas *tradições* de que faz parte, pois são elas que oferecem as ferramentas cruciais para resolver os problemas de investigação, seja ele empírico ou conceitual.

Laudan (2011[1977]) aprofunda a discussão sobre a relação entre as *tradições de pesquisa* e as teorias específicas, afirmando, primeiramente, que a relação entre elas não é de implicação, mas, sim, histórica e conceitual. Portanto, as *tradições de pesquisa* não implicam as teorias que a compõem, nem as teorias implicam as *tradições de pesquisa* das quais fazem parte. O que ocorre, segundo o autor, é que a maioria das teorias científicas, senão todas, surgiram quando o cientista que as inventou trabalhava em uma ou outra *tradição* específica de pesquisa e, a partir delas, pôde propor novas teorias. Sobre essa relação histórica, o autor afirma que:

Uma teoria específica, abstraída de seu contexto histórico, pode não dar pistas inequívocas quanto à *tradição* de pesquisa (ou tradições) a que está associada. Foi exatamente este fato que levou muitos cientistas e filósofos a imaginar que as teorias costumam ser apreciadas e avaliadas independentemente das tradições de pesquisa de que fazem parte. Mas não devemos deixar nos enganar pelo fato de que uma teoria, tomada abstratamente, não revela em todas as suas partes a marca da sua *tradição* de pesquisa “mãe”. A pesquisa histórica sempre pode (pelo menos em princípio) identificar as tradições de pesquisa a que uma teoria em particular estava associada. Nesse sentido, a ligação entre uma teoria e a uma *tradição* de pesquisa é tão real quanto qualquer fato do passado e tão importante quanto os mais importantes fatos do passado (LAUDAN, 2011[1977], p. 122).

Quanto à relação conceitual entre as *tradições de pesquisa* e suas teorias específicas, Laudan 2011[1977] assevera que a *tradição de pesquisa* exerce influência sobre as teorias, pois ela é que determina os problemas empíricos a serem investigados e o método adequado de investigação. Isso pode resultar em legitimação de certos problemas de investigação para determinadas áreas, como a exclusão de alguns deles. Além disso, a tensão entre *tradições de pesquisa* e suas teorias constituintes acarreta problemas conceituais, uma vez que a teoria, ao lidar com problemas empíricos, pode adotar novas suposições ou ideias que vão de encontro às suposições permitidas pela *tradição*. Em outras palavras: um cientista pertencente a uma determinada *tradição* pode afirmar coisas que sua *tradição* não aceita como pressuposto.

Ademais, a *tradição de pesquisa* é também excludente. Conforme já citado, ela delimita a ontologia das teorias específicas e, conseqüentemente, exclui as teorias que não compartilham de tal ontologia. Laudan (2011[1977]) julga isso como a função negativa da *tradição de pesquisa*. Por outro lado, as *tradições de pesquisa* têm um papel heurístico na construção de teorias específicas, sugerindo uma teoria inicial para alguma área do saber (LAUDAN, 2011[1977]).

Outra característica importante das *tradições de pesquisa* é seu papel justificativo. Com essa função, consoante Laudan (2011[1977]), a *tradição de pesquisa* isenta o cientista da necessidade de racionalizar ou justificar todas as suas suposições, investindo mais tempo para trabalhar nos problemas mais específicos de interesse. Partindo de tal premissa, os cientistas, ao elaborarem teorias e realizarem investigações em uma determinada *tradição de pesquisa*, partem de pressupostos já estabelecidos. Tomando como exemplo a área da Linguística, uma pesquisa de base sociodiscursiva toma como pressuposto a língua como fenômeno social e inextricavelmente articulada a fatores externos, sem os quais não há como chegar à solução de um problema de pesquisa. Já uma teoria de cunho mais formalista parte do pressuposto de que a língua pode (e deve) ser analisada isolada dos aspectos extralinguísticos.

O papel justificativo das *tradições de pesquisa* ajuda também a entender que cada pesquisa deve ser avaliada a partir do ponto de vista da *tradição*. Assim, um linguista mais formalista, que analisa uma pesquisa de viés sociodiscursivo, deve estar sob os pressupostos da *tradição de pesquisa* analisada, a fim de que ele possa, a partir dos princípios dessa *tradição*, entender as questões que são caras à teoria e não cobrar dela coisas que estão fora do seu escopo. Como afirma o autor, “embora os críticos de fora da *tradição* de pesquisa possam criticar um cientista por edificar teorias baseadas em tais pressupostos, o cientista sabe que seu *público principal* – os colegas que fazem pesquisa na mesma *tradição* – não vão achar problemáticas suas suposições” (LAUDAN, 2011[1977], p. 132 – destaque no original).

A partir desses pressupostos teóricos básicos da epistemologia de Laudan (2011[1977]), é possível construir uma narrativa historiográfica sobre a *TPLS*, a partir da perspectiva da HL, a fim de identificar os elementos constitutivos e históricos dessa *tradição*, objetivando a historicização do conhecimento produzido sobre língua de sinais no/do Brasil.

Para Swiggers (2019), uma pesquisa historiográfica tem de cumprir princípios, regras e condições de pesquisa científicas. Por isso, é necessário estabelecer um quadro de pesquisa, no qual uma das estratégias é “a delimitação de uma ‘*área problemática*’ ou de uma ‘*gama de tópicos*’ a serem investigados” (SWIGGERS, 2019, p. 58 – grifo no original). Neste ponto, definimos como ‘*área problemática*’ a *TPLS*.

### **3.4 Tradição de Pesquisa em Línguas de Sinais**

Viu-se, até aqui, que as línguas de sinais são línguas legítimas do povo surdo e da comunidade surda. Com a *tradição gestual-visual*, os surdos vão desenvolvendo suas experiências com o outro e com o mundo. Por isso, a língua torna-se tão fundamental. Discutiuiu-se também a relação das línguas de sinais com a ciência da linguagem. Elas são objeto de pesquisa de áreas da Linguística, constituindo, pois, uma *tradição de pesquisa*.

Conforme já mencionamos neste trabalho, os primeiros estudos linguísticos, em contexto acadêmico, sobre uma língua de sinais foram realizados por William Stokoe, na década de 1960, ao identificar, na *American Sign Language* (ASL), a estrutura interna dos sinais, muito embora, ainda na primeira metade do século XIX, o francês Auguste Bébien (1789-1839), maestro e professor de surdos, e um grande defensor da escola bilíngue na França, tenha se dedicado à descrição da Língua de Sinais Francesa e publicado, em 1825, a *Mimographie*, uma proposta de escrita de sinais de base fonética (OVIEDO, 2009). Stokoe

observou, por exemplo, que os sinais utilizados pelos surdos não eram simples imagens, mas símbolos abstratos complexos, dotadas de complexa estrutura interna.

No Brasil, estudos descritivos semelhantes começaram a surgir entre o final da década de 1960 e o início da década de 1970. Citam-se algumas obras publicadas no Brasil pelo padre Eugênio Oates, que também se interessava pela língua de sinais, mas que circulavam muito mais no contexto religioso, no ministério de evangelização de surdos: o dicionário *Linguagem das Mãos* (1969) e o livro *Linguagem do Sinais do Brasil* (1983), organizado juntamente com Harry W. Hoemann e Shirley a Hoemann. Essas obras fazem parte de um conjunto de publicações feitas, em diferentes momentos, por missionários de diversos segmentos religiosos que foram importantes para a constituição da surdez como particularidade étnico-linguística, como apresenta a tese de Silva (2011).

Na década de 1980 também outros estudos acadêmico-científicos começam a fazer parte deste cenário de pesquisas linguísticas, período em que Ferreira funda o grupo GELES, na UFPE, em Recife, juntamente com sua orientanda Tanya Amara Felipe (1951-), estudante de mestrado à época. Citam-se alguns dos trabalhos de Ferreira (1984; 1990; 1995[2010]). Ferreira (1984), no artigo intitulado *Similarities and Differences in Two Sign Languages*, publicado na revista *Sign Language Studies*, da Universidade de Gallaudet (EUA), descreveu e comparou alguns aspectos da Língua de Sinais dos Centros Urbanos (LSCB) e da Língua de Sinais Kaapor Brasileira (LSKB), utilizada na comunidade indígena Urubu-Kaapor, localizada no interior do Maranhão. Em Ferreira Brito (1990), *Epistemic, Alethic, and Deontic Modalities in a Brazilian Sign Language*, artigo publicado no volume *Theoretical Issues in Sign Language Research*, na Universidade de Chicago (EUA), a autora descreve como ocorrem as modalidades epistêmica, alética e deontica na Libras. E, por fim, em Ferreira Brito (1995[2010]), intitulado *Por uma gramática de línguas de sinais*<sup>21</sup> e publicado pela editora Tempo Brasileiro, a autora organiza, numa espécie de manual, seus estudos descritivos acerca da língua de sinais, lançando bases para um novo caminho que se desdobrava no *know-how* linguístico no Brasil: os estudos linguísticos sobre língua de sinais.

---

<sup>21</sup> Em homenagem aos 25 anos de publicação desta obra, a Revista Linguística, do Programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, publicou seu volume 16, n. 3, de set. a dez. de 2020, sob organização de Marília U. C. L. M. Costa; Andrew Nevins e Anderson Almeida da Silva, com pesquisas diversas sobre línguas de sinais. O lançamento do volume aconteceu por meio de uma *live* no *YouTube*, com a participação de vários pesquisadores de línguas de sinais do Brasil, tais como Deise Vieira dos Santos (UFRJ), Myrna Salerno Monteiro (UFRJ), Maria Cecília Mollica (UFRJ), Ronice Quadros (UFSC) entre outros, que, brevemente, deram seu depoimento a respeito do trabalho desenvolvido pela pesquisadora Lucinda Ferreira e também acerca do desenvolvimento das pesquisas em línguas de sinais. Esses depoimentos serão analisados, adiante, a fim de contribuir com a construção da narrativa que se propõe nesta tese. A *live* está disponível em: <https://youtu.be/MVRiRCyJsYI>. Acesso em: 03 fev. 2023.

Ainda no final da década de 1980 e início da década de 1990, os trabalhos de Felipe, orientados por Ferreira, entram no cenário da Linguística brasileira, como: *A Estrutura Frasal na LSCB*, publicado nos anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL, 1989; *Do Discurso à Gramática da LSCB*, publicado nos anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL, 1992, entre outros.

Além dos trabalhos científicos, alguns programas nacionais ajudaram a difundir a língua de sinais brasileira, como o Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos e o Programa Nacional Interiorizando Libras – executado pela FENEIS. Por meio deste programa, elaborou-se cursos para capacitação de Instrutores de Libras e Curso Básico de Libras, o que resultou na coleção de material didático *Libras em Contexto*.

Isto posto, fica claro que a *tradição de pesquisa* (LAUDAN, 2011 [1977]) sobre língua de sinais tem a sua história, a qual precisa ser resgatada, descrita e interpretada. Se, conforme Swiggers (2010), interessa para a HL investigar, por exemplo, como o conhecimento linguístico foi adquirido, formulado, difundido, preservado e/ou perdido (e de que maneira), interessa-nos investigar como os estudos linguísticos sobre língua de sinais no e do Brasil, historicamente, foram adquiridos, formulados, difundidos e preservados ao longo de quatro décadas (1980-2019). Para esse entendimento, lançamos mão do princípio da *contextualização*, a fim de entender o contexto social e político em que a *tradição* se constituiu, conforme se verá no capítulo que se segue.

## 4 O MOVIMENTO SOCIAL SURDO, A LUTA PELO RECONHECIMENTO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS E CRIAÇÃO DO CURSO LETRAS LIBRAS

### 4.1 As lutas pela inclusão e o surgimento do movimento social surdo

O período inicial do recorte temporal adotado neste trabalho é a década de 1980, momento em que o debate sobre as “deficiências”<sup>22</sup> e as políticas de inclusão se acentuaram, tanto no contexto nacional quanto internacional. Por conta disso, optamos por analisar, mais precisamente, esta década e os desdobramentos dela nos anos seguintes. Iniciamos a *contextualização* com o estabelecimento do ano de 1981, pela Organização das Nações Unidas, como o “Ano Internacional das Pessoas Deficientes”, com o lema “Participação plena e igualdade”. A ONU também considerou o período entre 1983 a 1993 como a “Década das Pessoas Deficientes”.

Além da promulgação do ano de 1981 como o Ano Internacional da Pessoa com Deficiência, determinou-se que esse ano seria apenas o início de todo um trabalho a ser desenvolvido ao longo de toda a década. Viu-se, então, a necessidade de uma elaboração de planos de ação a longo prazo dos países membros, os quais foram discutidos, no contexto da América Latina, entre 5 a 11 de novembro de 1980, no *Seminário Regional da Comissão Económica para a América Latina – CEPAL*, em Santiago, no Chile (BRASIL, 1981).

Esse contexto de política de inclusão e valorização das pessoas com deficiência reverberou também no Brasil, através do Decreto 84.919, de 16 de julho de 1980, que instituiu a Comissão Nacional do Ano Internacional das Pessoas Deficientes (CNAIPD). Conforme o Art. 1º deste Decreto, a CNAIPD teria a missão de “planejar e coordenar, a nível nacional, os programas relativos ao ‘Ano Internacional das Pessoas Deficientes’, a ser celebrado em 1981, conforme Resolução nº 31/123, da Assembléia Geral das Nações Unidas” (BRASIL, 1980).

A Comissão também foi composta por membros representantes de diferentes esferas administrativas, a saber: Ministério da Educação e Cultura (2 membros); Ministério da Previdência e Assistência Social (2 membros); Ministério da Saúde (1 membro); Ministério do Trabalho (1 membro); Ministério das Relações Exteriores (1 membro); Secretaria de Planejamento (1 membro); Secretaria de Comunicação Social (1 membro); entidade não governamental de reabilitação e educação de deficientes (1 membro); entidades não

---

<sup>22</sup> O termo deficiência suscita várias discussões dada a sua complexidade, como afirma Diniz (2007). Neste capítulo, contudo, utilizamos o termo “deficiência” e “deficiente”, seguindo o princípio da *imanência* de Koerner (2014[1995]), pelo fato de ele ser comum na década de 1980, período em que surgem esses movimentos sociais. Em outros momentos do mesmo capítulo, utilizamos o termo “pessoa com deficiência”, termo disposto na Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, quando fizermos referência ao contexto mais recente.

governamentais interessadas na prevenção de acidentes no trabalho, no trânsito e domésticos (1 membro) (BRASIL, 1981).

Nesse sentido, era atribuição da CNAIPD trabalhar de forma conjunta e descentralizada, mediante parceria com comissões estaduais e municipais criadas com o intuito de pôr em prática o Plano de Ação a curto, médio e longo prazo, além da participação de órgãos do governo, entidades não governamentais e membros da comunidade (BRASIL, 1981).

No que concerne aos surdos, a CNAIPD previu, em uma de suas ações do Plano de Ação, “ampliar e reestruturar o atendimento pré-escolar do INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS – INÊS [sic] e do INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT — IBC, visando transformá-los em serviços modelo” (BRASIL, 1981, p. 14), ação inserida no eixo “Educação”, e “estabelecer condições para o fácil acesso das pessoas deficientes com dificuldade de comunicação (cegos e surdos) às fontes públicas de informação” (BRASIL, 1981, p. 16), quanto à “Remoção de barreira arquitetônicas”. Percebe-se, então, no contexto dos anos iniciais da década de 1980, um *clima de opinião* sensível à “reabilitação” (sendo mais próximo à visão da época) das pessoas com deficiência, incluindo as pessoas surdas. Isso, de certo modo, pôde dar ainda mais espaço para um *movimento social surdo* (BRITO, 2021) em busca dos direitos da pessoa surda, sobretudo, o direito linguístico.

Um dos grandes esforços desses movimentos foi a mudança de visão em relação à pessoa com deficiência, do *modelo caritativo* ao *modelo social*. De acordo com Lanna Júnior (2010), o *modelo caritativo* tem origem no cristianismo da Idade Média e concebe a “deficiência” com um déficit e as pessoas são dignas de pena e vítimas da própria condição. O modelo social, no entanto, defendido pelo movimento das pessoas com deficiência baseia-se na ideia de que a interação entre a pessoa com deficiência e o modo como a sociedade está organizada é que condiciona a funcionalidade, as dificuldades, as limitações e a exclusão das pessoas. Ou seja: o déficit não está atrelado à pessoa com deficiência, unicamente, à relação entre o sujeito e a estrutura organizacional da sociedade, em seus diferentes aspectos. Com isso, a luta das pessoas com deficiência deixou de estar apenas no campo do assistencialismo e passou a situar suas demandas no campo dos Direitos Humanos.

Outro grande impasse na história dos movimentos sociais das pessoas com deficiência foi a mudança terminológica, já que a palavra está carregada de ideologias e valorações a respeito do sujeito. Em função disso, na busca de romper com o uso de termos genéricos como “inválidos”, “incapazes”, “aleijados”, “defeituosos”, as pessoas com deficiência buscaram utilizar a denominação “pessoas deficientes”, motivados sobretudo pelo AIPD, instituído pela ONU em 1980. Segundo Lanna Junior (2010), a inclusão do termo “pessoa” objetivou evitar a

ideia de coisificação da pessoa com deficiência. Em seguida, passou-se a utilizar a expressão “pessoas portadoras de deficiência”, com o objetivo de identificar a “deficiência” como um detalhe da pessoa. Apesar de amplamente adotada, inclusive na Constituição Federal de 1988, a condição de “portador” passou a ser questionada pelo movimento por transmitir a ideia de que a “deficiência” é algo que se porta e, por isso, não faz parte da pessoa. Além disso, enfatiza a “deficiência” em detrimento do ser humano (LANNA JUNIOR, 2010).

Atualmente, embora se reconheça a complexidade do conceito de “deficiência” (DINIZ, 2007), o termo mais utilizado tem sido “pessoas com deficiência”, consagrado pela Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, da Organização das Nações Unidas (ONU), em 2006, e presente também na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Conforme a Lei, é considerada pessoa com deficiência “aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas” (BRASIL, 2015, n.p). Importante salientar que a “deficiência” está atrelada não à pessoa, mas às barreiras que lhe são impostas, sejam elas urbanísticas, arquitetônicas, nos transportes, na comunicação e na informação, atitudinais e tecnológicas (BRASIL, 2015), o que tem segregado tais pessoas na vida plena em sociedade.

No contexto de movimentos sociais da década de 1980, em que a voz desses grupos precisava ser ouvida, CNAIPD representou um dos principais meios de ascensão do movimento social das pessoas com deficiência, devido a sua ampla divulgação nos meios de comunicação, como a mídia televisiva e a imprensa escrita, como relatam alguns depoimentos de ativistas do movimento (BRITO, 2021). Alguns eventos também foram marcantes nesse período de movimento e luta das pessoas com deficiência: o *1º Encontro Nacional de Entidades de Pessoas Deficientes*, que aconteceu em Brasília, entre 22 e 25 de outubro de 1980.

O movimento de luta da comunidade surda emergiu da luta das pessoas com deficiência, que incluía não somente surdos, mas também cegos, pessoas em cadeira de rodas e hansenianos. Esse grupo teve expressiva mobilidade na década de 1980, a partir da divulgação do AIPD, que garantia direitos às pessoas com deficiência. Após várias reuniões e encontros desse movimento, a comunidade surda decidiu criar o próprio movimento, que contemplasse apenas surdos, para que suas reivindicações peculiares fossem atendidas, já que os movimentos de pessoas com deficiência, como um todo, não atendiam às suas especificidades.

É possível perceber, no movimento das pessoas com deficiência, unidade e divisão, consensos e dissensos, amor e ódio. Parte desses conflitos são criados pelo fato de que novos movimentos sociais são, também, movimentos que buscam criar uma identidade coletiva para determinado grupo, seja em oposição a outros segmentos, seja em oposição à sociedade. Um dos objetivos dessa afirmação identitária é dar visibilidade e alterar as relações de força no espaço público e privado. O sentimento de pertencimento a um grupo é elemento discursivo importante para mobilizar qualquer luta política. Os movimentos sociais são formados pela diversidade de identidades, porém, unificadas nas experiências de coletividade vividas pelas pessoas. A unidade é ameaçada por fatores como a disputa pelo poder, pela legitimidade da representação e pela agenda da luta política (LANNA JÚNIOR, 2010, p. 13).

Conforme Lanna Júnior (2010), havia uma tensão, nos primeiros debates nacionais organizados no início da década de 1980, no grupo de movimentos sociais das pessoas com deficiência, uma vez que o grupo era constituído de cegos, surdos, pessoas em cadeira de rodas e hansenianos. Esses diferentes grupos elegeram como estratégia a criação de uma única entidade que respondesse por todos eles, a Coalizão Pró-Federação Nacional de Entidades de Pessoas Deficientes. O impasse, então, ocorreu no momento em que se percebeu a necessidade de atendimento às especificidades de cada “deficiência”, o que não era possível a partir de um grupo único. Com isso, houve a criação de federações nacionais por tipo de “deficiência”, o que ajudou a fortalecer ainda mais os debates sobre novas atitudes em relação às pessoas com deficiência (LANNA JÚNIOR, 2010). Na visão de Lia Crespo, uma das militantes do movimento à época, em seu depoimento ao trabalho de Lanna Júnior (2010), essa divisão enfraqueceu o movimento, conforme se vê a seguir.

Em 1982, houve um racha no movimento nacional e a Coalizão acabou. Foram criadas organizações nacionais por tipos de deficiência. A Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis) passou a representar nacionalmente os surdos; a Organização Nacional de Entidades de Deficientes Físicos (Onedef), os deficientes físicos, etc. Acho que, de alguma maneira, isso enfraqueceu o movimento. O NID não participou do Encontro que decidiu pela divisão do movimento. Nós sempre fomos a favor de uma coalizão que continuasse tendo organizações representativas de vários tipos de deficiência [...] Acho que tinha a ver com o fato de que sempre houve uma hegemonia, na liderança do movimento, das entidades de deficientes físicos. Pela característica da deficiência física, a gente tinha mais condições de comunicação. Tínhamos mais acesso à informação porque não tínhamos dificuldade em recebê-la. Ao passo que existia muito pouca informação em Braille para os cegos. O surdo recebia menos informação ainda, e isso era agravado pelo fato de os surdos terem mais dificuldade para se comunicar com a sociedade, com os jornalistas, com a mídia (CRESPO *apud* LANNA JÚNIOR, 2010, p. 133 e 134).

A partir deste depoimento, percebe-se que os surdos participantes do movimento tinham pouco acesso à informação devido à dificuldade de comunicação, já que era feita em língua portuguesa e não nas línguas de sinais. Esse foi (e continua sendo, em alguns casos) o grande entrave na surdez, que são as barreiras comunicativas causadas pelo desconhecimento e desuso das línguas de sinais. Isso justifica o fato de, ainda na década de 1980, os surdos buscarem organizar um movimento independente, que reivindicava direitos que atendessem às suas necessidades peculiares, como o reconhecimento legal da Libras, o que aconteceu apenas em 2002.

Esse movimento de pessoas surdas é designado por Brito (2021) de *movimento social surdo*. O autor destaca o movimento social como um conjunto de ações coletivas por um grupo social pertencente a uma identidade coletiva. Com base nessa ideia, o Brito (2021) analisa a luta coletiva de ativistas da comunidade surda brasileira pelo reconhecimento legal da Libras.

Arelado ao *movimento social surdo* pelo reconhecimento da Libras como meio legal de comunicação e expressão no Brasil, o que ocorreria apenas em 24 de abril de 2002, com a sanção da Lei Ordinária Federal 10.436, pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso, havia um grupo de especialistas em pesquisas sobre descrição e ensino da Libras, que também ajudou a fortalecer o *movimento social surdo*, inclusive com pareceres técnico-científicos que atestam o estatuto linguístico das línguas de sinais, como foi o caso da linguista Eulalia Fernandes (UFRJ), que elaborou o *Parecer sobre a Língua de Sinais usada nos Centros Urbanos do Brasil*, anexado ao projeto de lei para o reconhecimento da Libras. Assim, conforme Brito (2021):

Na condição de especialistas em suas respectivas áreas, muitos desses intelectuais participaram da discussão de políticas governamentais, atuando junto a órgãos públicos, principalmente na área da educação e de direitos da pessoa com deficiência. Desse modo, agiram em reuniões comissões, assessorias e trabalharam na elaboração de pareceres técnicos [...] (BRITO, 2021, p. 46).

Ainda conforme Brito (2021), na década de 1980, esse grupo de especialistas era formado basicamente por ouvintes. Posteriormente, com o passar dos anos, aumentou o número de estudantes surdos que se formavam nas universidades e desenvolviam pesquisas em programas de pós-graduação, sendo, então, partícipes influentes nos movimentos sociais.

Nesse contexto de lutas sociais, as pesquisas linguísticas sobre línguas de sinais começaram a se desenvolver no Brasil com mais intensidade, como visto anteriormente, não só

no meio acadêmico, mas também no contexto religioso. A propósito, conforme já mencionado, as instituições religiosas foram uma das principais responsáveis pelo ensino e propagação das línguas de sinais no Brasil, sobretudo na década de 1980, com a elaboração obras lexicográficas e manuais de descrição de línguas de sinais, tais como (cf. SILVA. 2011): *Linguagem de sinais do Brasil* (HOEMANN; OATES; HOEMANN, 1983), *Comunicando com as mãos* (ENSMINGER, 1987); *O clamor do silêncio* (JUNTA DAS MISSÕES NACIONAIS DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA, 1991); *Linguagem das mãos* (OATES, 1988[1969]); *No silêncio da fé: catequese e oração na linguagem das mãos* (OATES, 1990[1961]); *Linguagem de sinais* (TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, 1992).

#### **4.2 O papel da FENEIS na luta pelo reconhecimento da língua brasileira de sinais**

Outro grande marco na história política e social dos surdos foi a criação da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS). Fundada em 16 de maio de 1987, a FENEIS teve papel importante no movimento de inclusão e luta pelos direitos das pessoas surdas. Ela surge como uma associação fundada por surdos, como um desdobramento da então FENEIDA (Federação Nacional de Educação e Integração do Deficiente Auditivo), fundada em 1977 por profissionais ouvintes ligados à área da surdez. Dessa forma, a FENEIDA foi criada *para surdos* e não *por surdos*, o que resultou em conflitos ideológicos, já que esta Federação se mantinha com base em postulados oralistas. Com isso, a FENEIDA, pautada na visão clínica terapêutica da surdez, se preocupava na reabilitação dos surdos, o que gerou um grande conflito com os ativistas defensores dos direitos dos surdos (RAMOS, 2004; STUMPF; LINHARES, 2021).

Segundo Brito (2021), com o propósito de representar os interesses dos surdos e combater a ideologia oralista, a ativista surda Ana Regina Campello candidatou-se à presidência da FENEIDA, a fim de transformá-la em uma organização efetivamente *de* surdos e não *para* surdos, apesar do preconceito e da oposição da liderança ouvinte que ainda vigorava. Tendo sido eleita, alterou-se o nome da organização de FENEIDA para FENEIS, o que representou uma mudança de perspectiva, pois agora a Federação estaria sendo liderada por surdos e pautada em um novo estatuto que atendesse às reais necessidades dos surdos, tornando-a a principal organização do *movimento social surdo*. Conforme depoimento de Célia Regina Ramos:

A FENEIDA vivia em 1987 um processo de desgaste, sem apoio financeiro das entidades filiadas, com muitas lutas internas, geradas provavelmente pela

pressão que os Surdos exerciam na Comissão de Luta pelos Direitos dos Surdos desde 1983, e com a eleição de uma chapa presidida pela Surda Ana Regina no ano anterior. Livres do que podemos chamar de “jugo ouvinte”, rapidamente os Surdos conseguiram organizar a nova entidade fundada, que em seu primeiro ano de existência sobreviveu às custas de aulas de LIBRAS [...] (RAMOS, 2004, p. 22).

Com isso, a FENEIS passa a atuar em prol de políticas linguísticas, educação, cultura, emprego, saúde e assistência social, em favor da comunidade surda brasileira. Uma das principais metas da FENEIS era o reconhecimento da cultura surda, por meio da divulgação da Língua Brasileira de Sinais. Por isso, a instituição se tornou referência no que diz respeito à luta pelo reconhecimento legal da língua. A propósito, antes mesmo da Lei 10.436, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda, outras leis foram sancionadas em estados e municípios brasileiros, convergindo para a legitimação da Libras e dando força para a luta em nível nacional, conforme dados da Revista da FENEIS ano I, número 1, janeiro/março 1999:

No Estado do Rio Grande do Sul: Município de Esteio, Lei Municipal nº 2806/98 - conquista obtida pela liderança do companheiro Carlos Martins (Surdo) e Marco Souza (intérprete) e da comunidade Surda;  
Município de Gravami, Lei Municipal nº 1251/98 - conquista obtida pela liderança da companheira Natacha Soares (Surda) e da comunidade Surda;  
Município de Porto Alegre, Lei Municipal nº 7857/ 96-Conquista obtida pela liderança do companheiro Carlos Góes (Surdo) e da comunidade Surda.

#### NORDESTE

Graças ao empenho da Associação dos Amigos e Pais de Pessoas Especiais (AAPPE), filiada à FENEIS, e, em especial a pessoa de sua presidente, Iraé Cardoso, Alagoas é o primeiro estado do Nordeste a reconhecer a Libras como língua oficial obrigatória dos surdos, pela Lei nº 6.060, sancionada em 15 de setembro de 1998. (FENEIS, 1999a, p. 24).

Concomitante a essas sanções de leis, estava tramitando em Brasília o projeto de lei 131/96 de autoria da então senadora Benedita da Silva, que regulamenta a Libras a nível nacional. Conforme Brito (2021), para que a Libras fosse, de fato, reconhecida nacionalmente, era necessário propagar o conhecimento dela, por meio de cursos para pessoas ouvintes e surdas. A FENEIS também publicou uma série de revistas que tinham o objetivo de informar a respeito do ensino e da educação de surdos, bem como de divulgar as línguas de sinais por todo o Brasil. O site da FENEIS disponibiliza 32 números da Revista, as quais foram publicadas entre 1999 e 2007 e que consistem em uma fonte documental primordial para a investigação da

história da luta inclusiva dos surdos no Brasil<sup>23</sup>. Por isso, é importante destacar o papel destes documentos na produção de conhecimento sobre línguas de sinais no Brasil. A exemplo disso, vê-se na Revista nº 2 do ano 1 uma seção em que se explica por que a Libras é considerada uma língua. o texto foi extraído do livro *Libras em Contexto*, livro do Professor, organizado pelo Grupo de Pesquisa Libras e Cultura Surda da FENEIS, coordenado por Felipe.

O livro *Libras em Contexto* foi um material didático-pedagógico elaborado para orientar os cursos básicos de Libras a serem implementados nos municípios brasileiros para a formação de instrutores de Libras e de professores para atuar na educação escolar inclusiva. O material faz parte do projeto do Ministério da Educação *Interiorizando Libras*, “que tem como propósito apoiar e incentivar a formação profissional de professores, surdos e não-surdos, de municípios brasileiros, para a aprendizagem e utilização da língua brasileira de sinais em sala de aula, como língua de instrução e como componente curricular” (FELIPE; MONTEIRO, 2006, p. 5)

Conforme o site do MEC, o programa *Interiorizando Libras*, da Secretaria de Educação Especial - Seesp<sup>24</sup>, ofereceu cursos para capacitação de instrutores surdos e de professores com audição normal para o uso da Libras; cursos de ensino de língua portuguesa para surdos e professores e cursos de tradução e interpretação de Libras e língua portuguesa para professores. O programa foi desenvolvido em parceria com a Universidade de Brasília (UnB), Associação de Pais e Amigos de Pessoas com Deficiência Auditiva (Apada) e Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (Feneis). Foram ministrados cursos de Libras no Amazonas, Maranhão, Ceará, Rondônia, Bahia e Santa Catarina para 720 professores (BRASIL, 2005).

O *Libras em Contexto*, por sua vez, contou com uma equipe de colaboradores e instrutores de Libras para a construção do material. O livro teve várias edições: a 1ª em 1997, financiada pelo MEC/SEESP/FNDE; a 2ª em 2001, também organizada pelo MEC/SEESP/FNDE, as quais foram distribuídas para as Secretarias de Educação, a fim de realizar, em parceria com a FENEIS, cursos de capacitação de Instrutores de Libras e professores.

---

<sup>23</sup> Os números da revista disponíveis no site são: FENEIS (1999a, 1999b, 1999c, 1999d); FENEIS (2000a, 2000b, 2000c, 2000d); FENEIS (2001a, 2001b, 2001c, 2001d); FENEIS (2002a, 2002b, 2002c); FENEIS (2003a, 2003b, 2003c); FENEIS (2004a, 2004b, 2004c); FENEIS (2005a, 2005b, 2005c); FENEIS (2006a, 2006b, 2006c, 2006d); FENEIS (2007a, 2007b, 2007c, 2007d).

<sup>24</sup> Conforme Bezerra e Araújo (2014), a origem da Seesp remonta ao ano 1970, quando foi criado o Centro Nacional de Educação Especial (CENESP), vinculado ao Ministério da Educação e Cultura, instituído pelo decreto n. 72.425, de 3 de julho de 1973, em plena ditadura militar, durante o governo do presidente Emílio Garrastazu Médici. Em 1986, o CENESP se transformou na Secretaria de Educação Especial, no governo de José Sarney, pelo decreto n. 93.613, de 21 de novembro. Em 1990, no governo de Fernando Collor, a SESPE foi extinta e só retomou em 1992, com o nome de Seesp, e durou até 2011, com a revogação por meio do decreto Decreto nº 7.480, de 16 de maio de 2011.

Em 2002, lançou-se a 3ª edição do *Libras em contexto*, pela EDUPE, Editora da Universidade de Pernambuco (UPE), em parceria com a FENEIS. Em 2004, através do Programa Nacional Interiorizando Libras, o MEC-SEESP/FNDE financiou a 4ª edição do livro/DVD do Estudante e a 3ª edição do livro/DVDs do professor. Em 2005, a FENEIS publicou, através da LIBREGRAF, a 5ª edição do Livro do Estudante e a 4ª edição do Livro Professor, que estão sendo utilizadas nos cursos oferecidos pela FENEIS, universidades e outras instituições. Ainda em 2004, foram feitas a 6ª edição do Livro do Estudante e a 5ª edição do Livro do Professor. Em 2007, fez-se a 6ª edição do Livro do Professor.

O material voltado para o professor apresenta uma série de orientações pedagógicas, com vários planos de aula, divididos em unidades, a fim de possibilitar a capacitação dos profissionais da educação na Libras. Dessa forma, percebe-se o importante papel que os órgãos públicos, como o MEC/SEESP e a FENEIS, tiveram na difusão da Libras pelo Brasil e na formação de profissionais que pudessem utilizar a língua, visando a uma educação mais inclusiva para o surdo. No entanto, vale ressaltar que mesmo as políticas de inclusão, sobretudo no que concerne à educação, são falhas. Como afirmam Bezerra e Araújo (2014):

Novidadeira, a perspectiva da inclusão é também excludente. Sem grandes transformações no espaço escolar e na sociedade, ela traz novo simulacro à educação especial, porquanto a mantenha como dimensão separada e autônoma do fenômeno educativo, existindo pouca conexão entre as práticas e concepções pedagógicas dos docentes da sala comum e das salas multifuncionais. Há, continuamente, um fazer-desmanchar sem fim nos gabinetes ministeriais, que envolvem aspectos gerenciais contraditórios na condução das demandas educacionais postas pelas lutas das pessoas com deficiência, na busca por sua participação em um sistema escolar inclusivo. É preciso ter isso em mente quando se procura entender não apenas o passado, mas também o presente engendrado pelas tramas decorridas (BEZERRA; ARAÚJO, 2014, p. 106-107).

Ainda quanto à luta pela regulamentação da Lei da Libras junto ao Poder Legislativo, houve um movimento da comunidade surda para um projeto de padronização da língua entre os usuários dessa comunidade, como uma forma de legitimar a Libras e, com isso, dar força à política de regulamentação. Isso se deu quando do reconhecimento de que havia variação de alguns sinais da língua, como pode ser visto na matéria publicada na Revista da FENEIS, n. 2.: “Percebíamos que o certo e o errado em relação a um determinado Sinal precisava ser revisto. Notávamos também a dificuldade de compreensão e entendimento do significado de certas palavras” (FENEIS, 1999b, p. 24).

Como uma língua viva, a Libras possui dinâmica e variação e, no contexto da década de 1990, em que a internet não era tão popularizada quanto hoje e, por isso, as comunidades surdas de todo o Brasil não tinham tanto contato instantâneo, a variação lexical era bastante propícia, como ainda é. Portanto, era pretensão da comunidade surda padronizar alguns sinais, no intuito de uniformizar a língua.

No início, nossa proposta foi desenvolvida da seguinte forma: reuniões quinzenais, apenas para a aprendizagem dos Sinais por parte de todos os participantes e discussão do significado dos Sinais aprendidos. No final de 1998, após uma reunião de avaliação, percebemos a necessidade de modificarmos a nossa proposta de trabalho e elaborar um novo planejamento para 1999. Nossas reuniões continuariam a acontecer organizadas da seguinte forma: Padronizar os Sinais (irmão, por exemplo, passa a ter um só Sinal); Explicação dos diversos sentidos de uma mesma palavra (“tomar”, por exemplo, “tomar ônibus”, “tomar água”, “tomar remédio”, “tomar nota”, etc); Padronizar Sinais do grupo de instrutores. Podemos dizer que o trabalho vem acontecendo e que o interesse de todos tem crescido para realmente realizarmos o nosso objetivo em comum, que é a afirmação da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e da identidade Surda (FENEIS, 1999b, p. 24).

É importante salientar que, mesmo com essa tentativa de padronização, a Libras sofre variação e mudança como toda língua. Isso é um dos aspectos que legitima o *status* linguístico das línguas de sinais, diferentemente do que pensavam os integrantes da FENEIS, quando da tentativa de padronização da língua, para dar força à política de regulamentação da Libras.

Conforme já dito anteriormente, a Libras foi reconhecida legalmente, a nível nacional, por meio da Lei n. 10.432, de 24 de abril de 2002 e foi regulamentada pelo Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Importante reiterar que o reconhecimento da Libras como língua também ocorreu em estados e municípios brasileiros, em meados da década de 1990, antecipando o que aconteceria a nível nacional. O papel desse reconhecimento estadual e municipal foi crucial para que a Lei n. 10.432 fosse, finalmente, sancionada.

O referido decreto de dezembro de 2005 foi também um passo importante na luta pela inclusão de pessoas surdas, sobretudo quanto à educação de surdos e ao ensino de Libras. A partir deste decreto, a Libras passou a ser disciplina obrigatória nos cursos de formação de professores (incluindo Licenciaturas e Pedagogia), nos níveis médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos estados, do distrito federal e dos municípios. Passou a ser também disciplina optativa nos currículos dos demais cursos de educação superior e na educação profissional.

Esse marco legal, certamente, influenciou na necessidade de formação de profissionais aptos a ministrar a disciplina de Libras, que agora se tornou obrigatória, para as Licenciaturas, Pedagogia, Educação Especial e Fonoaudiologia; e optativa para os demais cursos de em cursos de educação superior e profissional. O próprio Decreto, por sua vez, prevê que

[...] a formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua (BRASIL, 2005).

Por consequência, foram abertos precedentes legais para a criação dos cursos de Letras Libras, conforme se verá no tópico 4.3. Além dos cursos, o decreto prevê a criação de exames de proficiência em Libras, com o fito de avaliar a fluência no uso de línguas de sinais, o conhecimento e a competência para o ensino dessa modalidade de língua, habilitando também o candidato para a função docente, conforme previsto no Art. 8 do Decreto.

Está prevista também a formação de tradutores e intérpretes de Libras, para atuar, principalmente, nas instituições de ensino e facilitar o acesso da pessoa surda aos conhecimentos e conteúdos curriculares, entre outras atividades didático-pedagógicas. Conforme o art. 17 do Decreto, a formação do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa deve efetivar-se por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras - Língua Portuguesa. Porém, é possível que o profissional seja formado, em nível médio, por meio de cursos de educação profissional; cursos de extensão universitária; e cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por secretarias de educação, conforme previsto no Art. 18. A regulamentação do profissional Tradutor e Intérprete de Libras ocorreu, mais tarde, por meio da Lei nº. 12.319/2010.

Esses e outros dispositivos legais são importantes marcos para a difusão da Libras no Brasil e, sobretudo, para a produção de conhecimentos na área. Esse movimento político e legislativo impulsionou a criação dos cursos, a formação de profissionais, a inclusão de pessoas surdas nas escolas e universidades e a institucionalização de novos grupos de pesquisa. No entanto, é importante lembrar que a produção de conhecimento na área da Libras antecede a Lei 10.436, que reconhece a Libras como meio de comunicação nas comunidades surdas, o que prova que o papel social de grupos minoritários surdos, aliados a grupos de pesquisadores e profissionais interessados pela língua, foi o principal pano de fundo para a expansão do conhecimento sobre as línguas de sinais no Brasil.

Os desdobramentos desses movimentos sociais e dos dispositivos legais mencionados são diversos. Podemos destacar o aumento na produção de pesquisas em níveis de mestrado e doutorado, a implementação do curso superior em Letras Libras e a formação de grupos de pesquisa na área. Iniciamos, no tópico seguinte, com a narrativa acerca da criação e expansão dos cursos de Letras Libras.

### **4.3 Constituição e expansão da graduação em Letras Libras**

A crescente abertura de programas de graduação e pós-graduação que aconteceu a partir de 2007, com o programa de Reestruturação e Expansão do Ensino Superior (REUNI), lançado pelo MEC, bem como a determinação de abertura de cursos de formação de professores, instrutores e tradutores e intérpretes de Libras, pelo Decreto 5.626/2005, impulsionou a institucionalização dos cursos de Letras Libras, que deram ainda mais subsídios para pesquisas de línguas de sinais em âmbito acadêmico.

Segundo Sugiyama Junior (2020), nos anos 2000 ocorreu, de um modo geral, uma ampla expansão dos cursos de graduação e dos programas de pós-graduação na rede federal de ensino. Segundo dados apontados pelo autor, na primeira década, foram criados 25 (vinte e cinco) cursos de graduação, 09 (nove) no Norte, 03 (três) no Nordeste, 02 (dois) no Centro-oeste, 07 (sete) no Sudeste e 04 (quatro) no Sul, um curso de graduação em Linguística (UFSCar, 2009), 06 (seis) programas de pós-graduação em Linguística e 18 (dezoito) programas de pós-graduação em Letras. Ademais, reitera:

Parte da criação desses cursos pode ser explicada pelo lançamento do programa de Reestruturação e Expansão do Ensino Superior Federal- REUNI, lançado pelo governo em 2007. O repasse de novas verbas às universidades ficou vinculado com a adesão ao programa, que estabelecia, entre suas metas, a interiorização das universidades federais e o aumento da oferta de vagas (SUGIYAMA JUNIOR, 2020, p. 99).

Além do programa REUNI, é possível atribuir ao Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 a explicação para o crescimento do número de estudos linguísticos de línguas de sinais, como já mencionado anteriormente. Isso porque o referido Decreto, que Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, determina, em seu Art. 3º, a inserção da Libras como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de

ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. Além disso, o Art. 4º e o Art. 12º, do mesmo Decreto, preveem que:

Art. 4º - A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua. [...]

Art. 12º - As instituições de educação superior, principalmente as que ofertam cursos de Educação Especial, Pedagogia e Letras, devem viabilizar cursos de pós-graduação para a formação de professores para o ensino de Libras e sua interpretação, a partir de um ano da publicação deste Decreto (BRASIL, 2005, n.p).

A partir desse contexto legal, foi criado o primeiro curso de Licenciatura em Letras Libras na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na modalidade a distância, em 2006, a fim de garantir a formação de novos profissionais na área de Libras. Nesse ano, foram abertos polos em Brasília (UnB), Florianópolis (UFSC), Fortaleza (UFC), Goiânia (CEFET-GO), Manaus (UFAM), Rio de Janeiro (INES), Salvador (UFBA), Santa Maria (UFSM), e São Paulo (USP), com o apoio financeiro da Secretaria de Educação a Distância (SEAD), da Secretaria de Educação Especial (SEESP) do MEC em 2006 e da CAPES, a partir de 2009. Conforme Quadros e Stumpf (2014)

A concepção do Curso de Letras Libras surgiu em 2002, quando o Laboratório de Ensino a Distância da UFSC entrou em contato com a professora Ronice M. de Quadros, o professor Vilmar Silva e representantes surdos da Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos. Na época ainda não se tinha clareza quanto ao nível de formação que seria proposto. Em 2004, foi elaborado um projeto de criação do Curso de Letras Libras que tramitou institucionalmente pela Educação e pela Letras. Foi em 2005 que a criação do curso foi aprovada em todas as instâncias da UFSC, e foi decidida a submissão de um projeto para o oferecimento desse curso na modalidade a distância, com o apoio do Ministério da Educação. Neste mesmo ano, foi publicado o Decreto nº 5.626 que regulamentou a Lei de Libras 10.436/2002. Entre as várias ações previstas neste decreto, constava a criação de cursos de formação de professores de Libras. O Curso de Letras Libras Licenciatura atendia diretamente a esta demanda legal, passando, portanto, a ser apoiado pelo Ministério da Educação (QUADROS; STUMPF, 2014, p. 10).

Com a criação do curso a distância, foi possível formar profissionais em todo o território nacional. A maior parte dos estudantes dos cursos eram surdos, atendendo à prioridade determinada pelo Decreto nº 5.626. Com isso, segundo Quadros e Stumpf (2014), profissionais

tradutores e intérpretes ouvintes começaram a reivindicar participação nos cursos de Letras Libras e, então, em 2008, foi criado o curso de Bacharelado em Letras Libras, também a distância, a fim de atender a esses profissionais ouvintes. Nesta edição, foram abertos polos em Belém (UEPA), Belo Horizonte (CEFET-MG), Brasília (UnB), Campinas/SP (UNICAMP), Curitiba (UFPR), Dourados/MS (UFGD), Florianópolis (UFSC), Fortaleza (UFC), Goiânia (CEFET- GO), Natal (CEFET- RN), Porto Alegre (UFRGS), Recife (UFPE), Rio de Janeiro (INES), Salvador (UFBA), e Vitória (UFES).

Em 2009, tanto o curso de Licenciatura quanto o curso Bacharelado passaram a funcionar também na modalidade Presencial na UFSC. Além deste, implementou-se o curso de Licenciatura em Letras Libras na Modalidade Presencial, na Universidade Federal do Goiás (UFG).

Nesse ínterim, a UFSC atuou na aplicação do Exame de Proficiência em Libras - o ProLibras - a pedido do INEP e da Secretaria de Educação Especial. O exame, previsto também no Decreto 5.626/2005, ocorreu em cinco edições, de 2006 a 2010, e tinha o objetivo de certificar, com base nas capacidades tradutórias da Libras para o português e do português para a Libras, tradutores e intérpretes de línguas de sinais e instrutores/professores de línguas de sinais. Tanto o ProLibras quanto os cursos de Letras Libras ajudaram a tornar a UFSC um centro de referência no conhecimento sobre línguas de sinais e na formação de profissionais - professores, instrutores, tradutores e intérpretes de Libras - em todo o Brasil, sobretudo nas regiões em que havia maior necessidade de atendimento aos surdos (QUADROS; STUMPF, 2014).

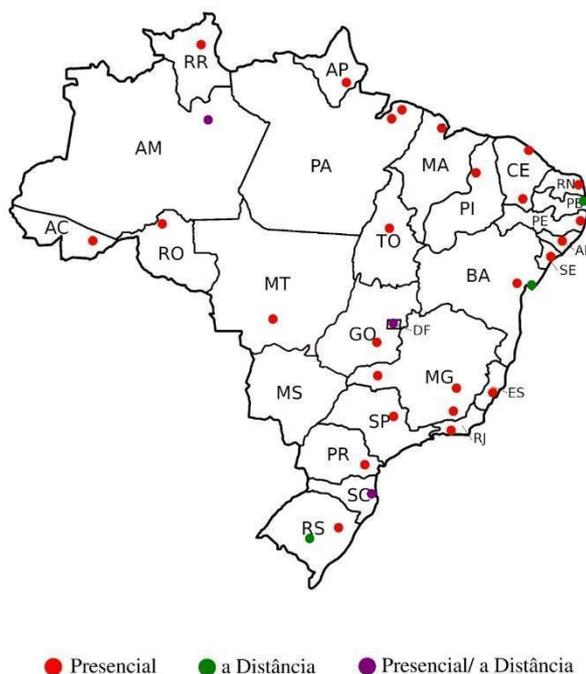
Ainda quanto à política de expansão de cursos, por um incentivo do Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Plano Viver sem Limite, instituído pelo Decreto nº 7.612, de 17 de novembro de 2011, vários outros cursos de Letras Libras foram implementados em instituições públicas brasileiras para a formação de docentes e de tradutores e intérpretes de Libras, conforme prevê a cartilha do Plano:

Para tornar realidade a educação bilíngue no Brasil, o Viver sem Limite prevê a criação de 27 cursos de Letras/Libras – Licenciatura e Bacharelado e de 12 cursos de Pedagogia na perspectiva bilíngue. Por meio do plano, serão criadas 690 vagas para que as instituições federais de educação contratem professores, tradutores e intérpretes de Libras (BRASIL, 2013, p. 27).

Com isso, foram sendo implementados novos cursos de Letras Libras (Licenciatura e Bacharelado), nas modalidades presencial e a distância, em várias universidades brasileiras. O

mapa a seguir apresenta um panorama dos cursos presentes em cada estado do Brasil, implementados entre 2006 e 2019<sup>25</sup>.

Figura 2: Mapa dos cursos de Letras Libras nas Universidades Federais



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Sistema e-MEC e sites de universidades.

Nota-se que ocorreu, ao longo dos anos, uma descentralização dos cursos. Em todos os estados, com exceção do Mato Grosso do Sul, o curso de Letras Libras foi implementado, seja na modalidade Licenciatura ou Bacharelado, presencial ou a distância. O curso mais recente foi criado no estado de Minas Gerais, na UFMG, com início na modalidade Licenciatura/Presencial em 2019. O quadro a seguir mostra as universidades correspondentes aos estados do mapa, listados pela ordem cronológica de início dos cursos, a fim de identificar a expansão da institucionalização ao longo dos anos:

<sup>25</sup> Citamos aqui as Universidades Federais e as modalidades de curso conforme os dados do Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior do MEC (Sistema e-MEC). Disponível em: <http://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 5 out 2020.

Quadro 3: Universidades com cursos presenciais de Letras Libras

<b>UNIVERSIDADE</b>	<b>MODALIDADE</b>	<b>ANO DE INÍCIO</b>
UFAM	Licenciatura	2014
UnB	Licenciatura	2015
UFSC	Licenciatura e Bacharelado	2009
UFG	Licenciatura Bacharelado	2009 2014
UFRB	Licenciatura	2010
UFC	Licenciatura	2012
UFPA	Licenciatura	2012
UFRJ	Licenciatura	2013
UFRN	Licenciatura	2013
UFS	Licenciatura	2013
UFAC	Licenciatura	2014
UFAL	Licenciatura	2014
UFES	Bacharelado	2014
UFJF	Licenciatura	2014
UFMA	Licenciatura	2014
UFMT	Licenciatura	2014
UFPE	Licenciatura	2014
UFPI	Licenciatura	2014
UFRR	Bacharelado	2014
UFSCAR	Bacharelado	2014
UFU	Licenciatura	2014
UNIFAP	Licenciatura	2015
UFPR	Licenciatura	2015
UNIR	Licenciatura	2015
UFT	Licenciatura	2015
UFRA	Licenciatura	2018
UFRGS	Bacharelado	2018
UFCA	Licenciatura	2018
UFMG	Licenciatura	2019

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Sistema e-MEC e sites de universidades.

Nas Universidades Estaduais, o número é bem menor: a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) funciona como um dos polos do curso a distância da UFSC. Já a Universidade do Estado do Pará (UEPA) possui um curso de Licenciatura/Presencial, desde o ano de 2012. Veja no mapa a seguir:

Figura 3: Mapa dos cursos de Letras Libras nas Universidades Estaduais



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Sistema e-MEC e sites de universidades.

Observa-se, portanto, uma disparidade entre as instituições federais e estaduais no que tange à oferta do curso de Letras Libras. Embora tenha crescido o número de cursos ao longo dos anos, nota-se ainda a necessidade de políticas estaduais que incentivem a formação de profissionais da Libras, por meio dos cursos de graduação.

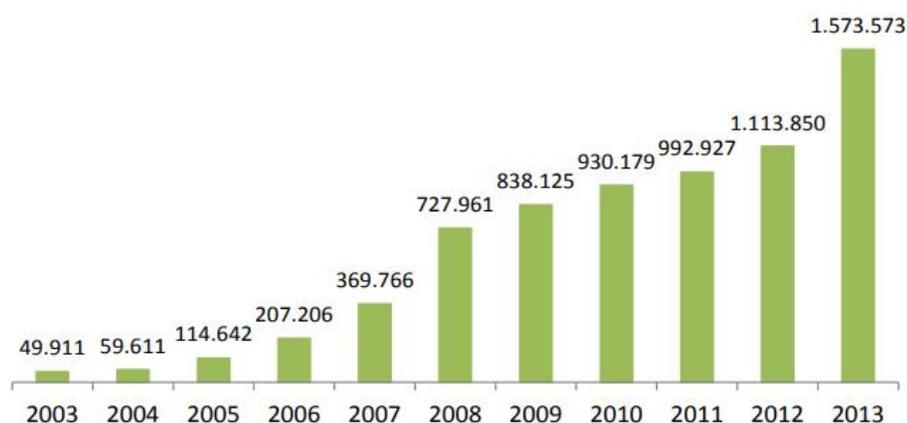
Como já mencionado anteriormente, o aumento na abertura e na oferta de cursos de Letras Libras está diretamente atrelado às políticas de expansão do Ensino Superior no Brasil. No período entre 2003 e 2014, que compreende os governos de Lula (1 de janeiro de 2003 - 1 de janeiro de 2011) e Dilma (1 de janeiro de 2011 a 31 de agosto de 2016), o Ministério da Educação atuou com base numa política de expansão e interiorização de universidades, sobretudo nas regiões Norte e Nordeste, no intuito de democratizar o acesso ao Ensino Superior. Segundo dados do relatório da Secretaria de Ensino Superior (SESu):

Entre 2003 e 2013, duas das regiões mais carentes de ensino superior – Norte e Nordeste – apresentaram expansão significativa da oferta. O percentual de crescimento das matrículas na região Nordeste, de 94%, correspondeu ao dobro do registrado para o Sudeste e mais do triplo daquele registrado na região Sul. A região Norte teve a segunda maior taxa de crescimento (76%) entre as regiões do país. Tais resultados são consequências dos investimentos

na interiorização da universidade pública e nas políticas de democratização do acesso desenvolvidas pelo governo federal. (BRASIL, 2014, p. 20).

Além disso, houve uma diversificação na oferta de cursos, no intuito de atender às necessidades dos estudantes. Para tanto, uma das medidas adotadas para essa diversificação foi o fomento à educação a distância, a qual permite uma maior flexibilidade de horários, baixo custo e um maior alcance de estudantes. Como resultado disso, os dados do relatório apontam para um crescimento expressivo no número de matrículas ao longo dos anos, conforme se vê no gráfico infra:

Gráfico 2: Matrículas na graduação a distância, em termos absolutos, entre 2003 e 2013



Fonte: Censo da Educação Superior- Inep/Mec

Fonte: site da Secretaria de Educação Superior (SESu).

Com vistas no gráfico, é possível notar que de 2003 a 2013 houve um aumento proeminente de cursos a distância, favorecendo a formação de profissionais de diversas áreas, incluindo a área da Libras, pois, segundo Quadros e Stumpf (2014), nas primeiras turmas, formaram-se 767 licenciados e 312 bacharéis, em Letras Libras, em 16 estados brasileiros.

Se houve uma expansão de cursos, abertura de novas turmas e formação de profissionais na área da Libras, houve também (re)produção de conhecimento. Assim, consideramos importante averiguar, em uma análise mais holística, a matriz curricular desses cursos, com o objetivo de perceber que conhecimentos linguísticos estão presentes na formação básica desses profissionais. Para tanto, fizemos um levantamento das principais disciplinas na área da Linguística, no eixo obrigatório, nos PPCs dos cursos e comparamos algumas informações, as quais serão vistas no tópico seguinte.

#### 4.4 O lugar da Linguística nos currículos dos cursos de Letras Libras

Nesta seção, fazemos uma breve análise da matriz curricular dos cursos de Letras Libras. Ao todo, analisamos 26 (vinte e seis) matrizes curriculares de 25 universidades. Não tivemos acesso à matriz da UnB e da UFPA. Nas matrizes analisadas, buscamos fazer o levantamento das disciplinas obrigatórias de Linguística, no intuito de identificar o tratamento dado aos componentes curriculares da área nos cursos. O quadro a seguir mostra este levantamento, indicando também a carga horária da disciplina.

Quadro 4: Levantamento das disciplinas de linguística nos cursos de Letras Libras

IES	DISCIPLINAS	CH
UFPR	Aquisição da Linguagem	30
	Estudos linguísticos I: Fonética e Fonologia	60
	Estudos linguísticos II: Morfologia e Sintaxe	60
	Estudos linguísticos III: Semântica e Pragmática	60
	Estudos linguísticos IV: Língua e Sociedade	60
	Introdução aos Estudos Linguísticos I	30
	Introdução aos Estudos Linguísticos II	30
UFRB	Introdução aos Estudos da Linguagem (Ouvintes e Surdos)	68
	Teorias Linguísticas (Ouvintes e Surdos)	68
	Visologia e morfologia da LIBRAS (Ouvintes e Surdos)	68
	Sintaxe da LIBRAS (Ouvintes e Surdos)	68
	Estudos sobre a Aquisição da Linguagem (Ouvintes e Surdos)	68
	Semântica e Pragmática da LIBRAS (Ouvintes e Surdos)	68
UFRJ	Sociolinguística aplicada à LIBRAS (Ouvintes e Surdos)	68
	LIBRAS I: Aspectos linguísticos soc. Cul. Ident. (BCH/LIC)	60
	Fundamentos linguísticos (BCH/LIC)	60
	LIBRAS II: Fund. Fonética e fonologia (BCH/LIC)	60
	Aquisição da Linguagem I (BCH/LIC)	30
	Aquisição da Linguagem II (BCH/LIC)	30
	LIBRAS III: fund. da morfologia (BCH/LIC)	60
	LIBRAS IV: fund. da sintaxe (BCH/LIC)	60
	Fundamentos sociolinguística (BCH/LIC)	60
	LIBRAS V: aspectos sociolinguística (BCH/LIC)	60
Notação de dados linguísticos (BCH/LIC)	60	
UFAM	LIBRAS VI: Fund. pragmática e do discurso (BCH/LIC)	60
	Introdução aos Estudos Linguísticos	60
	Aquisição da Linguagem	90
	Fonética e fonologia da LIBRAS	90
	Lexicografia e Morfologia da LIBRAS	90
	Sociolinguística: estudos sobre a LIBRAS	90
	Linguística de <i>corpus</i> e sistemas de transcrição	60
Sintaxe de LIBRAS	90	

	Semântica e Pragmática: estudos sobre a LIBRAS	90
	Linguística textual e análise do discurso: estudos sobre a LIBRAS	90
UFAC	Introdução aos estudos linguísticos	60
	Fonética e fonologia	60
	Morfologia	60
	Sociolinguística	45
	Sintaxe	45
	Semântica e Pragmática	45
	Aquisição da linguagem	45
	Étnolinguística	45
UFC	Aquisição da linguagem	64
	Teorias Linguísticas	64
	Libras: Sociolinguística	48
	Libras: Fonética e Fonologia	48
	Libras: Morfossintaxe	48
	Libras: Semântica, Pragmática e Análise do Discurso	48
UFCA	Aquisição da linguagem	64
	Teorias linguísticas	64
	Sociolinguística (libras)	64
	Libras: Fonética e Fonologia	64
	Libras: Morfossintaxe	64
	Libras: Semântica, Pragmática e Análise do Discurso	64
UFES	Introdução à Linguística	60
	Fonomorfologia	60
	Semântica e Pragmática	60
	Sociolinguística	60
	Análise do Discurso	60
UFG (Bacharelado)	Introdução aos estudos linguísticos	64
	Estudos linguísticos 1	64
	Estudos linguísticos 2	64
	Estudos linguísticos 3	64
UFG (Licenciatura)	Introdução aos Estudos da Linguagem	64
	Aquisição da Língua de Sinais	64
	Fonética e fonologia	64
	Morfologia	64
	Sintaxe	64
UFJF	Linguística I	60
	Linguística II	60
	Linguística das Línguas de Sinais	60
	Fonologia das Línguas de Sinais	60
	Morfossintaxe das Línguas de Sinais	60
UFMA	Aquisição da Linguagem e Aquisição de Língua de Sinais	60
	Princípios Gerais de Linguística	60
	Sociolinguística e Psicolinguística	60
	Aquisição de Segunda Língua	60
	Aspectos Linguísticos e Topográficos em LIBRAS	60
	Morfologia, Semântica e Pragmática em LIBRAS	60
UFMG	Introdução à linguística geral	60
	Introdução à linguística das línguas de sinais	60
	Fonética e fonologia das línguas de sinais	60
	Morfologia das línguas de sinais	60
	Sociolinguística, bilinguismo e surdez	60

	Sintaxe das línguas de sinais	60
	Semântica, pragmática das línguas de sinais	60
	Estudos de aquisição da linguagem L1	60
	Estudos de aquisição da linguagem L2	60
UFMT	Estudos linguísticos I	64
	Sociolinguística	64
	Aquisição da linguagem	64
	Estudos linguísticos II	64
	Fonologia da Libras	64
	Morfossintaxe da Libras	64
	Semântica e Pragmática da Libras	64
UFPB	Fundamentos de Linguística	60
	Teorias Linguísticas	60
	Fonética e Fonologia	60
	Morfologia	60
	Sintaxe	60
	Semântica e Pragmática	60
	Aquisição da Linguagem	60
UFPE	Libras II: Fonética e Fonologia	60
	Linguística I – Fundamentos Teóricos	
	Libras III: Morfossintaxe I	60
	Linguística II – Teorias linguísticas	60
	Aquisição da primeira língua (L1) e segunda língua (L2)	60
	Libras IV: Morfossintaxe II	60
	Libras V: Semântica e Pragmática	60
	Libras VI: Sociolinguística	60
UFPI	Estudos Linguísticos I	45
	Estudos Linguísticos II	45
	Linguísticas da Libras I	60
	Teoria da aquisição de linguagem	45
	Linguística da Libras II	60
	Linguística da Libras III	60
	Linguística da Libras IV	60
	Linguística da Libras V	60
	Linguística da Libras VI	60
UFRG	Introdução aos estudos linguísticos	60
	Fonética e Fonologia de libras	60
	Morfologia e Sintaxe de libras	60
	Semântica e Pragmática de libras	60
	Aquisição da língua de sinais para crianças	60
UFRN	Estudos Introdutórios da Ciência da Linguagem	60
	Aquisição da linguagem	60
	Língua Brasileira de Sinais I	60
UFRR	Introdução aos estudos Linguísticos	60
	Sociolinguística	60
	Fonética e Fonologia	60
	Morfologia	60
	Aquisição da linguagem	60
	Sintaxe	60
	Semântica e Pragmática	60
	Análise do Discurso	60
	Fonética e Fonologia da LIBRAS	60
	Morfologia da LIBRAS	60

	Sintaxe da LIBRAS	60
UFS	Fonética e Fonologia da LIBRAS	60
	Morfologia da LIBRAS	60
	Sintaxe da LIBRAS	60
	Semântica e Pragmática da LIBRAS	60
	Teoria dos Códigos e das Linguagens	60
	Introdução aos Estudos da Linguagem	60
	Linguagem e Sociedade	60
	Linguagem e Cognição	60
UFSCar	Morfossintaxe: libras	30 <sup>26</sup>
	Introdução à linguística das línguas orais e sinalizadas	60
	Línguas em uso: variação e mudança linguística	60
	Morfossintaxe: língua portuguesa	30
	Linguagem e aspectos segmentais e suprasegmentais da fala	30
	Aquisição e desenvolvimento da linguagem: língua portuguesa	30
	Aquisição e desenvolvimento da linguagem: libras	30
	Estudos do Significado	60
UFT	Fonética e Fonologia da LIBRAS	60
	Estudos linguísticos e a Língua Brasileira de Sinais	60
	Morfossintaxe da LIBRAS	60
	Semântica e Pragmática da LIBRAS	60
UFU	Estudos da Linguagem I	60
	Estudos da Linguagem II	60
	Fonética e Fonologia	60
	Morfologia	60
	Sociolinguística	60
	Sintaxe	60
	Aquisição da Linguagem	60
	Semântica	60
	Pragmática e Enunciação	60
	Análise do Discurso	60
UNIFAP	Introdução aos Estudos Linguísticos	60
	Fonética e Fonologia	60
	Morfologia	60
	Sintaxe	60
	Semântica e Pragmática	60
	Psicolinguística	60
	Aquisição da Linguagem	60
	Sociolinguística	60
UNIR	Teoria Linguística I	80
	Fonética e Fonologia	60
	Teoria Linguística II	60
	Morfologia	60
	Sintaxe	60
	Semântica e Pragmática	60

<sup>26</sup> CH obtida pela quantidade de créditos, já que, nessas disciplinas, não é fornecida, explicitamente, a carga horária do componente curricular. Essa *observação* serve para todas as disciplinas listadas no grupo da UFSCar.

A análise das matrizes curriculares indicou as áreas da Linguística mais recorrentes nos currículos: Fonética e Fonologia, Morfologia, Sintaxe, Semântica, Pragmática e Aquisição da Linguagem. Essas subáreas são contempladas, às vezes, cada uma em uma única disciplina, ou, em alguns casos, agrupadas de duas ou três em um mesmo componente, exceto a Aquisição da Linguagem, que, geralmente, é abordada em uma disciplina exclusiva.

Conforme se verá, na tabela a seguir, a Fonética e a Fonologia, na maioria dos currículos, aparecem juntas em uma disciplina, mas também, em alguns casos, está integrada à Morfologia:

Tabela 2: Disciplinas da área da Fonética e Fonologia

<b>Disciplinas</b>	<b>Ocorrências</b>
Fonética e Fonologia	20
Fonomorfologia	1
Fonologia e Morfologia	1

Fonte: elaboração própria, com base nos dados do *corpus*.

Como se observa, das 22 ocorrências de Fonética e Fonologia, em 20 delas a área é vista em disciplina única, muitas vezes abordando só a Fonologia. Isso mostra um certo privilégio da área nos currículos dos cursos. Vale lembrar que os primeiros estudos linguísticos de língua de sinais, realizados por William Stokoe, focam nesse nível linguístico. E, por muito tempo, essa foi uma das áreas mais privilegiadas em pesquisas. Os dados das teses e dissertações também convergem com a hipótese de que essa área é uma das mais privilegiadas pelos pesquisadores.

As áreas da Morfologia e da Sintaxe também são fortemente contempladas nos currículos. Assim como a Fonética e Fonologia, a Morfologia e a Sintaxe, na maioria das vezes, consistem em disciplinas únicas, porém, em outros casos, elas aparecem integradas com outras áreas. Observe a tabela.

Tabela 3: Disciplinas da área da Morfologia e da Sintaxe

<b>Disciplinas</b>	<b>Ocorrências</b>
Morfologia	11
Visologia e Morfologia	1

Morfossintaxe / Morfologia e Sintaxe	10
Sintaxe	14
Morfologia, Semântica e Pragmática	1
Lexicografia e Morfologia	1

Fonte: elaboração própria, com base nos dados do *corpus*.

A partir dos dados acima, nota-se que quase metade das ocorrências consistem em disciplinas que integram Morfologia e Sintaxe. Essa integração pode ser motivada pela questão da carga horária das disciplinas e do curso como um todo, como também pela perspectiva teórica adotada pelo proponente da unidade curricular, que avalia ser indispensável analisar aspectos morfológicos e sintáticos de forma conjunta. No entanto, sabe-se que, por conta da carga horária, alguns conteúdos de ambas as áreas podem ficar comprometidos, sendo abordadas apenas as noções mais básicas e introdutórias da Morfologia e da Sintaxe.

Como se verá mais à frente, muitas teses e dissertações também intersectam a Morfologia e a Sintaxe. Isso se deve também à natureza do objeto de análise. Em alguns casos, quando se trata de análise de língua, é quase indispensável descrever o objeto a partir do viés morfológico e, ao mesmo tempo, sintático. Um exemplo disso é o estudo da tipologia dos verbos na Libras: verbos com concordância e verbos sem concordância. Os verbos com concordância são aqueles cujo ponto inicial e ponto final do movimento indicam o sujeito e o objeto, respectivamente. Já os verbos sem concordância não possuem ponto final e inicial de movimento e, por isso, precisam marcar, de algum modo, o sujeito e o objeto. Essa análise mostra como o estudo de uma classe de palavras/sinais na Libras (Morfologia) aciona conhecimentos de estrutura da sentença (Sintaxe)

Outro ponto observado nesses dados é o lugar da Lexicografia. A disciplina de Lexicografia e Morfologia aparece no currículo da UFAM. Também é prevista a Lexicografia no currículo da UFG (Bacharelado), integrada à Semântica e à Lexicologia. Dessa forma, percebe-se que a área ainda é pouco contemplada nos cursos de Letras Libras, de modo específico, e nos cursos de Letras, de modo geral. No que tange às pesquisas de pós-graduação, analisadas nesta tese, os trabalhos na área da Lexicologia e Lexicografia são bem recorrentes, sobretudo no contexto da UnB, o que sugere a importância que a disciplina tem para o conhecimento de línguas de sinais. Essa ausência de discussão lexicográfica na graduação em Letras, geralmente, reverbera na prática docente na educação básica, uma vez que os

dicionários, instrumentos linguísticos de enorme importância para o conhecimento da língua, frequentemente, são deixados de lado na sala de aula.

Passamos agora para a análise da tabela de disciplinas de Semântica, Pragmática e Análise do Discurso e afins, as quais aparecem em componentes separados, mas também integradas em uma mesma disciplina, conforme os dados a seguir.

Tabela 4: Disciplinas da área da Semântica, Pragmática e Análise do Discurso

<b>Disciplinas</b>	<b>Ocorrências</b>
Semântica	2
Semântica, Lexicologia e Lexicografia	1
Semântica e Pragmática	16
Semântica, Pragmática e Discurso	2
Pragmática e Discurso	1
Discurso	2
Linguística Textual e Análise do Discurso	1
Pragmática	1
Pragmática e Enunciação	1
Estudos do Significado	1

Fonte: elaboração própria, com base nos dados do *corpus*.

Conforme a tabela acima, a maioria das matrizes curriculares trazem as áreas Semântica e Pragmática em uma mesma disciplina. Somente na UFU e na UFPI há uma disciplina específica para a Semântica. Cabe notar também que o lugar da Análise do Discurso no rol das disciplinas obrigatórias ainda é pouco expressivo, haja vista que, com base nos currículos analisados, ela aparece em apenas 6 casos, sendo apenas 2 deles como uma disciplina única.

Outra área da Linguística bastante recorrente nos PPCs dos cursos é a Sociolinguística. A tabela a seguir mostra sua recorrência, de diferentes formas, nos currículos.

Tabela 5: Disciplinas da área da Sociolinguística

<b>Disciplinas</b>	<b>Ocorrências</b>
Língua e Sociedade	1

Linguagem e Sociedade	1
Línguas em uso: variação e mudança	1
Sociolinguística	12
Sociolinguística e Psicolinguística	1
Sociolinguística, Bilinguismo e Surdez	1

Fonte: elaboração própria, com base nos dados do *corpus*.

A partir da tabela acima, é possível observar que no eixo obrigatório da formação linguística dos alunos de Letras Libras, há espaço para as discussões sobre língua e variação. As disciplinas com o nome de Sociolinguística são as que mais aparecem, com 12 ocorrências. Interessante notar também que, em uma das matrizes curriculares (UFMA), a Sociolinguística aparece em interface com a Psicolinguística. Esta, por sua vez, ocorre também como disciplina única na UNIFAP. A recorrência de estudos na área da Sociolinguística também ocorre nas teses e dissertações analisadas. Isso pode ser justificado pela presença de líderes intelectuais na área, que desenvolvem e orientam pesquisas a respeito da variação acerca das línguas de sinais.

Essa breve análise dos currículos dos cursos de Letras Libras mostra as áreas da Linguística contempladas na formação dos professores de Libras. Isso importa na medida em que o conhecimento linguístico sobre línguas de sinais, no contexto acadêmico, depende também das disciplinas que compõem os PPCs dos cursos e incentivam a produção de pesquisas em nível de graduação e pós-graduação. Após a explanação feita a aqui a respeito da expansão dos cursos, passamos, a seguir, à análise da formação dos grupos de pesquisas na área.

## 5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS EXTERNOS

Neste capítulo, fizemos a análise das 146 teses e dissertações que constituem o *corpus*, considerando os dados externos e internos (OLIVEIRA, 2021). No primeiro momento, observamos os dados externos do *corpus*, a saber: ano de publicação, orientação, universidade e autoria. Primeiramente, realizamos um levantamento quantitativo de dissertações e teses publicadas ao longo dos anos e por décadas. Em seguida, destacamos os orientadores que aparecem no *corpus*, bem como a quantidade de trabalhos orientados, e as universidades a que se vinculam as pesquisas. No segundo momento, analisamos os dados internos dos trabalhos, identificando, sobretudo, os conhecimentos linguísticos (SWIGGERS, 2013; 2019) abordados nas pesquisas e a língua analisada nas teses e dissertações.

### 5.1 Teses e dissertações por décadas

A tabela a seguir mostra a quantidade de teses e dissertações que compõem o nosso *corpus*, seguindo o recorte temporal (1980-2019), separadas por décadas referentes aos anos de publicação.

Tabela 6: Quantidade de teses e dissertações ao longo das décadas analisadas

Períodos	Dissertações	Teses	Total
1980-1990	2	0	2
1991-2000	7	3	10
2001-2010	19	11	30
2011-2019	76	28	104
<b>Total</b>	104	42	<b>146</b>

Fonte: elaboração própria, a partir dos dados do *corpus*.

A tabela acima representa um microrretrato da expansão da pós-graduação no recorte dos estudos das línguas de sinais no Brasil. Conforme se observa nos dados, há um aumento expressivo no número de trabalhos produzidos tanto a nível de mestrado quanto a nível de doutorado, motivado, sobretudo, pela política de expansão dos programas de pós-graduação *stricto sensu*. Essa política de expansão começa com o I Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG) (1975-1979), a qual previa que a expansão deveria tornar-se objeto de planejamento estatal, considerando a pós-graduação como subsistema do sistema universitário e este, por sua vez, do sistema educacional.

Em seguida, criou-se o II PNPG (1982-1985), com o objetivo também de formar recursos humanos qualificados para as atividades de ensino, de pesquisa e de técnicas visando ao atendimento dos setores público e privado. Posteriormente, o III PNPG (1986-1989) ressalta a necessidade de institucionalização e ampliação das atividades de pesquisa como elemento indissociável da pós-graduação e de sua integração ao sistema nacional de ciência e tecnologia. Ademais, estabelece a universidade como ambiente privilegiado para a produção de conhecimento, enfatizando-se o seu papel no desenvolvimento nacional.

Veio, então, a construção do IV PNPG (2005 - 2010) e do V PNPG (2011 - 2011) como base para a elaboração de diretrizes e estratégias para a garantia da pesquisa em pós-graduação nas universidades brasileiras. Com toda essa política, foi possível ver crescer, no Brasil, o número de profissionais se qualificando em cursos de mestrado e Doutorado, ao longo das décadas. A tabela abaixo mostra os primeiros grandes saltos na abertura de cursos de mestrado e doutorado entre 1976 a 2004.

Tabela 7: Evolução, em números, dos cursos de pós-graduação no Brasil de 1976 a 2004

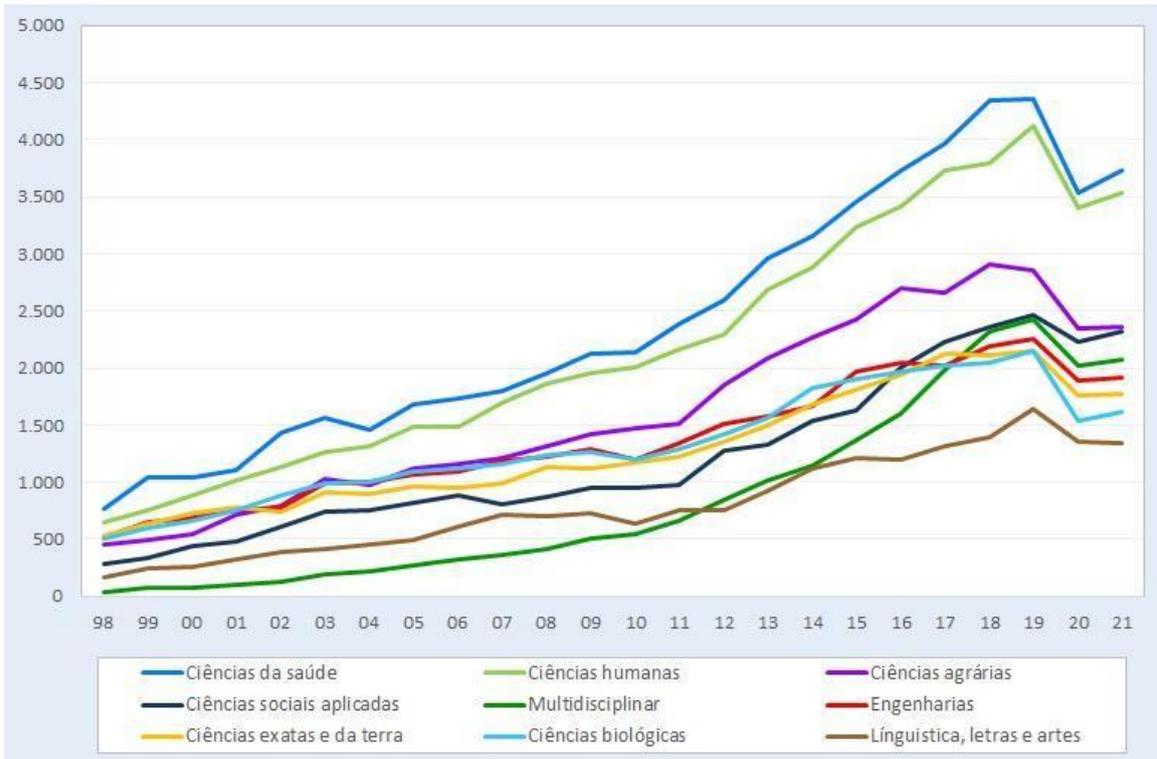
Nível	1976 (1)	1990	1996	2004 (21/maio)	Taxa geométrica (% ao ano)		
					2004/1976 (27a 5m)	2004/90 (13a 5m)	2004/96 (7a 5m)
Mestrado	490	975	1.083	1.959	5,2	5,3	8,3
Doutorado	183	510	541	1.034	6,5	5,4	9,1
<b>Total</b>	<b>673</b>	<b>1.485</b>	<b>1.624</b>	<b>2.993</b>	<b>5,6</b>	<b>5,4</b>	<b>8,6</b>

(1) Ano de início do processo de avaliação dos cursos de pós-graduação pela CAPES.

Fonte: PNPG (2005-2010).

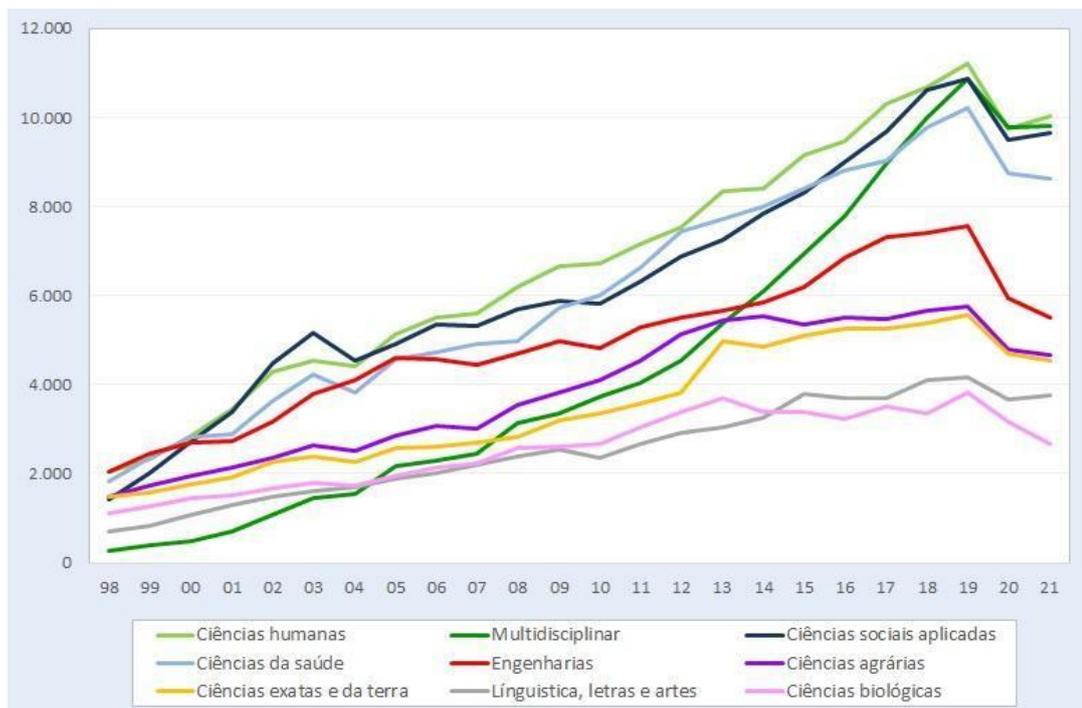
Com isso, o número de estudantes de mestrado e de doutorado tem seguido uma tendência de crescimento e, conseqüentemente, o aumento na produção de teses e dissertações, conforme mostra a Tabela 2. Os gráficos que se seguem apresentam o número crescente de estudantes de pós-graduação titulados entre 1998 e 2021, conforme dados oficiais do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, publicado em 03/06/2022 e atualizado em 05/10/2022.

Gráfico 3: Alunos titulados nos cursos de doutorado, por grande área, entre 1998 e 2021



Fonte: Site do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (BRASIL, 2022).

Gráfico 4: Alunos titulados nos cursos de mestrado (profissional e acadêmico), por grande área, entre 1998 e 2021



Fonte: Site do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (BRASIL, 2022).

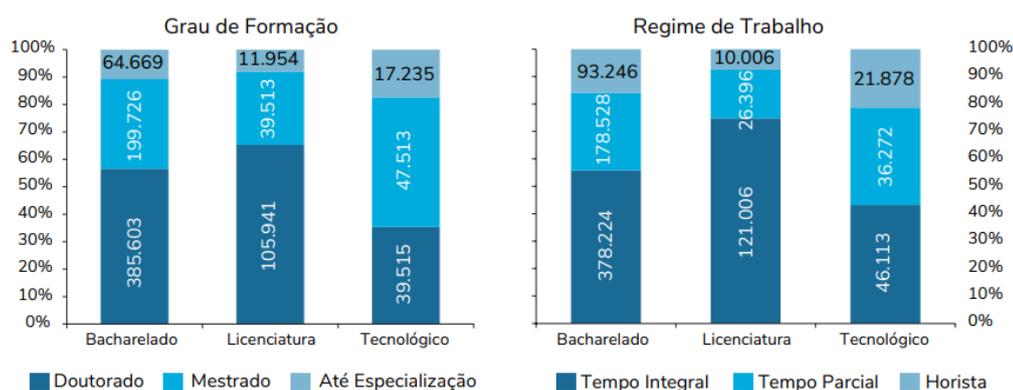
Os gráficos 3 e 4 evidenciam o crescimento expressivo no número de mestres e doutores formados em programas de pós-graduação no Brasil, o que justifica o crescimento de produções de conhecimento, sobretudo na área que nos interessa aqui. Nota-se ainda, a partir do gráfico, que, embora tenha crescido o número de titulados na grande área Linguística, Letras e Artes, o número de programas na grande área Linguística, Letras e Artes ainda é um dos menores no quadro dos programas de pós-graduação no Brasil.

Quanto à política de fomento à pesquisa, segundo Dudziak (2018), o financiamento da pesquisa no Brasil se dá por meio de diferentes instituições de fomento, tais como CNPq, Finep, Capes, FNDCT, BNDES, além das agências estaduais que constituem as FAPs – Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa agrupadas no Confap, sendo o CNPq e a CAPES as principais agências de financiamento da pesquisa.

Conforme Dudziak (2018), houve um crescimento de investimentos de 2001 a 2014, sobretudo quanto ao auxílio à pesquisa e bolsas no país. Com isso, entendemos que o aumento de produção de conhecimento em pós-graduação, de um modo geral, e sobre línguas de sinais, de modo específico, está associado à política de fomento à pesquisa.

Também ligado a isso está o aumento significativo da qualificação do quadro docente das IES. Segundo o Censo da Educação Superior 2021, a participação de docentes com doutorado, tanto na rede pública quanto na rede privada, cresceu entre 2011 e 2021. E a maioria dos docentes nas universidades tem doutorado (66,4%). Em relação ao regime de trabalho, os docentes em tempo integral são mais de 97% nos IFs e Cefets (BRASIL, 2022). Logo, com esses dados, é possível inferir que a atuação desses pesquisadores com a produção de trabalhos e orientações de pesquisa se deve a esse crescimento citado pelo Censo do Inep. O gráfico abaixo mostra a participação percentual e número de docentes na educação superior, por grau de formação e regime de trabalho, segundo o grau acadêmico, em 2021.

Gráfico 5: Participação percentual e número de docentes na educação superior, por grau de formação e regime de trabalho, segundo o grau acadêmico – 2021



Fonte: Brasil (2020).

O gráfico mostra que a maioria dos docentes com doutorado atuam em cursos de Licenciatura em Tempo Integral. Dessa forma, entendemos que, com isso, boa parte desses docentes se envolvem em atividades de pesquisa em suas IES e, portanto, podem constituir grupos de pesquisa. Isso pode justificar, então, o aumento no número de grupo de pesquisas na área da Libras, bem como o crescimento na produção de teses e dissertações ao longo das décadas.

A abertura e a expansão desses cursos, aliadas ao aumento dos programas de pós-graduação em Letras e a ascensão da língua de sinais para o centro dos estudos linguísticos, fizeram com que muitas teses e dissertações fossem defendidas no Brasil, conforme se viu anteriormente. Com o desenvolvimento desses estudos, muitos linguistas passaram a concentrar sua atenção nas línguas de sinais do Brasil, ainda que as pesquisas de línguas orais continuem sendo majoritárias no conjunto de pesquisas linguísticas. Até mesmo alguns orientadores de pesquisas com foco em línguas orais, em algum momento, aparecem como orientadores de pesquisas de línguas de sinais, conforme se verá a seguir.

## 5.2 Orientações

Nesta seção, apresentamos os principais orientadores das teses e dissertações listadas no *corpus*. Esse levantamento permitiu identificar os principais líderes intelectuais da *TPLS* e suas áreas de interesse, que, em alguns casos, como se verá adiante, extrapola o campo da descrição de língua de sinais, o que retrata um certo ecletismo teórico dos pesquisadores.

Como afirmamos anteriormente, selecionamos os orientadores que tiveram mais de 01 (uma) orientação no *corpus*. Utilizamos este critério quantitativo por considerar que uma única orientação pode representar uma eventualidade e, de certo modo, tais pesquisadores podem ter interesses maiores por outras linhas de pesquisa ou ainda ter iniciado seus trabalhos de orientação na área, porém, sem um trabalho de orientações quantitativamente expressivo, até o momento. Este recorte, contudo, não desvalida o trabalho de tais pesquisadores e suas teses e dissertações orientadas continuam no rol dos trabalhos analisados. A tabela a seguir apresenta, pois, a lista desses nomes, em ordem alfabética, seguida da quantidade de trabalhos e do período em que tais orientações ocorreram.

Tabela 8: Pesquisadores(as) com mais de uma orientação listada no *corpus*

Ana Regina e Souza Campello	2	2015-2017
Christiane Cunha de Oliveira	5	2012-2013
Daniele Marcelle Grannier	4	2012-2016

Dionei Moreira Gomes	4	2012-2014
Elena Godoi	2	2004-2007
Enilde Leite de Jesus Faulstich	12	2009-2017
Evangelina Maria Brito de Faria	3	2009-2016
Evani de Carvalho Viotti	4	2006-2013
Fernando César Capovilla	7	2005-2017
Heloisa Maria Lima de Almeida Salles	3	2008-2016
Jair Barbosa da Silva	2	2018-2019
Jairo Morais Nunes	2	2005-2008
Lucinda Ferreira	7	1982-1997
Maria Suelí de Aguiar	2	1998-2013
Marianne Rossi Stumpf	7	2010-2017
Miriam Lemle	3	2003-2007
Regina Ritter Lamprecht	2	1994-1999
Ronice Müller de Quadros	8	2006-2016
Sandra Maia Farias Vasconcelos	2	2009-2014
Sandra Pereira Bernardo	4	2011-2018
Sarajane Marques Peres	2	2015-2018
Tarcísio de Arantes Leite	5	2010-2015
Telma Moreira Vianna Magalhães	2	2017-2019

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do *corpus*.

Com base no levantamento da produção dos orientadores listados e do trabalho de orientação e formação de novos pesquisadores, reconhecemos, com base em Murray (1994) o papel de liderança intelectual de cada um deles. A figura de uma liderança intelectual é determinante quando da formação de *grupos de especialidades* e da constituição de uma *tradição de pesquisa*. Suas atribuições são assim descritas por Murray (1994):

A formação de um grupo depende de liderança. A *liderança intelectual* consiste em (1) estabelecer uma base conceitual para uma linha de pesquisa, (2) explicar as implicações das boas ideias na pesquisa, (3) aprovar e validar as pesquisas efetuadas por outros como competentes e relevantes para o quadro de trabalho definido. Geralmente, os líderes intelectuais também (4) produzem uma declaração do programa, especificando quais pesquisas devem ser feitas e como essas pesquisas se encaixam na teoria básica e/ou (5) realizam pesquisa exemplar, mostrando como as pesquisas devem ser feitas e como cada pesquisa se ajusta na teoria básica. Mais de um cientista pode executar essas 'tarefas' em um momento específico, assim como também pode haver uma sucessão de líderes na história de um grupo específico (MURRAY, 1994, p. 22 – grifo no original)<sup>27</sup>

<sup>27</sup> Tradução livre para “The formation of a group depends on leadership. **Intellectual leadership** consists of (1) laying a conceptual foundation for a line of research, (2) explaining the research implications of the 'good ideas,' (3) approving and validating the work of others as competent, relevant and/or within the frame- work. Usually, intellectual leaders also (4) produce a program statement, specifying what research should be done and how such research fits into basic theory, and/or (5) produce exemplary research, showing how research should be done. More than one scientist may perform these 'tasks' at a particular juncture. There also may be a succession of leaders in the history of a particular group” (MURRAY, 1994, p. 22).

Observamos, então, o papel essencial dos *líderes intelectuais* no estabelecimento de linhas de pesquisa, realização de pesquisa, criação de modelos de pesquisa etc. Em certa medida, a base conceitual da(s) linha(s) de pesquisa(s) desses líderes pode estar relacionado também à sua formação acadêmica, orientadas por outras lideranças. Como consequência, é possível que se forme uma rede de pesquisadores, que congregam uma mesma instituição ou se filiam a outras instituições, formando novas redes (MURRAY, 1994).

Em visto disso, fez-se necessário traçar o perfil acadêmico dos 23 (vinte e três) pesquisadores listados acima, no intuito de identificar as áreas de formação, a nível de graduação, mestrado e doutorado. Buscamos também verificar as instituições a que esses líderes intelectuais se vinculam e as áreas de pesquisa em que atuam, na intenção de perceber como essas lideranças têm atuado na formação de pesquisadores e na produção de conhecimentos sobre língua de sinais (e outras temáticas).

Para tanto, nas seções seguintes, fazemos uma descrição acerca desses tópicos apontados e apresentamos ainda, em tabela, o quantitativo das publicações e trabalhos de orientação realizados. A sequência dos autores segue o critério do ano de nascimento<sup>28</sup>, em ordem cronológica, seguindo a ideia de que líderes mais experientes formam líderes mais jovens. Para os autores cujo ano de nascimento não foi identificado, optamos por colocá-los na sequência posterior aos que têm datas, ordenados com base no ano de conclusão do curso de graduação, também em ordem cronológica.

### 5.2.1 Miriam Lemle

A professora Lemle graduou-se em Letras na que é hoje a UFRJ, em 1959<sup>29</sup>, quando o ensino de Linguística ainda estava se consolidando no Brasil, tendo como principal precursor o professor Joaquim Mattoso Câmara Júnior (1904-1970). Três anos depois, foi estagiária do Setor de Linguística do Departamento de Antropologia do Museu Nacional, onde atuava Mattoso Câmara. Segundo depoimento de Lemle (2015), foi Mattoso Câmara que a fez “sentir

---

<sup>28</sup> Alguns anos de nascimento foram encontrados por meio de pesquisas em *sites* e também pelo contato direto, através de *e-mail*, com alguns dos pesquisadores, os quais, concederam, gentilmente, tal informação. Um caso específico foi o de Lucinda Ferreira, que, afastada das atividades acadêmicas desde 2008, não pôde ter sido contactada diretamente. Nossa fonte, então, foi uma sobrinha da pesquisadora, a quem também agradecemos a disposição em colaborar conosco por meio do *Facebook* e do *Whatsapp*.

<sup>29</sup> Segundo Oliveira (2019), só na década de 1960, com a Lei n. 4.759, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) passou a existir, como resultado da reorganização da Universidade do Rio de Janeiro (URJ), a primeira universidade criada no Brasil, em 1920, por meio do Decreto n.º 14.343, constituída a partir da reunião de três escolas já existentes: a Escola de Engenharia (criada em 1810), a Faculdade de Medicina (criada em 1832) e a Faculdade de Direito (1891).

gosto de ciência no estudo de línguas” e, por intermédio dele, começou a se interessar pela área. Sobre essa relação com o professor, Lemle dá o seguinte depoimento, em entrevista à Revista Linguística Rio:

“[...] Ele dava ótimas aulas, ele passava aquele senso de que você tem o que pesquisar, e ele mencionava línguas indígenas, ele já abria uma portinha, dizendo que tinha uma temática importante para nós, linguístinhas, brasileiros. Aí eu fui procurar, depois que eu me formei, fui dar aula em colégio [...]. Aí eu voltei para o Mattoso Câmara, procurei ele. Foi no Museu Nacional que ele tinha um estágio, ele tinha uma salinha no Museu Nacional, que eles tinham dado um espaçozinho para ele. Aí eu falei e disse: professor, eu quero estudar mais Linguística. Aí ele falou: você vai ter que ir pros Estados Unidos, porque aqui não tem Linguística. Naquele momento da vida eu não pude ir pros Estados Unidos, eu estava recém-casada [...]” (ENTREVISTA...2015)<sup>30</sup>.

A partir disso, Lemle cursou, entre os anos de 1964 e 1965, o mestrado em Linguística na *University of Pennsylvania*, nos Estados Unidos, com dissertação intitulada *Phonemic System of the Portuguese of Rio de Janeiro*. Em 1968, participou da criação do primeiro programa de pós-graduação em Linguística do país, ao lado de como Mattoso Câmara Júnior, Aryon Rodrigues e Yonne Leite, sendo a mais jovem integrante do grupo. Inicialmente, o programa tinha aulas no Museu Nacional e na Faculdade de Letras da UFRJ, mas logo transferido integralmente para a Faculdade de Letras. Assim, seu nome atrelou-se intimamente à criação e à expansão da Linguística enquanto campo do conhecimento no Brasil.

Batista (2007) destaca o importante papel de Lemle na introdução da Gramática Gerativa do linguista norte-americano Noam Chomsky (1928-) no Brasil, sobretudo com a publicação de uma resenha do livro *Aspects of the Theory of Syntax* (1965), de Chomsky, na Revista *Tempo Brasileiro*, em 1967.

Conforme Rosa (2020), em 1980, com a Linguística já consolidada no Brasil, Lemle concluiu o doutorado em Linguística na UFRJ, com tese intitulada *Análise Sintática: Teoria e Ensino* e, em 1985, após coordenar o programa de pós-graduação em Linguística por dois anos, fez pós-doutorado em *Massachusetts Institute Of Technology (MIT)*, onde teve contato mais direto com Chomsky (ROSA, 2020). Na UFRJ, atuou nos cursos de Letras e Fonoaudiologia, além do programa de pós-graduação em Linguística, realizando pesquisas na linha Gramática na Teoria Gerativa.

---

<sup>30</sup> Depoimento retirado da entrevista concedida por Lemle à Revista Linguística Rio, publicada no canal *Ling Tude*, no *Youtube*, no dia 03 de janeiro de 2015, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8KuxazDIfY8>. A fala transcrita corresponde ao recorte do vídeo que inicia em 3min20s e termina em 4min25s.

Na tabela seguinte, apresentamos o panorama quantitativo das publicações e orientações da pesquisadora, com base nas informações extraídas de seu Currículo *Lattes*.

Tabela 9: Quantidade de publicações e de orientações de Lemle<sup>31</sup>

<b>Publicações</b>	
Artigos publicados	47
Capítulos de livros publicados	1
Livros publicados	05
<b>Orientações concluídas</b>	
Iniciação Científica	01
TCC de Graduação	01
Mestrado	28
Doutorado	16

Fonte: elaboração própria, a partir do Currículo *Lattes* da pesquisadora.

Entre os artigos publicados pela autora, destaca-se o *O novo estruturalismo em linguística: Noam Chomsky*, publicado na revista *Tempo Brasileiro*, em 1967, o considerado como o marco introdutório do gerativismo no Brasil (BATISTA, 2007; 2010). Já, entre os livros de Lemle, destaca-se o *Guia Teórico do Alfabetizador* (2009[1987]), publicado pela editora Ática. O livro apresenta aos professores alfabetizadores os conhecimentos linguísticos necessários à tarefa de alfabetizar. A autora não teve, contudo, artigos publicados em periódicos que tratam de língua de sinais. Isso mostra que a esta modalidade de língua não foi seu foco de interesse, muito embora tenha orientados pesquisas que abordam a descrição da Libras, no âmbito do Programa de pós-graduação em Linguística da UFRJ, quais sejam:

Quadro 5: Teses do *corpus* orientadas por Lemle

<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Autor(a)</b>	<b>M/D</b>	<b>Universidade</b>
2002	Estudos de Línguas de Sinais: um contexto para a análise da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)	Santos, Deize Vieira dos	D	UFRJ
2003	Aspectos da Morfologia da Língua Brasileira de Sinais	Faria, Carla Valéria de Souza	D	UFRJ

<sup>31</sup> Informações obtidas com base na atualização do Currículo *Lattes* feita pela autora em 8 de novembro de 2020. O acesso para esta pesquisa se deu em: 17 fev. 2023.

2007	Composicionalidade semântica em Libras: fronteiras e encaixes	Castro, Cristina de Almeida Siaines de	D	UFRJ
------	---	--	---	------

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do *corpus*.

Baseando-se na lista acima, percebe-se que a pesquisadora deu orientações pontuais de trabalhos sobre língua de sinais, em diferentes perspectivas. Cabe ressaltar que, embora não tenha consolidado um grupo na área dos estudos de língua de sinais, Lemle orientou, por exemplo, Deize Vieira dos Santos (UFRJ), que atuou como docente no curso de graduação em Letras Libras da UFRJ e atuou mais diretamente na área.

Conforme dados obtidos no Currículo *Lattes*<sup>32</sup>, Deise, foi coordenadora do GT Linguagem e Surdez da ANPOLL em dois momentos, no biênio 1994-1198 e no biênio 2010-2012. Foi coordenadora também do Curso de pós-graduação, *lato sensu*, Especialização em Libras: ensino, tradução e interpretação da UFRJ e participou do processo de implantação do curso de graduação em Letras Libras da UFRJ, em duas habilitações: Licenciatura e Bacharelado.

Diante disso, percebe-se o papel de Lemle na constituição e consolidação da *tradição de pesquisa* não se dá por meio de publicações de trabalhos, mas pela formação de novos pesquisadores, que, por sua vez, atuaram de forma mais direta na produção de conhecimentos sobre língua de sinais.

### 5.2.2 Regina Ritter Lamprecht

Em 1986, Lamprecht graduou-se em Letras - Línguas Anglo-germânicas pela UFRGS. Em 1996, fez mestrado em Linguística e Letras pela PUCRS (1986) e Doutorado em Linguística e Letras pela mesma universidade (1990). Lamprecht foi professora adjunta da Faculdade de Letras da PUCRS de 1990 a 2010. Também coordenou o Programa de pós-graduação em Letras da PUCRS de dezembro de 2005 a maio de 2009. Em depoimento, a pesquisadora conta sua experiência em iniciar a carreira na pesquisa, como estudante de pós-graduação:

*“[...] Aos quarenta anos, que eu achei que meus filhos estavam mais do que criados, eu saí a batalhar, e eu achava que estava tão fora de tudo que não podia ir dar aula. Então eu fiz um curso de Especialização na PUC [...]. Fiquei encantada por estudar as mudanças que havia*

<sup>32</sup> Informações obtidas com base na última atualização feita pela autora em 02 de junho de 2018. O acesso para esta pesquisa se deu em: 20 fev. 2023.

*desde que eu tinha feito a faculdade e fiz então mestrado e doutorado, tudo seguido. É importante dizer que eu recomencei os estudos com 40 anos e terminei o doutorado com 47. E aí que eu comecei a trabalhar como professora na graduação e principalmente na pós-graduação na então faculdade de letras da PUC na área da Linguística [...]”<sup>33</sup> (SANTA CASA..., 2022).*

Enquanto professora da PUCRS, Lamprecht atuou por 20 anos como coordenadora do Centro de Estudos sobre Aquisição e Aprendizagem da Linguagem - CEAAL. Nesse tempo, organizou e comandou por seis anos (1991, 1994, 1997, 2000, 2003 e 2006) o *ENAL - Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem*, que promoveu intercâmbio e debates sobre os principais direcionamentos dos estudos em aquisição da linguagem realizados no Brasil. Nesse ínterim, organizou também o *I Encontro Internacional sobre Aquisição da Linguagem – EIAL* (2000).

Sua atuação, no entanto, extrapola a PUCRS. Lamprecht atuou, por exemplo, como coordenadora do Grupo Técnico de Psicolinguística da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística) durante os dois biênios de 1994 a 1998. Coordenou o Grupo Técnico de Psicolinguística da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística) e também foi pesquisadora com Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq de 1992 a 2012. Lamprecht foi ainda membro do Comitê de Artes e Letras do Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do RS - FAPERGS, de 1994 a 1998 e de 2005 a 2009, e coordenadora do Comitê de Artes e Letras da FAPERGS de 2007 a 2009.

Na tabela a seguir, são apresentadas, em números, as publicações e as orientações da autora, obtidas em seu Currículo *Lattes*<sup>34</sup>.

Tabela 10: Quantidade de publicações e de orientações de Lamprecht

<b>Publicações</b>	
Artigos publicados	34
Capítulos de livros publicados	25
Livros publicados	9
<b>Orientação</b>	
Iniciação Científica	16
TCC de Graduação	0
Mestrado	49

<sup>33</sup> Depoimento transcrito de uma *live* transmitida no canal *CHC Santa Casa*, do *Youtube*, no dia 02 de julho de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1Gj-HBIEg8w>. As falas transcritas neste trabalho correspondem ao recorte 7min10s a 10min10s do vídeo.

<sup>34</sup> As informações com levantadas com base na última atualização do Currículo *Lattes* feita pela autora em 18 de maio de 2022. Nosso acesso se deu em: 20 fev. 2023.

Com base nos dados acima, percebe-se o número expressivo de publicações e de orientações. Suas publicações tratam, majoritariamente, de temáticas voltadas à aquisição da linguagem e consciência fonológica, sobretudo do português. Há, porém, alguns que tratam de línguas de sinais, como o artigo, publicado em periódico, *Proposta de instrumento de avaliação da consciência fonológica, parâmetro configuração de mão, para crianças surdas utentes da Língua de Sinais Brasileira*, publicado em 2008 na Revista Letras Hoje, cuja equipe editorial compôs entre 1995 e 2011; e o capítulo *Proposal for a phonological awareness evaluation instrument for deaf children using Brazilian Sign Language*, publicado em 2011, em coautoria, no livro *Formational Units in Sign Language*, organizado por Rachel Channon e Peter van der Hulst.

Vale destacar ainda o papel de orientadora de mestrado e de doutorado no âmbito do Programa de pós-graduação em Letras da PUCRS. Nesse Programa, a pesquisadora exerceu sua atividade docente e formou tantos outros pesquisadores a nível de mestrado e de doutorado, atuando nas seguintes linhas de pesquisa: Aquisição e desenvolvimento da linguagem; Fonologia Clínica; Consciência fonológica; e Línguas de Sinais. A respeito de sua experiência, Lamprecht dá o seguinte depoimento:

*“[...] Tive muita sorte e fui contratada pela PUC, trabalhei por 20 anos, maravilhosamente, orientando pessoas no mestrado e no doutorado. E aí [...] qual foi a área da Linguística e os estudos da linguagem que eu pratiquei? Eu pesquisava a aquisição da linguagem pelas crianças. Como é que as crianças a partir de um ano começam a falar, como é que se dá isso? E dentro disso, aquelas crianças que não tinham um caminho considerando “normal”. Então, meu pai que era neurologista, o Freud, como eu digo, me guiou por uma área em que eu e minhas pessoas orientada, a gente via crianças que não desenvolviam a fala como era esperado. Por isso, na verdade, nas minhas orientações, dois terços de 67 orientações de mestrado e doutorado concluídas eram fonoaudiólogas, psicólogas, e um terço eram pessoas de Letra que então a gente estudava bilinguismo, que também é uma coisa fascinante [...]”<sup>35</sup> (SANTA CASA..., 2023).*

Das pessoas orientadas por Lamprecht, destacamos, primeiramente, Ronice Müller de Quadros, pesquisadora de referência na área dos estudos linguísticos da Libras (cf. tópico 5.2.16) e de Lodernir Becker Karnopp, pesquisadora atuante na área de Educação de Surdos. Com isso, percebe-se uma rede de formação de pesquisadores que constitui a partir de Lamprecht. Os trabalhos orientados são descritos a seguir:

<sup>35</sup> Cf. nota 28.

Quadro 6: Teses e dissertações do *corpus* orientadas por Lamprecht

Ano	Título	Autor(a)	M/D	Universidade
1994	Aquisição do Parâmetro Configuração de Mão dos Sinais da Libras: Estudo Sobre Quatro Crianças Surdas, Filhas de Pais Surdos	Karnopp, Lodenir Becker	M	PUCRS
1995	As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na Libras e reflexos no processo de aquisição	Quadros, Ronice Müller de	M	PUCRS
1999	Aquisição fonológica na língua brasileira de sinais: estudo longitudinal de uma criança surda	Karnopp, Lodenir Becker	D	PUCRS

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do *corpus*.

Com base nessas e outras informações não trazidas aqui, fica claro papel de liderança de Lamprecht não só quando da produção de conhecimento sobre linguagem, mas também na formação de novos pesquisadores.

### 5.2.3 Daniele Marcelle Grannier

Grannier graduou-se em Letras Neolatinas pela UFPR em 1963. Em 1974, concluiu mestrado em Linguística na Unicamp, com dissertação intitulada *Fonologia do Guarani Antigo*, sendo orientada por Aryon Dall’Igna Rodrigues. Em 2002, defendeu a tese de doutorado *Aspectos da morfossintaxe do Guarani Antigo*, dando continuidade, agora no Doutorado em Letras e Linguística da UFAL, aos estudos desenvolvidos no mestrado. Em 2008, tornou-se pós-doutora pela UFPE.

Atualmente, é professora da UnB, onde atua no âmbito do Instituto de Letras e no Programa de pós-graduação em Linguística, na linha de pesquisa *Gramática: Teoria e Análise*. Desenvolve pesquisas e tem interesse nos seguintes temas: análise e descrição da língua portuguesa, das línguas indígenas e da Libras; ensino de língua portuguesa (L1 e L2); e formação de professores de língua portuguesa como segunda língua.

Em relação à Libras, coordena, desde 2017, o projeto de pesquisa *A jornada linguística do Surdo: Libras e Português-por-escrito como Segunda Língua*, no qual investiga a análise e descrição da Libras, do português escrito do surdo e o ensino de português escrito como segunda língua para surdos. A seguir, tem-se o levantamento quantitativo da produção acadêmica da autora, com base nas informações do Currículo *Lattes*.

Tabela 11: Quantidade de publicações e de orientações de Grannier<sup>36</sup>

<b>Publicações</b>	
Artigos publicados	07
Capítulos de livros publicados	11
Livros publicados	04
<b>Orientações concluídas</b>	
Iniciação Científica	01
TCC de Graduação	0
Mestrado	11
Doutorado	08

Fonte: elaboração própria, a partir do Currículo *Lattes* da pesquisadora.

Os 07 (sete) artigos publicados por Grannier em periódicos nacionais e internacionais, entre os anos de 2003 e 2015, bem como seus 04 (quatro) livros, versam sobre descrição linguística das línguas indígenas, português como L2 e formação de professores. Já entre os capítulos de livro publicados pela autora, destaca-se *A jornada linguística do Surdo da creche à Universidade*, versão revista e ampliada da Comunicação Oral *Para um programa escolar de ensino de português-por-escrito a surdos*, apresentada no IV Congresso Internacional da Abralin, em Brasília, em fevereiro de 2005. No texto, Grannier defende uma proposta didático-pedagógica integrante de uma política linguística voltada às crianças surdas, capaz de consolidar a aquisição da Libras como primeira língua e oferecer mecanismos necessários à aprendizagem de língua portuguesa como L2, em idades adequadas.

No âmbito do Programa de pós-graduação em Linguística da UnB, Grannier orientou 11 (onze) dissertações de mestrado e 08 (oito) teses de doutorado, relacionadas às suas áreas de interesse. Destes, elencamos as seguintes para compor o *corpus*:

<sup>36</sup> Informações obtidas com base na atualização do Currículo *Lattes* feita pela autora em 13 de janeiro de 2021. O acesso para esta pesquisa se deu em: 14 fev. 2022.

Quadro 7: Teses e dissertações do *corpus* orientadas por Grannier

Ano	Título	Autor(a)	M/D	Universidade
2012	Assimilação na Língua de Sinais Brasileira	Carolina Silva Resende	M	UnB
2013	As expressões e as marcas não-manuais na Língua de Sinais Brasileira	Adriana Dias Sambranel de Araújo	M	UnB
2016	Aspectos gramaticais e discursivos da narrativa na Libras	Lúcia Noriko Sabanai	D	UnB
2016	Os espaços na Libras	Magali Nicolau de Oliveira de Araújo	D	UnB

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do *corpus*.

Nota-se, no quadro acima, que os trabalhos orientados pela pesquisadora abordam aspectos fonético/fonológicos da língua de sinais, por tratar de assimilação, expressões e marcas não manuais, espaços na Libras etc. Isso se dá pela área de interesse da autora, conforme citada anteriormente, qual seja análise e descrição da língua portuguesa e de línguas indígenas, com ênfase na Fonologia; e análise e descrição da língua de sinais brasileira.

Vale destacar ainda o papel de Grannier na formação de pesquisadores na área. Além das orientações de mestrado e doutorado, a pesquisadora orientou a pesquisa, a nível de Iniciação Científica, de Eduardo Felipe Felten (UnB), em 2011, intitulada *Criação de sinais próprios de pessoa na língua de sinais brasileira*. Felten é, atualmente, professor de Libras no departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da UnB, e atua nas seguintes linhas de pesquisa: *Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da Língua de Sinais Brasileira*. Ressalta-se também que Felten foi orientado, no mestrado, por Faulstich, conforme apresentado no tópico 4.2.5.

#### 5.2.4 Lucinda Ferreira

Ferreira é, notoriamente, uma das maiores referências no que tange à pesquisa linguística de língua de sinais. Conforme os dados do Currículo *Lattes*<sup>37</sup>, ela possui graduação

<sup>37</sup> As informações foram obtidas com base na atualização do Currículo *Lattes* feita pela autora em 03 de junho de 2008. O acesso para esta pesquisa se deu em: 14 dez. 2022.

em Letras-Português pela PUC-SP (1971), mestrado em Linguística pela USP (1974) e doutorado na *Universite de Paris IV* (1977).

Ferreira também se destaca por ter sido fundadora do primeiro grupo de pesquisa sobre língua de sinais, educação e surdez, o GELES. Além disso, publicou em revistas internacionais artigos que descrevem, linguisticamente, duas línguas de sinais brasileiras: a então *Língua de Sinais dos Centros Urbanos* e a *Língua de Sinais Urubu-Kapoor*. Essas publicações deram visibilidade à pesquisa e às línguas de sinais brasileiras. Em depoimento extraído do site *Youtube*, a professora Deise Vieira dos Santos, ex-orientanda e professora aposentada da UFRJ, destaca o papel de liderança de Ferreira:

*De fato, é um marco pioneiro para esta área que, na época, era tão carente de publicações. Mas esse marco pioneiro deste livro representa uma compilação de diversos marcos menores durante toda a trajetória da prof. Lucinda Ferreira, que se inicia com a orientação de teses e dissertações de temas correlacionados à estrutura, descrição de língua de sinais, que foi em 1982, lá na Universidade Mogi das Cruzes. Em 1984, houve uma publicação também onde Lucinda apresenta para o mundo, num jornal internacional, chamado Sign Language Study, ela apresenta o artigo intitulado “Semelhanças e Diferenças entre duas línguas de sinais”. Ela analisa duas línguas de sinais no Brasil conhecidas Língua de Sinais Urubu-Kapoor dos índios da Amazônia, norte do estado do Maranhão, e a língua de sinais dos centros urbanos brasileiros dos surdos de São Paulo. Em 1985, realmente tem um outro marco, e é um marco que joga uma semente enorme, principalmente uma semente para inserção na ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística): foi o GELES. Geles era o nome do grupo de estudo da prof. Lucinda que reunia pesquisadores e alunos de Pós-Graduação de Pernambuco, de São Paulo. E houve cinco edições do Geles com a inclusão e a inserção de pesquisadores brasileiros e internacionais. E ele foi a semente, porque em 88 nós entramos, então, com GT, Grupo de Trabalho da ANPOLL, GT Linguagem e Surdez. E começou quando a ANPOLL tinha apenas 4 anos de existência. E o GT existe até hoje (LANÇAMENTO..., 2021).<sup>38</sup>*

O “marco pioneiro” a que se refere a depoente acima é o livro *Por uma gramática de língua de sinais*, publicado por Ferreira em 1995. De fato, a obra passou a ser a principal referência de pesquisas posteriores e teve uma nova edição em 2010. O depoimento também destaca as primeiras orientações, em nível de mestrado, que ocorreram em 1982, na Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), quando de sua passagem pela instituição como docente (1979-1981). Não tivemos acesso direto a esses trabalhos, muito embora eles sejam

<sup>38</sup> O referido depoimento foi dado, publicamente, pela professora Deise Vieira dos Santos na ocasião do lançamento do volume 16, n. 3, de set. a dez. de 2020, da *Revista Linguística*, vinculada ao Programa de pós-graduação em Letras da UFRJ, em homenagem aos 25 anos de publicação da obra *Por uma gramática de Língua de Sinais*, de Ferreira. A edição da Revista está sob organização de Marília U. C. L. M. Costa, Andrew Nevins e Anderson Almeida da Silva. O lançamento do volume aconteceu por meio de uma *live* no *YouTube*, com a participação de vários pesquisadores de línguas de sinais do Brasil, tais como, Myrna Salerno Monteiro (UFRJ), Maria Cecília Mollica (UFRJ), Ronice Quadros (UFSC) entre outros, que, brevemente, relataram a respeito do trabalho desenvolvido pela pesquisadora Ferreira e também acerca do desenvolvimento das pesquisas em línguas de sinais. A *live* está disponível em: <https://youtu.be/MVRiRCyJsYI> e o depoimento transcrito está entre início no minuto 16:30 e vai até o minuto 22:44.

mencionados no *Lattes* de Ferreira. Estes e outros trabalhos orientados por Lucinda estão listados no quadro a seguir:

Quadro 8: Dissertações do *corpus* orientadas por Ferreira

Ano	Título	Autor(a)	M/D	Universidade
1982	A Ordem Sintática e A Repetição Na Língua de Sinais Em São Paulo.	Maria Inês Cossermelli Namura.	M	UMC
1982	A Estruturação Temporal na Língua de Sinais em São Paulo.	Clarice de Andrade Silva e Castro	M	UMC
1988	O signo gestual-visual e sua estrutura frasal na LSCB	Tanya Amara Felipe	M	UFPB
1992	Narrativas em LSCB: Um Estudo Sobre Referência	Beatriz Fernandes Caldas	M	UFRJ
1994	Coesão e coerência em escrita dos surdos.	Deize Vieira dos Santos	M	UFRJ
1995	Atos de fala: o pedido em língua brasileira de sinais.	Carla Valéria de Souza Faria	M	UFRJ
1997	Formas Pronominais da Língua Brasileira de Sinais	Carlos Alves de Oliveira	M	UFRJ

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do *corpus*.

Nota-se que a maioria das orientações de Ferreira ocorreu na UFRJ, onde atuou por alguns anos. Entre essas orientações, está o trabalho de Deize Vieira dos Santos, cujo depoimento foi apresentado anteriormente. Acrescenta-se ainda o seguinte trecho:

*Eu, como ex-orientanda, vou ser eternamente grata, porque Lucinda foi uma pessoa visionária e não media esforços para que seus objetivos fossem alcançados e finalmente ela conseguiu, através de suas orientações, definir pessoas-chaves para o desenvolvimento desse campo no Brasil. A área Linguística de Língua de Sinais, a área de Educação de Surdos foi altamente impactada pelo trabalho e pela trajetória da Lucinda Ferreira Brito. Sou eternamente grata por isso (LANÇAMENTO..., 2021).*

De acordo com as informações retiradas do Currículo *Lattes* da pesquisadora, cuja última atualização se deu em 03 de junho de 2008, fizemos o levantamento de sua produção, incluindo artigos, capítulos de livros e livros publicados, e seus trabalhos de orientação

iniciação científica, TCC de graduação, de mestrado e de doutorado concluídas. Os dados podem ser vistos na tabela a seguir.

Tabela 12: Quantidade de publicações e de orientações de Ferreira

<b>Publicações</b>	
Artigos publicados	29
Capítulos de livros publicados	06
Livros publicados	06
<b>Orientações concluídas</b>	
Iniciação Científica	0
TCC de Graduação	0
Mestrado	10
Doutorado	0

Fonte: elaboração própria, a partir do Currículo *Lattes* da pesquisadora.

Dos 29 (vinte e nove) artigos publicados por Ferreira, 07 (sete) foram publicados em revistas internacionais e todos eles tratam de línguas de sinais brasileiras. Diante disso, fica clara a importância que Ferreira teve na divulgação das línguas de sinais brasileiras no cenário da linguística internacional. O mesmo acontece com os capítulos de livros, os quais também, publicados em coletâneas estrangeiras, ajudaram a dar visibilidade à pesquisa linguística do Brasil e incentivar também o surgimento de novas pesquisas em nosso território.

Dos 6 (seis) livros publicados, o de maior impacto tem sido o, já mencionado anteriormente, *Por uma Gramática de Línguas de Sinais* (1ª edição: 1995; 2ª edição: 2010), publicado pela editora *Tempo Brasileiro*, composto por 13 capítulos e organizado em três partes: I) *Aspectos descritivos da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)*; II) *Metodologia de Pesquisas das Línguas de Sinais*; III) *Pesquisa comparativa de Línguas de Sinais*; sendo a primeira parte a maior em número de capítulos (9 de um total de 13 capítulos). Na Introdução, a autora afirma que os estudos de uma nova modalidade de língua poderiam afetar algumas concepções tradicionais da Linguística, como a definição de *linguagem*, de *gramática* e de *universais linguísticos* (FERREIRA, 2010[1995]). Outrossim, a autora afirma que o surgimento dessas novas concepções traria mudanças na atitude do linguista frente às pesquisas de sua área, como envolver, além dos aspectos linguísticos, a problemática psicossocial e educacional dos surdos. Além disso, para a autora, “o simples reconhecimento da Língua de Sinais enquanto

língua os envolve automaticamente no problema de uso ou não de uma língua minoritária” (FERREIRA, 2010[1995], p. 12).

O conjunto de trabalhos e atuações como liderança intelectual e organizacional contribuiu para que Ferreira, desde o início da *tradição de pesquisa* no Brasil, se tornasse uma referência na área. Embora não esteja mais atuando na academia, a figura precursora (BAABALKI *et al.* 2020) se construiu ao longo das décadas, lançando bases para novos empreendimentos de pesquisa, e sua contribuição para a área é reconhecida até hoje, conforme se viu no depoimento acima.

#### 4.2.5 Enilde Leite de Jesus Faulstich

Faulstich é professora no magistério superior na UnB desde 1976. Sua formação, a nível de graduação, é em Língua Portuguesa e respectiva Literatura, pela UnB, concluída em 1975. A nível de pós-graduação, Faulstich cursou o mestrado em Linguística na UnB, entre 1977 e 1979, e o doutorado em Filologia e Língua Portuguesa na USP, entre 1981 e 1988.

Nos cursos de mestrado e de doutorado, Faulstich pesquisou na área da Lexicologia e da Lexicografia, o que explica seu interesse atual pelas seguintes linhas de pesquisa, conforme dados obtidos no Currículo *Lattes*: Língua Portuguesa como L1 e L2; Lexicografia; Lexicologia; Terminologia; Terminografia; Crítica de dicionários; Política de Língua; Políticas Linguísticas e Libras - no contraste com o Português (L2) (FAULSTICH, 2022).

Quanto à produção da pesquisadora e seus trabalhos de orientação, obteve-se os seguintes números, conforme dados extraídos do Currículo *Lattes*.

Tabela 13: Quantidade de publicações e de orientações de Faulstich<sup>39</sup>

<b>Publicações</b>	
Artigos publicados	40
Capítulos de livros publicados	27
Livros publicados	44
<b>Orientações concluídas</b>	
Iniciação Científica	26
TCC de Graduação	18
Mestrado	48
Doutorado	27

Fonte: elaboração própria, a partir do Currículo *Lattes* da pesquisadora.

<sup>39</sup> Informações obtidas com base na atualização do Currículo *Lattes* feita pela autora em 22 de junho de 2022. O acesso para esta pesquisa se deu em: 14 dez. 2022.

Assente na tabela anterior, notamos que, das publicações que listamos, os livros estão em maior quantidade (44), seguido dos artigos publicados em periódicos (40) e os capítulos de livros (27). Dos livros publicados pela autora, destaca-se uma de suas primeiras publicações que teve 27 edições: *Como ler, entender e redigir um texto*, publicado pela Editora Vozes – Rio de Janeiro<sup>40</sup>. A autora também publicou, em parceria com Heloísa Maria Moreira Lima Salles, Orlene Lúcia Carvalho e Ana Adelina Lopo Ramos, o livro *Ensino de Língua Portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica* (2004), publicado em dois volumes como parte do Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos. A obra tinha o intuito de apoiar e incentivar a qualificação profissional de professores que atuam na educação de surdos. Além disso, conforme descrito no Currículo *Lattes*, a pesquisadora ministrou cursos de curta duração de Linguística e Ensino de Português para Surdos, entre 2002 e 2005. Além desses, há outro livro publicado, em coautoria, que versa sobre a língua de sinais: *Línguas em contato: empréstimos do português na Língua de Sinais*.

Dos 40 (quarenta) artigos publicados, identificamos apenas 04 que abordam a língua de sinais ou surdez, quais sejam: *Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngüe da língua de sinais brasileira. Perspectiva*, publicado na Revista *Perspectiva* (UFSC), em 2006; *O signo linguístico e as imagens históricas: a criação de sinais-termos na LSB*, publicado em 2014 na Revista *Comunicaciones en Humanidades*; *Expressão linguística e a produção escrita de surdocegos*, publicado em 2016 na Revista *Moara*; e *Terminologia: a disciplina da nova era na formação profissional de Língua de Sinais*, publicado em 2018 na Revista *Espaço*.

Ainda quanto a sua atuação na área da Libras e sua institucionalização, Faulstich desempenhou papel importante, assumindo a coordenação do polo do curso de Letras Libras da UFSC na UnB entre 2006 e 2010. Como se verá mais adiante, a política de expansão do curso de Letras Libras foi fundamental para a formação de profissionais para atuarem na área. Além dos cursos, atuou na execução local da aplicação de 07 (sete) edições, entre 2007 e 2015, do Exame de Proficiência em Libras (ProLibras), criado para certificar profissionais a atuar como tradutores e intérpretes de Libras.

Em 2015, passou a funcionar na UnB curso presencial de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira/Português como Segunda Língua, cuja implementação contou com a

---

<sup>40</sup> 1ª ed. (1988); 2ª ed. (1989); 3ª ed. (1991); 4ª ed. (1992); 5ª ed. (1993); 6ª ed. (1994); 7ª ed. (1996); 8ª ed. (1997); 9ª ed. (1998); 10ª e 11ª ed. (1999); 12ª e 13ª ed. (2000); 14ª ed. (2001); 15ª ed. (2002); 16ª ed. (2003); 17ª ed. (2004); 18ª ed. (2005); 19ª ed. (2006); 20ª ed. (2008); 21ª ed. (2009); 22ª ed. (2010); 23ª ed. (2011); 24ª ed. (2012); 27ª ed. (2014).

participação de Faulstich. Ademais, ela se tornou a primeira coordenadora do curso, no período de 2015 a 2019.

Faulstich também desenvolve pesquisas, desde 1994, no Programa de pós-graduação em Linguística da UnB<sup>41</sup>, o qual coordenou em duas gestões (2016-2018; 2018-2020). Atua na linha de pesquisa Léxico e Terminologia e ministra disciplina voltadas para sua área de pesquisa, como: Lexicologia: Léxico e Terminologia; Laboratório de Análise Linguística: Semântica; Tópicos de Semântica; Socioterminologia: termo e variação; Laboratório de Análise Linguística: Léxico e Terminologia; Lexicografia, Terminologia e Informática; Lexicografia e estratégias de uso de dicionários; e Seminário Avançado de Pesquisa: Léxico e Terminologia.

Quanto aos trabalhos de orientação na pós-graduação, identificamos 48 (quarenta e oito) de mestrado e 27 (vinte e sete) de doutorado. Destes, foram selecionados 12 trabalhos para compor o *corpus*, vistos no quadro seguinte:

Quadro 9: Teses e dissertações do *corpus* orientadas Faulstich

<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Autor(a)</b>	<b>M/D</b>	<b>Universidade</b>
2009	Representações lexicais da língua de sinais brasileira. Uma proposta lexicográfica	Sandra Patrícia de Faria	D	UnB
2010	Empréstimos Linguísticos do Português na Língua de Sinais Brasileira LSB: Línguas em Contato	Cristiane Batista do Nascimento	M	UnB
2011	Varição Linguística Em Língua De Sinais Brasileira - Foco No Léxico	Gláucio de Castro Júnior	M	UnB
2013	Sinais não-manuais gramaticais da LSB nos traços morfológicos e lexicais. Um estudo do morfema-boca	Carolina Ferreira Pego	M	UnB
2013	Demonstração da ambiguidade de itens lexicais na LSB: um	Charley Pereira Soares	M	UnB

<sup>41</sup> O Programa de pós-graduação em Linguística da UnB foi o primeiro a criar o mestrado acadêmico no Brasil, conforme informações do site do Programa (<http://www.ppgl.unb.br/institucional/a-unidade>), sendo o primeiro coordenador o prof. Aryon Dall'Igna Rodrigues (1925-2014).

	estudo sincrônico de homonímia			
2013	Política linguística: a terminologia da Libras como veículo de cultura em concursos público	Rejane Louredo Barros	M	UnB
2013	Glossário Bilíngue da Língua de Sinais Brasileira: Criação de sinais dos termos da música	Daniela Prometi Ribeiro	M	UnB
2014	Projeto Varlibras	Glauco de Castro Júnior	D	UnB
2015	Sinais Lexicais Dos Termos Cinematográficos: A Perspectiva da Língua de Sinais no Cinema	Saulo Machado Mello de Sousa	M	UnB
2016	Terminografia em Língua de Sinais Brasileira: Proposta de Glossário Ilustrado Semibilíngue do Meio Ambiente, Em Mídia Digital	Cristiane Batista do Nascimento	D	UnB
2016	Glossário Sistêmico Bilíngue Português-Libras de Termos da História Do Brasil	Eduardo Felipe Felten	M	UnB
2017	A Terminologia na Língua De Sinais Brasileira: Proposta de Organização e de Registro de Termos Técnicos e Administrativos do Meio Acadêmico em Glossário Bilíngue	Patrícia Tuxi dos Santos	D	UnB

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do *corpus*.

Conforme se vê no quadro acima, a maioria dos trabalhos orientados pela pesquisadora Faulstich são do nível lexical, sob áreas como Lexicografia, Terminografia e Terminologia.

Isso se dá devido ao interesse da pesquisadora pelo estudo do léxico, conforme já mencionado, e ainda coordena o Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro Lexterm) da UnB.

Ressaltamos também os projetos de pesquisa, coordenados por Faulstich, que envolvem língua de sinais. O primeiro deles é o *Descrição do léxico da Língua de Sinais Brasileira- LSB (L1) mediante o contato com o Português (L2)*, desenvolvido entre 2009 e 2016, caracterizado pela autora como:

Investigação do léxico da LSB por meio dos aspectos da morfologia e da sintaxe da língua, para identificar os efeitos da gramática que aparecem na semântica dos sinais-termos. Descrição dos significados terminológicos já existentes ou criados no léxico da LSB (L1) para verificar se são criação na L1 ou se representam uma cópia do português (L2) [...] (FAULSTICH, 2022, p. 15).

O segundo projeto de pesquisa na área da Libras intitula-se *Estudos da Língua de Sinais Brasileira no contato com o Português: sinais e sinais-termo*, que consiste em analisar dados na interface L1 (língua de sinais) e L2 (português) e verificar se a criação de itens lexicais e gramaticais nas linguagens técnicas e científicas da L1 está em conformidade com a gramática original dessa língua ou se tais itens, na terminologia especializada, consistem em cópia do português (L2) (FAULSTICH, 2022). O projeto está sendo desenvolvido desde 2017 até o momento atual em que se realiza esta pesquisa.

### **5.2.6 Evani de Carvalho Viotti**

Viotti é professora doutora do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Tem graduação em Direito pela USP (1978) e graduação em Linguística (1986) pela mesma universidade (1986). Concluiu seu doutorado em Linguística no âmbito da Semiótica e Linguística Geral por esta mesma Instituição de ensino (1999), feito com bolsa do CNPq.

O primeiro pós-doutorado foi feito na Unicamp, em 2001. O segundo pós-doutoramento foi realizado na Universidade de Chicago (UCHICAGO), nos Estados Unidos, em 2019. Quatro anos antes, foi professora convidada do Centro de Estudos Latino-Americanos e do Departamento de Linguística da Universidade de Chicago, para uma residência *Tinker* durante a primavera.

As principais linhas de interesse em pesquisa, conforme descrito no Currículo *Lattes*, são a descrição de línguas não indo-europeias, como as línguas de sinais, as línguas africanas e

as línguas indígenas brasileiras; e o estudo do uso, da variação, do contato e da mudança linguística. Em especial, destacam-se as relações entre língua e gesto, tanto em línguas orais, quanto em línguas de sinais, e as relações de contato linguístico responsáveis pelas características gramaticais do português brasileiro. É membro do LLIC (Laboratório “Linguagem, Interação, Cognição”) e do GEAL (Grupo de Estudos de Antropologia e Linguística). Os dados quantitativos das publicações e trabalhos de orientação da pesquisadora podem ser vistos na tabela seguinte.

Tabela 14: Quantidade de publicações e de orientações de Viotti<sup>42</sup>

<b>Publicações</b>	
Artigos publicados	24
Capítulos de livros publicados	21
Livros publicados	0
<b>Orientações concluídas</b>	
Iniciação Científica	17
TCC de Graduação	1
Mestrado	12
Doutorado	1

Fonte: elaboração própria, a partir do Currículo *Lattes* da pesquisadora.

Entre os vários capítulos de livros publicados pela pesquisadora, destacam-se os textos que relacionam Língua Portuguesa e Língua de Sinais, quais sejam: *Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto de transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB)*, publicado em 2007; *A competência linguística*, publicado em 2010; *Contribuições da linguística teórica para a educação de surdos: primeiros passos rumo à descrição da estrutura fonológica da língua de sinais brasileira*, publicado em 2012.

Quanto às orientações de mestrado e de doutorado, destacamos os trabalhos voltados à descrição da língua de sinais, listados no quadro a seguir.

<sup>42</sup> Informações obtidas com base na última atualização do Currículo *Lattes* feita pela autora em 11 de agosto de 2022. Nosso acesso ocorreu em: 19 de fev. 2023.

Quadro 10: Dissertações do *corpus* orientadas por Viotti

Ano	Título	Autor(a)	M/D	Universidade
2006	Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua de sinais brasileira (LSB)	Xavier, André Nogueira	M	USP
2007	Uma descrição de dêixis de pessoa na língua de sinais brasileira: pronomes pessoais e verbos indicadores	Moreira, Renata Lucia	M	USP
2013	Uma descrição do processo de referenciação em narrativas contadas em língua de sinais brasileira (libras)	Barbosa, Thais Bolgueroni	M	USP
2014	Demonstrações em uma narrativa sinalizada em Libras	Silva, Joao Paulo da.	M	USP

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do *corpus*.

A produção acadêmica de Viotti está relacionado aos projetos de pesquisa com o qual se vinculou ao longo de sua trajetória como pesquisadora. Desses, destacamos o projeto realizado entre 2003 e 2007, intitulado *Formação de corpora de línguas orais e sinalizadas: sistemas de transcrição e análise dos dados*, coordenado por Leland Emerson McCleary. O objetivo da pesquisa é, além de criar um *corpus* de línguas orais e de sinais, desenvolver um sistema de transcrição para esta.

Posteriormente, a pesquisadora coordenou o projeto *Formação de corpus de narrativas e conversações na língua de sinais brasileira*, entre 2007 e 2011, com o objetivo de elaborar, por meio de técnicas de gravação, um *corpus* de língua de sinais a partir de narrativas e conversas entre surdos fluentes na língua. E, entre 2012 e 2014, coordenou o projeto *Língua e gesto*, também com o propósito de construir um *corpus* de falas espontâneas e semi-espontâneas tanto de falantes nativos do português brasileiro quanto de surdos sinalizantes e, a partir disso, analisar a relação entre língua e gesto.

### 5.2.7 Ana Regina e Souza Campello

A professora Campello, surda, formou-se em Biblioteconomia e Documentação na Universidade Santa Úrsula (RJ) em 1981. Cinco anos mais tarde, em 1986, assumiu a presidência da FENEIS, cargo que ocupou até 1991. Em 1996, quando ocupou o cargo de Secretária Executiva da Federação, formou-se em Pedagogia na UERJ. Segundo o Currículo *Lattes* da pesquisadora, no ano de 2005, Campello ingressou no mestrado em Linguística da UFSC com projeto intitulado *A origem da Língua de Sinais Brasileira*, porém, foi em 2008.

Entre os anos de 2004 e 2008, cursou Doutorado em Educação na UFSC, sob orientação de Ronice Müller de Quadros, com período sanduíche na *Gallaudet University*, onde foi orientada por Robert Johnson, defendendo a tese *Aspectos da visualidade na Educação de Surdos*. Em 2012, retornou à presidência da FENEIS, onde ficou até o ano de 2016.

Atualmente, Campello é docente do Magistério Superior no INES, atuando no curso de Pedagogia e no mestrado Profissional em Educação Bilíngue (PPGEB-INES). Suas áreas de interesse são: Educação de Surdos; Ensino de Libras como primeira e segunda língua; Tradução e interpretação. Além disso, é coordenadora do vice-coordenadora do GT Libras da ANPOLL e vice-diretora de articulação política da Febrapils. Campello também contribuiu na elaboração de materiais didáticos<sup>43</sup> utilizados nos cursos de Letras Libras EaD ofertado pela UFSC, com polos em outros estados, contribuindo com a formação dos primeiros licenciados e bacharéis em Libras do país.

Com base nesta exposição da carreira acadêmica, apresentamos, a seguir, em termos quantitativo, os produtos de pesquisa da autora e seus trabalhos de orientação, com base em informações extraídas no Currículo *Lattes*.

Tabela 15: Quantidade de publicações e de orientações de Campello<sup>44</sup>

<b>Publicações</b>	
Artigos publicados	25
Capítulos de livros publicados	22
Livros publicados	16
<b>Orientações concluídas</b>	
Iniciação Científica	0

<sup>43</sup> Alguns desses materiais estão disponíveis em:

<https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinaisIII/scos/cap15260/1.html>. Acesso em: 20 fev. 2023.

<sup>44</sup> Informações obtidas com base na atualização do Currículo *Lattes* feita pela autora em 02 de fevereiro de 2023. O acesso para esta pesquisa se deu em: 20 fev. 2023.

Graduação	21
Mestrado	21
Doutorado	1

Fonte: elaboração própria, a partir do Currículo *Lattes* da pesquisadora.

Os 25 (vinte e cinco) artigos publicados pela autora em periódicos nacionais e internacionais versam, em sua maioria, sobre Educação; Estudos da Tradução; Estudos Surdos; e Estudos Linguísticos. Tais produções refletem a formação acadêmica e multidisciplinar de Campello. No rol destas pesquisas, destacamos o artigo *Em defesa da Escola Bilíngue para Surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro*, produzido em parceria com a Dra. Patrícia Luiza Ferreira Rezende e publicado em 2014 no periódico Educar em Revista (UFPR), à época da aprovação do novo (e ainda vigente) Plano Nacional de Educação; o artigo *Intérprete Surdo de Língua de Sinais Brasileira: o novo campo de tradução/interpretação cultural e seu desafio*, publicado em 2014 nos Cadernos de Tradução (UFSC), que contribuiu com os emergentes debates sobre o perfil identitário e profissional dos intérpretes Surdos; e o artigo *Constituição Histórica da Língua de Sinais Brasileira nos séculos XVI até XX*, considerado por ela como “o primeiro trabalho desenvolvido no Brasil a respeito” (CAMPELLO, 2011, p. 1), que, anos mais tarde, em 2020, foi revisto, atualizado e publicado como capítulo de livro internacional organizado por Ronice Müller de Quadros.

Quanto à produção bibliográfica, entre os 16 livros publicados e/ou organizados por Campello, destaca-se o material didático *Libras Fundamental* (LSB Video, 2000), uma das primeiras iniciativas de sistematização do ensino de Libras como L2. Além disso, a autora contribuiu com a relevante coletânea *Estudos Surdos II* (2007), publicando o capítulo intitulado *Pedagogia Visual/Sinal na Educação de Surdos*, fruto de sua pesquisa de doutorado.

No âmbito da pós-graduação, orientou dissertações no mestrado em Diversidade e Inclusão da Universidade Federal Fluminense (2014-2020) e no mestrado em Estudos da Tradução da UFSC (2013-2016), onde atuou como professora colaboradora. No âmbito dessas instituições, listamos, no quadro seguinte, duas dissertações orientadas que estão contidas no *corpus*:

Quadro 11: Dissertações do *corpus* orientadas por Campello

Ano	Título	Autor(a)	M/D	Universidade
2015	Gíria em Língua de Sinais Brasileira (LSB): processo e interpretação	Isaack Saymon Alves Feitoza Silva	M	UFSC
2017	Glossário jurídico em Libras: direito constitucional	Priscilla Fonseca Cavalcante.	M	UFF

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do *corpus*.

As dissertações selecionadas e orientadas por Campello dão uma amostra de sua atuação como orientadora de pós-graduação em duas das instituições em que atua: UFSC e UFF. Para além dessas instituições, Campello, participa ainda, como orientadora, do mestrado Profissional em Educação Bilíngue do INES, tendo duas orientações concluídas na linha *Educação de Surdos e suas interfaces*, vinculada ao *Grupo de Pesquisa Instrução em Libras como L1 e L2*<sup>45</sup>, do qual é líder.

### 5.2.8 Evangelina Maria Brito de Faria

A pesquisadora Faria possui graduação em Letras pela UFPB (1982), mestrado em Língua Portuguesa por essa mesma instituição de ensino (1993) e doutorado em Linguística pela UFPE (2002). É professora titular da UFPB, membro da pós-graduação em Linguística (PROLING) da UFPB, atuando na área de Aquisição da Linguagem. Os diversos projetos na área pedagógica para o ambiente escolar revelam o interesse da pesquisadora pelos processos de aquisição e desenvolvimento da fala e da escrita, para uma melhor descrição e compreensão dos processos linguísticos advindos da relação ensino-aprendizagem.

Faria é ainda líder do *Núcleo de Estudos em Alfabetização em Linguagem e em Matemática*, cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq. A pesquisadora também contribui no processo de avaliação do Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior (SINAES).

Os interesses acadêmicos da pesquisadora, atravessados pelos campos da Aquisição da Linguagem e Linguística Aplicada, são percebidos em suas publicações, que contemplam a área

<sup>45</sup> Esse e outros grupos de pesquisa vinculados ao mestrado Profissional em Educação Bilíngue do INES podem ser visto em: <https://mestrado.ines.gov.br/o-curso/grupos-de-pesquisa>

de Língua Portuguesa e Libras. De 2010 a 2012, em parceria com diversos pesquisadores, lançou o livro *Língua Portuguesa e Libras: teorias e práticas*, pela editora da Universidade Federal da Paraíba, chegando a seis volumes de publicação.

Muito atuante em projetos voltados à prática escolar e inclusiva, a autora também publicou *Desafios para uma nova escola: um olhar sobre o processo ensino-aprendizagem de surdos*, em 2011; *Aquisição da linguagem e processamento linguístico*, também em 2011; *Letramento e Inclusão*, em 2014; todos publicados pela mesma casa editora mencionada. Outra publicação no campo de atuação da pesquisadora foi a obra *Aquisição de escrita por surdo: um olhar sobre adaptação curricular*, estudo feito em parceria, publicado em 2015 pela editora Novas Edições Acadêmicas.

Para uma visão mais amplas das produções e de orientações da pesquisadora, tem-se, a seguir, a tabela com dados numéricos a respeito dessas produções.

Tabela 16: Quantidade de publicações e de orientações de Faria<sup>46</sup>

<b>Publicações</b>	
Artigos publicados	31
Capítulos de livros publicados	56
Livros publicados	10
<b>Orientações concluídas</b>	
Iniciação Científica	27
TCC de Graduação	10
Mestrado	44
Doutorado	19

Fonte: elaboração própria, a partir do Currículo *Lattes* da pesquisadora.

Entre os artigos publicados por Faria, é possível perceber pesquisas voltadas para a descrição português, práticas pedagógicas na Educação Infantil, alfabetização etc. Destes, apenas 01 (um) trata de língua de sinais, qual seja o *Ensino de língua de sinais: aspectos variacionais fonológicos da língua brasileira de sinais*, publicado na Revista DLCV - Língua, Linguística & Literatura, da UFPB, em 2018, em parceria com sua ex-orientanda de mestrado Kátia Michael Albuquerque.

Além disso, a pesquisadora publicou ainda, em parceria com outros autores, o capítulo de livro intitulado *Língua de Sinais: um instrumento viabilizador do desenvolvimento cognitivo*

<sup>46</sup> Informações obtidas com base na última atualização do Currículo *Lattes* feita pela pesquisadora em: 16 fev. 2023. O acesso para esta pesquisa se deu em: 23 fev. 2023.

e *interacional do surdo* na coletânea *Estudos surdos: diferentes olhares* (2018), organizado por Ana Dorziat; o capítulo *Cenas da Libras no Nordeste: um estudo comparativo da língua nas cidades de João pessoa e Recife*, na coletânea *Estudos da Língua Brasileira de Sinais II* (2014), organizado por Marianne Rossi Stumpf, Ronice Muller de Quadros e Tarcísio de Arantes Leite.

A partir dessas notas de publicação, percebe-se o interesse de Faria pelos estudos de língua de sinais, mesmo que pesquisa, publique e oriente trabalhos sobre outras temáticas. Quanto às orientações de mestrado e doutorado, listamos, a seguir, as teses e as dissertações orientadas pela autora que constam no *corpus*.

Quadro 12: Teses e dissertações do *corpus* orientadas por Faria

<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Autor(a)</b>	<b>M/D</b>	<b>Universidade</b>
2009	A construção da argumentação na língua brasileira de sinais	Sousa, Wilma Pastor de Andrade	D	UFPB
2013	Aspectos variacionistas fonológicos da Língua Brasileira de Sinais	Conserva, Katia Michaele Fernandes	M	UFPB
2016	Proposta de dicionário infantil bilíngue libras/português	Klimsa, Severina Batista de Farias	D	UFPB

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do *corpus*.

Com base no quadro, é possível que 02 (dois) dos 03 (três) trabalhos listados são teses de doutorado e todos eles orientados na UFPB. Observa-se também que as temáticas abordadas nos trabalhos tratam de diferentes aspectos linguísticos, que vão desde a construção da argumentação na língua de sinais, passando pela variação fonológica, até a proposta de dicionário bilíngue. Diante disso, notamos que as orientações de Faria seguem uma gama de possibilidades no estudo de língua de sinais e colaboram para a produção de conhecimento na área.

### 5.2.9 Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Salles

A professora Salles é associada da UnB, atuando na área de Linguística, na abordagem da Teoria Gerativa, com ênfase em línguas românicas, germânicas, língua de sinais, aquisição de português L2 e educação linguística. Possui graduação em Letras pela UnB (1985), mestrado em Linguística por esta mesma Instituição, no ano de 1991; e doutorado em Linguística pela *University of Wales* (1997).

Na UnB, atuou na Coordenação do Programa de pós-graduação em Linguística, de 2003 a 2006, e de 2008 a 2012. Também dirigiu o Programa de Iniciação Científica (PROIC/UnB), de 2012-2016, e, atualmente, exerce a função de Chefe do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da UnB, desde 2021. Quanto à sua produção (publicações de artigos, capítulos de livros e livros) e trabalhos de orientação (Iniciação Científica, TCC de graduação, mestrado e doutorado), tem-se os seguintes dados quantitativos:

Tabela 17: Quantidade de publicações e de orientações de Salles<sup>47</sup>

<b>Publicações</b>	
Artigos publicados	51
Capítulos de livros publicados	35
Livros publicados	7
<b>Orientações concluídas</b>	
Iniciação Científica	16
TCC de Graduação	1
Mestrado	31
Doutorado	12

Fonte: elaboração própria, a partir do Currículo *Lattes* da pesquisadora.

Conforme se nota, Salles é autora de diversos livros e artigos. Estas abordam as áreas da teoria da gramática e ensino de língua materna. Dos livros publicados ligados à temática da língua de sinais, destacamos o *Bilinguismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais*, publicado em 2007 e organizado sob dois pontos de vista – o linguístico e o educacional –, apontando que a situação linguística e educacional dos surdos é assunto para tratamento interdisciplinar e multidisciplinar.

<sup>47</sup> Informações obtidas com base na última atualização do Currículo *Lattes* feita pela autora em 08 de janeiro de 2023. Nosso acesso ocorreu em: 19 fev. 2023.

Além de resultado preliminar de sua tese de doutorado, esta obra abarca também estudos realizados no âmbito do Projeto *Português como segunda língua na educação científica de surdos*, desenvolvido na Universidade de Brasília, com o apoio do Programa de Projetos Especiais da Capes/MEC, nos anos de 2003 a 2008.

Outras produções bibliográficas da pesquisadora são: *Estudos gerativos de língua de sinais brasileira e de aquisição de português (L2) por surdos* (2010); *Estudos Formais da Gramática das Línguas Naturais* (2011); *Variação Linguística. Contato de Línguas e Educação* (2013); *Temas em Teoria da Gramática. Textos Seleccionados* (2013); e *Novos Olhares para a Gramática do Português Brasileiro* (2017).

No que tange ao trabalho na pós-graduação, Salles orientou, até o presente momento 31 dissertações de mestrado e 12 teses de doutorado. Entre esses trabalhos, citam-se, no quadro a seguir, aqueles que interessam a esta pesquisa e que compõem o nosso *corpus*.

Quadro 13: Dissertações do *corpus* orientadas por Salles

Ano	Título	Autor(a)	M/D	Universidade
2008	A categoria preposicional na interlíngua do surdo aprendiz de português (L2)	Mesquita, Aline Camila Romão	M	UnB
2014	Ordem dos termos em estruturas oracionais na língua de sinais brasileira: um estudo em narrativas infantis	Lira, Magnolia de Souza	M	UnB
2016	Pronomes pessoais na interlíngua de surdo/a aprendiz de português L2 (escrito)	Andrade, Telma Rosa De	M	UnB

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do *corpus*.

Nota-se, com base no quadro acima, que Salles orientou trabalhos, abordando diferentes aspectos das línguas de sinais, como a categoria preposicional, estrutura das sentenças em Libras e uso dos pronomes pessoais. Esse envolvimento com os estudos das línguas de sinais vem desde sua participação em curso de extensão universitária na UnB, em 2002, sobre Teoria Gramatical e Língua de Sinais Brasileira. Além disso, a autora teve contato com a obra *Língua*

de sinais brasileira: *estudos linguísticos* (QUADROS; KARNOPP, 2004), do qual produziu uma resenha e publicou na *Revista Perspectiva*, em 2006.

Além das publicações, assumiu a coordenação do curso de Letras Libras da UFSC no polo da UnB, no período de 2008 e 2012, tanto no Bacharelado quanto na Licenciatura. A professora também atuou como coordenadora, entre 2004 e 2006, do programa *Interiorizando Libras*, uma iniciativa da Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação, mediante recursos orçamentários providos do FNDE, e execução financeira da Associação de Pais e Amigos de Surdos do Distrito Federal (APADA/DF), que objetivou capacitar professores da rede pública para o uso da Libras.

### **5.2.10 Fernando César Capovilla**

O professor Capovilla também aparece no rol dos orientadores com mais pesquisas orientadas. De fato, o professor e psicólogo é referência na área de estudos linguísticos de língua de sinais e autor de obras lexicográficas. Segundo informações extraídas do Currículo *Lattes*<sup>48</sup>, Capovilla é graduado em Psicologia pela PUC-Campinas, tem mestrado em Psicologia pela UnB (1984) e doutorado em *Experimental Psychology*, pela *Temple University*, nos Estados Unidos.

Atualmente é professor titular da do Instituto de Psicologia da USP, desde 1991, atuando tanto na graduação quanto na pós-graduação, desenvolvendo pesquisas na em linhas diversas, como: Neuropsicologia Cognitiva; Desenvolvimento e distúrbios de linguagem oral, escrita e de sinais; Diagnóstico diferencial das dislexias e reabilitação de leitura-escrita; Desenvolvimento de sistemas computadorizados de comunicação alternativa para portadores de distúrbios de comunicação; Computadorização de baterias de testes neuropsicológicos e de testes psicométricos; Processamento cognitivo na comunicação alternativa por deficientes sensoriais (surdez congênitos), motores (paralisia cerebral) e linguísticos (afasias); Língua de sinais brasileira, sistemas de sinais, escrita visual direta de sinais, e alfabetização de surdos; Alfabetização de crianças com deficiências sensoriais (surdez congênita), distúrbios motores (paralisia cerebral) e cognitivos (dislexia e distúrbios fonológicos); Diagnóstico de distúrbios de linguagem e reabilitação cognitiva em dislexia, afasia, surdez congênita, esclerose lateral amiotrófica, distrofia muscular progressiva e paralisia cerebral; Processamento hemisférico linguístico e imagético.

---

<sup>48</sup> Informações obtidas com base na atualização feita pelo autor em 30 de agosto de 2022. O acesso para esta pesquisa se deu em: 14 dez. 2022.

Além dessa vasta corrente de atuação, Capovilla já atuou, como professor e pesquisador visitante em outras instituições de ensino, como em: PUC Campinas (1982), UFU (1985), UnB (1983-1984), UEL (1993-1995), UERJ (1994-1997), ABD (2015-atual), *Temple University* (1985-1989) e CNE (2020-atual). Toda essa vasta experiência em ensino e pesquisa pode ser observada na produção do autor, na tabela a seguir, com base nos informes do Currículo *Lattes*:

Tabela 18: Quantidade de publicações e de orientações de Capovilla

<b>Publicações</b>	
Artigos publicados	172
Capítulos de livros publicados	326
Livros publicados	87
<b>Orientações concluídas</b>	
Iniciação Científica	22
TCC de Graduação	01
Mestrado	35
Doutorado	14

Fonte: elaboração própria, a partir do Currículo *Lattes* do pesquisador.

Observa-se no quadro o número expressivo publicações e orientações de pesquisa. Dos 172 (cento e setenta e dois) artigos publicados, cerca de 40 (quarenta) tratam de língua de sinais, surdez e/ou educação de surdos. Dos 326 capítulos de livros, pelo menos 113 abordam também essas temáticas e 27 livros são específicos de língua de sinais. Grande parte também dessas publicações são a respeito de alfabetização, um dos temas de interesse do pesquisador.

Como psicólogo de formação, Capovilla é coautor de 200 sistemas especialistas de multimídia para diagnóstico, comunicação e reabilitação cognitiva em distúrbios neuromotores, neurolinguísticos e neurossensoriais (como, surdez congênita profunda), segundo o site do Instituto de Psicologia da USP<sup>49</sup>. Logo, nota-se a importante contribuição do pesquisador para a área da Psicologia e da Surdez. Quando a este último tema, Capovilla desenvolveu vários estudos a respeito da educação de surdos, crianças com dislexia etc. Sobre a educação de surdos, o pesquisador é defensor da Escola Bilíngue para surdos, em que professores fluentes em Libras ministram suas aulas na língua de sinais e o espaço da sala de aula, e da escola como um todo, tem a Libras como língua principal (L1).

<sup>49</sup> A página pode ser acessada em: <https://www.ip.usp.br/site/>. Nosso acesso e deu em: 10 dez. 2022.

Além disso, o autor tem sido referência, ao longo dos anos, no que tange à Lexicografia de língua de sinais, com seu projeto de dicionários de Libras. Capovilla organizou, em parceria com Walkiria Duarte Raphael, a 1ª edição do *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira* (2001), em dois volumes. Em 2002, lançaram a 2ª edição do mesmo dicionário. E, em 2008, publicaram a 3ª edição.

Em 2009, publicou, em parceria com Walkiria Duarte Raphael e Aline Cristina L. Maurício, a 1ª edição do *Novo Deit-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em linguística e neurociências cognitivas*, em 2 volumes, também pela editora da USP. O dicionário teve ainda mais 2 edições, a 2ª publicada em 2011, e a 3ª em 2015. Em entrevista à *TV Brasil*, Capovilla destacou a importância de um dicionário de Libras, conforme se vê no trecho abaixo:

*“Esse dicionário é simplesmente o melhor dicionário de uma língua de sinais do mundo. Ele apresenta os sinais ilustrados em sua forma e em seu significado. O significado do sinal. Os sinais encontram-se escritos por meio de um sistema de escrita visual direta de sinais. Como psicólogos, nós sabemos que o hemisfério cerebral direito pensa mimeticamente, mimicamente, gestualmente. Então, nós descrevemos o sinal não só em termos de orientação da palma, composição da mão, expressão facial, movimento, mas nós escrevemos o sinal em sua intenção [...]. Então, nós fizemos um dicionário muito lúdico, muito atraente, de tal forma a fazer que os ouvintes queiram aprender essa fascinante língua de 6 milhões de surdos brasileiros”* (ENTREVISTA..., 2011).<sup>50</sup>

A obra lexicográfica mais recente do autor é o *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em Suas Mãos*, publicado pela Edusp, em 3 volumes, em 2017, e organizado juntamente com Walkiria Duarte Raphael, Janice Gonçalves Temoteo e Antonielle Cantarelli Martins. O dicionário documenta mais de 13 mil sinais de Libras, trazendo os verbetes correspondentes ao sinal em português e inglês, a definição do significado do sinal e dos verbetes, ilustrações e a descrição detalhada da forma do sinal, além de exemplos do uso do verbo em frases. Além disso, o dicionário tem a proposta de indicar as especificações geográficas de cada sinal, apontando usos regionais, o que contou com a participação de surdos, intérpretes e professores de Libras de todas as regiões do Brasil.

Das teses e dissertações orientadas por Capovilla, interessam-nos as listadas abaixo, extraídas do *corpus*.

---

<sup>50</sup> Depoimento extraído de uma entrevista de Capovilla dada à *TV Brasil*, em 2011, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KE0nyLDoum8>. O trecho transcrito inicia-se no minuto 1:28 e encerra-se no minuto 2:38. Acesso em: 10 dez. 2022.

Quadro 14: Teses e dissertações do *corpus* orientadas por Capovilla

Ano	Título	Autor(a)	M/D	Universidade
2005	Esboço de análise da estrutura morfológica dos sinais da Libras	Maria Vilalba de Oliveira Neves	M	USP
2009	Morfemas metafóricos na Libras: análise da estrutura morfológica de 1577 sinais em 34 morfemas moleculares e 14 classes de morfemas molares	Aline Cristina Lofrese Maurício	D	USP
2011	Análise da estrutura morfológica dos sinais de Libras do Novo Deit-Libras	Maria Vilalba de Oliveira Neves	D	USP
2012	Lexicografia da língua de sinais brasileira do Nordeste	Janice Gonçalves Temóteo	D	USP
2012	Lexicografia da Língua de Sinais brasileira do Rio Grande do Sul	Antonielle Cantarelli Martins	M	USP
2015	Análise de estrutura semântica de 10.400 sinais de libras: caracterização das combinações canônicas entre articulação de mão, orientações de mão e palma, movimento e expressão facial	Karina Nonato Pingituro Domingues	M	USP

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do *corpus*.

Conforme se observa no quadro, Capovilla tem suas orientações realizadas na USP e as pesquisas focam, principalmente, no aspecto morfológico das línguas de sinais. Há também orientações de cunho lexicográfico, uma vez que Capovilla também é autor de dicionários de Libras, como mencionado anteriormente. O interesse do pesquisador, além das questões sobre educação de surdos e alfabetização, distúrbios cognitivos e métodos de ensino, o pesquisador é uma liderança intelectual na produção lexicográfica de língua de sinais. Suas obras se tornaram referência ao longo da *tradição*.

Ademais, o pesquisador ainda atua com projeto *Lexicografia e Lexicologia da Língua de Sinais Brasileira do Nordeste, Sul e Centro-Oeste*, desde 2012, o qual objetiva coletar sinais de todos os estados das regiões Nordeste, Sul e Centro-Oeste, registrá-los, descrevê-los, ilustrá-los e indexá-los em dicionário impressos. Destacamos a importância do registro da língua de sinais, seja em dicionários ou outro tipo de documentação, para que a língua tenha seu registro e possam servir de base documental para atuais e futuras pesquisas.

### 5.2.11 Maria Sueli de Aguiar

A professora Aguiar formou-se em Linguística (Bacharelado) pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no ano de 1985. Segundo Queiroz (2010), em 1984, durante a execução do *Projeto Rondon*, Aguiar interessou-se por estudar os povos indígenas Katukina Páno, do Acre. Em 1988, concluiu Mestrado em Linguística na Unicamp com dissertação intitulada *Elementos para uma gramática do Katukina*. Entre 1989 e 1994, cursou Doutorado em Linguística na mesma universidade, defendendo a tese *Análise Descritiva e Teórica do Katukina*. Tornou-se ainda pós-doutora em 2005 pela *Universiteit Leiden* (Holanda) e em 2016 pela Unicamp.

Atualmente, é professora titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG), atuando nos cursos de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, nas linhas de pesquisa Estudos comparativos, Português histórico e Línguas indígenas pano. Tem interesse em linguística histórica, onomástica, línguas indígenas, mais especificamente com línguas *páno*, fonologia, morfologia e lexicografia.

A seguir, apresenta-se a produção da autora, com base em informações extraídas de seu Currículo *Lattes*.

Tabela 19: Quantidade de publicações e de orientações de Aguiar<sup>51</sup>

<b>Produção</b>	
Artigos publicados	16
Capítulos de livros publicados	8
Livros publicados	7
<b>Orientação</b>	
Iniciação Científica	6
TCC de Graduação	5
Mestrado	27
Doutorado	6

Fonte: elaboração própria, a partir do Currículo *Lattes* da pesquisadora.

Os artigos publicados pela autora relacionam-se às suas áreas de interesse, em especial descrição e análise de línguas indígenas. Já entre seus livros, destaca-se *Fontes de pesquisa e estudo da família Pano*, publicado pela Editora da Unicamp em 1994. Aguiar (1994) apresenta

<sup>51</sup> Informações obtidas com base na atualização do Currículo *Lattes* feita pelo autor em 25 de novembro de 2021. O acesso para esta pesquisa se deu em: 23 fev. 2023.

os achados de suas pesquisas sobre a família Pano entre os anos de 1994, quando ainda era graduanda em Linguística, e 1992, dois anos antes de concluir o doutorado.

No âmbito da Iniciação Científica e das orientações de TCC de graduação, orientou trabalhos relacionados à fonética, fonologia, morfologia e sintaxe do Katukina e Nukini. Já no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFG, das 27 dissertações que orientou, duas relacionam-se à Língua Brasileira de Sinais, as quais listamos a seguir.

Quadro 15: Dissertações do *corpus* orientadas por Aguiar

Ano	Título	Autor(a)	M/D	Universidade
1998	Proposta de escrita das línguas de sinais	Corrêa, Mariângela Estelita Barros	M	UFG
2013	Nova proposta de sílaba em Libras	Aguiar, Thiago Cardoso	M	UFG

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do *corpus*.

A partir do quadro e da análise do Currículo *Lattes*, nota-se que a pesquisadora, ainda que tenha orientado trabalhos de línguas de sinais, sua produção nessa área não é tão expressiva, se comparada a outros autores. Conforme visto anteriormente, os maiores interesse da pesquisadora é descrição de línguas indígenas, sobretudo as línguas *páno*. É provável que o interesse pelas línguas de sinais, em alguns trabalhos, deva-se também pelo interesse por línguas indígenas, talvez por serem línguas minoritárias, como foi o caso de Grannier e Viotti.

### 5.2.12 Sandra Pereira Bernardo

Bernardo é graduada em Português-Literaturas (1990) e tem mestrado (1995) e doutorado (2002) em Linguística pela UFRJ. Tem atuado como professora titular da UERJ, atuando tanto na graduação quanto na pós-graduação.

Bernardo desenvolve pesquisas na área de Linguística Cognitiva, com ênfase na abordagem sociocognitiva e na gramática de construções. Exerce atividade docente nas áreas de Linguística, Língua Portuguesa e Produção Textual. Atualmente lidera o grupo de pesquisa *Núcleo de Estudos Língua(gem) em Uso e Cognição - NELUC*.

Sobre a produção da pesquisadora, com base nas informações extraídas de seu Currículo *Lattes*<sup>52</sup>, seguem os dados na tabela a seguir:

Tabela 20: Quantidade de publicações e de orientações de Bernardo

<b>Publicações</b>	
Artigos publicados	51
Capítulos de livros publicados	10
Livros publicados	6
<b>Orientações concluídas</b>	
Iniciação Científica	4
TCC de Graduação	0
Mestrado	18
Doutorado	4

Fonte: elaboração própria, a partir do Currículo *Lattes* da pesquisadora.

Do quantitativo de publicações citadas acima, identificamos que a maioria dos trabalhos da pesquisadora tratam de metáfora conceitual na língua portuguesa. Encontramos, no entanto, apenas 04 (quatro) artigos com estudos voltados para a língua de sinais, a saber: *Relações culturais e sinais religiosos em Libras: estudo de metáforas e de metonímias*, publicado, em coautoria, na revista *Linguagem em Foco*, em 2018; *Comunicação em Libras: um estudo com base na rede de espaços comunicativos básicos*, publicado também em coautoria na *Pensares em Revista* (2018); *Sinais adjetivos da Libras em uma abordagem cognitiva*, publicado em 2021 na revista *(Con)textos linguísticos*; e *Conceptualização de sinais para tempo na Libras: metáfora e instrumentos linguísticos*, publicado na *Revista do GELNE* (2022).

Das 22 (vinte e duas) orientações de mestrado e doutorado, listamos apenas 04 (quatro) trabalhos para compor o *corpus*, conforme o quadro abaixo.

Quadro 16: Dissertações e teses do *corpus* orientadas por Bernardo

<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Autor(a)</b>	<b>M/D</b>	<b>Universidade</b>
2011	Metáfora Conceptual e Libras: uma abordagem cognitiva da surdez	Oliveira, Paula Helouise	M	UERJ

<sup>52</sup> Os dados foram obtidos com base na atualização feita pela autora em 14 de janeiro de 2023. Nosso acesso se deu em: 22 fev. 2023.

2013	Narrativas em Libras: análise dos processos cognitivos	Nunes, Valeria Fernandes	M	UERJ
2018	Corporificação e iconicidade cognitiva: um estudo sobre verbos em línguas de sinais	Nunes, Valeria Fernandes	D	UERJ
2018	Expressão por emoção: uma abordagem cognitiva de adjetivos em Língua Brasileira de Sinais	Sessa, Glênia Aguiar Belarmino da Silva	M	UERJ

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do *corpus*.

Com vista nos trabalhos acima mencionados, percebe-se o interesse pela língua de sinais numa abordagem cognitiva. Tal perspectiva é mais recente no que tange aos estudos de línguas de sinais e isso denota uma ampliação de possibilidades de investigação na área. Percebe-se também o papel de continuidade na pesquisa em Nunes (2015; 2018), o que atesta o interesse de alguns pesquisadores em dar prosseguimento aos estudos com foco na língua de sinais, em diferentes linhas de investigação.

### 5.2.13 Sandra Maia Farias Vasconcelos

Vasconcelos graduou-se em Letras pela UFC, em 1996. No ano de 2003, concluiu o Doutorado em *Sciences de L'Education* pela Universidade de Nantes (França). No ano de 2015, concluiu o pós-doutorado pela UFRN.

Atualmente, Vasconcelos é professora titular do Departamento de Letras Vernáculas da UFC, professora colaboradora da UECE e membro do Conselho de avaliadores do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

Também é professora do Programa de pós-graduação em Linguística da UFC, orientadora de mestrado e doutorado e docente do Programa de pós-graduação em Letras da Universidade Regional do Cariri (URCA), Crato - CE. Entre suas linhas de pesquisa de interesse estão: Práticas discursivas, narrativas de vida e textualização; História de vida, discurso e humanização; e Educação leitora. Quando à sua produção científica e trabalhos de orientação, apresentamos a seguinte tabela com os dados quantitativos:

Tabela 21: Quantidade de publicações e de orientações de Vasconcelos<sup>53</sup>

<b>Publicações</b>	
Artigos publicados	44
Capítulos de livros publicados	23
Livros publicados	13
<b>Orientação</b>	
Iniciação Científica	18
TCC de Graduação	14
Mestrado	46
Doutorado	9

Fonte: elaboração própria, a partir do Currículo *Lattes* da pesquisadora.

Com base nos registros do Currículo *Lattes*, Vasconcelos não possui publicações de artigos em periódicos com foco na descrição de língua de sinais. Consta a publicação de um capítulo de livro, em coautoria, intitulado *Libras nas universidades federais do Nordeste: uma disciplina em busca do destaque* (2009). Em contrapartida, a pesquisadora já orientou pesquisas na área, a nível de mestrado e doutorado, conforme se vê no quadro seguinte:

Quadro 17: Teses e dissertações do *corpus* orientadas por Vasconcelos

<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Autor(a)</b>	<b>M/D</b>	<b>Universidade</b>
2009	Língua Brasileira de Sinais: escolhas lexicais e desenvolvimento do tópico discursivo	Gomes, Dannytza Serra	M	UFC
2014	Língua brasileira de sinais: fala-em-interação entre surdos	Gomes, Dannytza Serra	D	UFC

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do *corpus*.

O caso de Vasconcelos, quanto ao interesse menor pela língua de sinais, mostra que alguns pesquisadores, por estarem envolvidos em outras áreas, podem, em algum momento, buscar interfaces com outros estudos que não sejam os de sua especialidade – no caso específico, os de línguas de sinais – sem, contudo, compor um *grupo de especialidade*.

<sup>53</sup> Informações obtidas com base na atualização do Currículo *Lattes* feita pela autora em 20 de dezembro de 2023. O acesso para esta pesquisa se deu em: 22 fev. 2023.

Apesar disso, os orientados, futuros líderes intelectuais, podem, por sua vez, constituir grupos mais coesos na área. Isto posto, identificamos que a orientanda de Vasconcelos, Dannytza Serra Gomes, cujos trabalhos foram listados no quadro anterior, é atualmente docente na UFC e tem formação, projetos de pesquisas e publicações mais voltados para os estudos de língua de sinais, podendo constituir uma nova geração de pesquisadores na área<sup>54</sup>.

#### 5.2.14 Jairo Morais Nunes

Nunes é professor titular no Departamento de Linguística da USP, graduado em Letras Português e Literaturas pela PUC – Campinas (1986) e tem mestrados em Linguística pela UNICAMP (1990) e pela *University of Maryland at College Park, UMCP*, Estados Unidos (1994). Fez doutorado em Linguística na mesma instituição estrangeira (1995).

Nunes é um sintaticista, interessado na Sintaxe Gerativa, e se tornou integrante deste grupo, consoante Batista (2017), após 1980, na segunda geração de pesquisadores do programa gerativista no Brasil, juntamente com Charlotte Galves, Esmeralda Vaillati Negrão e Carlos Miotto. Em depoimento, Nunes conta um pouco de sua experiência como estudante e pesquisador na área da Sintaxe:

*“[...] Eu comecei a fazer doutorado nos anos 1990, no auge do modelo de Government Binding. Fazer sintaxe naquele momento era realmente apaixonante. Graças à importância que a linguística comparativa adquiriu dentro da teoria de princípios e parâmetros, novas generalizações eram descobertas a todo momento. A cobertura empírica do modelo era estonteante. Eu confesso que inicialmente meu embarque no programa minimalista não foi sem receio, era como se eu estivesse contemplando o abandono dessa primeira paixão. Mas a dúvida não durou muito tempo [...]” (JAIRO..., 2021).*<sup>55</sup>

O autor revela seu gosto pela área da Sintaxe Gerativa, que iniciou na década de 1990 e se estende até os dias atuais. Além disso, o autor explicita sua filiação ao modelo minimalista, o qual se tornou base de sua produção científica. Essa produção, em termos quantitativos, se distribui da seguinte forma:

<sup>54</sup> Em consulta ao Currículo *Lattes* da pesquisadora, em 20 de fevereiro de 2023, identificamos 02 (duas) orientações de mestrado concluídas, sendo uma delas sobre a interlíngua de surdos falantes de Libras. E dos trabalhos conclusão de curso de graduação (04) e monografia de Especialização (03), todos tratam de Surdez e Educação de Surdos.

<sup>55</sup> O depoimento do autor ocorreu em razão do *I Encuentro RELIF – Rede de Lingüistas em Formación*, realizado nos dias 3 a 11 de dezembro de 2020, promovido pelo *Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano (INAPL)*, Buenos Aires, com o objetivo de promover intercâmbio entre linguistas de diferentes etapas de formação. O vídeo em que Nunes dá seu depoimento foi publicado no canal *Red de Lingüistas en Formación*, no *Youtube*, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Cf8fAHHFkeU>, e a fala transcrita inicia-se no minuto 2:17 e vai até o minuto 2:57.

Tabela 22: Quantidade de publicações e de orientações de Nunes<sup>56</sup>

<b>Publicações</b>	
Artigos publicados	47
Capítulos de livros publicados	49
Livros publicados	07
<b>Orientações concluídas</b>	
Iniciação Científica	21
TCC de Graduação	01
Mestrado	12
Doutorado	12

Fonte: elaboração própria, a partir do Currículo *Lattes* do pesquisador.

Conforme se observa, o autor tem um número expressivo de publicações, veiculadas por revistas tanto nacionais quanto internacionais. Entre as publicações do autor, destacamos, por exemplo, o capítulo de livro, produzido em parceria com Quadros, intitulado *Phonetically Realized Traces in American Sign Language and Brazilian Sign Language*, publicado no livro *Signs of the time: Selected papers from TISLR*, em 2008. Publicou também, em parceria, o artigo *Relação entre foco e aceno de cabeça na Língua de Sinais Brasileira (LSB)*, na Revista Estudos Linguísticos, em 2003. Desta feita, vê-se que pesquisador contempla, em sua produção, estudos acerca da descrição de língua de sinais.

Na pós-graduação, Nunes desenvolve pesquisas nas seguintes linhas: *Estudo de princípios e parâmetros linguísticos*; *Descrição e análise das línguas indo-europeias*; e *Estudo dos processos de aquisição e aprendizagem de línguas*, cujo objeto de análise é, sobretudo, o português brasileiro, não obstante haver pesquisas sobre língua de sinais. Quanto aos trabalhos orientados que constituem o *corpus* da nossa pesquisa, identificamos os seguintes:

Quadro 18: Dissertações do *corpus* orientadas por Nunes

<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Autor(a)</b>	<b>M/D</b>	<b>Universidade</b>
2005	O Papel da Marcação Não Manual nas Sentenças Negativas em Língua de Sinais Brasileira (LSB)	Arrotéia, Mara Jéssica	M	Unicamp

<sup>56</sup> Informações obtidas com base na última atualização do Currículo *Lattes* feita pelo autor em 13 de fevereiro de 2023. Nosso acesso ocorreu em: 19 fev. 2023.

2008	Construções Classificadoras e Verbos de Deslocamento, Existência e Localização na Língua de Sinais Brasileira	Veloso, Brenda Silva	D	Unicamp
------	---	----------------------	---	---------

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do *corpus*.

Das 24 (vinte e quatro) dissertações e teses orientadas por Nunes, até o presente momento, apenas 01 (uma) dissertações e 01 (tese) têm como foco a descrição da língua de sinais, especificamente na Língua de Sinais Brasileira, conforme o termo utilizado nos títulos dos trabalhos. Cabe destacar, contudo, que sua experiência de orientação de pesquisa em língua de sinais inicia ainda em 2002, com a pesquisa de Iniciação Científica da então orientanda Mara Jéssica Arroteia, cuja dissertação é listada no quadro acima. O projeto tem como título *Foco, Prosódia e Ordem de Palavras em Língua de Sinais Brasileira (LSB)*, realizado na Unicamp. Com isso, nota-se mais um pesquisador com longa *tradição de pesquisa* com foco nas línguas orais, mas que também produz conhecimentos sobre línguas de sinais.

### 5.2.15 Christiane Cunha de Oliveira

Em 1990, Oliveira tornou-se bacharela e licenciada em Letras Modernas (Inglês e Português) pela UFG, onde concluiu também o mestrado em Linguística, em 1993, com dissertação relacionada aos aspectos fonológicos e gramaticais da língua indígena *baré*. Entre os anos de 1996 e 2005, cursou doutorado em Linguística na *University of Oregon*, com pesquisa voltada à língua do povo indígena *apinajé*. Já em 2019, concluiu pós-doutorado na UnB.

Quanto à atuação profissional, Oliveira foi colaboradora no projeto *Saberes Indígenas na Escola*, da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação (SECADI-MEC). É ainda membro e colaboradora do Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena da UFG e vice-coordenadora do Núcleo de Tipologia Linguística Interinstitucional – UnB, UFG e *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS).

Atualmente, a pesquisadora é docente do Magistério Superior na UFG nos cursos de Letras e Licenciatura Intercultural. Desenvolve pesquisas relacionadas à documentação e análise de línguas indígenas brasileiras, direitos humanos e ambientais. Em pesquisas na área da Libras, destaca-se o seu trabalho na pós-graduação, sendo pioneira nos estudos descritivos de orientação tipológica-funcional e cognitivista da Libras, atuando nas linhas de pesquisa

Linguística de Campo; Análise Linguística; Línguas Ameríndias; e Documentação Linguística do mestrado em Letras e Linguística da UFG.

Ainda nesta instituição, Oliveira coordena o projeto de pesquisa *A Tipologia das Línguas Brasileiras e a Rede Goiana de Pesquisa Linguística sobre a Língua de Sinais Brasileira*, vinculada à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG-GO). A seguir, são apresentadas as produções e orientações da autora, obtidas em seu Currículo *Lattes*, cuja última atualização aconteceu em 21/07/2022 e cujo último acesso foi realizado em 19/02/2023.

Tabela 23: Quantidade de publicações e de orientações de Oliveira<sup>57</sup>

<b>Publicações</b>	
Artigos publicados	6
Capítulos de livros publicados	1
Livros publicados	0
<b>Orientações concluídas</b>	
Iniciação científica	5
Graduação	6
Mestrado	5
Doutorado	0

Fonte: elaboração própria, a partir do Currículo *Lattes* da pesquisadora.

Dos 06 (seis) artigos publicados pela autora, 02 (dois) relacionam-se aos estudos linguísticos da Libras. O trabalho *O evento e o estado dos participantes na língua brasileira de sinais*, publicado no periódico *Via Litterae* (UEG, 2017) analisa o participante e o estado do corpo, enquanto constituinte linguístico, durante a representação. Em *Concordância verbal em língua de sinais e suas implicações na escrita da segunda língua*, veiculado no periódico *Eutomia* (UFPE, 2020), analisa-se de que forma a estrutura sintática da Libras, em especial a concordância verbal, influencia na escrita de português como L2 por surdos utentes da Libras.

No âmbito das orientações de Iniciação Científica (5) e das orientações de Trabalhos de Conclusão de Curso de graduação em Letras (1) e Educação Intercultural (5) da UFG, a pesquisadora se debruça, principalmente, sobre as questões indígenas. Já na pós-graduação, a totalidade dos trabalhos que orientou (5) no mestrado em Letras e Linguística da UFG, entre os

<sup>57</sup> Informações obtidas com base na atualização do Currículo *Lattes* feita pela autora em 21 de junho de 2022. O acesso para esta pesquisa se deu em: 19 fev. 2023.

anos de 2011 e 2013, relacionam-se à Linguística das línguas de sinais, com ênfase no léxico e na descrição e análise linguística, quais também constituem o *corpus*, conforme se vê no quadro subsequente:

Quadro 19: Dissertações do *corpus* orientadas por Oliveira

Ano	Título	Autor(a)	M/D	Universidade
2011	A estrutura silábica na língua brasileira de sinais	Cunha, Karina Miranda Machado Borges	M	UFG
2012	A concepção de evento em construções representativas na Língua de Sinais Brasileira	Carneiro, Bruno Gonçalves	M	UFG
2012	Categorias lexicais na língua brasileira de sinais: nomes e verbos	Lima, Hildomar José de	M	UFG
2013	Universais linguísticos aplicáveis às línguas de sinais: discussão sobre as categorias lexicais nome e verbo	Chaibue, Karime	M	UFG
2013	A metaforização na constituição dos sinais na Libras	Mendes, Maria Luísa	M	UFG

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do *corpus*.

Notamos, a partir do quadro, que, apesar de a pesquisadora ter uma tradição de estudos e pesquisas na área de línguas indígenas, conforme mencionado anteriormente, os trabalhos orientados na pós-graduação têm sido voltados, até o momento, para a descrição de língua de sinais. Esse interesse tanto pelas línguas indígenas quanto pela língua de sinais é evidenciado quando da coordenação de dois grupos de pesquisa, por Oliveira, vinculados à UFG: o *Grupo de Estudos Línguas Indígenas e Funcionalismo Tipológico* e o *Grupo de Estudos Linguística de Línguas Sinalizadas*.

### 5.2.16 Ronice Müller de Quadros

Quadros tem um longo percurso acadêmico, do qual destacamos, inicialmente, a graduação em Pedagogia (1992), na UCS, mestrado em Linguística e Letras na PUCRS (1995), com trabalho sobre categorias vazias pronominais na língua de sinais brasileira; e doutorado

em Linguística e Letras (1999), pela mesma instituição, com um estudo sobre a estrutura da frase em Libras.

A pesquisadora se tornou uma das principais lideranças intelectuais na área da Libras, com suas pesquisas de língua de sinais e aquisição da linguagem por crianças surdas. Seu envolvimento com língua de sinais vem de núcleo familiar, já que é *Coda (Child of Deaf Adults)*, ou seja, filha de pais surdos. A formação de Quadros também tem influências em universidades estrangeiras, onde cursou pós-doutorado em *University of Connecticut – UCONN* (2009 a 2010), em *Harvard University* (2015 a 2016) e em *Humboldt-Universität Zu Berlin* (2020 a 2021).

A respeito de sua trajetória de formação e atuação profissional, Quadros (2016) afirma que:

Profissionalmente, tenho uma longa carreira que se iniciou na Escola Especial Concórdia em Porto Alegre. Nesta escola, fui professora de surdos na Educação Fundamental, uma oportunidade que determinou minha atuação profissional. Morei em Caxias do Sul/RS e fui professora e coordenadora pedagógica na Escola Municipal Helen Keller. Neste período, me graduei em Pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul. Tive a oportunidade de ter aulas com a linguista Heloisa Feltes que muito me incentivou a tentar o mestrado em Linguística da PUCRS. Conquistei o meu espaço na PUCRS e fiz o mestrado e parte do meu doutorado nesta universidade. Tive também a oportunidade de estar um ano e meio na *University of Connecticut* nos Estados Unidos trabalhando nas minhas pesquisas do curso de doutorado com a supervisão da Dra. Diane Lillo-Martin. Meu objetivo sempre foi estudar a língua de sinais brasileira. Realizei pesquisas analisando a estrutura da língua de sinais e o processo de aquisição de crianças surdas filhas de pais surdos. Nesta caminhada, também atuei como intérprete de língua de sinais e na formação de profissionais intérpretes. Tive também muitas oportunidades de trabalhar na formação de professores para surdos, o que motivou a publicação do meu primeiro livro “A educação de surdos: a aquisição da linguagem” e demais publicações. Atuei como professora e pesquisadora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e na Universidade Luterana do Brasil (QUADROS, 2016, n.p.).

Desde 2002, Quadros compõe o grupo de docentes da UFSC, onde já atuou realizando cursos de capacitação de intérpretes de língua de sinais em parceria com a SEESP/MEC. Ministrou também as disciplinas *Libras* e *Educação Especial* no curso de Pedagogia, a disciplina *Linguística aplicada às línguas de sinais* e *Tópicos em aquisição da Sintaxe*, no curso de pós-graduação em Linguística etc.; além de ter desenvolvido diversos projetos de pesquisa, como *Aquisição das categorias funcionais na língua de sinais brasileira* (2002 a 2005); *Tópicos em Aquisição da Sintaxe: Estudos Interlingüísticos* (2003 a 2005); *Reestruturação das políticas públicas para a educação de surdos em Santa Catarina* (2003 a 2005); *Aquisição da sintaxe*

em crianças surdas brasileiras: repercussões das diferentes formas de acesso à língua de sinais (2005 a 2008); *Identificador de sinais para banco de dados da língua de sinais brasileira* (2010 a 2013); *Gramática da Libras* (2018 a 2022); *Inventário Nacional de Libras* (2019 até o momento atual); e tantos outros.

No que tange à sua produção acadêmica, em termos quantitativos, podemos ver um número expressivo de publicações e trabalhos de orientação:

Tabela 24: Quantidade de publicações e de orientações de Quadros<sup>58</sup>

<b>Publicações</b>	
Artigos publicados	70
Capítulos de livros publicados	69
Livros publicados	33
<b>Orientações concluídas</b>	
Iniciação Científica	
TCC de Graduação	01
Mestrado	37
Doutorado	21

Fonte: elaboração própria, a partir do Currículo *Lattes* da pesquisadora.

Conforme visto na tabela acima, a maioria da produção de Quadros consiste em artigos publicados (70), em revistas nacionais e internacionais, voltados tanto para a área da descrição da língua de sinais, quanto para aquisição e ensino de Libras, entre outros temas. Entre seus livros publicados, está o *Theoretical Issues in Sign Language Research 9* (2006), publicado pela editora Arara Azul, coletânea de artigos dos trabalhos apresentados no *IX Congresso Internacional de Pesquisas Teóricas das Línguas de Sinais*, que reuniu 33 países com pesquisas de diferentes línguas de sinais. Além deste, cita-se o livro *O tradutor e intérprete de língua de sinais*, publicado pelo Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos (MEC), em 2004, e o *Teorias de Aquisição da Linguagem*, escrito em parceria com Ingrid Finger, no qual se apresentam as principais características de algumas abordagens teóricas que têm norteado as pesquisas em aquisição de linguagem, e também a coletânea *Estudos Surdos I* (2006), *Estudos Surdos II* (2007), *Estudos Surdos III* (2008), *Estudos Surdos IV* (2009).

Para além dessas obras, damos destaque ainda ao livro *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos* (2004), publicado em parceria com Lodenir Becker Karnopp (UFRS), pela

<sup>58</sup> Informações obtidas com base na atualização do Currículo *Lattes* feita pela autora em 30 de novembro de 2022. O acesso para esta pesquisa se deu em: 14 dez. 2022.

editora Artmed. Neste livro, as autoras descrevem e analisam a língua de sinais brasileira em seus aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos. A obra passou a ser referência nos trabalhos acadêmicos sobre língua de sinais no Brasil. Em 2019, Quadros lançou o livro *Libras*, pela editora Parábola, como parte da coleção Linguística para o Ensino Superior, com a proposta de também apresentar aspectos linguísticos da língua de sinais.

Quanto aos trabalhos de orientação em nível de pós-graduação, identificamos 58 (cinquenta e oito) dissertações e teses, das quais listamos apenas 04 (quatro) para compor o *corpus*. Ei-las:

Quadro 20: Teses e dissertações orientadas por Quadros

Ano	Título	Autor(a)	M/D	Universidade
2006	A variabilidade da ordem das palavras na aquisição da língua de sinais brasileira: construção com tópico e foco	Aline Lemos Pizzio	M	UFSC
2007	A complementaridade entre língua e gestos nas narrativas de sujeitos surdos	Rosemeri Corona Correa	M	UFSC
2008	ELiS - Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática	Mariângela Estelita Barros	D	UFSC
2011	A tipologia linguística e a língua de sinais brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos	Aline Lemos Pizzio	D	UFSC

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do *corpus*.

Como se observa, todos os trabalhos orientados por Quadros, presentes no *corpus*, foram realizados no âmbito do Programa de pós-graduação da UFSC. Além das publicações e orientações, Quadros teve importante papel na implementação do curso de Letras Libras EAD da UFSC, como foi visto no tópico 4.3, e na formação de pesquisadores da referência na área, como Ana Regina e Souza Campello (cf. tópico 5.2.7), Mariangela Estelita de Barros (UFG); Aline Lemos Pizzio (UFSC); Rodrigo Custório (UFSC); Shirley Vilhalva (UFMS); Rodrigo Nogueira Machado (UFC); Miriam Royer (UFCA), entre outros.

Para a autora, um dos principais desafios para o linguista que quer iniciar a pesquisa sobre a língua de sinais é aprendê-la, haja vista que o pesquisador não se depara apenas com uma segunda língua, mas também com uma segunda modalidade (QUADROS, 2012). Ademais, afirma que “a formação dos linguistas atuais, normalmente, não compreende o

desenvolvimento dessas habilidades. Isso teria que ser incorporado como desafio pelo próprio linguista que decide estudar esta língua” (QUADROS, 2012, p. 369).

### 5.2.17 Telma Moreira Vianna Magalhães

A pesquisadora Magalhães é docente na Faculdade de Letras da UFAL desde 2008, atuando principalmente em disciplinas como Sintaxe do Português, História do Português e Teorias Linguísticas. Magalhães tem formação Letras Vernáculas (graduação - 1996), pela UEFS, mestrado (2000) e doutorado (2006) em Linguística pela Unicamp.

Em sua pesquisa de mestrado, orientada por Mary Aizawa Kato, Magalhães (2000) analisou o uso dos sujeitos pronominais nulos na escrita escolar; já, na pesquisa de doutorado, analisou como ocorre o processo de desenvolvimento do sistema pronominal sujeito e objeto na aquisição do Português Europeu (PE) e no Português Brasileiro (PB) (MAGALHÃES, 2006). Com vista nisso, nota-se que a formação acadêmica de Magalhães não se concentra ainda nos estudos acerca de língua de sinais, muito embora, as produções seguintes passam a conter trabalhos dessa natureza, como as pesquisas listadas no *corpus*. Quanto ao levantamento da produção e do trabalho de orientação de Magalhães, baseado no Currículo *Lattes*, obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 25: Quantidade de publicações e de orientações de Magalhães<sup>59</sup>

<b>Publicações</b>	
Artigos publicados	11
Capítulos de livros publicados	10
Livros publicados	0
<b>Orientações concluídas</b>	
Graduação	12
Mestrado	9
Doutorado	1

Fonte: elaboração própria, a partir do Currículo *Lattes* da pesquisadora.

Dos 11 (onze) artigos publicados por Magalhães, 01 (um) deles tem como objeto a Libras, qual seja o trabalho intitulado *A aquisição das apontações pronominais pessoais em*

<sup>59</sup> Informações obtidas com base na última atualização do currículo feita pela pesquisadora em da autora feita em 25 de janeiro de 2023. O acesso para esta pesquisa ocorreu em: 20 fev. 2023.

*língua brasileira de sinais – Libras* (2020), publicado na Revista Linguística, em coautoria. Das publicações de capítulos de livro, não há uma que seja voltada para a língua de sinais. E entre as orientações de trabalhos de conclusão de graduação, predominam estudos voltados para o português brasileiro. No entanto, a pesquisadora atuou em orientação de mestrado, cujos títulos das dissertações são vistos a seguir.

Quadro 21: Dissertações do *corpus* orientadas por Magalhães

Ano	Título	Autor(a)	M/D	Universidade
2017	A Interpretação da Sentença com Verbos Simples (plain verbs): a ambiguidade em construções com os verbos abraçar e conversar em Libras	Pinto, Charridy Max Fontes.	M	UFAL
2019	Aquisição de apontações pronominais pessoais em Língua Brasileira de Sinais (Libras)	Grutzmacher, Marcos.	M	UFAL

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do *corpus*.

O quadro mostra orientações recentes dentro recorte temporal estabelecido nesta pesquisa. Tanto a pesquisa de 2017 quanto a pesquisa de 2019 foram orientadas no âmbito do Programa de pós-graduação da UFAL, onde atua como professora colaboradora. Além disso, Magalhães é professora permanente no Programa de pós-graduação em Letras da UNIFESP. Nesses programas, suas pesquisas seguem, principalmente, as seguintes linhas: aquisição de linguagem e sintaxe comparada do português. Destaca-se ainda a participação em grupos de pesquisas, dos quais ela coordena o *Grupo de Pesquisa Programa de Estudos Linguísticos - PRELIN (UFAL)*, desde 2014.

### 5.2.18 Marianne Rossi Stumpf

Stumpf, surda, nasceu no Chile, em 1973. Por conta do trabalho de seu pai, morou em diversos países, onde frequentou escolas de surdos, entre elas o Instituto Oral Modelo de Madrid. Aos sete anos, retornou ao Brasil e passou a estudar na Escola Estadual de Ensino Médio Helen Keller, em Caxias do Sul (RS). Em 1995, prestou o primeiro vestibular com intérprete de Libras da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) e, em 2000, graduou-se em

Tecnologia da Informática com monografia intitulada *Língua de Sinais: escrita dos Surdos na Internet* (MANUÁRIO..., 2021).

Quatro anos mais tarde, em 2004, graduou-se em Educação de Surdos pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Entre os anos de 2001 e 2005, cursou doutorado em Informática na Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com período sanduíche na *Universidade Paul-Sabatier* (França), defendendo a tese *Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting: línguas de sinais no papel e no computador*, que recebeu o prêmio CAPES em 2006 e menção honrosa da CAPES em 2007. No ano de 2014, concluiu pós-doutorado na Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa.

Atualmente, é professora do Magistério Superior Associada na UFSC, onde é vice-coordenadora do Centro de Comunicação e Expressão (CCE), atuando nos cursos de Letras Libras e no Programa de pós-graduação em Linguística. Desenvolve pesquisas sobre formação de professores de Libras, escrita de sinais pelo sistema *SignWriting*, tradução e formação de tradutores. A seguir, apresenta-se a produção da autora, com base em informações extraídas de seu Currículo *Lattes*.

Tabela 26: Quantidade de publicações e de orientações de Stumpf<sup>60</sup>

<b>Publicações</b>	
Artigos publicados	23
Capítulos de livros publicados	36
Livros publicados	14
<b>Orientações concluídas</b>	
Iniciação Científica	0
TCC de Graduação	05
Mestrado	18
Doutorado	10

Fonte: elaboração própria, a partir do Currículo *Lattes* da pesquisadora.

Dos 23 artigos publicados pela autora, que somam um total de 979 citações, destacam-se os *Aquisição de escrita de língua de sinais* (Revista Letras de Hoje, 2001) e *Quem fala português, escreve em português. Quem fala inglês, escreve em inglês. Os surdos: em que língua escrevem?* (Revista Letras Raras, 2016), este publicado em parceria com Débora

<sup>60</sup> Informações obtidas com base na atualização do Currículo *Lattes* feita pela autora em 24 de janeiro de 2023. O acesso para esta pesquisa se deu em: 24 fev. 2023.

Wanderley. Nesses trabalhos, Stumpf defende o sistema *SignWriting* como fundamental para a consolidação da Educação Bilíngue.

Já entre os livros publicados pela professora, destacam-se os volumes *Escrita das Línguas Gestuais* (Universidade Católica de Lisboa, 2011) e *Escrita de Língua Brasileira de Sinais* (Uniasselvi, 2011); e a sua mais recente publicação, a coleção *Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua na Educação Bilíngue de Surdos: da Educação Infantil ao Ensino Superior*, dividida em 5 volumes<sup>61</sup>. Organizada em parceria com Ramon Linhares, a obra tem realização do GRUPES/UFSC, apoio da CAPES e do PPGL/UFSC e foi publicada em 2021 pela Editora Arara Azul como uma contribuição às discussões sobre ensino de Libras em todos os níveis de ensino, emergentes da recém-consolidação da Educação Bilíngue para Surdos como modalidade educacional independente da Educação Especial.

No âmbito do Programa de pós-graduação em Linguística da UFSC, Stumpf orientou 18 dissertações e 9 teses relacionadas, em sua grande maioria, ao sistema *SignWriting*, sua maior área de interesse. Destes, destacamos as seguintes teses e dissertações para compor o *corpus*.

Quadro 22: Teses e dissertações do *corpus* orientadas por Stumpf

Ano	Título	Autor(a)	M/D	Universidade
2010	Sinais caseiros: uma exploração de aspectos linguísticos	Nayara de Almeida Adriano	M	UFSC
2011	Processo de grafia da língua de sinais: uma análise fonomorfológica de sinais em Sign Writing.	Rundesth Sabóia Nobre	M	UFSC
2015	A escrita de expressões não manuais gramaticais em sentenças da Libras pelo sistema SignWriting	João Paulo Ampessan	M	UFSC
2015	Metáforas em Libras: um estudo de seu uso por pessoas surdas	Michelle Andrea Murta	M	PUC-MG
2016	Escrita de sinais: supressão de componentes quirêmicos da escrita da Libras em SignWriting	Carla Damasceno de Moraes	D	UFSC

<sup>61</sup> *Fundamentos históricos e conceituais para curricularização da Libras como primeira língua* (v.1); *Ensino de Libras como L1 na Educação Infantil* (v.2); *Ensino de Libras como L1 no Ensino Fundamental* (v.3); *Ensino de Libras como L1 no Ensino Médio* (v.4); *Ensino de Libras como L1 no Ensino Superior* (v.5).

2017	A Classificação dos Verbos com Concordância da Língua Brasileira de Sinais: Uma Análise a partir do SignWriting	Débora Campos Wanderley	D	UFSC
2017	A arte de escrever em Libras	Gabriela Otaviani Barbosa	M	UFSC

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do *corpus*.

De acordo com o quadro acima, os trabalhos orientados por Stumpf são, em sua maioria, relacionados à escrita de sinais. A pesquisadora é uma das principais referências nessa área de estudo e atua como líder do *Grupo de Pesquisa de Estudos sobre o SignWriting* e do *Grupo de Pesquisa Léxico e Terminologia em Libras: tradução, validação e tecnologia*, ambos cadastrados no diretório de grupos de pesquisa do CNPq.

Além disso, foi assessora técnico-pedagógica do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (Inep), tendo atuado na tradução do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) nos anos de 2017 a 2021. E exerce, atualmente, a função de vice-presidenta da Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais (Febrapils).

Stumpf representa uma liderança intelectual na área não só pela sua produção intelectual, mas por sua posição como sujeito surda, que atua em políticas de educação bilíngue para surdos e por ser uma das principais defensoras, no Brasil, do uso e do ensino da escrita de sinais nas políticas de inclusão de surdos.

### 5.2.19 Sarajane Marques Peres

Peres se destaca pelos trabalhos orientados em interface com a Ciência da Computação. A pesquisadora é graduada na área pela UEM, realizada entre 1993 e 1996, é mestre em Engenharia da Computação pela UFSC, cursado no período de 1997 a 1999, e tem doutorado em Engenharia Elétrica pela Unicamp, onde cursou entre 2001 e 2006. Possui também livre-docência em Inteligência Computacional e Aprendizado de Máquina pela USP, título concedido em 2017.

Atualmente, Peres está vinculada à USP, onde atua como professora associada no Escola de Artes, Ciências e Humanidades, no Curso de Sistema de Informação. Além disso, a pesquisadora faz parte do Programa de pós-graduação em Sistemas de Informação da USP. No

âmbito deste Programa, Peres atua nas seguintes linhas de pesquisa: Inteligência Computacional; Aprendizado de Máquina; Reconhecimento de Padrões; Mineração de Processos. Na tabela a seguir, apresentamos o quantitativo das publicações e dos trabalhos de orientação da pesquisadora, com base em consulta feita no Currículo *Lattes*<sup>62</sup>.

Tabela 27: Quantidade de publicações e de orientações de Peres

<b>Publicações</b>	
Artigos publicados	27
Capítulos de livros publicados	5
Livros publicados	1
<b>Orientações concluídas</b>	
Graduação	51
Mestrado	19
Doutorado	0

Fonte: elaboração própria, a partir do Currículo *Lattes* da pesquisadora.

Além das publicações citadas no quadro, vale destacar a quantidade expressiva de publicações de Peres em anais de congresso, totalizando 109 trabalhos publicados. Nesse conjunto, ressaltamos as pesquisas de Peres, em coautoria, que abarcam línguas de sinais, a saber: *Análise de tradução automática português-Libras no contexto do edital do Enem 2018*, publicado nos anais do *XXX Simpósio Brasileiro de Informática na Educação* (2019); *Desempenho de Funções de Similaridade em CBIR no Contexto de Teste de Software: Estudo de Caso em Segmentação de Imagens de Gestos da LIBRAS*, publicado nos anais do *Anais do VIII Workshop de Visão Computacional* (2012); *Mapas Auto-Organizáveis de Kohonen aplicados ao Reconhecimento de Sinais da LIBRAS*, publicado nos anais do *Encontro Paranaense de Computação* (2007). Além desses, há um trabalho de publicação individual intitulado *LIBRAS Signals Recognition: a study with Learning Vector Quantization and Bit Signature*, publicado nos anais do *Simpósio Brasileiro de Redes Neurais* (2006).

No rol dos trabalhos de orientação de graduação, na USP, destacam-se também três pesquisas que utilizam do conhecimento de língua de sinais em interface com a Ciência da Computação: *Estudo de Representações Vetoriais para Dados de Movimentos e Aplicação no Reconhecimento de Padrões da Libras*, (DIAS, 2010); *Estudo de Representações Vetoriais para Dados de Movimentos e Aplicação no Reconhecimento de Padrões da Libras* (MIGNELLA,

<sup>62</sup> As informações foram obtidas com base na última atualização do Currículo *Lattes*, em 11 de fevereiro de 2023. Nosso acesso se deu em: 19 fev. 2023.

2010); e *Jogo da Força em Libras? Uma Implementação com Comitê de Máquinas e Reconhecimento de Padrões Sintático* (MADEO, 2010).

Quanto aos trabalhos que compõem o *corpus* desta pesquisa, reconhecemos 02 (duas) dissertações orientadas por Peres, ambas defendidas no âmbito do mestrado em Sistemas de Informação, da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP. Ei-los:

Quadro 23: Dissertações do *corpus* orientadas por Peres

Ano	Título	Autor(a)	M/D	Universidade
2015	Reconhecimento automático de expressões faciais gramaticais na língua brasileira de sinais	Freitas, Fernando de Almeida.	M	USP
2018	Segmentação automática de Expressões Faciais Gramaticais com Multilayer Perceptrons e Misturas de Especialistas	Maria Eduarda de Araújo Cardoso	M	USP

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do *corpus*.

Das 19 (dezenove) orientações de mestrado, conforme visto na tabela 27, 02 (duas) nos interessam para análise. As dissertações destacadas foram classificadas no grupo de trabalhos de *conhecimento linguístico aplicado*, conforme o quadro de Swiggers (2013; 2015; 2019). Para além das publicações e orientações, Peres atuou em projetos de desenvolvimento de programas de computador para reconhecimento de sinais em Libras, como o *Protótipo: Módulo reconhecedor de sinais da Libras (configuração de mão e movimento)* (2010). Esses e outros projetos na área das Ciências da Computação e os trabalhos anteriormente mencionados produzidos e orientados por Peres evidenciam que o interesse pelas línguas de sinais extrapola o domínio da Linguística, como também estabelecem interface com ela, e possibilitam o desenvolvimento de tecnologias assistivas para sujeitos surdos (BERSCH, 2009; 2017).

### 5.2.20 Dionei Moreira Gomes

Em 1997, Gomes graduou-se em Letras pela Universidade de Brasília (UnB), onde, em 2000 e em 2006 concluiu, respectivamente, o mestrado e o doutorado, desenvolvendo pesquisas relacionadas à Lexicologia, Morfologia e Sintaxe da língua *Mundurukú*. Durante o doutorado, teve período de co-tutela no *Centre d'Études de langues Indigènes d'Amérique*. Tornou-se ainda

pós-doutor pelo *Centre National de la Recherche Scientifique* (2013) e pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2017).

Atualmente, Gomes é professor do Magistério Superior UnB, atuando nos cursos de Letras e no Programa de pós-graduação em Linguística, do qual foi coordenador entre os anos de 2012 e 2013. No âmbito da pós-graduação, realizou pesquisas na linha *Pesquisa Gramática: Teoria e Análise*.

Gomes também é líder do *Grupo de Pesquisa Funcionalismo, Tipologia e Ensino* (CNPq) e co-coordenador do *Projeto Diversidade Linguística na América Latina (Línguas Ameríndias)* da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL). Ademais, segundo consta no Currículo Lattes do pesquisador, ele atua junto à Fundação Nacional do Índio (FUNAI) como consultor na área de Linguística e Língua Portuguesa no projeto *Ensino Médio Integrado à Educação Profissional de Nível Técnico destinado ao Povo Mundurukú*, iniciado em 2006.

O pesquisador participa também, como membro integrante, do *Núcleo de Tipologia Linguística*, da UnB, juntamente com os linguistas Adriana Estevam (UnB), Aline da Cruz (UFG), Flávia de Castro Alves (UnB), Francisco Queixalós (SeDyl/CNRS), Léia Silva (UFG), Marina Magalhães (UnB) e Walkiria Praça (UnB). O grupo tem o objetivo de descrever e analisar línguas indígenas sul-americanas, conforme as informações contidas no site do núcleo<sup>63</sup>

Gomes é ainda membro-fundador da Rede de Investigação e Cooperação Interinstitucional sobre Diversidade Linguística (RICIDIL) – Brasil, México, Argentina e Chile. Desenvolve pesquisas e orienta trabalhos sobre línguas indígenas, português brasileiro e Libras. A tabela a seguir apresenta a produção do autor, com informações extraídas de seu Currículo *Lattes*.

Tabela 28: Quantidade de publicações e de orientações de Gomes<sup>64</sup>

<b>Publicações</b>	
Artigos publicados	18
Capítulos de livros publicados	19
Livros publicados	5
<b>Orientações concluídas</b>	
Iniciação Científica	26

<sup>63</sup> A página desse e de outros núcleos pode ser acessada em: <http://www.lip.unb.br/nucleos-de-pesquisa/ntl>.

<sup>64</sup> Informações obtidas com base na atualização do Currículo *Lattes* feita pelo autor em 20 de fevereiro de 2023. O acesso para esta pesquisa se deu na mesma data.

Graduação	51
Mestrado	16
Doutorado	5

Fonte: elaboração própria, a partir do Currículo *Lattes* do pesquisador.

Dos 18 (dezoito) artigos publicados pelo autor, 02 (relacionam) relacionam-se à temática da Libras, com destaque à sintaxe em *Causatividade em Libras: uma introdução* (Signo y Seña, 2022) e *Voz passiva em Libras?* (Cadernos de Linguagem e Sociedade, 2021). Já entre os capítulos de livros publicados pelo autor, o intitulado *Reduplicação na Língua Brasileira de Sinais (Libras): uma reflexão inicial* destaca-se por, assim como os artigos mencionados, apresentar primeiras reflexões e achados sobre fenômenos linguísticos em Libras.

Os livros publicados e/ou organizados pelo autor, por sua vez, tratam, em sua totalidade, de diversidade linguística em contexto de fronteiras, línguas ameríndias, análise linguística e ensino de língua portuguesa como L2 para povos indígenas. Já na pós-graduação, em especial no Programa de pós-graduação em Linguística, há 04 (quatro) orientações de dissertações de mestrado concluídas que versam sobre Libras, com ênfase, como nos demais trabalhos destacados, na Sintaxe.

Quadro 24: Dissertações do *corpus* orientadas por Gomes

Ano	Título	Autor(a)	M/D	Universidade
2012	Reduplicação na Língua Brasileira de Sinais (Libras)	Pagy, Fabiane Elias	M	UnB
2012	Classificação nominal em Libras: um estudo sobre os chamados classificadores	Mendonça, Cleomasina Stuart Sanção Silva	M	UnB
2014	Voz passiva em Libras? Ou outras estratégias de topicalização?	Miranda, Joao Paulo Vitorio	M	UnB
2015	Causatividade em Libras	Andrade, Allinny de Matos Ferraz.	M	UnB

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do *corpus*.

Como se observa, do total de 16 (dezesseis) orientações de mestrado, conforme visto na tabela 28, apenas 04 (quatro) tratam de língua de sinais. Isso se justifica pela participação de

Gomes em outros projetos de pesquisa que tem como foco línguas indígenas, como o *Dicionário Terminológico Escolar Mundurukú-Português/ Português-Mundurukú: Enfermagem, Agroecologia e Magistério*, desde 2007; o projeto *Documentação e Descrição da Língua Ye'kuana de Roraima (Karíb)* (2008-2012); o *Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa funcional-tipológica e ao ensino* (2009-2018); o projeto de *Produção de material didático para ensino de português como segunda língua ao povo Mundurukú* (2012-2015); o projeto *Voz, valência, transitividade e mudança linguística no português: contribuições da Linguística Cognitivo-Funcional*, desde 2016; o projeto *Argumentos e adjuntos em línguas indígenas brasileiras*, desde 2018; e o mais recente *Acessibilidade Linguística a estudantes indígenas da rede pública de ensino do DF: igualdade, equidade e competências interculturais*, desde 2020.

Além desses, Gomes desenvolve o projeto de pesquisa *Documentação e Descrição da Língua Brasileira de Sinais (Libras)*, a partir do qual surgem suas pesquisas na área da Libras. No entanto, ao que parece, essa não é a temática prioritária do pesquisador.

### **5.2.21 Tarcísio de Arantes Leite**

Leite é professor no curso de Letras Libras da UFSC desde 2009. Sua área de formação, a nível de graduação, é em Letras Português/Inglês, na USP (2001), e, a nível de pós-graduação, fez mestrado e doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês também na USP. Nas pesquisas de mestrado e de doutorado, é possível observar a temática da Libras e da surdez envolvida. Na pesquisa de mestrado, Leite (2004) analisou a história de vida de professores surdos de Libras como segunda língua para ouvintes; e, no doutorado, Leite (2008) se deteve a examinar a segmentação da Libras a partir da conversação espontânea de surdos.

O interesse do pesquisador pela língua de sinais, no entanto, inicia-se ainda na graduação, quando da participação na pesquisa de Iniciação Científica, orientada pelo professor da USP Leland Emerson MacCleary, o qual também foi orientador no mestrado e no doutorado. Segundo Leite (2004), seu interesse pela língua de sinais inicia através do contato com este pesquisador, conforme o seguinte relato:

[...] Assim, no segundo semestre de 1999, procurei um dos meus professores favoritos da faculdade, o meu então professor de fonologia Leland McCleary, e informei a ele sobre o interesse de trocar o meu emprego de digitador/operador de micros por um trabalho de pesquisa de Iniciação Científica (IC) com bolsa. Naquele instante, eu mal sabia o que era pesquisa, muito menos uma área interessante para pesquisar, mas o meu contato com o

prof McCleary teria – tal como o contato com o disco dos Sex Pistols – um impacto profundo sobre a minha vida. Não é coincidência, portanto, que esse segundo grande acontecimento também seja datado com bastante precisão na minha memória o dia em que, de supetão, parei um professor do curso de Inglês no corredor da faculdade de Letras e aberto a sua experiência e as suas indicações, ouvi pela primeira vez na minha vida sobre o contexto sociolinguístico da comunidade surda e as possibilidades de atuação acadêmica nessa área (LEITE, 2004, p. 10-11).

Com relato acima, observa-se que o interesse pela temática da língua de sinais surge pelo contato com outro professor pesquisador, o qual até hoje faz pesquisas sobre línguas de sinais, mas não só. A partir de então, a produção científica de Leite, segue principalmente, a perspectiva da Libras e da surdez. E, assim, o pesquisador foi construindo, ao longo da carreira acadêmica, subsídios teóricos e metodológicos para seus trabalhos, tanto como estudante de pós-graduação, como docente no curso de Letras Libras.

Em termos quantitativo, as publicações e orientações do pesquisador se distribuem conforme os dados da tabela que se segue:

Tabela 29: Quantidade de publicações e de orientações de Leite<sup>65</sup>

<b>Publicações</b>	
Artigos publicados	10
Capítulos de livros publicados	05
Livros publicados	02
<b>Orientações concluídas</b>	
Iniciação Científica	1
TCC de Graduação	02
Mestrado	14
Doutorado	0

Fonte: elaboração própria, a partir do Currículo *Lattes* do pesquisador.

Dos 10 artigos publicados por Leite, destaco alguns que tratam da descrição de língua de sinais: *Descrição das línguas sinalizadas: a questão da transcrição dos dados*, publicado, em coautoria, na Revista Alfa, em 2010; *A identificação de unidades gramaticais na Libras: uma proposta de abordagem baseada no uso*, publicado, em coautoria, na Revista Todas as Letras, em 2013; *Turn-taking in Brazilian Sign Language: evidence from overlap*, publicado na *Journal of Interactional Research in Communication Disorders*, em 2013; e *Semântica lexical*

<sup>65</sup> Informações obtidas com base na atualização do Currículo *Lattes* feita pelo autor em 02 de dezembro de 2022. O acesso para esta pesquisa se deu em: 14 dez. 2022.

na libras: *Libertando-se da tirania das glosas*, publicado também em coautoria na Revista da Abralin, em 2022. Leite também é organizador, juntamente com Quadros e Stumpf, da coleção de livros *Estudos da Língua Brasileira de Sinais* (2014), volumes I e II, publicados pela editora Insular.

Quanto aos projetos de pesquisa coordenados por Leite, destacamos o *Estudos da comunidade surda: questões linguísticas e educacionais*, desenvolvido entre 2009 e 2019, que objetivou desenvolver pesquisas na área da linguística de língua de sinais, educação de surdos; o projeto *Semântica lexical da Libras: reflexões teóricas e metodológicas*, que objetiva desenvolver estudos acerca da influência semântica do português na Libras devido ao constante contato entre as duas línguas; e o projeto *Inventário Nacional da Libras*, desenvolvido entre 2015 e 2017, que consiste na documentação da Libras como patrimônio linguístico e cultural do Brasil.

No âmbito da pós-graduação, Leite orientou, até o presente momento, 14 dissertações de mestrado, das quais 05 (cinco) constituem o *corpus*. Ei-las:

Quadro 25: Dissertações do *corpus* orientadas por Leite

Ano	Título	Autor(a)	M/D	Universidade
2010	A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras): Um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais	Heloise Gripp Diniz	M	UFSC
2012	Iconicidade e produtividade na língua brasileira de sinais: a dupla articulação da linguagem em perspectiva	Victor Hugo Sepúlveda da Costa	M	UFSC
2013	Indicadores de formalidade no gênero monológico em Libras	Rodrigo Custódio da Silva	M	UFSC
2014	Língua Brasileira de Sinais: expressões inovadoras	Fabiana Schmitt Correa	M	UFSC
2015	A Interferência do Português na Análise Gramatical em Libras: O Caso das Preposições	Myrna Salerno Monteiro	M	UFSC

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do *corpus*.

O quadro informa que os trabalhos orientados pelo pesquisador, todos da UFSC, são, com base no *corpus*, todos de mestrado e abordam, principalmente, a Libras, em diferentes perspectivas: a história da língua, a iconicidade e produtividade na língua, a interferência do português na Libras etc. Conforme o Lattes do pesquisador, seus trabalhos enfocam principalmente o estudo da gramática situada em contextos interacionais, com ênfase na análise da conversa, na linguística cognitiva e nos estudos de gestualidade, tomando como principal objeto de análise a Libras.

### 5.2.22 Jair Barbosa da Silva

O pesquisador Silva é graduado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) (2000), mestre (2006) e doutor (2011) em Letras e Linguística pela UFAL. Tanto na pesquisa de mestrado quanto de doutorado, o autor abordou, na perspectiva da Sintaxe Funcional, as construções topicalizadas em sentenças do português brasileiro.

Assim como acontece com outros pesquisadores deste rol, os trabalhos iniciais e de formação de Silva são voltados para a descrição do português. No entanto, outros trabalhos voltados para as línguas de sinais foram sendo produzidos. Conforme os dados obtidos pelo Currículo *Lattes*<sup>66</sup>, o autor tem formação complementar na área da Libras, como o curso *Cultura e Literatura Surda e Língua Brasileira de Sinais* (2014), realizado pela ENLACE Cursos, Inventário Nacional de Libras (2015), pela UFSC, *Marco Referencial para Currículo de Libras e Documentação de Libras* (2017), pela ASNAT, *Marco de Referência Europeu para o Ensino de Línguas de Sinais e Sinais Internacionais para qualquer surdo e ouvinte* (ambos, 2018), pela UFSC; e *Tipologia das Línguas de Sinais: padrões e variações (Roland Pfau)* (2019), pela ABRALIN. Soma-se a essa lista o estágio pós-doutoral realizado na UFSC, em 2019, sob supervisão de Quadros.

Com base nas formações complementares do pesquisador listadas acima, percebe-se que o interesse pelas línguas de sinais é mais recente e, por isso, tem possibilitado a produção de conhecimentos também nesta área, sobretudo quando da atuação no Programa de pós-graduação, em que o enfoque é o estudo descritivo da Libras. Vale destacar ainda que Silva, sendo professor da UFAL desde 2013, atuou como coordenador na implementação do curso

---

<sup>66</sup> As informações foram obtidas com base na última atualização do Currículo *Lattes* feita pelo autor em 11 de dezembro de 2022. O acesso para esta pesquisa se deu em: 20 jan. 2023.

presencial de Letras Libras da instituição, em 2016. No quadro a seguir, apresentamos o levantamento quantitativo da produção e das atividades de orientação do pesquisador:

Tabela 30: Quantidade de publicações e de orientações de Silva

<b>Publicações</b>	
Artigos publicados	11
Capítulos de livros publicados	15
Livros publicados	0
<b>Orientações concluídas</b>	
Iniciação Científica	
TCC de Graduação	14
Mestrado	3
Doutorado	1

Fonte: elaboração própria, a partir do Currículo *Lattes* do pesquisador.

Dos 11 (onze) artigos publicados, 05 (cinco) são voltados aos estudos linguísticos de língua de sinais, publicados, em coautoria, entre 2016 e 2021. São eles: *Aspectos Morfosintáticos das Construções Topicalizadas em Língua Brasileira de Sinais – Libras* (2016), publicado na revista *Sensos*; *Gramática de Libras: questões metodológicas* *Documentação Língua de Sinais* (ambos, 2016), publicados na revista *Fórum Linguístico*; e, por fim, *Processo de nativização do Português na Língua Brasileira de Sinais: escopo datilológico* (2021), publicado na revista *Leitura*.

Além disso, dos 15 (quinze) capítulos de livros publicados, 05 (cinco) deles também são voltados ao estudo descritivo da língua de sinais, publicados entre 2016 e 2021, quais sejam: *Teoria Linguística: reflexões a respeito da Libras* (2016); *Dezessete anos depois... Desdobramentos da Lei de Libras no/para o Brasil* (2019); *Flexão de plural ou nominalização? A função da reduplicação em nomes na Libras* (2020); *O plural de nomes reduplicados na Libras* (2020); e *Sentenças da Libras: gramática da Libras* (2021).

Quanto às atividades de orientação, destacam-se as pesquisas de mestrado que constam no *corpus*.

Quadro 26: Dissertações do *corpus* orientadas por Silva

Ano	Título	Autor(a)	M/D	Universidade
2018	Semântica da Libras: hiperônimos e hipônimos e o desenvolvimento linguístico da criança surda	Santos, Marcos de Moraes	M	UFAL
2019	Marcadores prosódicos da Libras e o papel das expressões corporais	Goes, Anne Karine Silva de	M	UFAL

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do *corpus*.

Nota-se que as duas pesquisas mencionadas estão entre as mais recentes, considerando o recorte temporal desta pesquisa. Elas também coincidem com as primeiras dissertações de mestrado orientadas por Silva, haja vista que o início de sua atuação no Programa de pós-graduação em Letras e Linguística da UFAL se deu em 2016. Antes disso, a experiência de ensino se dava no curso de Letras Português até 2016, ano em que o curso de Letras Libras passa a funcionar na instituição.

Cabe destacar ainda os projetos de pesquisa, os quais o pesquisador integra. O primeiro deles é o *Tecnologias Assistivas Aplicadas ao Turismo*, que busca desenvolver um aplicativo móvel para facilitar o acesso de pessoas surdas e cegas a espaços turísticos da cidade de Maceió. Outro projeto em exercício e coordenado por Silva é o *Documentação em Libras*, um empreendimento de pesquisa que envolve pesquisadores de outras instituições com o objetivo de documentar produções em Libras, com intuito de elaborar materiais didáticos em Libras e fontes de consulta e pesquisa para interessados. Conforme as informações do projeto, os dados são coletados quatro estados brasileiros: Ceará, Alagoas, Rio de Janeiro e Santa Catarina. Há ainda o projeto *Inventário de Libras da Grande Maceió*, também coordenado por Silva, que objetiva constituir um inventário da Libras na Grande Maceió, servindo também de base documental para pesquisas atuais e futuras.

### 5.2.23 Elena Godoi<sup>67</sup>

Godoi é graduada em Letras Espanhol/Inglês pela Universidade Pedagógica de São Petersburgo, (UPSP), Rússia (1976), mestre em Letras pela UFPR (1988) e doutora em

<sup>67</sup> O sobrenome da autora aparece, no Currículo *Lattes*, grafado das seguintes formas: *Godoy* e *Godoi*. Optamos, portanto, pela última grafia, qual seja a que consta na dissertação e na tese orientadas por ela e que compõem o *corpus*.

Linguística pela Unicamp (1992). Atualmente, é professora no Programa de pós-graduação em Letras da UFPR.

Godoi informa, em seu Currículo *Lattes*, que tem atuado, desde 2003, na coordenação do *Grupo de Pesquisa Linguagem e Cultura*, certificado pela UFPR. E é ainda sócia-fundadora da Associação Brasileira de Pragmática (2014), da qual foi a primeira presidente, entre 2014 e 2016. No que tange à produção acadêmica da pesquisadora, identificamos os seguintes dados números:

Tabela 31: Quantidade de publicações e de orientações de Godoi<sup>68</sup>

<b>Publicações</b>	
Artigos publicados	44
Capítulos de livros publicados	20
Livros publicados	07
<b>Orientações concluídas</b>	
Iniciação Científica	01
TCC de Graduação	02
Mestrado	36
Doutorado	14

Fonte: elaboração própria, a partir do Currículo *Lattes* da pesquisadora.

Suas áreas de interesse são: Pragmática, Comunicação Humana, Linguagem e Cognição, Linguagem e Cultura. Os estudos sobre língua de sinais se deram no âmbito da pós-graduação, em que orientou três pesquisas, sendo duas de mestrado e uma de doutorado. Dessas, duas pesquisas constituem nosso *corpus*, a saber:

Quadro 27: Dissertações do *corpus* orientadas por Godoi

<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Autor(a)</b>	<b>M/D</b>	<b>Universidade</b>
2004	Os sinais de tempo e aspecto na Libras	Finau, Rossana Aparecida	D	UFPR
2007	Psicanálise e surdez: metáforas conceituais da subjetividade em Libras	Pereira, Priscila Frehse.	M	UFPR

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do *corpus*.

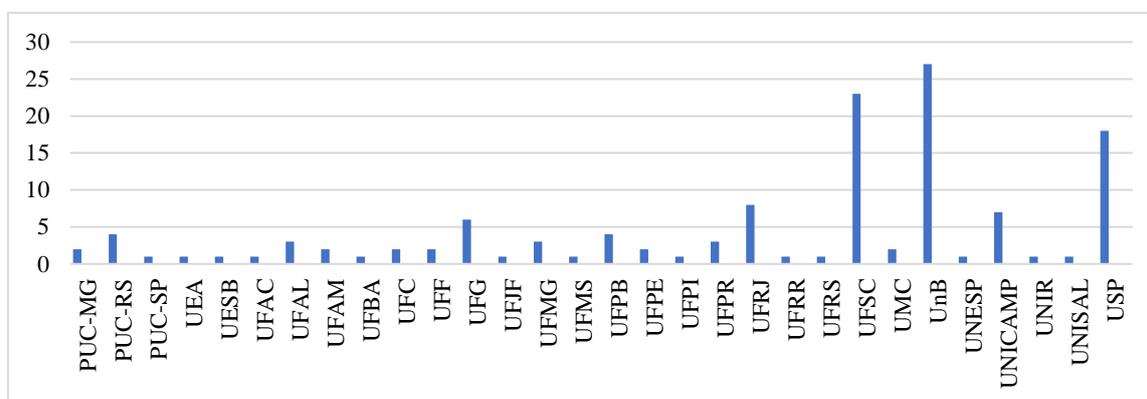
<sup>68</sup> Dados obtidos com base na última atualização do Currículo *Lattes* feita pela autora em 12 de novembro de 2022. O acesso para esta pesquisa se deu em: 20 fev. 2023.

Com base no levantamento dos trabalhos orientados, cujo objeto de análise é a Libras, nota-se que a professora Godoi é uma das pesquisadoras que tem trabalhos e orientações de pesquisa sobre língua de sinais, porém, não exerce tanta produtividade na área, devido ao fato de ter outros campos de interesse. Muitos dos trabalhos publicados por ela analisam o português e o espanhol, em diferentes perspectivas: Pragmática, Semântica, Fonética e Fonologia, entre outras.

### 5.3 Universidades

Analisar a distribuição de trabalhos por universidades é um passo importante para a análise historiográfica, já que assim é possível identificar qual ou quais instituições têm sido mais produtivas e têm contribuído de forma significativa à *tradição*, pelo menos no quesito quantidade. O gráfico a seguir mostra as universidades presentes no *corpus* e quantos trabalhos estão relacionados a cada uma delas.

Gráfico 6: Quantidade de dissertações e teses por Universidades



Fonte: elaboração própria com base nos dados do *corpus*.

Nota-se, com base no gráfico, que a UnB é a universidade com maior produção no *corpus* selecionado, contendo 27 trabalhos. A UFSC também tem bastante expressividade no quesito produção, uma vez que detém 23 das teses e dissertações analisadas. A maioria dos trabalhos oriundos da UnB é de natureza lexicológica e lexicográfica, conforme se verá na análise dos dados internos, sendo Faulstich uma das principais lideranças intelectuais na área. Além dela, outras pesquisadoras estão nesse rol de orientações, como Grannier e Salles, ambas da UnB.

A UnB possui três programas de pós-graduação na área de *Linguagens: Linguística, Linguística Aplicada e Literatura*. O Programa de pós-graduação em Linguística, fundado em 1963, pioneiro no mestrado acadêmico em Linguística no Brasil, é constituído de duas áreas de concentração: Linguagem e Sociedade; e Teoria e Análise Linguística. Esta última contempla as linhas de pesquisa: Gramática: Teoria e Análise; Léxico e Terminologia; Teoria e Análise Linguística de Línguas Indígenas. Na linha Léxico e Terminologia, atua Faulstich, responsável por orientar os trabalhos dedicados à língua de sinais.

A UFSC, como segunda instituição mais recorrente no *corpus*, se destaca por seu pioneirismo na institucionalização do curso de Letras Libras. Com isso, muitas pesquisas de pós-graduação passaram a ser desenvolvidas no âmbito dos estudos linguísticos desta universidade. As teses e dissertações vinculadas à UFSC abordam conhecimentos diversos, no escopo da Linguística, e são orientadas por pesquisadores como: Quadros, Stumpf e Leite.

O papel das universidades é importante também quando da institucionalização de grupos de pesquisa. Por isso, na seção seguinte, apresentamos uma descrição dos principais grupos de pesquisas catalogados no Diretório do CNPq. Esses grupos estão divididos por regiões e o acesso à página do Diretório de cada grupo mencionado pode ser visto no Apêndice.

## 5.4 Grupos de pesquisa na área da Linguística de línguas de sinais

### 5.4.1 O GELES e o GT Libras da ANPOLL

Iniciamos esta seção discorrendo sobre o primeiro o primeiro grupo de pesquisa que se institucionalizou no Brasil, conforme já mencionado anteriormente: o *Grupo de Estudos sobre Linguagem, Educação e Surdez* (GELES), criado pela professora Ferreira, em 1985, durante a *II Conferencia Latino Americana de Sordos*, ocorrida em Buenos Aires. Conforme Brito e Câmara (2019), a formação do GELES se deu justamente pela atuação da professora Ferreira nas diferentes universidades por onde passou: Universidade de Mogi das Cruzes (1979-1981), Universidade Federal de Pernambuco (1985-1986) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (1987 – ?)<sup>69</sup>. De acordo com o relato de Felipe (2019):

O GELES teve a sua fase embrionária no estado de São Paulo em 1979, como consta na apresentação do seu Boletim 1, redigido, em Pernambuco, pela

---

<sup>69</sup>Os anos de atuação em cada universidade foram informados com base no Currículo *Lattes* da pesquisadora, disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1695994704730655>. A última atualização do currículo ocorreu em 03/06/2008, por isso, não se pode ainda informar ao certo em que ano a professora encerrou sua atuação na UFRJ, haja vista que ela está, atualmente, desvinculada das atividades acadêmicas.

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Lucinda Ferreira Brito e membros do GELES do Recife. Nessa fase embrionária, Ferreira Brito, professores e profissionais da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)/ Centro de Reabilitação Prof. Dr. Gabriel da Silva Porto (Cepre é a sua sigla atual) começaram a desenvolver projetos de pesquisa na área da surdez, com foco para uma proposta de Educação Bilíngue para surdos: língua de sinais e português; depois, a partir de 1980, esses dois grupos se consolidaram e fundaram o GELES, quando Lucinda Ferreira Brito estava na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) como Professora Visitante (FELIPE, 2019, p. 64).

O grupo GELES foi responsável pela publicação de Boletins que divulgavam as pesquisas sobre os aspectos linguísticos, socioculturais e educacionais da língua de sinais e da surdez, no intuito de trazer a público os eventos científicos e os trabalhos de pesquisa nessa área. Com o fortalecimento cada vez maior do grupo, a professora Ferreira idealizou a criação do Grupo de Trabalho Linguagem e Surdez (GTLS) junto à ANPOLL, em 1988, tornando-se a primeira coordenadora.

Segundo Felipe (2019), só em 2014 o GT passou a se chamar GT Libras, atendendo ao pedido feito pelos membros junto à Diretoria da ANPOLL. Contudo, o documento disponibilizado no site mostra que foi em 2015 que os membros do GT, cuja coordenação e vice-coordenação estavam sob responsabilidade das professoras Stumpf e Quadros, respectivamente (biênio 2014-2016), concordaram e solicitaram a mudança. Importante destacar a justificativa dada para a mudança do nome, que consta no documento de solicitação:

Solicitamos a alteração do nome do GT Linguagem e Surdez para Língua Brasileira de Sinais – Libras, pois nós, membros do GT, acreditamos que o nome atual utilizado não mais reflete a atualidade. As pesquisas evoluíram, a área como um todo evoluiu e a nomenclatura mais utilizada atualmente nas pesquisas científicas é Libras, sendo assim, vemos essa necessidade de alteração, até mesmo para a consolidação da mesma.<sup>70</sup>

Observa-se, na justificativa, o reconhecimento de uma “evolução” nas pesquisas em língua de sinais, o que normalmente ocorre na ciência, conforme Kuhn (2018 [1962]). Com o tempo, as pesquisas foram se modificando, definindo métodos próprios e princípios teóricos básicos, consolidando a *TPLS*. Ainda quanto à mudança de nome do GT, Felipe (2019), uma das participantes do GT à época, tece o seguinte comentário:

Concordo com a mudança, mas essa proposta não foi refletida e partilhada com todos os membros do GTLS e, por isso, a minha sugestão é que

---

<sup>70</sup> Extraído do documento de solicitação de mudança de nome do GT. Disponível em: <http://anpoll.org.br/gt/libras/wp-content/uploads/sites/24/2013/03/Alteracao-de-nome-de-GT.pdf>.

repensemos essa nova denominação, uma vez que ela não contempla todas as linhas de pesquisa já existentes e as possíveis de serem criadas, pois o GT sempre existirá através das novas gerações de novos pesquisadores (FELIPE, 2019, p. 82).

Nota-se, a partir disso, uma aparente discordância da mudança de nome que ocorreu em 2015, embora o termo “concordo” esteja explícito. Isso mostra que, mesmo que haja um *cluster*, conforme os dizeres de Murray (1993), algumas ideias, teóricas ou administrativas, podem divergir em um mesmo grupo, por membros que se reconhecem pertencentes a este grupo. Hoje, o GT Libras conta com especialistas de várias universidades, a saber:

Quadro 28: Membros do GT Libras da ANPOLL<sup>71</sup>

<b>Nome</b>	<b>Universidade</b>	<b>Função</b>
Guilherme Lourenço	Universidade Federal de Minas Gerais (UFRJ)	Coordenador
Ana Regina e Souza Campello	Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)	Vice-coordenadora
Aline Lemos Pizzio	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Membro efetivo
Ana Claudia Balieiro Lodi	Universidade de São Paulo (USP)	Membro efetivo
Carlos Henrique Rodrigues	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Membro efetivo
Deize Vieira dos Santos	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	Membro efetivo
Elidéa Bernardino	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	Membro efetivo
Janine Soares de Oliveira	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Membro efetivo
Lodenir Becker Karnopp	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	Membro efetivo
Maria Cristina da Cunha Pereira	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)	Membro efetivo
Marianne Stumpf	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Membro efetivo
Myrna Salerno Monteiro	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	Membro efetivo
Rachel Louise Sutton-Spence	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Membro efetivo
Regina Maria de Souza	Universidade de Campinas (UNICAMP)	Membro efetivo
Ronice Müller de Quadros	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Membro efetivo

<sup>71</sup> Dados obtidos com base nas informações contidas no site da ANPOLL. Disponível em: <https://anpoll.org.br/2022/>. Acesso em: 15 dez. 2022.

Rossana Aparecida Finau	Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)	Membro efetivo
Sandra Patrícia de Faria	Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal	Membro efetivo
Tanya Amara Felipe de Souza	Universidade de Pernambuco (UPE)	Membro efetivo
Wilma Favorito	Universidade de Campinas (UNICAMP)	Membro efetivo
Zilda Maria Gesueli	Universidade de Campinas (UNICAMP)	Membro efetivo
Adriano de Oliveira Gianotto	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)	Estudante/Doutorando
Magno Prado Gama Prates	Universidade Federal de Rondônia (UNIR)	Estudante/Mestrando
Elias Paulino da Cunha Junior	Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)	Estudante/Doutorando
Itacir Gabral	Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)	Estudante/Graduando

Fonte: elaboração própria a partir dos dados obtidos no site do GT.

Nota-se, a partir do quadro, a representatividade de pesquisadores vinculados à UFSC, universidade que ainda é referência no que diz respeito a ensino e pesquisa em língua de sinais e também a precursora na oferta de cursos de Letras Libras, como visto no capítulo 4. Além do GT da ANPOLL, outros grupos de pesquisa foram se formando nas universidades brasileiras. A seguir, apresenta-se um panorama quantitativo desses grupos por regiões e as instituições vinculadas, conforme dados do Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. Dados mais específicos, como nome dos grupos e líderes, podem ser vistos no Apêndice.

Tabela 32: Quantidade de grupos de pesquisa em instituições brasileiras (por regiões)

REGIÕES	QUANT.	INSTITUIÇÕES
Norte	7	UFT, UFAC, UFPA, UEA, UFRR, UNIFAP
Nordeste	10	UESPI, UFAL, UFPE, UFS, UFRB, UFBA, IFBA, UFDPAr
Centro-Oeste	4	UNB, IFB, UFG, UEMS
Sudeste	10	Unicamp, UFRJ, UNIFESP, INES, UFMG, UNESP, UFSCAR, UFF, USP
Sul	7	UFSC, UNIOESTE, UTFPR, PUCRS, IFRS
<b>Total</b>	<b>38</b>	

Fonte: elaboração própria com base nos dados catalogados no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq. Acesso em jul. 2021.

Com base nos dados apresentados acima, chegou-se a um total de 38 grupos de pesquisa com área de concentração em Linguística das línguas de sinais, sendo que a maioria deles estão concentrados na região Sudeste (10 grupos) e na região Nordeste (10 grupos), em diversas

instituições. As instituições que aparecem mais de uma vez na lista de grupos de pesquisa são, na região Nordeste, a UFPE (2), na região Sudeste, a Unicamp (2) e, na região Sul, a UFSC (3).

Partiremos agora para a análise de cada um dos grupos, divididos por regiões, considerando, principalmente, sua liderança, objetivos e linhas de pesquisa. Além disso, analisamos as parcerias entre as instituições às quais se vinculam os grupos, a fim de identificar as possíveis “redes de trabalho”, como descrito por Murray (1993).

#### 5.4.2 Grupos da região Norte

Na região Norte, foram identificados 7 grupos de pesquisas cadastradas no Diretório. Esses grupos foram formados entre 2001 e 2018, sendo o grupo mais antigo, criado em 2001, o *GPELLSI - Grupo de Pesquisas em Estudos Linguísticos em Tipologias de Línguas de Sinais*, da UFPA, atualmente liderado por Leila Saraiva Mota, mestre em Linguagens e Saberes da Amazônia pela UFPA e doutoranda em Linguística pela UFNT. O grupo atua em duas linhas de pesquisa, a saber: i) análise e descrição sociolinguística de interações em línguas de sinais e ii) Linguística, com ênfase em teoria e análise linguística.

No perfil do grupo no Diretório do CNPq não há menção de parceria com outras instituições. Contudo, não se pode descartar a possibilidade de influências entre instituições de ensino, sobretudo na formação dos pesquisadores atuantes, como é o caso da líder Leila Saraiva Mota, que fez seu doutoramento na UFNT, e de um dos membros, Giselle Pedreira de Mello Carvalho, que também é professora no curso de Letras Libras da UFPA, e se graduou em Letras Libras na UFSC.

Interessante notar também que todos os pesquisadores do grupo têm alguma formação na própria universidade em que atuam, seja a nível de graduação ou de pós-graduação. Isso mostra que há um movimento de formação de pesquisadores estudantes na área que acabam se tornando professores pesquisadores na própria instituição.

Ainda na região Norte, destacamos um dos grupos que menciona, no perfil do Diretório de Grupos de Pesquisa, quais são as instituições parceiras, que é o *Língua Brasileira de Sinais, Cultura, Literatura e Educação de Surdos*, da UFT, formado em 2018, e atualmente liderado por Carlos Roberto Ludwig e Bruno Gonçalves Carneiro. O grupo faz parceria com a UFPR e a UFSC. Estas duas universidades são também centros de formação e atuação de pesquisadores na área de Libras. A UFSC, em especial, se destaca pelo seu reconhecido pioneirismo na implementação do curso de Letras Libras e isso tem, de certa forma, contribuído para que ela

ainda exerça influências na produção de conhecimento em outras instituições de ensino superior.

Além desse, o grupo *LaPLOS - Laboratório de Pesquisas em Línguas Orais e de Sinais*, da UFPR, formado em 2016, é liderado por Paulo Jeferson Pilar Araújo e André Nogueira Xavier. Xavier se graduou em Letras na USP (1999-2002), fez mestrado em Linguística na mesma instituição (2004-2006), onde pesquisou a respeito da fonética e fonologia da Libras, e concluiu seu doutorado na Unicamp (2010-2014), com a tese que defende o número de mãos como um dos parâmetros na produção de sinais da Língua Brasileira de Sinais, cuja influência é recebida dos estudos de Klima e Bellugi (1979) quanto à defesa do número de mãos como parâmetro distintivo nas línguas de sinais. Isso diferente da proposta de Stokoe (1960), que propôs apenas três parâmetros – configuração de mão, locação e movimento – e Battison (2003[1974]), que propôs a orientação da palma da mão e as marcas não manuais.

### 5.4.3 Grupos da região Nordeste

A região Nordeste possui 10 grupos de pesquisas na área de Linguística, com foco na língua de sinais, cadastrados no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. Esses grupos foram criados entre 2010 a 2019 e estão vinculados a diversas instituições de ensino superior da região.

Destacamos o grupo mais antigo, criado em 2010, vinculado à UFPE: *Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Surdez e Educação de Surdos*. Ele, atualmente, é coordenado por Wilma Pastor de Andrade Sousa e Tícia Cassiany Ferro Cavalcante. Wilma Sousa é mestre e doutora em Linguística pela UFPB, na área da surdez e Libras, e Tícia Cavalcante é mestre e doutora pela UFPE, com pesquisas na área da Psicologia Cognitiva.

Quanto às parcerias interinstitucionais, não há menção no perfil do Grupo. Notamos, porém, uma parceria entre grupos de uma mesma instituição. Isso porque a UFPE também sedia o *GRUPELL - Grupo de Pesquisa e Estudos sobre o Léxico da Libras*, instituído em 2013, e que possui, em sua lista de pesquisadores, membros do primeiro grupo, como é o caso da professora Severina Batista de Farias, líder deste e membro daquele. Além dela, outros dois membros também participam dos dois grupos de pesquisa.

Importante ressaltar que a UFPE foi uma das pioneiras na formação de grupos de pesquisa na área de Libras, quando da existência do GELES, coordenado por Ferreira, em 1985, durante a *II Conferencia Latino Americana de Sordos*, ocorrida em Buenos Aires, reunindo pesquisadores da UFPE, da Unicamp e da UFRJ, conforme citamos mais acima. Segundo Felipe (2019):

O Geles estava representado, em Pernambuco, por duas professoras da UFPE: duas alunas do Mestrado em Linguística da UFPE, em que me incluo como aluna e professores da FESP/UPE; um professor da Fafire; uma surda e um surdo do Centro de Educação Especial, que foi meu primeiro professor de Libras e um surdo que trabalhava como servidor técnico-administrativo da UFPE, todos da Associação de Surdos de Pernambuco - ASPE, onde coletei meus dados para minha pesquisa de Mestrado. Em São Paulo, estava representado por 12 professoras/profissionais do Centro de Reabilitação Prof. Dr. Gabriel Porto - Unicamp, uma aluna do doutorado em Linguística da Unicamp (Campinas); na cidade de São Paulo por um surdo da Associação de Surdos de São Paulo; uma professora da Rede oficial de Educação Especial e uma surda da cidade de Santos (FELIPE, 2019, p. 66).

Ainda no que tange aos grupos de pesquisa do Nordeste, tem-se o *GELIS - Grupo de Estudos das Línguas de Sinais* (ano de formação: 2016), da UFBA e coordenado por Desirée de Vit Begrow. O grupo atua em duas linhas de pesquisa: i) Interface Libras e outras línguas; ii) Letramentos em Línguas de Sinais. Conforme a descrição da repercussão no site, informa-se que o grupo pretende “dar maior visibilidade aos trabalhos desenvolvidos na região Nordeste, contribuindo, direta e indiretamente, para a expansão e o fortalecimento da pesquisa científica em território nacional e para o reconhecimento da comunidade surda, principalmente das locadas nessa parte do Brasil”. Embora seja possível que, em algumas áreas da Linguística, o Nordeste ainda esteja à margem dos centros acadêmicos, que geralmente se concentram no eixo Sul e Sudeste, nas pesquisas em Língua de Sinais, o Nordeste têm contribuído desde a década de 1980, período em que essa área de pesquisa se estabelece no Brasil. Citamos, por exemplo, o grupo GELES, com sede na UFPE, e a defesa de uma das primeiras dissertações na área da Linguística da Libras que também ocorreu na mesma instituição, em 1988, por Felipe. E, ainda no Nordeste, citam-se, por exemplo, as pesquisas como as de Almeida-Silva (2013) e Lima (2019), ambas realizadas no programa de pós-graduação da UFPI, entres outras instituições desta mesma região.

Há ainda três grupos formados em 2018, a saber: i) o *GELSPI - Grupo de Estudos em Línguas de Sinais do Piauí*, vinculado à UESPI e liderado por Francisca Neuza de Almeida Farias e Ediane Silva Lima; ii) o *NEPILS - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Interiorização da Língua de Sinais*, com sede na UFAL e liderado por Cristiano das Neves Vilela e Welbert Vinicius de Souza Sansão; iii) o *PortS - Grupo de Pesquisa em estudos sobre Língua Portuguesa para Surdos*, vinculado à UFRB e liderado por Ayane Nazarela Santos de Almeida.

Sobre o *GELSPI*, é importante destacar o papel que a pesquisa no Piauí tem dito no âmbito da *TPLS*. As pesquisas do grupo seguem duas linhas de investigação: Linguística das

Línguas de Sinais e Tradução e Educação e Práticas Pedagógicas para Surdos, e conta com pesquisadores não somente da UESPI, mas também da UFPI e da UFDPAr. Esta última, por seu turno, sedia um outro grupo de pesquisa, o *GEALCS - Grupo de Estudos Avançados em Linguagem, Comunicação e Saúde*, coordenado por Anderson Almeida da Silva, uma das principais lideranças intelectuais nas pesquisas linguísticas de língua de sinais do Piauí. O grupo segue três linhas de pesquisa: Biolinguística; Estudos e Análises Linguísticas das Línguas Naturais; Psicolinguística Experimental. O *GEALCS* tem parceria com a UECE, a UFPR, a UFRR, a UNESP, a UFRN, a UFRJ, a UFPI e a UFSC.

Quanto às pesquisas linguísticas no Piauí, destacam-se os trabalhos proeminentes de descrição e documentação da Língua de Sinais Cena, uma das línguas de sinais minoritárias no Brasil, utilizada por surdos da comunidade Várzea Queimada, localizada no município de Jaicós - PI. Vale ressaltar que as pesquisas da Língua de Sinais Cena não estão apenas circunscritas ao grupo em questão. Outros pesquisadores, não cadastrados junto ao Diretório, também atuam neste trabalho investigativo. Atua também, juntamente com o grupo do Piauí, o pesquisador Andrew Ira Nevins, doutor em Linguística pela MIT e professor titular na UFRJ. Almeida-Silva e Nevins (2020) discutem sobre a natureza de uma Língua de Sinais Emergente, a qual se caracteriza pelo surgimento em contextos nos quais a comunidade surda encontra-se isolada, sem interferências de uma outra língua de sinais estável, e que haja uma alta incidência de surdez hereditárias entre os membros da comunidade. Os autores descrevem ainda aspectos lexicais e gramaticais da língua de sinais Cena.

Os estudos com os surdos da comunidade Várzea Queimada, numa perspectiva antropológica, iniciaram com Pereira (2013). Em seguida, numa perspectiva mais linguística, grupos de linguistas de diferentes universidades nacionais (UFDPAr, UFRJ, UFSC e UECE) e internacionais (UCL) iniciaram o trabalho de investigação, documentação e descrição da Cena. Conforme relatam Almeida-Silva e Nevins (2020), os grupos de pesquisadores:

[...] realizaram duas viagens com duração média de uma semana cada, 5 a 7 dias, para efetuar coletas de dados, entrevistas e filmagens da Cena em uso. As excursões foram sempre formadas por linguistas, educadores e professores de LSs, surdos e ouvintes, todos com reconhecida expertise em seus campos de atuação. Nenhuma viagem para a comunidade foi realizada sem a presença de surdos pesquisadores. A primeira viagem até a comunidade coordenada pelo nosso grupo se deu em fevereiro de 2017, e a segunda, em dezembro de 2019. Esse intervalo de tempo entre as coletas é importante do ponto de vista metodológico e linguístico, pois contribui para verificar se as observações feitas por ocasião da primeira visita são mantidas ou refutadas na segunda (ALMEIDA-SILVA; NEVINS, 2020, p. 1035)

As viagens a que se referem os autores ocorreu em dois momentos, conforme Almeida-Silva e Nevins (2020): o primeiro momento em 2017, que contou com a participação de Anderson Almeida da Silva (UFDPAr), Natália de Almeida Simeão (UFPI), Diná Souza da Silva (UECE), Antônio Nelson Teixeira Moreno (IFCE), Kelly Samara Pereira Lemos (UESPI) e João Cunha e Silva Neto (UFPI); o segundo momento em 2019, com a participação de Anderson Almeida da Silva (UFDPAr), Andrew Ira Nevins (UFRJ), Iago Pedro Pires (UFPI), Carlos Douglas Carvalho de Macedo (UFPI), Diane Stoianov (UCL), Telma Franco (UFPI), Bruna Rodrigues da Silva (UESPI) e Nadia Fernanda Martins de Araújo (UFPI).

As pesquisas realizadas nesta comunidade tiveram repercussão nacional, com a exibição de uma matéria no Programa Fantástico, da TV Globo, exibida no dia 20 de fevereiro de 2022<sup>72</sup>. Isso mostra a importância que este grupo e outros grupos têm na *TPLS* e o lugar que a área vem ocupando no cenário da pesquisa linguística no Brasil.

Além dos grupos do Piauí, há o *NEPILS*, vinculado à UFAL e possui diversas linhas de pesquisa, a saber: i) Aspectos linguísticos da Língua de Sinais em regiões de estados limítrofes; ii) Educação de surdos em cidades distante dos grandes centros urbano; iii) Ensino de Língua de Sinais como L1 e L2; iv) Formação de professores e instrutores de Língua de Sinais; v) Interiorização da Língua de Sinais; vi) Língua de Sinais; vii) Surdos no interior: Língua, educação e políticas públicas; viii) Tradutor/Intérprete de Língua de Sinais em regiões distantes dos grandes centros urbanos. Pela formação dos líderes do grupo, é possível estabelecer alguma relação de influência entre instituições. Assim, o professor Cristiano das Neves Vilela tem graduação em Pedagogia na Universidade Estadual do Vale do Acaraú - CE, especialização na área de Libras, na Universidade Federal de Santa Maria e mestrado na Universidade Federal de Sergipe. Welbert Vinicius de Souza Sansão, por sua vez, tem graduação em Matemática pela Universidade Estácio de Sá, Especialização em Libras e mestrado em Educação pela Universidade Federal de Lavras. É professor na Universidade Federal Recôncavo da Bahia. Com isso, nota-se uma rede de influências indiretas entre UFAL, UFS e UFRB, a partir da formação dos líderes.

O *PortS - Grupo de Pesquisa em Estudos sobre Língua Portuguesa para Surdos*, vinculado à UFRB e liderado por Ayane Nazarela Santos de Almeida, concentra suas pesquisas em duas linhas: i) Interação em aprendizagem: língua portuguesa e ii) Libras e Língua portuguesa como segunda língua para estudantes Surdos. O grupo também estabelece contato com a UFAL e a UFS, uma vez que contém pesquisadores dessas universidades.

---

<sup>72</sup> A matéria pode ser assistida na íntegra pelo *link*: <https://globoplay.globo.com/v/10320183/>. Último acesso em: 20 dez. 2022.

Os grupos mais recentes do Nordeste são o *AnALiSi - Análise e Aprendizagem da Língua de Sinais* (ano de formação: 2019), da UFRB, liderado por Emmanuelle Félix dos Santos e Fabíola Moraes Barbosa, e o *LINTRA- Grupo de Pesquisa em Estudos Linguísticos, Tradução e Acessibilidade* (ano de formação: 2020), do IFBA, liderado por Deise Mônica Medina Silveira e Erivaldo de Jesus Marinho.

A partir desse levantamento de grupos do Nordeste, constata-se, em termos quantitativos, que o estado da Bahia é o que mais apresenta grupos de pesquisa na área de Libras, pois dois são vinculados à UFRB, um à UFBA e um ao IFBA.

#### 5.4.4 Grupos da região Centro-Oeste

Foram identificados quatro grupos de pesquisas da região Centro-Oeste cadastrados no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. O *GEPLIBRAS - Grupo de Estudo em Linguística da Libras* é o grupo vinculado à UnB, criado em 2014 e coordenado por Gláucio de Castro Júnior e Daniela Prometi Ribeiro. O grupo faz parceria com a UFSC e desenvolve os trabalhos no campo do Léxico e da Terminologia da Libras.

Chama-se atenção o fato de, em nossa análise de teses e dissertações, a partir do *corpus* selecionado para este trabalho, a UnB ter sido a universidade com maior produção, sobretudo na área da Lexicologia e Terminologia (cf. capítulo 6, tópico 6.1.3). Dessa forma, o grupo em análise contribui, juntamente com o grupo liderado por Enilde Faulstich, para a produção de conhecimento sobre o léxico das línguas de sinais.

Ainda em Brasília, há o grupo *Ensino de Libras - Língua Brasileira de Sinais do IFB*, formado em 2014, vinculado ao IFB e coordenado por Falk Soares Ramos Moreira e Margot Latt Marinho. O grupo faz parceria com a UnB e são estas as linhas de pesquisa em que atua: i) A Educação inclusiva e o processo ensino e aprendizagem; ii) Ensino de Português como Segunda Língua para Surdos; iii) Linguística e ensino de Libras; e iv) Práticas sociais de linguagem e multiletramento.

Já na UFMS, atua o grupo *NEPLI-On - Núcleo de Ensino e Pesquisas Libras On-line*, criado em 2018, coordenado por Herbertz Ferreira e Maria Inelisa Montenegro Sauer. O objetivo do grupo, conforme descrito na página do Diretório, é pesquisar, divulgar e produzir instrumentos on-line para o ensino da Libras. O grupo tem parceria com a UFSCAR. Além disso, vem desenvolvendo conteúdos sistematizados para o ensino da Libras de forma on-line.

Por fim, o *Grupo de Estudos de Tipologia Linguística de Línguas Indígenas e Línguas de Sinais*, criado em 2019, com sede na UFG, coordenado por Mônica Veloso Borges e Bruno

Gonçalves Carneiro, reúne pesquisadores indígenas, não indígenas, surdos/as e ouvintes que estudam línguas indígenas brasileiras, especialmente o Avá-Canoeiro e o Tapirapé (Tronco Tupi/Família Tupi-Guarani/Subgrupo IV), e Xavante (Tronco Macro-Jê/Família Jê) e línguas de sinais, principalmente a LIBRAS, desenvolvendo pesquisas e ações diversas nas áreas de documentação, análise, descrição e estudos tipológicos, conforme é descrito no perfil do grupo no Diretório. O grupo atua, pois, em três linhas de pesquisa: i) Documentação, análise e descrição de línguas de sinais; ii) Documentação, análise e descrição de línguas indígenas; e iii) Estudos Tipológicos sobre Línguas Indígenas e Línguas de Sinais.

#### 5.4.5 Grupos da Região Sudeste

Com base no levantamento que fizemos, a região Sudeste é a que mais possui grupos de pesquisa na área, o que se justifica pelo fato de a região ter uma quantidade expressiva de IES, se comparada a outras regiões do Brasil. Entre os grupos mais antigos está o *INDIOMAS - Conhecimento de línguas indígenas e de línguas de sinais na relação Universidade & Sociedade*, da Unicamp, fundado em 2008, e coordenado por Wilmar da Rocha D'Angelis e Consuelo de Paiva Godinho Costa.

O grupo articula pesquisas sobre línguas indígenas e língua de sinais, assim como faz o grupo da UFG. O *INDIOMAS* atua em quatro linhas de pesquisa: i) As línguas do ramo Jê Meridional e seus dialetos; ii) Educação bilíngue de surdos; iii) Fonologia e Ortografia de Línguas Indígenas; iv) Linguística Histórica e Revitalização Linguística. Percebe-se, pois, em ambos os grupos, o interesse por línguas minoritárias.

Quanto às instituições parceiras, o *INDIOMAS* se articula com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e a associação KAMURI - INDIGENISMO, AÇÃO AMBIENTAL, CULTURA E EDUCAÇÃO.

O *NELiS - Núcleo de Estudos em Libras, Surdez e Bilinguismo*, formado em 2014, na UFMG, é coordenado por Elidéa Lúcia Almeida Bernardino e Rosana Passos, e investiga os seguintes temas: i) Bilinguismo intermodal: aquisição, processamento e ensino de línguas; ii) Descrição e análise das Línguas de Sinais; iii) Educação Especial e Educação Inclusiva; iv) Estudos da tradução e interpretação do par Libras/português; e v) Literatura Surda. Conforme dados do Diretório, o grupo investe na divulgação de pesquisas sobre a surdez e a Libras; promoção de palestras e minicursos, buscando formação e aperfeiçoamento de profissionais que atuam na área; apoio à formação de estudantes de graduação e de pós-graduação que se interessem pela temática e fortalecimento da área de Libras na UFMG.

O *GEDiLS- Grupo de Estudos Discursivos da Língua de Sinais*, de 2015, vinculado à UFSCAR e coordenado por Marcus Vinicius Batista Nascimento, tem por objetivo realizar pesquisas que visem descrever o uso da língua de sinais, a partir de diferentes perspectivas discursivas, em diferentes interações entre surdos e ouvintes. As ações de pesquisa e formação do grupo centram-se em três grandes frentes: i) tradução e interpretação de línguas de sinais; ii) análise e descrição sociolinguística de interações em línguas de sinais; iii) formação e capacitação de pessoal para ações junto à comunidade surda.

O *GEPLÉS - Grupo de Estudos e Pesquisas da Libras e Educação de Surdos*, fundado em 2016, na UNIFESP, liderado por Silvana Zajac e André dos Santos Silva, desenvolve duas linhas de pesquisa: Educação de Surdos e Políticas Públicas e Estudos da Libras. Propõe-se a ter um caráter interdisciplinar, gerando conhecimentos de fronteira, com destaque para o estudo aprofundado da Libras e para temas relevantes relacionados com políticas públicas e práticas educacionais voltadas à comunidade Surda.

O grupo *SOPA - Línguas de Sinais e Oraís em Psicolinguística e Aquisição*, cirando em 2017 na UFRJ é coordenado por Marília Uchoa Cavalcanti Lott de Moraes Costa e Daniela Cid de Garcia. O objetivo do grupo é desenvolver estudos acerca de línguas orais e de sinais e em interface com a aquisição de linguagem e da psicolinguística, consoante descrito no Diretório. O SOPA estuda também o processamento da leitura e o impacto das práticas linguísticas durante a infância no desenvolvimento da leitura (letramentos iniciais). Dessa forma, o grupo desenvolve pesquisas nas linhas Aquisição de Linguagem e letamentos iniciais; Processamento Linguístico e da Leitura.

O *Estudos do Bilinguismo: LIBRAS e Língua Portuguesa para o surdo*, cadastrado em 2016, pela UFF e liderado por Tathianna Prado Dawes, é voltado para os estudos sobre o método bilíngue no ensino de Língua Portuguesa como segunda língua (L2) para surdos.

O *Inventário da língua brasileira de sinais do Estado do Rio de Janeiro*, formado em 2019, pelo INES, e coordenado por Ana Regina Campello, objetiva iniciar a composição do *corpus* de Libras, por meio de um inventário da língua brasileira de sinais (Libras) usada no Estado do Rio de Janeiro. O inventário da Libras se constitui um instrumento de identificação, reconhecimento, valorização e promoção da língua brasileira de sinais no contexto do Inventário Nacional da Diversidade Linguística, do Departamento do Patrimônio imaterial/Iphan, Ministério da Cultura, que objetiva inventariar todas as línguas brasileiras usadas no país. O projeto de compor um *corpus* de Libras iniciou-se também no grupo da UFSC desde 2014, conforme veremos na seção posterior.

O *LiSCo - Língua de Sinais e Cognição*, formado em 2020, na USP, coordenado por Felipe Venâncio Barbosa, realiza pesquisas com temática voltada aos estudos das línguas de sinais e da cognição, com interesse em descrição e análise linguística, processamento da linguagem e de outras funções cognitivas e aplicação do conhecimento linguístico e cognitivo para benefício da comunidade surda do Brasil. Também é interesse do grupo a interface entre os estudos da área da Educação e Saúde, observando o caráter multifatorial do processamento da linguagem. O grupo atua em parceria com a FCMSCSP e o IFSP.

#### 5.4.6 Grupos da região Sul

Nas instituições da região Sul, identificamos oito grupos de pesquisa. Destes oito, três são vinculados à UFSC, o que mostra a importância que a instituição tem na produção de conhecimento sobre língua de sinais na região e também no Brasil. Além disso, entre grupos citados até o momento, a maioria das parcerias são feitas com a UFSC. Por isso, é possível afirmar que ela é um dos centros da produção e circulação de conhecimento sobre língua de sinais.

O grupo *Corpus de Libras*, formado em 2014, vinculado à UFSC, é coordenado por Ronice Muller de Quadros (UFSC) e Jair Barbosa da Silva (UFAL). Com base nas informações contidas no Diretório, o *Corpus de Libras* envolve um conjunto de dados e metadados da língua brasileira de sinais que passa a estar acessível a todas as pessoas interessadas. A documentação é um ponto de partida, portanto, para a promoção da diversidade linguística e cultural como um patrimônio da humanidade. De uma forma mais direta, o *Corpus de Libras* objetiva: i) disponibilizar um *corpus* da Libras empiricamente abrangente e teórica/metodologicamente bem fundamentado, de forma gratuita e online, a outros pesquisadores da libras e a profissionais que atuam com pessoas surdas e que desejem utilizá-lo para fins variados; ii) oferecer diretrizes para a constituição de *corpus* de Libras em futuras pesquisas, particularmente no que tange ao registro, a documentação e a recuperação de dados para fins de análise linguística. iii) realizar um importante registro linguístico, histórico e cultural da vida das pessoas surdas, contribuindo para o processo de inclusão social na sociedade brasileira.

O grupo tem agregado pesquisadores de várias instituições desde seu ano de fundação até 2022, ano da última atualização até o presente momento em que se deu a consulta no Diretório. Alguns desses pesquisadores são também líderes de outros grupos de pesquisa, como: Aline Lemos Pizzio (UFSC), Aline Nunes de Sousa (UFSC) e Carlos Roberto Ludwig (UFT). Além disso, o grupo conta com colaboradores estrangeiros, como Christian Rathmann

(República Federal da Alemanha), Diane Lillo-Martin (Estados Unidos da América) e Donna Jo Napoli (Estados Unidos da América) e tem parceria com a UFC, *UConn* e a UFAL.

O projeto vem sendo desenvolvido desde 2014 e faz parte de uma grande empreitada de documentação da Libras. Para tanto, foi criado o Inventário Nacional da Libras que integra o Inventário Nacional de Diversidade Linguística (INDL) com o objetivo de documentar a Libras de forma representativa no país. Com isso, vários resultados foram obtidos a partir das pesquisas realizadas, os quais podem ser consultados, no site oficial do projeto *Corpus de Libras* (QUADROS; SCHIMITT; LOHN; LEITE, 2020), entre outras fontes.

Segundo Quadros, Machado, Silva e Ludwig (2020), a documentação da Libras começou a ser constituída em 1995, envolvendo diferentes projetos de pesquisa, sobretudo aqueles relacionados à aquisição da linguagem. Além disso, a documentação de Libras inclui dados do Libras Acadêmico, que compreendem produções do Exame ProLibras e do Curso de Letras Libras EAD da Universidade Federal de Santa Catarina. Ademais, os autores apresentam dados do Inventário Nacional da Libras, que aconteceu, inicialmente, em Santa Catarina, mas se replicou por Alagoas, Ceará e Tocantins. A proposta é que este trabalho de documentação se estenda a todos os estados. Por isso, “novos projetos podem passar a compor a documentação da Libras, tornando-o mais amplo e variado e compreendendo uma documentação da Libras para ser acessada para diferentes fins, entre eles, para fins históricos, para o ensino e para a pesquisa” (QUADROS; MACHADO; SILVA; LUDWIG, 2020, p. 5460).

Outro grupo criado em 2014 é o *InterTrads - Núcleo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais*, também da UFSC, coordenado por Carlos Henrique Rodrigues e Silvana Aguiar dos Santos, que tem como foco a formação de profissionais na tradução e interpretação de Libras-português no Brasil. Além desse, o *GELLI - Grupo de Estudos Linguísticos da Libras*, criado em 2016, atualmente vinculado à UFSC, coordenado por Aline Lemos Pizzio e Aline Nunes de Sousa, tem como objetivo estudar a língua de sinais brasileira, focando nos níveis fonológico, morfológico e sintático, com o intuito de mapear textos acadêmicos da área de linguística da Libras, para analisar esses textos encontrados a fim de resumi-los e categorizá-los por nível linguístico. A partir destes estudos, o grupo objetiva organizar os dados em um banco de dados em ambiente on-line para que outros pesquisadores da área tenham acesso. Além disso, o *GELLI* pretende organizar encontros dos professores de linguística dos cursos de Letras Libras para a socialização de práticas e materiais disponíveis. Assim sendo, o grupo se constitui em 4 linhas de pesquisa: Descrição e Análise de Línguas de Sinais; Ensino e Aprendizagem de Línguas; Estudos em Aquisição de Línguas de Sinais; Terminologia em Linguística.

Além da UFSC, universidades como UNIOESTE, UTFPR, PUCRS, IFRS sediam grupos de pesquisa. Na UNIOESTE, tem-se o *PORLIBRAS - Grupo de Estudos e Pesquisas para a investigação da Libras em Interface com Língua Portuguesa Brasileira*, de 2015, coordenado por Tania Aparecida Martins e Jorge Bidarra. O grupo desenvolve trabalhos na linha Línguas de Sinais na perspectiva da Linguística Teórica-Computacional e tem, como instituição parceira, a UFRJ.

Na UTFPR, tem-se o *GEPELS - Grupo de Estudo e Pesquisa de Libras como Segunda Língua para Ouvintes*, coordenado por Silvia Gaia e Lídia da Silva. O grupo foi cadastrado em 2019 e tem por objetivos desenvolver estudos e pesquisas relacionados à Libras como segunda língua para ouvintes. Especificamente, busca incentivar a produção e divulgação científica do tema e desenvolver atividades de caráter didático-pedagógico e técnico-científico com a comunidade acadêmica, segundo informações retiradas do Diretório. Assim sendo, os trabalhos desenvolvidos pelo grupo se inserem em três linhas de pesquisa: Aprendizagem da Libras como L2 para ouvintes; Avaliação de Libras como L2 para ouvintes; Ensino da Libras como L2 para ouvintes. O *GEPELS* faz parceria com a UFPR, a *Monash University* (MONASH) e a *Texas Health and Science University* (THSU)

Na PUCRS, há o *Grupo de Estudo e Inovação em Língua Brasileira de Sinais*, fundado em 2019, e liderado por Janaína Pereira Cláudio e Andréia Gulielmin Didó. De acordo com os dados do Diretório, o grupo atua em três projetos, a saber: i) a criação de um glossário bilíngue (Libras e português) e digital, focando no campo da ciência; ii) a criação do primeiro *Glossário Digital em Libras do Rio Grande do Sul*, através da catalogação de sinais regionais temáticos específicos e do registro em forma de vídeo para ampliar a acessibilidade visual da comunidade surda; iii) o projeto intitulado *Documentação e validação de sinais de Libras nos contextos da saúde*, que objetiva coletar os sinais da Libras nos contextos da saúde existentes no Brasil.

Por fim, vinculado ao IFRS, o *GEELTS - Grupo de Estudos sobre Educação, Linguística, Tradução, Cultura e Comunidade Surda*, cadastrado no diretório em 2021 e coordenado por Renata Ohlson Heinzemann Bosse, tem o objetivo de fomentar discussões e estudos no âmbito da pesquisa sobre os campos propostos, fortalecer a produção acadêmica e docência na área de Libras, a partir de publicações, pesquisas colaborativas, intercâmbios entre instituições de educação e grupos de pesquisa, além de organização de eventos, e divulgação científica para que, além de relevância acadêmica, os resultados também possam contribuir para a comunidade surda e sociedade. Para tanto, os trabalhos desenvolvidos pelo grupo se dividem nas linhas de pesquisa Estudos Surdos e Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais. Ademais, o grupo faz parceria com a UFRGS.



A partir da figura acima, podemos analisar três aspectos importantes. Primeiramente, é possível notar o papel de destaque da UFSC, em relação às outras instituições, quanto às parcerias com outras IES, pois ela parece ser um centro irradiador de influências.

A UFSC tem parceria direta com a UNB, UFT, UFAC, UFAL, UFC, UFDPAr. Entretanto, é importante lembrar também, que mesmo não apresentado no diagrama, a UFSC exerceu e ainda exerce influência em outras IES desde a fundação do curso de Letras Libras EAD, em 2006, quando passou a ser modelo de implementação do curso em outras instituições. Além disso, pesquisadores da UFSC, como Ronice Müller de Quadros, Marianne Stumpf, entre outros, são lideranças intelectuais e referências para os grupos de todo o Brasil.

Segundo aspecto que é importante destacar é a não exclusividade da UFSC enquanto centro de influência. Se, com a criação do curso de Letras Libras e a formação de pesquisadores na área, a UFSC se tornou uma grande instituição de referência, hoje se percebe que outras instituições também assumem esse papel, como a UFPR. A UFPR tem parcerias com universidades como a UFT, UFDPAr, UFRR e UTFPR. Isso mostra que o conhecimento produzido pelo grupo da UFPR não se circunscreve à instituição, mas extrapola as redes de influência.

Vale notar, a partir disso, que os grupos que inicialmente foram responsáveis pelas pesquisas sobre línguas de sinais, liderados por Ferreira, se deslocaram de uma instituição para outra, passando, pela UFPE, depois para a UFRJ e posteriormente se transformaram no GT da ANPOLL. Mas esse movimento fez com que outros grupos fossem surgindo e se reorganizando, conforme as políticas de expansão do Ensino Superior no Brasil e a formação de pesquisadores em nível de pós-graduação, o que justifica a formação de grupos em todas as regiões do país e a produção de pesquisas de mestrado e doutorado.

## 6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS INTERNOS

Neste tópico, apresentamos os dados relacionados ao tipo de conhecimento linguístico presente nos trabalhos, conforme a classificação de Swiggers (2013; 2015; 2019) apresentada no capítulo 2, tópico 2.5. Vale ressaltar que, segundo o autor, um trabalho pode conter mais de um tipo de conhecimento, que se intersectam ou se sobrepõem. Nesses casos, utilizamos o critério da predominância, a fim de identificar o conhecimento linguístico presente nos trabalhos. Neste capítulo, optamos ainda por organizar os quadros de modo a indicar as teses e dissertações pelo sobrenome do autor e ano de publicação, seguido da universidade. A seguir, partimos para a primeira classificação.

### 6.1 Conhecimento (sub)sistêmico da linguagem

Nesta primeira classificação de tipos de (partes de) conhecimento linguístico, proposta por Swiggers (2013; 2015; 2019), o autor classifica-o em três subcategorias: *conhecimento (orto)gráfico*, *conhecimento gramatical* e *conhecimento lexical*. Ao analisar o *corpus*, identificamos que a maioria das teses e dissertações podem ser classificadas neste grupo de conhecimento (120 teses e dissertações). A seguir, apontamos quais dissertações são classificadas em cada subcategoria.

#### 6.1.1 Conhecimento (orto)gráfico

Os trabalhos de conhecimento (orto)gráfico abordam dois principais temas: a escrita de sinais, própria da comunidade surda, e a escrita, em língua portuguesa, do sujeito surdo. No quadro a seguir, apresentamos as teses e dissertações desta natureza.

Quadro 29: Teses e dissertações de conhecimento (orto)gráfico

<b>Teses e dissertações</b>	<b>Universidade</b>
Barros (1998)	UFG
Barros (2008)	UFSC
Nobre (2011)	UFSC
Ampessan (2015)	UFSC
Morais (2016)	UFSC
Wanderley (2017)	UFSC
Barbosa (2017)	UFSC

Fonte: elaboração própria a partir do *corpus* desta pesquisa.

Dos 07 (sete) trabalhos listados, 04 (tratam) tratam especificamente da escrita *SignWriting*, como Nobre (2011) - *Processo de grafia da língua de sinais: uma análise fonomorfológica de sinais em SignWriting*; Ampessan (2015) - *A escrita de expressões não manuais gramaticais em sentenças da Libras pelo sistema SignWriting*; Morais (2016) - *Escrita de sinais: supressão de componentes quirêmicos da escrita da Libras em SigWwriting*; e Wanderley (2017) - *A classificação dos verbos com concordância da Língua Brasileira de Sinais: uma análise a partir do SignWriting*. Todos os trabalhos citados foram defendidos na UFSC e orientados por Marianne Stumpf. A pesquisadora foi uma das primeiras, no Brasil, a ter contato com o sistema *SignWriting*, segundo Nobre (2011), criado por Valerie Sutton, quando começou a ser trabalhado no Brasil, em 1996, na Universidade Católica do Rio Grande do Sul, por Antônio Carlos da Mota Rocha, Márcia Borda e Marianne Stumpf. Contudo, a escrita só se tornou popular a partir de 2001, através da divulgação do *Dicionário Enciclopédico Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira* (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001). Stumpf também fez doutorado com essa mesma temática de pesquisa, o que também justifica seu interesse, como pesquisadora das UFSC, por orientar trabalhos nesta temática.

Além do sistema de escrita de sinais *SignWriting*, há a ELiS – *Escrita das Línguas de Sinais*, cuja proposição se deu por Barros (1998), na dissertação *Proposta de escrita das línguas de sinais*<sup>73</sup>. Já em sua tese, Barros (2008) se posiciona a favor de um novo sistema de escrita, que se diferencia do sistema anterior ao seu e mais conhecido, o *SignWriting* (SW), e que tenha base alfabética e linear. Nota-se que a proposta de Barros (2008) tem bases teóricas em outros linguistas, sobretudo norte-americanos, conforme o depoimento da autora em sua tese:

Foi então que tive a oportunidade de ir aos EUA como intérprete (de inglês) e conheci a Gallaudet University, em cuja biblioteca me ‘internei’ por três dias, nutrindo-me da riqueza dos materiais sobre Línguas de Sinais reunidos em um só lugar. Lá, em 1997, conheci os trabalhos de Stokoe (1965) e de Valerie Sutton (1981) e soube então que eu não alimentava um sonho solitário. Muni-me de muitos livros e voltei para finalizar meu mestrado. Estudei a proposta de ambos os autores e identifiquei meu trabalho com a percepção dos parâmetros demonstrada na pesquisa de Stokoe (1965). Com o intuito de não reinventar o que já existia, comecei a usar alguns símbolos iguais aos de Stokoe (1965), criei uma sequência sistemática para escrevê-los e acrescentei outros aspectos dos sinais que julguei necessários, os quais serão explicados detalhadamente ao longo desta tese. Devo reconhecer, portanto, que a ELiS (Escrita das Línguas de Sinais) tem base no sistema de Stokoe (1965), que e

<sup>73</sup> A referida dissertação constitui o nosso *corpus* para efeito de quantificação, porém, não tivemos acesso ao texto completo. Ainda assim, é possível incluí-la nas análises, por apresentar os dados externos, como: título, ano, autoria, instituição e orientação.

uma base alfabética, ou seja, uma tentativa de representação gráfica de cada visema da língua (v. item 2.1 para a definição de visema) (BARROS, 2008, p. 5-6).

Outro ponto a observar neste tipo de trabalho é a preocupação com a metalinguagem. Barros (2008, p. 6), por exemplo, defende o uso de termos como *visema* em equivalência ao termo *fonema*. E ainda: “Em extensão a este novo termo, utilizo *visêmico* onde para as LO se diz *fonológico*; *visético*, no lugar de *fonético*; *viso*, ao invés de *fone*”. Essa tentativa de mudança dos metatermos da Linguística para se referir aos objetos teóricos voltados para as línguas orais vem desde os estudos de William Stokoe. O linguista, por sua vez, propôs os termos *quirema* (cuja raiz grega *khéri* significa “mão”), para se referir às unidades mínimas distintivas da língua, e *Quirologia*, para se tratar do estudo dessas unidades.

Retomando ao tema das teses e dissertações, o fato de as línguas de sinais serem, por muito tempo, consideradas ágrafas e, de certa forma, isso ter “minimizado” sua legitimação enquanto língua, faz com que estes trabalhos (e outros aqui não mencionados) defendam uma escrita de sinais, que seja mais fiel à estrutura viso-espacial inerente às línguas de sinais. Além disso, dado o fato de que o registro das línguas de sinais, em sua grande parte, era feito por meio de videoteipes, como o caso do manual *Linguagem de sinais do Brasil* (HOEMANN; OATES; HOEMANN, 1983), os pesquisadores passaram a investir no desenvolvimento da escrita de sinais e sua aplicação em livros de Literatura Surda, por exemplo<sup>74</sup>. Há de se considerar, no entanto, que a escrita de sinais surgiu antes da era digital. Hoje, pode-se transmitir informações filmadas e, cada vez mais, os surdos têm optado por esse recurso, já que conversam por videoconferência ou enviam suas mensagens filmadas. Além disso, no geral, os surdos não são alfabetizados na escrita de sinais, mas, sim, na escrita do português. Isso acentua ainda mais o problema da difusão e utilidade da escrita de sinais na comunidade surda.

Além do estudo de conhecimento (orto)gráfico, que faz parte do conhecimento (sub)sistêmico da linguagem, conforme a classificação de Swiggers (2013; 2015; 2019), tem-se o conhecimento gramatical, conforme se verá a seguir.

### 6.1.2 Conhecimento gramatical

Quanto aos estudos de conhecimento gramatical, o mais recorrente do *corpus* (70 teses e dissertações), analisamos os níveis linguísticos no qual as línguas de sinais são analisadas nos trabalhos. Notamos que, muitos deles, analisam as línguas de sinais em mais de um nível

<sup>74</sup> O site <https://www.signwriting.org/brazil/> contém materiais completos escritos em SignWriting.

linguístico. Por conta disso, subdividimos os trabalhos nos níveis *fonético/fonológico*, *morfológico*, *morfossintático*, *sintático*, *sintático-semântico*, *semântico*, *fono-morfossintático*, *morfossemântico*, com base na abordagem das teses e dissertações. O quadro que se segue apresenta lista das teses e dissertações, agrupadas nos níveis linguísticos identificados.

Quadro 30: Teses e dissertações de conhecimento gramatical

<b>Nível linguístico</b>	<b>Teses e dissertações</b>	<b>Universidades</b>
Fonético/fonológico <sup>75</sup> (11)	Karnopp (1994)	PUCRS
	Karnopp (1999)	PUCRS
	Xavier (2006)	UnB
	Leite (2008)	UnB
	Cunha (2011)	UFG
	Resende (2012)	UnB
	Costa (2012)	UFSC
	Xavier (2014)	Unicamp
	Oliveira (2015)	UFSC
	Arnone (2018)	USP
	Goes (2019)	UFAL
Morfológico (12)	Faria (2003)	UFRJ
	Neves (2005)	USP
	Mauricio (2009)	USP
	Neves (2011)	USP
	Mendonça (2012)	UnB
	Araújo (2013)	UnB
	Pego (2013)	UnB
	Aguiar (2013)	UFG
	Akahira (2015)	USP
	Santos (2016)	UFRR
	Lara (2017)	UFPR
	Nunes (2018)	UERJ
Morfossintático (5)	Oliveira (1997)	UFRJ
	Veloso (2008)	Unicamp
	Gomes (2009)	UFC
	Monteiro (2015)	UFSC
	Andrade (2016)	UnB
Sintático (21)	Namura (1982)	UMC
	Felipe (1988)	UFPE
	Quadros (1995)	PUCRS
	Bernardino (1999)	UFMG
	Quadros (1999)	PUCRS
	Arrotéia (2005)	Unicamp

<sup>75</sup> Embora reconheçamos que se tratem de áreas distintas, porém, complementares, consideramos, nesta classificação, áreas comuns, uma vez que as próprias pesquisas não estabelecem distinção entre as duas áreas.

	Pizzio (2006)	UFSC
	Moreira (2007)	UnB
	Carneiro (2012)	UFG
	Pagy (2012)	UnB
	Araújo (2013)	UFAC
	Craveiro (2013)	UFRJ
	Souza (2014)	UFMG
	Lira (2014)	UnB
	Miranda (2014)	UnB
	Gomes (2014)	UFC
	Andrade (2015)	UnB
	Dias (2015)	UFF
	Sabanai (2016)	UnB
	Araújo (2016)	UnB
	Grutzmacher (2019)	UFAL
Sintático-semântico (3)	Souza (1998)	UFRJ
	Pinto (2017)	UFAL
	Almeida-Silva (2019)	Unicamp
Semântico (13)	Faria (2003)	UnB
	Finau (2004)	UFPR
	Castro (2007)	UFRJ
	Mendes (2013)	UFG
	Soares (2013)	UnB
	Barbosa (2013)	USP
	Almeida-Silva (2013)	UFPI
	Nunes (2013)	UERJ
	Lima (2015)	UFPB
	Murta (2015)	PUC-MG
	Ramos (2017)	PUCRS
	Santos (2018)	UFAL
	Sessa (2018)	UERJ
Fono-morfossintático (2)	Santos (2002)	UFRJ
	Anater (2009)	UFSC
	Araújo (2013)	UnB
Morfo-semântico (2)	Chaibue (2013)	UFG
	Correa (2014)	UFSC

Fonte: elaboração própria a partir do *corpus* desta pesquisa.

Em conformidade com o que se vê no quadro, os trabalhos que abordam os níveis *sintático* são os mais recorrentes, sendo 21 (vinte e uma) teses e dissertações, defendidas em diferentes universidades. A primeira dissertação, em termos cronológicos, seria de Namura (1982), defendida na UMC e que trataria da ordem sintática e da repetição na língua de sinais em São Paulo. Essa informação foi obtida no *Lattes* de Ferreira, porém, não localizamos o

arquivo da dissertação. Por outro lado, a respeito do pioneirismo de pesquisa na área, Felipe (2019, p. 64) afirma que “minha pesquisa de Mestrado, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sobre a Libras, que denominávamos de Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros – LSCB, foi a primeira na área de Linguística, defendida em 1988”.

A dissertação de Felipe (1988), também orientada por Lucinda, descreve o aspecto gesto-visual e a estrutura frasal na LSCB, conforme a nomenclatura utilizada pela autora. Após essa, a dissertação de nível sintático é a de Quadros (1995), orientada por Lamprecht, na PUCRS. Nesta pesquisa, a autora analisa as categorias vazias pronominais na Libras e como isso se reflete no processo de aquisição da linguagem.

Outro nível linguístico bastante recorrente no *corpus* é o morfológico. Destacamos aqui um dos primeiros trabalhos nessa área, a tese de Faria (2003), intitulada *Aspectos da morfologia da Língua Brasileira de Sinais*<sup>76</sup>, orientada por Lemle e defendida na UFRJ. Destacam-se também os trabalhos orientados por Capovilla, que analisam a estrutura morfêmica dos sinais, quais sejam: Neves (2005), *Esboço de análise da estrutura morfêmica dos sinais da Libras*; Neves (2011), *Análise da estrutura morfêmica dos sinais de Libras do Novo Deit-Libras*; Maurício (2009), *Morfemas metafóricos na Libras: análise da estrutura morfêmica de 1577 sinais em 34 morfemas moleculares e 14 classes de morfemas molares*. A atuação de Capovilla como pesquisador na área da morfologia da Libras é que justifica essa expressiva recorrência da USP no rol de trabalhos de conhecimento gramatical morfológico. O pesquisador atua também na elaboração de dicionários de Libras e suas pesquisas estão diretamente relacionadas a essa produção lexicográfica.

E por fim, destacamos os trabalhos de natureza fonética/fonológica. Esses também são muito recorrentes e se iniciam com Karnopp (1994; 1999), ambas as pesquisas desenvolvidas na PUCRS e orientadas por Lamprecht. Em Karnopp (1994), tem-se o estudo do parâmetro configuração de mão e como ele é adquirido por crianças surdas, filhos de pais surdos. Já em Karnopp (1999), tem-se também um estudo fonológico da Libras, a partir da língua desenvolvida por uma criança surda.

Ainda nesse nível linguístico, a PUCRS se destaca quanto ao número de teses e dissertações. Isso se justifica pela formação de Lamprecht com base nos estudos fonológicos. Em seu mestrado na PUCRS, a pesquisadora investigou os processos nos desvios fonológicos evolutivos de crianças; e, no doutorado, na mesma universidade, a autora fez sua tese sobre a aquisição da fonologia do português. Além disso, conforme visto no capítulo 5, Lamprecht atua

---

<sup>76</sup> Sem acesso ao texto completo.

nas linhas de pesquisa: Aquisição e desenvolvimento da linguagem; Fonologia Clínica; Consciência fonológica; e Línguas de Sinais.

Na UnB, são três pesquisadores para cada dissertação: Xavier (2008) foi orientado por Viotti a qual tem pesquisa de doutorado voltada para a sintaxe do português, mas que também atua, conforme visto no capítulo 5, com projetos de descrição de línguas de sinais em fonologia. Além dela, atuam também Grannier, que orientou o trabalho de Resende (2012) e McCleary, que orientou a pesquisa de Leite (2008).

### 6.1.3 Conhecimento lexical

Um dos temas de interesse dos estudos linguísticos é o léxico. E seu estudo se dá a partir de áreas como a Lexicologia, a Lexicografia, a Terminologia e a Terminografia. Nos trabalhos que constituem o *corpus*, foram identificadas 36 pesquisas que tratam, predominantemente, do léxico das línguas de sinais, em diferentes perspectivas, e, em sua grande maioria, tratam de propostas de sinais em áreas do conhecimento nas quais, até então, não há um vocabulário de sinais próprio da área. No quadro a seguir, apontamos os trabalhos e as universidades vinculadas, divididos por área de estudo do léxico.

Quadro 31: Teses e dissertações de conhecimento lexical

Áreas de estudo do léxico	Teses e dissertações	Universidades
Lexicologia	Vilhalva (2009)	UFSC
	Adriano (2010)	UFSC
	Nascimento (2010)	UnB
	Pizzio (2011)	UFSC
	Lima (2012)	UFG
	Marinho (2014)	UnB
	Silva (2015)	UFSC
	Azevedo (2015)	UEA
	Oliveira (2015)	UESB
	Machado (2016)	UFSC
	Moreira (2016)	USP
	Santos (2017)	PUC-MG
	Eler (2017)	UNIR
	Damasceno (2017)	UFBA
	Magalhães (2017)	UESB
	Carvalho (2017)	UFJF
	Silva Júnior (2018)	UFSC
Soares (2018)	UNESP	
(Meta)lexicografia	Faria (2009)	UnB
	Temoteo (2012)	USP

	Martins (2012)	USP
	Silva (2012)	Unicamp
	Ribeiro (2013)	UnB
	Moreira (2015)	UFSC
	Domingues (2015)	USP
	Felten (2016)	UnB
	Klimsa (2016)	UFPB
	Martins (2017)	USP
	Fernandes (2018)	UFG
	Lima (2019)	UFPI
Terminologia	Barros (2013)	UnB
	Lima (2014)	UFMG
	Sousa (2015)	UnB
	Saito (2016)	UFSC
	Marinho (2016)	UFAM
	Santos (2017)	UnB
	Vale (2018)	UnB

Fonte: elaboração própria a partir do *corpus* desta pesquisa.

Os trabalhos da área (Meta)lexicografia se caracterizam por analisar dicionários de línguas de sinais (ex.: SILVA, 2012), mas também, em grande parte, propor a criação de glossários e/ou dicionários de sinais (ex.: FARIA, 2009; TEMOTEO; 2012; MARTINS, 2012; MOREIRA. 2015; KLIMSA, 2016; MARTINS, 2017; e FERNANDES, 2018), haja vista que a tradição lexicográfica de línguas de sinais é mais recente do que a de línguas orais.

Conforme Welker (2006), no Brasil, as reflexões metalexigráficas, de um modo geral, no ensino superior iniciaram com a criação da disciplina *Lexicologia e Lexicografia* na USP, em 1971. As primeiras dissertações de mestrado na área, com foco em línguas orais, só foram defendidas em 1980 na UFRGS, por Leci B. Barbisan e por Maria da Graça Krieger; e em 1986 foram defendidas as primeiras teses de doutorado, por Amaral e por Nunes. Com isso, os estudos de Lexicografia e Metalexicografia no Brasil começaram a ganhar espaço no âmbito da pesquisa linguística brasileira. Nesse cenário, entram os trabalhos (meta)lexicográficos de língua de sinais aqui mencionados. Quanto ao aspecto temporal, nota-se que os estudos metalexigráficos de línguas de sinais se iniciam tardiamente, se comparados aos estudos de língua portuguesa, já que os trabalhos de línguas de sinais começaram a ser desenvolvidos a partir da quarta década do recorte temporal em estudo (1980-2019). O primeiro trabalho identificado no nosso *corpus*, na área da Lexicografia, é a tese de Faria (2009), intitulado *Representações lexicais da língua de sinais brasileira. Uma proposta lexicográfica.*, defendido na UnB e orientado por Faulstich.

Em outro trabalho lexicográfico de línguas de sinais, Temoteo (2012) objetivou documentar sinais da Libras usadas por surdos de vários estados do Nordeste, a fim de contribuir para a atualização do dicionário geral *Novo Deit-Libras: Novo Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. Martins (2012) teve objetivo semelhante, porém, com foco nos sinais utilizados por surdos do Rio Grande do Sul. Com isso, nota-se o interesse de linguistas de identificar e documentar sinais regionais da língua de sinais em dicionários gerais, já que esse tipo de dicionário também se propõe a registrar regionalismos.

Outro grupo de trabalhos de conhecimento gramatical que compõe o *corpus* é o de natureza terminológica e terminográfica. Esses trabalhos consistem em propostas de criações de sinais de áreas específicas do conhecimento e de glossários especializados. Entre esses trabalhos a dissertação de Ribeiro (2013), que objetivou a criação de sinais dos termos da música; a tese de Lima (2014), para a área de desenho arquitetônico; a dissertação de Sousa (2015), para a criação de sinais para termos cinematográficos; a tese de Nascimento (2016), para a área do meio ambiente; a dissertação de Felten (2016), focada na criação de um dicionário bilíngue de História do Brasil; a dissertação de Marinho (2016), que se debruça na criação de termos na área de química; a tese de Santos (2017), na qual se pretende a criação de glossário de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico; e a dissertação de Cardoso (2017), que visa à elaboração de um glossário de nutrição.

Notamos também, com base no levantamento feito, que a UnB é a universidade que mais aparece quando se trata de pesquisas no nível lexical. Isso pode ser justificado pela atuação de uma das principais lideranças intelectuais na área, Faulstich, a qual, além de ter se especializado na área em sua pesquisa de doutorado, também orienta nesta mesma linha de pesquisa<sup>77</sup>.

Há também trabalhos em outras universidades que já registram pesquisas no campo do léxico, como a UFPI, como a dissertação de Lima (2019), em que a pesquisadora propõe a criação de verbetes de dicionário especial de homônimos da Libras. Essa iniciativa se deve também a uma das linhas de pesquisa do programa de pós-graduação, que contempla estudos do léxico e da gramática.

## 6.2 Conhecimento variacionista

No conjunto de trabalhos analisados, há aqueles que classificamos no grupo de conhecimento variacionista, os quais abordam os aspectos de variação e mudança nas línguas

---

<sup>77</sup> Para o conhecimento do perfil acadêmico da pesquisadora, cf. tópico 4.2.5.

de sinais. Esse tipo de conhecimento linguístico é importante para a *TPLS* porque atesta a dinamicidade própria das línguas naturais, legitimando a língua de sinais como língua natural. Foram identificados, portanto, 07 (sete) teses e dissertações, a saber:

Quadro 32: Teses e dissertações de conhecimento variacionista

<b>Aspectos de variação linguística</b>	<b>Teses e dissertações</b>	<b>Universidades</b>
Variação na escrita (contato entre línguas)	Dizeu (2006)	UFAL
Variação fonológica	Andrade (2013)	UFPB
	Conserva (2013)	UFPB
Variação lexical	Temoteo (2008)	UFPB
Registro formal e informal	Delgado (2012)	UFPB
	Silva (2013)	UFSC
Línguas emergentes	Pereira (2013)	UFSC

Fonte: elaboração própria a partir do *corpus* desta pesquisa.

É importante observar também o aspecto da variação linguística abordado nos trabalhos. Dizeu (2006), por exemplo, trata da variação linguística na escrita do surdo pelo contato com a Libras e com o português. Temoteo (2008), por sua vez, em continuidade aos seus estudos sobre as línguas de sinais no Nordeste, analisou a diversidade linguístico-cultural da Libras na comunidade de surdos do sítio Caiçara – CE, numa perspectiva da variação regional. Além disso, há dois trabalhos que versam sobre a variação fonológica da língua de sinais: Andrade (2013) e Conserva (2013). Outro aspecto de interesse é a variação lexical, como em Junior (2013), e o registro linguístico, como em Silva (2013), que analisa os indicadores de formalidade no gênero monológico em Libras.

Nesse grupo de trabalhos ainda estão as pesquisas voltadas às línguas de sinais emergentes, cujo uso se dá em contextos mais isolados. É o caso de Vilhalva (2009), que fez um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas do Mato Grosso do Sul, e de Pereira (2013), que estudou a língua de sinais Cena, utilizada por surdos na comunidade Várzea Queimada, no interior do Piauí.

Além do interesse linguístico pelas línguas de sinais emergentes, há também uma preocupação política, no sentido de registrar e valorizar essas línguas mais isoladas. Como essas línguas são faladas por uma comunidade de surdos muito restrita, geralmente, há o risco de a língua sofrer muitas influências externas (da Libras, por exemplo) ou deixar de serem utilizadas,

devido a redução do número de “falantes”. Diante disso, há essa preocupação linguística, mas sobretudo política, de documentar as línguas de sinais emergentes. Na tabela da sequência, é possível analisar a quantidade de trabalhos, bem como os níveis de variação linguística.

Quanto à escrita do surdo em língua portuguesa, Dizeu (2006)<sup>78</sup>, em sua dissertação de mestrado, discute a interferência da língua de sinais na escrita do português. Tendo em vista que a língua materna do surdo é a língua de sinais e que o português, o qual ele também precisará conhecer, sobretudo os surdos que vivem em comunidades urbanas, é possível que haja interferências ou influências em ambas as línguas. Quando o surdo não domina o português, o uso da estrutura gramatical da língua de sinais é ainda mais recorrente na escrita em português.

### 6.3 Conhecimento histórico-linguístico

No rol de trabalhos que compõem o *corpus*, identificamos apenas 2 (duas) dissertações que abordam o conhecimento histórico-linguístico da língua:

Quadro 33: Dissertações de conhecimento histórico-linguístico

<b>Teses e dissertações</b>	<b>Universidades</b>
Diniz (2010)	UFSC
Almeida (2014)	UEMS

Fonte: elaboração própria a partir do *corpus* desta pesquisa.

O trabalho de Diniz (2010), intitulado *A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras): um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais* e orientado por Leite, objetivou resgatar a parte da história da evolução da Libras, buscando o entendimento de um dos fenômenos linguísticos, a mudança presente no uso desta língua de sinais.

Nessa pesquisa, Diniz (2010) faz uma comparação entre sinais retirados de três dicionários produzidos em épocas diferentes: *Iconographia dos Signaes* (1875), *Linguagem das Mãos* (1969) e *Dicionário Digital do INES* (2006). Uma das conclusões a que chega é a de que, com o passar do tempo, os sinais com alto grau de iconicidade percorrem em direção à

<sup>78</sup> Não tivemos acesso ao texto completo da dissertação, apenas a um resumo expandido, o que nos ajudou a compreender as ideias contidas no primeiro texto.

arbitrariedade, ou seja, mesmo que surjam motivados, os sinais tendem a ser arbitrários com o tempo.

Em Almeida (2014), cujo trabalho intitula-se *Língua de Sinais x Libras: uma abordagem da Historiografia Linguística* orientado por Miguel Eugênio Almeida, o autor propõe um trabalho historiográfico em que se discute, a partir do princípio da *contextualização*, a história da educação dos surdos, os aspectos culturais e de identidade dos surdos, bem como os aspectos legais.

O autor também analisa, a partir dos princípios de *imanência* e *adequação*, mudanças na língua de sinais, especialmente em seus aspectos fonológicos (configuração de mãos, ponto de articulação e movimento). Para esse trabalho de descrição, o autor analisou e comparou os sinais HOMEM; MULHER; SAL; QUEIJO; PAI; PROFESSOR; COLHER; GARFO; CARNE, presentes no dicionário *Iconografia de Signaes*, de Flaustino José Gama (séc. XIX), e no *Dicionário Eletrônico da Língua Brasileira de Sinais* (séc. XX).

Desse modo, observa-se que há poucas pesquisas em nível de mestrado e doutorado que se preocupam com a história da língua de sinais. Talvez haja, em maior quantidade, trabalhos sobre a história da educação de surdos, como forma de discutir políticas públicas e educacionais para a inclusão de surdos. Diante disso, abre-se uma possibilidade para futuras pesquisas na área, voltadas a investigar a história interna das línguas de sinais, buscando mudanças nos diversos níveis linguísticos.

#### 6.4 Conhecimento comparativo de línguas

No que tange aos estudos de conhecimento comparativo entre línguas, classificamos apenas três trabalhos:

Quadro 34: Teses e dissertações de conhecimento comparativo de línguas

<b>Teses e dissertações</b>	<b>Universidades</b>
Oliveira (1997)	UFRJ
Crato (2010)	USP
Nunes (2018)	UFRJ

Fonte: elaboração própria a partir do *corpus* desta pesquisa.

Oliveira (1997), cuja pesquisa se intitula *Formas pronominais da Língua Brasileira de Sinais*, orientada por Ferreira, analisou as formas pronominais da Libras, tomando como ponto principal de abordagem a apropriação do espaço físico real da cena discursiva. Ao analisar o uso dos sinais dêiticos direcionais, o autor comparou-os a outras línguas de sinais, como a Língua de Sinais Sueca (LSS) e a Língua de Sinais Americana (LSA), as quais, segundo o autor, apresentam manifestações similares à Libras.

Na dissertação de Crato (2010), intitulada *Marcação de tempo por surdos sinalizadores*, a autora realizou um estudo com o objetivo de analisar se e como os surdos flexionam os verbos na língua portuguesa escrita e se eles utilizam outros marcadores de tempo nesta língua e na Libras. Nesse caso, há um estudo comparativo entre a língua portuguesa escrita e a Libras. Tanto esse quanto outros trabalhos constata a influência da Libras na escrita em língua portuguesa e a dificuldade que muitos surdos encontram para aprender a modalidade escrita da língua oral.

Outro trabalho de interesse comparativo de línguas é a tese de Nunes (2018), intitulada *Corporificação e iconicidade cognitiva: um estudo sobre verbos em línguas de sinais*, orientada por Bernardo, em que são analisados dezoito verbos em sete línguas de sinais (totalizando 126 sinais). As línguas em estudo foram a Libras, a Língua de Sinais Francesa (LSF), a Língua de Sinais Americana (ASL), a Língua Gestual Portuguesa (LGP), Língua de Sinais Sueca (LSS), a Língua de Sinais Chinesa (LSC) e a Língua de Sinais Japonesa (LSJ).

Partindo desses trabalhos, nota-se que, ao longo da constituição da *TPLS*, poucos trabalhos de natureza comparativa de línguas de sinais foram realizados em nível de pós-graduação. Vale destacar que os estudos descritivos da Libras, geralmente, retomam estudos já realizados na ASL e que são aplicados à Libras. No entanto, entendemos que esse tipo de abordagem não se enquadra no tipo de conhecimento comparativo, uma vez que o objetivo principal não é comparar as duas línguas, mas subsidiar as análises linguísticas que são feitas na Libras.

## **6.5 Conhecimento ecolinguístico e glotopolítico**

Classificamos como conhecimento ecolinguístico e glotopolítico as pesquisas que tratam da relação entre língua e sociedade, sobretudo quanto ao contato de línguas, e as políticas linguísticas em defesa das línguas de sinais, principalmente as emergentes. Esse tipo de conhecimento é um dos que teve menos recorrência no *corpus*. No quadro, a seguir, apresenta-se a lista das pesquisas identificadas.

Quadro 35: Teses e dissertações de conhecimento ecolinguístico e glotopolítico

Teses e dissertações	Universidades
Vilhalva (2009)	UFSC
Nascimento (2010)	UnB
Pereira (2013)	UFSC

Fonte: elaboração própria a partir do *corpus* desta pesquisa.

Vilhalva (2009), orientada por Quadros, realiza um mapeamento das línguas de sinais utilizadas por comunidades indígenas do Mato Grosso do Sul. A pesquisadora faz, então, um registro dos sinais familiares utilizados nas aldeias Jaguapiru e Bororo, das comunidades indígenas do município de Dourados, do estado já mencionado. Embora as pesquisas sobre línguas de sinais emergentes sejam pouco recorrentes no *corpus*, percebemos, baseado no que expomos no tópico 3.2, que há um crescente interesse dos pesquisadores pela temática, haja vista existência de algumas pesquisas já realizadas no intuito de examinar aspectos linguísticos dessas comunidades surdas mais isoladas.

A pesquisa de Pereira (2013), também listada no quadro, também é uma tentativa de registrar e analisar uma língua de sinais que emerge de uma comunidade surda, em Várzea Queimada, interior do Piauí, a Língua de Sinais Cena. Ressaltamos que, segundo Leite e Quadros (2014), pesquisas com esse fim são importantes para a preservação do patrimônio linguístico brasileiro e para diminuir o risco de desaparecimento, já que o uso das línguas de sinais emergentes é pouco representativo diante do cenário linguístico brasileiro.

Nascimento (2010), por seu turno, orientada por Faulstich, analisa os resultados do contato entre o português e a Libras, com base no constante contato dos surdos com a tradição oral dominante, o que implica diversas influências do português sobre a Libras. É interesse, pois, de linguistas perceberem o resultado desse contato entre as duas línguas.

## 6.6 Conhecimentos linguísticos gerais

Agrupamos, neste tópico, as teses e as dissertações que tratam de assuntos mais gerais da Linguística. Conforme Swiggers (2019), esses conhecimentos linguísticos gerais abarcam

temas como a natureza/vida e as funções da linguagem. Entendemos que, nessa classificação, não há interesse específico por um nível linguístico. Questões como arbitrariedade dos sinais, subjetividade na língua de sinais, iconicidade e produtividade e universais linguísticos são tópicos abordados neste tipo de conhecimento. Os trabalhos listados a seguir exemplificam esses casos.

Quadro 36: Teses e dissertações de conhecimentos linguísticos gerais

<b>Teses e dissertações</b>	<b>Universidades</b>
Glass (1996)	Unicamp
Silva (1997)	PUC-SP
Correa (2007)	UFSC
Frydrych (2013)	UFRGS

Fonte: elaboração própria a partir do *corpus* desta pesquisa.

Em Glass (1996), dissertação intitulada *Por uma abordagem performativa das línguas de sinais* e orientada por Kanavillil Rajagopalan, a autora faz uma discussão teórica a respeito da procedência dos estudos linguísticos de línguas de sinais, que, segundo a autora, ainda se baseiam nos modelos teóricos criados a partir das línguas faladas e que, por isso, não seriam aplicáveis às línguas de sinais. Partindo disso, a autora propõe que as línguas de sinais, ao invés de serem descritas por esses modelos, sejam concebidas a partir de uma abordagem performativa da linguagem, ou seja, enquanto atos ilocucionários.

Silva (1997), por sua vez, em dissertação, discute a natureza da arbitrariedade do signo na Libras. Tal discussão traz luz à ideia de que as línguas de sinais não são mímicas e, portanto, não são necessariamente icônicas, embora haja sinais icônicos em sua constituição. Essa discussão se aproxima de Frydrych (2013), que faz uma discussão acerca do estatuto linguístico das línguas de sinais. Nesta dissertação, a autora revisita conceitos teóricos atribuídos a Saussure e busca aproximá-los aos estudos de línguas de sinais, a fim de contemplar teoricamente as especificidades dessas línguas. Já Correa (2007), por seu turno, discute a natureza linguística das línguas de sinais, examinando a complementaridade entre língua e gestos nas narrativas de sujeitos surdos. Neste trabalho, a autora defende que os gestos são complementares à linguagem verbal (de modalidade falada ou sinalizada).

O que percebemos nas temáticas abordadas nos trabalhos de conhecimentos linguísticos gerais é que houve, ao longo da constituição da *TPLS*, uma busca pela discussão teórica a fim de legitimar as línguas de sinais como língua, seja pondo em contraste com as línguas orais, como ocorre em Glass (1996), seja aproximando-as, como em Silva (1997), Frydrych (2013) e Correa (2007). Essa aproximação é no sentido de mostrar que as mesmas características existentes nas línguas orais e que as legitimam como línguas, como a arbitrariedade, existem também nas línguas de sinais.

### 6.7 Conhecimento paralinguístico

Swiggers (2013; 2015; 2019) ramifica o conhecimento paralinguístico em neurolinguística e psicolinguística. Entendemos que esse conhecimento envolve estudos que extrapolam a descrição da linguagem verbal e, conforme as subcategorias de Swiggers, tratam de temas mais voltados para a linguagem e a cognição. Agrupamos, então, nesta classificação, as pesquisas voltadas para aquisição da linguagem, neurolinguística, psicolinguística e metáfora conceitual. O quadro abaixo apresenta a lista de trabalhos identificados no *corpus*.

Quadro 37: Teses e dissertações de conhecimento paralinguístico

<b>Teses e dissertações</b>	<b>Universidades</b>
Santana (2003)	UFRJ
Pereira (2007)	UFPR
Sousa (2009)	UFPB
Silva (2010)	UFSC
Oliveira (2011)	UERJ
Aureliano (2015)	UFPB
Souza (2016)	PUC-RJ

Fonte: elaboração própria a partir do *corpus* desta pesquisa.

A pesquisa de Santana (2003), defendida na Unicamp e orientada por Edwiges Maria Morato, trata da neurolinguística. Na etapa de catalogação do nosso *corpus*, não foi encontrado o texto completo da referida tese, contudo, foi localizado um artigo resultante dela. No texto,

Santana (2004) parte da ideia de que, na surdez, encontra-se uma heterogeneidade linguística (língua de sinais, linguagem oral e gestos) e que essa heterogeneidade tem implicações neurolinguísticas. E conclui, com sua pesquisa, que a organização cerebral se modifica sob condições linguísticas e cognitivas diversas.

Os trabalhos sobre metáfora conceitual são de Pereira (2007), Oliveira (2011) e Aureliano (2015). No primeiro caso, trata-se de um estudo das metáforas conceituais da subjetividade em Libras. O principal objetivo da pesquisa é verificar a *adequação* do sistema metafórico *subject/self*, proposto por Lakoff e Johnson (1999), à Libras. A análise dos dados aponta para a utilização da metáfora básica *subject/self* e das cinco principais especificações desta metáfora em construções dos sinalizantes da Libras. A segunda pesquisa busca verificar a aplicabilidade da Teoria da Metáfora Conceitual, à luz de Lakoff e Johnson, na Língua Brasileira de Sinais, hipotetizando-se que as metáforas conceituais podem ser identificadas em qualquer língua, mesmo uma língua visual-espacial,

A terceira pesquisa citada propõe investigar a compreensão da metáfora primária através dos pressupostos da Linguística Cognitiva. Esta compreensão foi analisada em indivíduos surdos, em contraponto com ouvintes, já que, segundo Lakoff e Johnson (1999) e Wilcox (2000), a cultura é um fator contribuinte para a compreensão das metáforas (AURELIANO, 2015).

## 6.8 Conhecimento linguístico aplicado

No grupo de trabalho de conhecimento aplicado, elencamos aqueles que tratam da aplicação dos estudos teóricos à prática de ensino de língua de sinais e à construção de programas, aplicativos, sites etc., construídos para fins didáticos ou inclusivos. Eis, abaixo, o rol desses trabalhos.

Quadro 38: Teses e dissertações de conhecimento linguístico aplicado

<b>Teses e dissertações</b>	<b>Universidades</b>
Antunes (2011)	UFPR
Júnior (2014)	UnB

Freitas (2015)	USP
Santos (2015)	UFAM
Cardoso (2018)	USP

Fonte: elaboração própria a partir do *corpus* desta pesquisa.

Antunes (2011), em sua dissertação orientada por Laura Sanchez García, realizada no âmbito do programa de pós-graduação em Informática da UFPR, propôs a construção de um modelo de descrição computacional para a Libras, no nível fonológico. Junior (2014), em seu doutorado orientado por Faulstich, objetivou registrar sinais-termo que se apresentam de formas variantes na Libras, com o fim de criar um site, o Varlibras, em que seja possível disponibilizar, para consulta, os sinais registrados.

Freitas (2015), orientado por Peres, realiza a criação de um reconhecimento automático das expressões faciais da Libras, por meio de *softwares*. Da mesma forma, Santos (2015) desenvolve, em sua pesquisa de mestrado no âmbito programa da pós-graduação em Engenharia Elétrica, um sistema de reconhecimento das configurações de mão de Libras. E Cardoso (2018) propõe uma segmentação automática de expressões faciais gramaticais com *Multilayer Perceptrons* e *Misturas de Especialistas*.

O que se nota, a partir dos trabalhos identificados, que o interesse pelas línguas de sinais extrapola o âmbito da Linguística, já que 04 (quatro) dos 05 (cinco) trabalhos listados são de áreas como Ciências da Computação e Engenharia Elétrica. Isso mostra a intersecção entre áreas não só no escopo da Linguística, mas entre a Linguística e outros campos do conhecimento.

Além disso, o interesse dessas áreas, sobretudo que envolvem sistemas computacionais, está associado à necessidade de desenvolvimento de tecnologias assistivas para a inclusão de sujeitos surdos. Segundo Bersch (2017, p. 2), termo *tecnologia assistiva* é recente no Brasil, mas se utiliza para “identificar todo o arsenal de recursos e serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência e consequentemente promover vida independente e inclusão”. Podem ser incluídos, nesse arsenal, o conjunto de *hardware* e *software* desenvolvido para tornar o computador acessível às pessoas com deficiência que necessitam utilizá-lo (BERSCH, 2017).

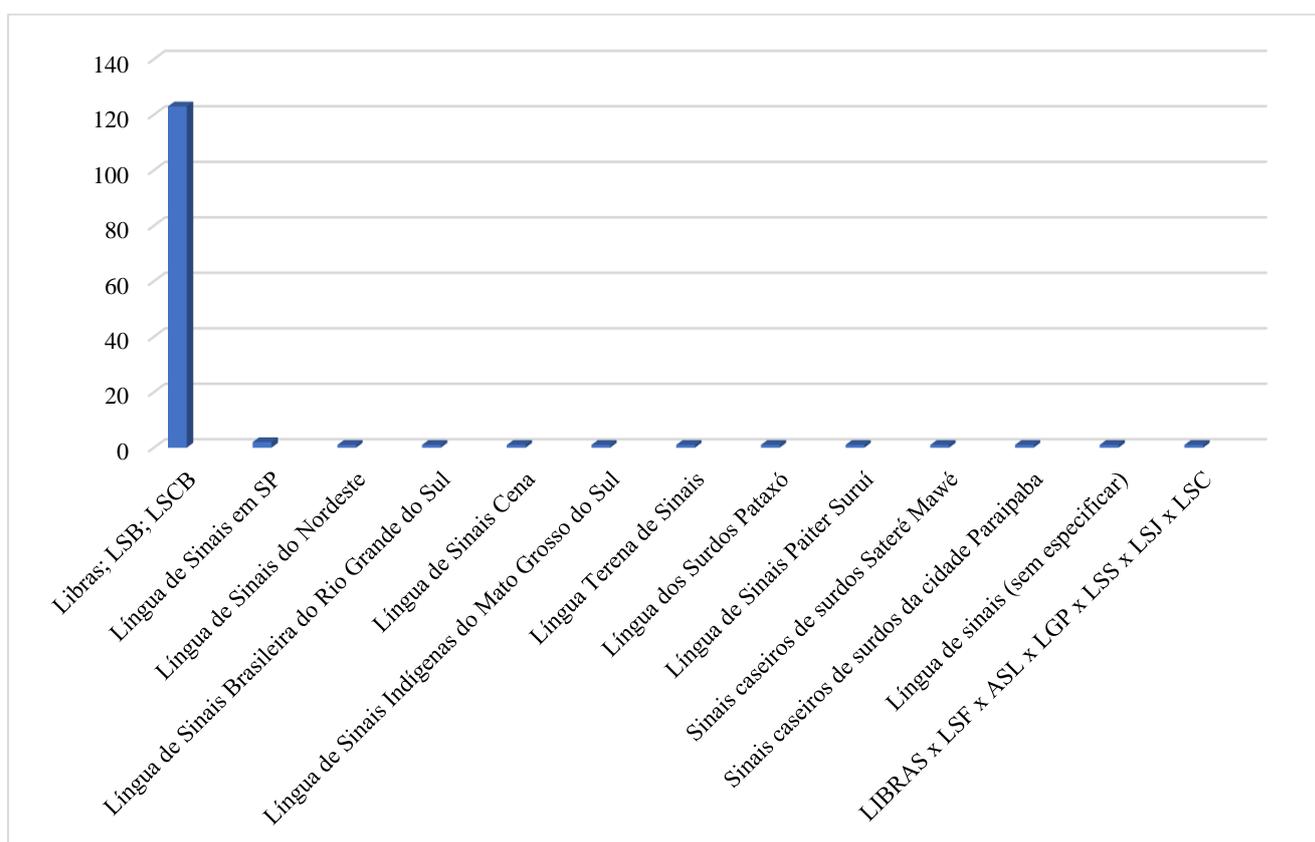
No caso do desenvolvimento de sistemas e programas para registro das línguas de sinais, dicionários eletrônicos, programas de transcrição de sinais etc. auxiliam não só pessoas surdas,

mas também toda a comunidade surda e, principalmente, estudantes e pesquisadores da língua, que façam mão desses recursos para o desenvolvimento de pesquisas na área.

## 6.9 Línguas

Dado a diversidade linguística que caracteriza as comunidades surdas brasileiras, que utilizam desde as línguas de sinais urbanas e reconhecidas legalmente até as línguas de sinais de comunidades mais isoladas, examinamos, neste tópico, que línguas de sinais foram tomadas como objeto de investigação nas teses e dissertações produzidas ao longo das quatro décadas. O gráfico a seguir mostra a quantidade de vezes que uma língua de sinais ou suas variedades aparecem como objeto de descrição nas teses e dissertações.

Gráfico 7: Línguas de sinais descritas nas teses e dissertações



Fonte: elaboração própria a partir dos dados do *corpus*.

Conforme se observa no gráfico, a Libras é a principal língua investigada no quadro de pesquisas da *TPLS*. Esta língua, ao longo da *tradição*, recebeu diferentes denominações, como já se discutiu em capítulos anteriores deste trabalho. Essas diferentes terminologias aparecem

nos trabalhos analisados, quais sejam: Línguas de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros (LSCB) e Língua de Sinais Brasileira (LSB).

Em menor recorrência, estão algumas variedades da Libras, marcadas pelos autores como a Língua de Sinais em São Paulo, como em Namura (1982); Língua de Sinais do Nordeste, como em Temoteo (2012); e a Língua de Sinais do Rio Grande do Sul, em Martins (2012).

Além dessas pesquisas, citamos aquelas que investigam as línguas de sinais emergentes, quais sejam: Vilhalva (2009), que estudou as Língua de Sinais Indígenas do Mato Grosso do Sul; Pereira (2013), que analisou a Língua de Sinais Cena; Azevedo (2015), que fez um mapeamento dos sinais caseiros de surdos indígenas da comunidade Sataré-Mawé; Eler (2017), que se debruçou sobre a Língua de Sinais Paiter Suruí; Soares (2018), que se propôs a analisar a Língua Terena de Sinais; e Damasceno (2017), que fez um estudo a respeito da Língua de Sinais dos Surdos Pataxó.

No *corpus* também identificamos uma pesquisa que aborda outras línguas de sinais para além das brasileiras. Nunes (2018) faz uma análise morfológica de sinais da Libras, comparando-as LSF, à ASL, à LGP, à LSS e à LSJ.

## **6.10 Análise interpretativa dos dados externos e internos**

Com base no que foi descrito nos capítulos anteriores acerca do movimento social surdo, da história da implementação dos cursos de Letras Libras, do perfil acadêmico dos orientadores, das recorrências de trabalhos nas respectivas universidades, entre outros aspectos mencionados, buscamos trazer, neste tópico, uma análise interpretativa dos dados apresentados, relacionando alguns dos parâmetros internos e externos.

Primeiramente, identificamos que a *TPLS* é uma *tradição* que surgiu, no Brasil, no início da década de 1980 e, por isso, é uma *tradição* mais recente se comparada à institucionalização da Linguística nos cursos de Letras no Brasil. Em 1962, o Parecer 283, do então Conselho Federal de Educação, instituiu mudanças na estrutura curricular dos cursos de Letras no Brasil, dando espaço institucional para os estudos linguísticos de línguas orais. Esse movimento, contudo, abria caminhos para estudos diversos no âmbito da Linguística, sobretudo para os de língua de sinais, que só iniciou posteriormente.

Outro ponto observado é que a *TPLS* tem bases na *tradição* de pesquisas de línguas orais, uma vez que os conceitos e os modelos teóricos da Linguística foram pensados, prioritariamente, para estudo de línguas orais, já que os gestos, por muitas vezes, foram alijados

das investigações sobre a linguagem, conforme visto na introdução desta tese. Por essa razão, durante todos os séculos, desde o surgimento das primeiras reflexões linguísticas, entendendo-as num sentido mais amplo, as línguas de sinais sequer foram cogitadas a ocupar o mesmo espaço de objeto das línguas orais.

Como também já discutido na introdução deste trabalho, sobre a natureza da linguagem humana, a fala tradicionalmente é tomada como a modalidade natural e ideal de uma língua. Por conta disso, criou-se, como afirma Massone (1993)<sup>79</sup>, uma *tradição fonocêntrica*, em que os linguistas priorizam, ao longo da história da Linguística, a descrição da fala e tudo o que for de natureza oral, mas não gestual. Como consequência, a autora aponta que linguistas que buscaram se debruçar sobre as línguas de sinais passaram a seguir essa mesma tendência, aplicando às línguas de sinais, sem tentar uma outra possibilidade de investigação, já que se trata de uma outra modalidade de língua.

A observação de Massone (1993) faz sentido na medida em que a *TPLS* se constitui de trabalhos que ainda utilizam nomenclaturas pensadas para línguas orais, como *fonética* e *fonologia*, cujo prefixo *fon(o)-*, do grego *phónê*, remete a “som, voz”<sup>80</sup>, ou seja, a línguas orais. Houve algumas tentativas para que se mudassem as nomenclaturas relacionadas a essa área de estudo aplicada às línguas de sinais, como a de Stokoe (1960), que propôs o termo *Quirologia* e *quirema* (cujas raízes gregas *khéri* significa “mão”), para designar, no caso do primeiro termo, a área de estudo das unidades mínimas distintivas e, no segundo termo, as próprias unidades mínimas. Além desses, Capovilla (2011) propôs, em substituição a essa nomenclatura, uma revisão taxinômica e sugeriu termos *Sematosema* ou *Signumículo* para também se referir aos estudos das unidades mínimas distintivas das línguas de sinais.

A despeito dessas tentativas de mudança nessa nomenclatura, como uma forma de romper com a *tradição fonocêntrica* (MASSONE, 1993), notamos, com base no levantamento das teses e dissertações, bem como dos trabalhos produzidos pelos pesquisadores analisados, que a terminologia tradicionalmente utilizada permanece e que, por isso, neste quesito, a *TPLS* ainda carrega marcas de apego à tradição de pesquisa de línguas orais, embora esteja se tratando de uma outra modalidade de língua.

<sup>79</sup> O acesso a essa referência se deu a partir de Glass (1996), uma vez que não foi possível localizar o texto original.

<sup>80</sup> Informação extraída do *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (2009). O verbete de elementos mórficos descreve: “*fon(o)* – (elemento de composição) antepositivo, do gr. *phónê, ês* 'som, voz'; ocorre em voc. já formados no próprio gr., como *fonema* (*phônéma*) e *fonético* (*phónétikós*), e em cultismos do sXIX em diante, entre os quais: *fonação*, *fonalidade*, *fonastenia*, *fone*, *fonema*, *fonética*, *fonetizar*, *fonia*, *foniatra*, *fônico*, *fonocinética*, *fonofilme*, *fonofobia*, *fonografia*, *fonologia*, *fonopatia*, *fonopostal*, *fonoscópio*, *fonoteca* e *fonovisão*; ver *-fono*”.

O que também justifica essa continuidade com os estudos de línguas orais é a formação dos líderes intelectuais que tem base nessa *tradição*. Conforme se viu no capítulo 5, grande parte dos pesquisadores que orientaram teses e dissertações na área aqui privilegiada tem graduação em Letras com foco em alguma língua oral moderna (português, inglês, espanhol etc.)<sup>81</sup>, o que se justifica, obviamente, pela inexistência de graduação em Letras Libras à época. Destes pesquisadores, a maioria realizou suas pesquisas de mestrado e de doutorado com foco em línguas orais (com exceção de Campello, Quadros, Leite e Stumpf). Dessa maneira, os pesquisadores cuja formação é de estudos de línguas orais podem, de algum modo, privilegiar os modelos teóricos dessa *tradição*, aplicando-os às línguas de sinais. Não acreditamos, contudo, que seja inválida esse tipo de abordagem. O que percebemos é uma possível sobreposição de ideias e teorias de uma modalidade de língua sobre outra.

Pensando ainda na formação de líderes intelectuais que constituem a *TPLS* e sua atuação enquanto orientadores de pesquisas em nível de pós-graduação, foi possível identificar 04 (quatro) gerações de pesquisadores, formadas a partir da década de 1980. Para a constituição dessas gerações, levamos em conta a década de formação em pós-graduação (mestrado e doutorado) dos pesquisadores e a década de início na formação de novos pesquisadores, orientando trabalhos em nível de pós-graduação. Partindo disso, propomos a seguinte classificação:

- a) 1ª geração: compreende pesquisadores cuja formação se deu em período anterior a 1980 e, partir desta década, atuaram como orientadores:
  - 1) Lemle (UFRJ)
  - 2) Ferreira (UFPE, UFRJ)
  
- b) 2ª geração: compreende pesquisadores cuja formação se deu na década de 1980 e que passaram a atuar como orientadores na mesma década ou na década de 1990:
  - 1) Lamprecht (PUCRS)
  - 2) Aguiar (UFG)
  
- c) 3ª geração: compreende pesquisadores cuja formação se deu na década de 1990 e que passaram a atuar como orientadores na mesma década ou na década de 2000:

---

<sup>81</sup> Com exceção de Capovilla, graduado em Psicologia; de Quadros, graduada em Pedagogia; de Stumpf, graduada em Educação de Surdos; de Campello, graduada em Biblioteconomia; e de Peres, graduada em Ciências da Computação, conforme os dados apresentados no capítulo 5.

- 1) Faulstich (UnB)
- 2) Viotti (USP)
- 3) Faria (UFPB)
- 4) Salles (UnB)
- 5) Capovilla (USP)
- 6) Vasconcelos (UFC)
- 7) Nunes (Unicamp)
- 8) Quadros (UFSC)
- 9) Godoi (UFPR)

d) 4ª geração: compreende pesquisadores cuja formação se deu na década de 2000 e que passaram a atuar como pesquisadores na mesma década ou na década de 2010:

- 1) Grannier (UnB)
- 2) Campello (INES)
- 3) Bernardo (UERJ)
- 4) Oliveira (UFG)
- 5) Stumpf (UFSC)
- 6) Peres (USP)
- 7) Gomes (UnB)
- 8) Leite (USP)
- 9) Silva (UFAL)
- 10) Magalhães (UFAL)

Pensar nessa constituição de gerações dentro da *TPLS* nos ajuda a compreender os diferentes momentos pelos quais a produção de conhecimento sobre línguas de sinais passou até se consolidar como uma *tradição de pesquisa*. Num primeiro momento, em que a 1ª geração de pesquisadores atua na formação de novos pesquisadores, e resgatando o contexto histórico da década de 1980, como visto no capítulo 4, é possível caracterizar essa etapa como marcada por movimentos sociais a favor da inclusão de surdos e do reconhecimento legal de línguas de sinais. Além disso, é nessa etapa que se forma o primeiro grupo de pesquisa e surgem as primeiras orientações de pesquisa na área.

Lemle, uma das responsáveis pela introdução da Gramática Gerativa no Brasil, orientava, na década de 1980, na UFRJ, o doutorado de Maria Ângela Botelho Pereira. Embora a tese de Pereira não seja voltada para os estudos de línguas de sinais, sua participação na UFRJ,

como aluna de doutorado, pode ter possibilitado o contato com essas pesquisas, já que Ferreira atuava na área e passou parte da década de 1980 na UFRJ, onde também encerrou sua carreira.

Na década de 1980, Felipe estava sendo orientada, a nível de mestrado, na UFPE, por Ferreira. Esta pode ser considerada a principal liderança intelectual na área, em sua geração, uma vez que seus trabalhos eram voltados para a descrição de línguas de sinais e suas orientações de mestrado também tinham como foco este tema. Ferreira também, como já visto, foi a responsável pela criação e coordenação do primeiro grupo de estudos sobre linguagem e surdez, o GELES.

Percebemos, então, que se trata de um período inicial de formação da *TPLS*, mas que representou um passo fundamental para a expansão da área no Brasil. Importante ressaltar que Lemle e Ferreira não possuem formação acadêmica com estudos de línguas de sinais, até porque, até então, não havia cursos de graduação específicos. Apesar disso, o conhecimento teórico e linguístico dessas duas pesquisadoras permitiu que ambas, mas principalmente Ferreira, se aventurassem na área e dessem os primeiros passos de uma nova *tradição* na pesquisa linguística brasileira.

Já na 2ª geração, a partir da 1990, tem-se um grupo de pesquisadores orientados por líderes da 1ª geração e que começam também a desenvolver e orientar outras pesquisas. Nessa etapa da formação da *TPLS*, tem-se ainda um período marcado pelos movimentos sociais e lutas que objetivavam o reconhecimento legal da Libras. É nessa década também que se cria a FENEIS, principal órgão de representação política dos surdos, conforme visto no capítulo 4.

Além disso, é nesta década que muitas leis municipais e estaduais começam a reconhecer a Libras como uma língua da comunidade surda. Esse reconhecimento veio como resposta às diversas reivindicações das comunidades surdas do Brasil e deu forças para o reconhecimento nacional que aconteceria na década seguinte.

Pereira, que outrora havia sido orientada por Lemle, tornou-se orientadora de doutorado, também na UFRJ, de Felipe<sup>82</sup>. Esta, enquanto orientanda de Lucinda, no mestrado, compôs o grupo GELES e participou desses movimentos iniciais de pesquisa na década de 1980<sup>83</sup>. Cabe pontuar ainda a participação de Felipe na FENEIS, o que mostra a ligação de alguns linguistas

---

<sup>82</sup> Notamos aqui uma relação entre gerações, já que Pereira, tendo concluído o doutorado na década de 1980, tornou-se orientadora de Felipe, na década de 1990. Contudo, decidimos não a colocar na lista de nomes na classificação das gerações, porque, em decorrência do critério quantitativo de orientações de teses e dissertações no *corpus*, não fizemos a análise de sua produção neste trabalho.

<sup>83</sup> Observamos também a formação de Felipe na década de 1980 e 1990 e sua atuação como orientadora a partir de 2000. No entanto, não inserimos o nome da pesquisadora na lista de classificação das gerações pelo fato de sua produção acadêmica não ter sido analisada neste trabalho, seguindo o critério quantitativo de orientações de teses e dissertações no *corpus*.

com os movimentos sociais surdos. A exemplo disso, conforme informações extraídas no Currículo *Lattes*<sup>84</sup> da pesquisadora, ela atuou como consultora da FENEIS, entre 1992 a 2022, nas áreas: Políticas Educacionais; Educação Bilíngue; e Linguística. Atuou também como coordenadora do *Grupo de Pesquisa da Feneis*; coordenadora do *Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos*; e coordenadora do Programa Nacional Interiorizando a Libras, além da participação em eventos e cursos de formação promovidos pela FENEIS. Com base nisso, percebemos a forte influência que o envolvimento na comunidade surda tinha para os pesquisadores em formação.

Nesta geração também participa Aguiar (UFG), como orientadora, no âmbito do mestrado, de Mariângela Estelita Barros. O trabalho de Barros seria o primeiro acerca da escrita de línguas de sinais, em 1998, na UFG.

Na 2ª geração, atuou ainda Lamprecht (PUCRS), que foi orientadora de Quadros, no mestrado da PUCRS, e de Lodenir Karnopp, no mestrado e no doutorado da PUCRS. Lamprecht, conforme visto no capítulo 5, atuou no programa de pós-graduação da PUCRS, orientando em diversas linhas de pesquisa, inclusive Aquisição da Linguagem. Por conta desse interesse da pesquisadora, Quadros e Karnopp desenvolveram suas pesquisas na área da aquisição da língua de sinais por crianças surdas. Quadros, por sua vez, continuou orientando diversos pesquisadores nesta mesma linha, o que pode ser justificado pela influência da orientadora Lamprecht.

Quanto à atuação de Quadros como orientadora e formadora de pesquisadores, percebe-se sua atuação no que consideramos a 3ª geração da história da *TPLS*. Esta geração e etapa da consolidação da *tradição*, é marcada, principalmente, pelo reconhecimento legal da Libras, pela lei 10.436, de 2002. É também a década da formação e expansão do curso superior de Letras Libras (Licenciatura e Bacharelado) no Brasil. Esse contexto político e educacional possibilitou que Quadros, como docente da UFSC e uma das coordenadoras no projeto de criação do curso de Letras Libras da UFSC, fosse uma das principais lideranças intelectuais de sua geração.

A pesquisadora orientou, por exemplo, os seguintes estudantes de pós-graduação da UFSC: Ana Regina e Souza Campello (mestrado e doutorado); Mariângela Estelita Barros (doutorado), que havia feito o mestrado orientado por Maria Sueli Aguiar; Aline Lemos Pizzio (mestrado e doutorado); Rodrigo Machado Nogueira (mestrado e doutorado); Rosemeri Corona Corrêa (mestrado); Shirley Vilhalva (mestrado); Gisele Iandra Pessini Anater (mestrado); entre outros. Como apontamos anteriormente, no capítulo 5, vem desde o vínculo familiar, com os

---

<sup>84</sup> Consultamos o currículo cuja última atualização feita pela autora foi em 21 de julho de 2022. Nosso acesso se deu em 26 de fevereiro de 2023.

pais surdos. E esse fato, mas não só, contribuiu para que a pesquisadora se interessasse pela área e pudesse empreender pesquisas e projetos voltados à educação de surdos da partir da década de 2000.

Nesta 3ª geração de pesquisadores, destacamos ainda alguns nomes, como Capovilla (USP) e Faulstich (UnB). Capovilla, como descrito no capítulo 5, tornou-se uma referência, na década de 2000, na Lexicografia da Libras, com a publicação de seus dicionários trilíngues (português-inglês-Libras). Além disso, o pesquisador orientou várias teses e dissertações na área da morfologia da Libras, o que justifica a recorrência da USP na lista de trabalhos desse nível linguístico.

No campo de léxico, várias pesquisas da UnB se sobressaem, haja vista o interesse de pesquisa de algumas lideranças da instituição, como Grannier e Faulstich. A última, quantitativamente, é a que mais orientou teses e dissertações na área do léxico. Esse interesse da autora pode ser explicado, sobretudo, pelas suas áreas de formação e atuação, com base no que descrevemos no mesmo capítulo 5. Além de Quadros, Capovilla e Faulstich, compõem a 3ª geração pesquisadores como Viotii (UnB), Faria (UFPB), Salles (UnB), Vasconcelos (UFC - que também concluiu o doutorado na mesma década), Nunes (Unicamp) e Godoi (UFPR).

Na 4ª e última geração, cujas orientações começaram a ocorrer a partir da década de 2010, tem-se um quadro mais ou menos consolidado de pesquisas na *TPLS*, alguns dos pesquisadores que começaram a atuar na formação de novos pesquisadores já fizeram mestrado e doutorado com trabalhos voltados para a área da Libras. Esse é o caso de Campello (mestrado e doutorado na UFSC); de Stumpf (doutorado na UFRGS); e de Leite (mestrado e doutorado na USP). Estes, juntamente com Quadros, foram os únicos pesquisadores, entre os 23 analisados, que fizeram suas pesquisas de mestrado e/ou doutorado com temática voltada para o estudo das línguas de sinais. Cabe pontuar ainda a participação de outros pesquisadores participantes desta geração, a saber: Grannier (UnB), Bernardo (UERJ), Oliveira (UFG), Peres (USP), Gomes (UnB), Silva (UFAL) e Magalhães (UFAL).

Dessa forma, podemos afirmar que as 3ª e 4ª gerações são as mais profícuas, tanto pelo aumento no número de pesquisadores, quanto pelas políticas de fomento ao ensino superior, sobretudo à pós-graduação, em conformidade com o que foi exposto no capítulo 4. São nessas duas gerações, sobretudo na 4ª, que a *TPLS* começa a se consolidar, com um número expressivo de publicações e formações de grupos de pesquisa vinculados às universidades.

É também nessas décadas que há o aumento no número de cursos de formação de professores e intérpretes de Libras, impulsionado, sobretudo, pelo Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Consequentemente, houve o crescente número de professores de Libras,

atuando em escolas e universidades. Com esse movimento de expansão, a 4ª geração poderá formar novos pesquisadores para futuras gerações. No âmbito dos cursos de Letras Libras, estes novos pesquisadores, diferentemente dos atuais, terão tido formação na área desde a graduação, tendo contato com pesquisas de línguas de sinais desde a primeira etapa de formação acadêmica.

Retomando os pressupostos de Laudan (2011[1997]), o autor afirma que as *tradições de pesquisa* cumprem a função de delinear um conjunto de diretrizes para o desenvolvimento de teorias específicas e determinar os métodos de investigação disponíveis ao pesquisador em determinada *tradição*. Com base nisso, podemos considerar a ideia de teorias, embora o conceito seja muito mais amplo, com a ideia de conhecimentos. No caso dos estudos linguísticos de línguas de sinais, tomamos os conhecimentos identificados nos trabalhos analisados, quais sejam: (sub)sistêmico, variacionista, histórico-linguístico, comparativo, etc. E todos esses conhecimentos constituem possibilidades de investigação no quadro da *TPLS* e possuem métodos de investigação que já estão disponíveis ao pesquisador.

Quanto aos tipos de conhecimento, na esteira de Swiggers (2013; 2015; 2019), nota-se algumas predileções por áreas de investigação, conforme a descrição no capítulo 5. O conhecimento (sub)sistêmico da linguagem, que abarca os estudos de cunho (ortográfico), gramatical e lexical, é o mais presente nos trabalhos analisados. Como se trata de um nível de conhecimento mais descritivo da estrutura linguística e os orientadores dessas pesquisas têm bases teóricas na linguística descritiva de línguas orais, é possível entender essa recorrência de trabalhos dessa natureza. Atribuímos também ao fato de se buscar atestar a legitimidade linguística das línguas de sinais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscamos construir uma narrativa historiográfica acerca da produção de conhecimento sobre línguas de sinais no/do Brasil. Para tanto, tomamos como ponto de partida um *corpus* constituído por teses e dissertações produzidas nas mais diversas universidades brasileiras, entre 1980 e 2019.

Partindo do primeiro objetivo da pesquisa, que foi *analisar, segundo o princípio da contextualização (KOERNER, 2014[1995]), os fatores sociais, políticos e históricos que favoreceram o desenvolvimento dos estudos sobre línguas de sinais no/do Brasil, a partir de 1980*, identificamos, de um modo geral, as influências dos movimentos sociais de pessoas com deficiência, em busca das políticas de inclusão, nos quais os surdos estavam inseridos. A principal reivindicação destes foi o reconhecimento legal da língua de sinais utilizada nos centros urbanos, que, a partir da Lei nº 10.436, de 22 de abril de 2002, passou a ser reconhecida, nacionalmente, como Libras. Antes desta promulgação, estados e municípios brasileiros já haviam reconhecido, localmente, a Libras como a língua oficial das comunidades surdas. Em nossa pesquisa, destacamos também o papel da FENEIS na representação das lutas sociais e políticas dos surdos, o que simboliza uma força política que foi se construindo ao longo das décadas.

No âmbito acadêmico, mostramos ainda como se deu a institucionalização do curso de Letras Libras e a expansão do Ensino Superior, no Brasil, promovendo a formação de professores e tradutores/intérpretes de Libras. Nessa conjuntura, o conhecimento sobre línguas de sinais foi ganhando mais espaço no campo da Linguística brasileira, a qual, tradicionalmente, privilegia os estudos de línguas orais. Ressaltamos, porém, que as pesquisas em línguas de sinais antecedem o período da criação do curso de Letras Libras, uma vez que, já nas décadas de 1980 e 1990, eram realizadas pesquisas de mestrado e de doutorado na área.

Quanto ao segundo objetivo, que foi *ii) identificar, com base no corpus selecionado (teses e dissertações), os dados externos (ano de publicação, orientação e universidade) e os dados internos (conhecimentos abordados e línguas em estudo), a fim de perceber as produções por universidades e os tipos de conhecimento (SWIGGERS, 2013; 2015; 2019) mais ou menos privilegiados pelos pesquisadores da TPLS*, constatamos um considerável aumento de produções de pesquisas ao longo dos anos. Além disso, foi possível identificar, entre os orientadores do *corpus*, aqueles cujas orientações extrapolaram a quantidade mínima de uma única orientação. Destes pesquisadores, listamos os nomes e as quantidades de trabalhos orientados, que compõem o *corpus*, e, em seguida, realizamos um mapeamento da formação,

publicações e orientações de pesquisa, com o intuito de perceber qual o perfil acadêmico e os interesses de pesquisas para, então, confrontar com os dados internos das teses e dissertações.

Os dados internos analisados foram, principalmente, os tipos de conhecimento constante nas teses e dissertações. A análise evidenciou a predominância de trabalhos cujas temáticas são voltadas para o conhecimento (sub)sistêmico da linguagem, conforme a classificação de Swiggers (2013; 2015; 2019). Este conhecimento se subcategoriza em (orto)gráfico, gramatical e lexical. As teses e dissertações de cunho (orto)gráfico tratam, predominantemente, da escrita de sinais e a principal liderança intelectual neste tema é Stumpf.

Quanto ao conhecimento gramatical, apresentamos em um quadro os diferentes níveis linguísticos sobre os quais as pesquisas analisadas se debruçam. Desses níveis, percebemos constantes intersecções nas temáticas abordadas, como fonologia e morfologia; morfologia e sintaxe; sintaxe e semântica etc. O mesmo acontece com as disciplinas dos currículos dos cursos de Letras Libras, mapeados também ao longo do trabalho.

Retomando a temática das teses e dissertações, foi possível notar ainda uma proeminência de trabalhos acerca do léxico das línguas de sinais, sobretudo no âmbito da UnB. O Programa de pós-graduação em Linguística (PPGL) da UnB, além de ser o primeiro a abrir um mestrado acadêmico em Linguística no Brasil, tem, entre suas linhas de pesquisas, projetos de pesquisas voltados para os estudos do léxico, tendo como principal liderança intelectual Faulstich. A pesquisadora, além de ter várias produções e orientações nessa temática, envolvendo línguas de sinais, atuou na implementação do polo EaD do curso de Letras Libras da UFSC e também ajudou na constituição do curso presencial de Letras Libras/Português na instituição.

No que tange ao terceiro objetivo, o de *mapear e analisar a relação entre os principais grupos de especialidade (MURRAY, 1993; BATISTA, 2013), a formação dos principais líderes intelectuais identificados no corpus e a produção deles, com base, principalmente, no Currículo Lattes*, constatamos que, com a expansão do Letras Libras nos estados brasileiros, muitos grupos de pesquisa passaram a se formar e se reconhecer como pesquisadores da área. Em nosso mapeamento de grupos de pesquisa no Diretório do CNPq, localizamos 38 grupos na área da Linguística, dos quais a maioria se concentra em universidades como UFSC, UnB e Unicamp.

Quanto à formação acadêmica e a produção dos pesquisadores, concluímos que as principais lideranças intelectuais que atuaram na década de 1980 foram os primeiros formadores e orientadores na área, portanto, os participantes da 1ª geração da constituição da *TPLS*. Novos pesquisadores começaram a atuar nas gerações seguintes, as quais classificamos da seguinte

forma: 1ª geração, que compreende pesquisadores cuja formação se deu em período anterior a 1980 e, partir desta década, atuaram como orientadores; 2ª geração, que compreende pesquisadores cuja formação se deu na década de 1980 e que passaram a atuar como orientadores na mesma década ou na década de 1990; 3ª geração, que compreende pesquisadores cuja formação se deu na década de 1990 e que passaram a atuar como orientadores na mesma década ou na década de 2000; e 4ª geração, que compreende pesquisadores cuja formação se deu na década de 2000 e que passaram a atuar como pesquisadores na mesma década ou na década de 2010.

O levantamento das informações acadêmicas dos pesquisadores nos levou a constatar que, dos 23 orientadores analisados, apenas 04 (quatro) possuem formação em nível de mestrado e/ou doutorado com pesquisa na área da Libras. São eles: Quadros, Campello, Leite e Stumpf. Isso mostra que a *TPLS* se constituiu a partir da *tradição* de estudos de línguas orais, já que os pesquisadores têm sua formação na área e adotam seus modelos de análise.

A narrativa aqui construída não esgota as possibilidades de investigação a respeito da *TPLS*, mas se propôs a apresentar um panorama mais geral acerca da *tradição*. É importante que, em pesquisas futuras, sejam analisados, por exemplo, periódicos especializados, material que não contemplamos, levando em conta nosso interesse de pesquisa, mas que podem servir também como objeto de análise em trabalhos historiográficos.

Ressaltamos ainda a relevância da pesquisa historiográfica para a resgate da história da Linguística e suas subáreas e *tradições*, uma vez que, conhecer a história de uma área, torna o pesquisador mais consciente do lugar que ocupa numa área de investigação e é também uma oportunidade de entender melhor as ciências contemporâneas da linguagem e das suas metodologias como um todo (ALTMAN, 2012). Portanto, esperamos, a partir do estudo realizado, contribuir com as pesquisas na área da HL, mas também oferecer à comunidade acadêmica, sobretudo aos pesquisadores e estudiosos de línguas de sinais, uma narrativa dos principais desdobramentos históricos da *TPLS*.

## REFERÊNCIAS DAS TESES E DISSERTAÇÕES

ADRIANO, Nayara de Almeida. **Sinais caseiros: uma exploração de aspectos linguísticos.** 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

AGUIAR, Thiago Cardoso. **Nova proposta de sílaba em libras.** 2013. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

RODERO-TAKAHIRA, Aline Garcia. **Compostos na língua de sinais brasileira.** 2015. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015

CONSERVA, Katia Michaele Fernandes. **Aspectos variacionistas fonológicos da Língua Brasileira de Sinais.** 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

ALMEIDA, Magno Pinheiro de. **Língua de sinais x Libras: uma abordagem da historiografia linguística.** 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.

ALMEIDA-SILVA, Anderson. **Sintagmas nominais: marcas de referencialidade e determinação na Libras.** 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.

ALMEIDA-SILVA, Anderson. **A (in)definitude no sintagma nominal em libras: uma investigação na interface sintaxe-semântica.** Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

AMPESSAN, João Paulo. **A escrita de expressões não manuais gramaticais em sentenças da Libras pelo sistema SignWriting.** 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

ANATER, Gisele Iandra Pessini. **As Marcações Linguísticas não-manuais na aquisição da Língua de Sinais Brasileira (LSB): um estudo de caso longitudinal.** 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

ANDRADE, Alliny de Matos Ferraz. **Causatividade em libras.** 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

ANDRADE, Telma Rosa de. **Pronomes pessoais na interlíngua de surdo/a aprendiz de português L2 (escrito).** 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

ANDRADE, Wagner Teobaldo Lopes de. **Variação fonológica da LIBRAS: um estudo sociolinguístico de comunidades surdas da Paraíba.** 2013. Tese (Doutorado em Linguística e Ensino) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

- ANTUNES, Diego Roberto. **Um Modelo de Descrição Computacional da Fonologia da Língua de Sinais Brasileira**. 2011. Dissertação (Mestrado em Informática) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.
- ARAÚJO, Adriana Dias Sambranel de. **As expressões e as marcas não-manuais na Língua de Sinais Brasileira**. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- ARAÚJO, Magali Nicolau de Oliveira de. **Os espaços na Libras**. 2016. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- ARAÚJO, Nina Rosa Silva de. **A posição de sujeito em sentenças da Língua de Sinais Brasileira**. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras, Linguagem e Identidade) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2013.
- ARNONE, Juliane Farah. **O fenômeno 'ponta dos dedos' na Língua Brasileira de Sinais (Libras): um estudo sobre a recuperação lexical em indivíduos surdos**. 2018. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- ARROTÉIA, Mara Jéssica. **O Papel da Marcação Não Manual nas Sentenças Negativas em Língua de Sinais Brasileiras (LSB)**. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- AURELIANO, Thalita Maria Lucindo. **A compreensão das metáforas primárias em indivíduos surdo**. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.
- AZEVEDO, Marlon Jorge Silva de. **Mapeamento e contribuições linguísticas do professor surdo aos índios surdos da etnia Sateré-Mawé na microrregião de Parintins Manaus – AM**. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) - Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2015.
- BARBOSA, Gabriela Otaviani. **A arte de escrever em Libras**. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- BARBOSA, Thais Bolgueroni. **Uma descrição do processo de referenciação em narrativas contadas em língua de sinais brasileira (libras)**. 2013. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- BARROS, Mariângela Estelita. **Proposta de escrita das línguas de sinais**. 1998. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1998.
- \_\_\_\_\_. **ELiS - Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática**. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

BARROS, Rejane Louredo. **Política linguística: a terminologia da libras como veículo de cultura em concursos públicos.** 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

BERNARDINO, Elidéa Lúcia. **A construção da referência por surdos na LIBRAS e no português escrito: a lógica no absurdo.** 1999. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

BRITO, Lia Branth. **O acesso do surdo à linguagem e ao mundo social através da língua de sinais: uma proposta fonoaudiológica.** 2005. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Linguística Aplicada) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

CALDAS, Beatriz Fernandes. **Narrativas Em Língua dos Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros: um estudo sobre referência.** 1992. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

CARDOSO, Maria Eduarda de Araújo. **Segmentação automática de Expressões Faciais Gramaticais com Multilayer Perceptrons e Misturas de Especialistas.** 2018. Dissertação (Mestrado em Sistemas de Informação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

CARDOSO, Vilma Rodrigues. **Terminografia da língua brasileira de sinais: glossário de Nutrição.** 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

CARNEIRO, Bruno Gonçalves. **A concepção de evento em construções representativas na língua de sinais brasileira.** 2012. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

CARVALHO, Vinicius da Silva. **Investigando os processos de emersão e modificação de sinais, durante a apropriação da sinalização científica por surdos ao abordar os saberes químicos matéria e energia.** 2017. Dissertação (Mestrado em Química) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

CASTRO, Clarice de Andrade Silva e. **A estruturação temporal na Língua de Sinais em São Paulo.** 1982. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Mogi das Cruzes, Mogi das Cruzes, 1982.

CASTRO, Cristina de Almeida Siaines de. **Composicionalidade semântica em Libras: fronteiras e encaixes.** 2007. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

CASTRO-JÚNIOR, Glaucio de. **Projeto varlibras.** 2014. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

CAVALCANTE, Priscilla Fonseca. **Glossário jurídico em Libras: direito constitucional.** 2017. Dissertação (Mestrado em Diversidade e Inclusão) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

CHAIBUE, Karime. **Universais linguísticos aplicáveis às línguas de sinais:** discussão sobre as categorias lexicais nome e verbo. 2013. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

VILHALVA, Shirley. **Mapeamento das línguas de sinais emergentes:** Um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas de Mato Grosso do Sul. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

CORREA, Fabiana Schmitt. **Língua Brasileira de Sinais:** expressões inovadoras. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

CORREA, Rosemeri Bernieri de Souza. **A complementaridade entre língua e gestos nas narrativas de sujeitos surdos.** 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

COSTA, Victor Hugo Sepúlveda da. **Iconicidade e produtividade na língua brasileira de sinais:** a dupla articulação da linguagem em perspectiva. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

CRATO, Aline Nascimento. **Marcação de tempo por surdos sinalizadores.** 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CRAVEIRO, Luciana Viegas Alves. **A gramática da Língua Brasileira de Sinais:** aspectos sintáticos. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

CUNHA, Karina Miranda Machado Borges. **A estrutura silábica na Língua Brasileira de Sinais.** Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

DAMASCENO, Letícia de Souza Magalhães. **Surdos Pataxó:** inventário das línguas de sinais em território etnoeducacional. 2017. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

DELGADO, Isabelle Cahino. **Uma análise estilística da língua brasileira de sinais:** Variações de seu uso no processo interativo. 2012. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

DIAS, Aline Fernanda Alves. **A construção de tópico na língua de sinais brasileira:** uma abordagem psicolinguística. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

DINIZ, Heloise Gripp. **A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras):** Um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

DIZEU, Liliane Correia Toscano de Brito. **Variações lingüísticas na escrita do surdo pelo contato da língua brasileira de sinais com o português.** 2006. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2006.

DOMINGUES, Karina Nonato Pingituro. **Análise de estrutura Sematosêmica de 10.400 sinais de Libras:** caracterização das combinações canônicas entre articulação de mão, orientações de mão e palma, movimento e expressão facial. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

ELER, Roseane Ribas de Sousa. **Mapeamento de sinais da educação escolar indígena dos surdos Paiter Suruí.** 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) - Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2017.

FARIA, Carla Valéria de Souza. **Aspectos da morfologia da língua brasileira de sinais.** 2003. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

FARIA, Carla Valéria de Souza. **Atos de fala:** o pedido em Língua Brasileira de Sinais. 1995. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

FARIA, Sandra Patrícia de. **A metáfora na LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos.** 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

FELIPE, Tanya Amara. **O Signo Gestual-Visual e sua Estrutura Frasal na Língua dos Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros.** 1988. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1988.

FELTEN, Eduardo Felipe. **Glossário sistêmico bilíngue Português-Libras de termos da história do Brasil.** 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

FERNANDES, Leandro Andrade. **Bases linguísticas e lexicográficas para a construção de um glossário bilíngue em Libras-Elis/português e português/Libras-Elis.** 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal de Goiás Regional Catalão, Catalão, 2018.

FERREIRA, Geyse Araújo. **Um estudo sobre os verbos manuais da Língua de Sinais Brasileira.** 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

FERRO, Renata Isabel Mariconi. **Língua Brasileira de Sinais (Libras):** o movimento das mãos rompendo o silêncio e o isolamento. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro Universitário Salesiano de São Paulo, São Paulo, 2007.

FINAU, Rossana Aparecida. **Os sinais de tempo e aspecto na Libras.** 2004. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

FREITAS, Fernando de Almeida. **Reconhecimento automático de expressões faciais gramaticais na língua brasileira de sinais.** 2015. Dissertação (Mestrado em Sistemas de Informação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

FRYDRYCH, Laura Amaral Kummel. **O estatuto lingüístico das línguas de sinais: A Libras sob a ótica saussuriana.** 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

GLASS, Maria Helena Figueira. **Por uma abordagem performativa das línguas de sinais.** 1996. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

GOES, Anne Karine Silva de. **Marcadores prosódicos da Libras e o papel das expressões corporais.** 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

GOMES, D. S. **Língua Brasileira de Sinais: escolhas lexicais e desenvolvimento do tópico discursivo.** 2009. 104f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

GOMES, Dannytza Serra. **Língua brasileira de sinais: fala-em-interação entre surdos.** 2014. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

GRUTZMACHER, Marcos. **Aquisição de apontações pronominais pessoais em língua brasileira de sinais (LIBRAS).** 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

JUNIOR, Gláucio de Castro. **Variação linguística em Língua de Sinais Brasileira - foco no léxico.** 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Aquisição do parâmetro configuração de mão dos sinais da língua de sinais brasileira: estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos.** 1994. Dissertação (Mestrado em Linguística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Aquisição fonológica na língua brasileira de sinais: estudo longitudinal de uma criança surda.** 1999. Tese (Doutorado em Linguística e Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

KLIMSA, Severina Batista de Farias. **Proposta de dicionário infantil bilingue libras/português.** 2016. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

LARA, Marília Costa Pessanha. **A pluralidade em Libras.** 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

LEITE, Tarcísio de Arantes. **A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): Um estudo lingüístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos.** 2008. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

LIMA, Érica Lourrane Leôncio. **Proposta lexicográfica para verbetes de dicionário especial de homônimos da Língua Brasileira de Sinais – Libras**. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.

LIMA, Hildomar José de. **Categorias lexicais na língua brasileira de sinais: nomes e verbos**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

LIMA, Manuella Aschoff Cavalcanti Brandao. **Tradução Automática com Adequação Sintático-Semântica para LIBRAS**. 2015. Dissertação (Mestrado em Informática) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

LIMA, Vera Lucia de Souza e. **Língua de sinais: proposta terminológica para a área de desenho arquitetônico**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

LIRA, M. de S. **Ordem dos termos em estruturas oracionais na língua de sinais brasileira: um estudo em narrativas infantis**. 2014. 133f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

MACHADO, Rodrigo Nogueira. **Empréstimos linguísticos na Libras: primeira turma do curso de Letras Libras da UFSC**. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

MAGALHÃES, Rozilda Almeida Neves. **Sinais toponímicos em Libras: logradouros da cidade de Vitória da Conquista na língua do cidadão surdo**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2017.

MARINHO, Margot Latt. **Língua de Sinais Brasileira: proposta de análise articulatória com base no banco de dados LSB-DF**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

MARINHO, Rosilene Silva. **Neologismos em Libras: um estudo sobre a criação de termos na área de Química**. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

MARTINS, Antonielle Cantarelli. **Lexicografia da língua de sinais brasileira do Rio Grande do Sul**. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MARTINS, Antonielle Cantarelli. **Lexicografia, metalexigrafia e natureza da iconicidade da Língua de Sinais Brasileira (Libras)**. 2017. Tese (Doutorado em Psicologia Experimental) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

MARTINS, Ricardo Vianna. **Língua de Sinais e subjetividade**. 2003. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

MAURÍCIO, Aline Cristina Loprese. **Morfemas metafóricos na Libras**: análise da estrutura morfêmica de 1577 sinais em 34 morfemas moleculares e 14 classes de morfemas molares. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MENDES, Maria Luísa. **A metaforização na constituição dos sinais na Libras**. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

MENDONÇA, Cleomasina Stuart Sanção Silva. **Classificação nominal em Libras**: um estudo sobre os chamados classificadores. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

MESQUITA, Aline Camila Romão. **A categoria preposicional na interlíngua do surdo aprendiz de português (L2)**. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

MIRANDA, João Paulo Vitório. **Voz passiva em libras? Ou outras estratégias de topicalização?** 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

MONTEIRO, Myrna Salerno. **A interferência do português na análise gramatical em Libras**: o caso das preposições. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

MORAIS, Carla Damasceno de. **Escrita de sinais**: supressão de componentes quirêmicos da escrita da Libras em Signwriting. 2016. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

MOREIRA, Daniela Almeida. **Um estudo introdutório sobre o desenvolvimento dos repertórios léxicos da língua brasileira de sinais a partir da elaboração da definição lexicográfica**. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

MOREIRA, Renata Lucia. **Um olhar da semiótica para os discursos em libras**: descrição do tempo. 2016. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

MOREIRA, Renata Lucia. **Uma descrição de dêixis de pessoa na língua de sinais brasileira**: pronomes pessoais e verbos indicadores. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MURTA, Michelle Andrea. **Metáforas em Libras**: um estudo de seu uso por pessoas surdas. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

NAMURA, Maria Ines Cossermelli. **A ordem sintática e a repetição na língua de sinais em São Paulo**. 1982. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Mogi das Cruzes, Mogi das Cruzes, 1982.

NASCIMENTO, Cristiane Batista do. **Empréstimos Linguísticos do Português na Língua de Sinais Brasileira LSB: Línguas em Contato**. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

NASCIMENTO, Cristiane Batista do. **Terminografia em Língua de Sinais Brasileira: proposta de glossário ilustrado semibilíngue do meio ambiente, em mídia digital**. 2016. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

NASCIMENTO, Sandra Patrícia Faria do. **Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira: uma proposta lexicográfica**. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

NEVES, Maria Vilalba de Oliveira. **Análise da estrutura morfológica dos sinais de Libras do Novo Deit-Libras**. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

NEVES, Maria Vilalba de Oliveira. **Esboço de análise da estrutura morfológica dos sinais da Libras**. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

NOBRE, Rundesth Saboia. **Processo de grafia da língua de sinais: uma análise fonomorfológica de sinais em Sign Writing**. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

NUNES, Valeria Fernandes. **Narrativas em Libras: análise dos processos cognitivos**. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

NUNES, Valeria Fernandes. **Corporificação e iconicidade cognitiva: um estudo sobre verbos em línguas de sinais**. 2018. 276f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

OLIVEIRA, Carlos Alves de. **Formas pronominais da Língua Brasileira de Sinais**. 1996. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

OLIVEIRA, Ione Barbosa de. **A categoria dos verbos na língua brasileira de sinais**. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2015.

OLIVEIRA, Janine Soares de. **Análise descritiva da estrutura querológica de unidades terminológicas do glossário Letras-Libras**. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

OLIVEIRA, Paula Helouise. **Metáfora Conceptual e Libras: uma abordagem cognitiva da surdez**. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

PAGY, Fabiane Elias. **Reduplicação na língua brasileira de sinais (LIBRAS)**. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

PÊGO, Carolina Ferreira. **Sinais não-manuais gramaticais da LSB nos traços morfológicos e lexicais: um estudo do morfema-boca.** 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

PEREIRA, Everton Luís. **Fazendo cena na cidade dos mudos: surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no sertão do Piauí.** 2013. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

PEREIRA, Priscila Frehse. **Psicanálise e Surdez: metáforas conceituais da subjetividade em libras.** 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

PINTO, Charridy Max Fontes. **A interpretação da sentença com verbos simples (plain verbs): a ambiguidade em construções com os verbos abraçar e conversar em LIBRAS.** 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

PIZZIO, Aline Lemos. **A tipologia linguística e a língua de sinais brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos.** 2011. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

PIZZIO, Aline Lemos. **A variabilidade da ordem das palavras na aquisição da língua de sinais brasileira: construção com tópico e foco.** 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

QUADROS, Ronice Müller de. **As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na língua de sinais brasileira e reflexos no processo de aquisição.** 1995. Dissertação (Mestrado em Linguística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995

\_\_\_\_\_. **Phrase structure of Brazilian Sign Language.** Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

RAMOS, Lucilene Ongaratto. **Que palavra vem a sua mente: Um estudo de associação semântica em LIBRAS.** 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

RESENDE, Carolina Silva. **Assimilação na Língua de Sinais Brasileira.** 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

RIBEIRO, Daniela Prometi. **Glossário bilíngue da língua de sinais brasileira: criação de sinais dos termos da música.** 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SABANAI, Noriko Lucia. **Aspectos gramaticais e discursivos da narrativa na Libras.** 2016. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SAITO, Daniela Satomi. **Comunidades de práticas virtuais como contexto para o desenvolvimento de neologismos terminológicos em língua de sinais.** Tese (Doutorado em

Engenharia e Gestão do Conhecimento) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

SANTANA, Ana Paula de Oliveira. **Reflexões neurolinguísticas sobre a surdez.** 2003. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SANTOS, Deise Vieira dos. **Estudos de Línguas de Sinais: um contexto para a análise da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).** 2002. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

SANTOS, Hadassa Rodrigues. **Processos de expansão lexical da Libras no ambiente acadêmico.** 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SANTOS, Jaelson da Silva. **Há classificadores verbais em Libras?** 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2016.

SANTOS, Jonilson Roque dos. **Reconhecimento das configurações de mão de libras baseado na análise de discriminante de fisher bidimensional utilizando imagens de profundidade.** 2015. Dissertação (Mestrado em Engenharia Elétrica) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.

SANTOS, Marcos de Moraes. **Semântica da Libras: hiperônimos e hipônimos e o desenvolvimento linguístico da criança surda.** 2018. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

SANTOS, Patrícia Tuxi dos. **A terminologia na língua de sinais brasileira: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue.** 2017. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SESSA, Glênia Aguiar Belarmino da Silva. **Expressão por emoção: uma abordagem cognitiva de adjetivos em Língua Brasileira de Sinais.** 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SILVA, Isaack Saymon Alves Feitoza. **Gíria em Língua de Sinais Brasileira (LSB): processo e interpretação.** 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SILVA, João Paulo da. **Demonstrações em uma narrativa sinalizada em Libras.** 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SILVA, Lídia. da. **Investigando a categoria aspectual na aquisição da língua Brasileira de Sinais.** 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SILVA, Nilce Maria da. **Instrumentos linguísticos de Língua Brasileira de Sinais: constituição e formulação.** 2012. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

SILVA, Paulo Eduardo Mendes da. **Sobre a arbitrariedade do signo: a Língua Brasileira de Sinais (Libras)**. 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

SILVA, Rodrigo Custódio da. **Indicadores de formalidade no gênero monológico em Libras**. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SILVA-JÚNIOR, Daltro Roque Carvalho da. **Metáfora em Libras: um estudo de léxico**. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

SOARES, Charley Pereira. **Demonstração da ambiguidade de itens lexicais na LSB: um estudo sincrônico de homonímia**. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SOARES, Priscilla Alyne. **Língua Terena de Sinais: análise descritiva inicial da língua de sinais usada pelos terenas da terra indígena Cachoeirinha**. 2018. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2018.

SOUSA, Saulo Machado Mello de. **Sinais lexicais dos termos cinematográficos: a perspectiva da língua de sinais no cinema**. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

SOUSA, Wilma Pastor de Andrade. **A construção da argumentação na língua brasileira de sinais: convergências e divergências com a língua portuguesa**. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

SOUZA, Guilherme Lourenço de. **Concordância, caso e ergatividade em língua de sinais brasileira: uma proposta minimalista**. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

SOUZA, Issac Gomes Moraes de. **Concordância verbal e a hipótese do período crítico em Libras: um estudo teórico-experimental**. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

SOUZA, Regina Maria de. **Que palavra que te falta? O que o surdo e sua língua(gem) de sinais tem a dizer à linguística e à educação**. 1996. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

SOUZA, Tanya Amara Felipe. **A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na língua brasileira de sinais (LIBRAS)**. 1998. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

TEMÓTEO, Janice Gonçalves. **Diversidade linguístico-cultural da língua de sinais do Ceará: um estudo lexicológico das variações da libras na comunidade de surdos do sítio Caiçara**. 2008. 167f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

\_\_\_\_\_. **Lexicografia da língua de sinais brasileira do Nordeste.** 2012. Tese (Doutorado em Psicologia Experimental) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

VALE, Luciana Marques. **A importância da terminologia para atuação do tradutor e intérprete de língua de sinais brasileira:** proposta de glossário de sinais-termo do processo judicial eletrônico. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

VELOSO, Brenda Silva. **Construções Classificadoras e Verbos de Deslocamento, Existência e Localização na Língua de Sinais Brasileira.** 2008. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

WANDERLEY, Débora Campos. **A classificação dos verbos com concordância da Língua Brasileira de Sinais:** uma análise a partir do Signwriting. 2017. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

XAVIER, André Nogueira. **Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua brasileira de sinais (Libras).** 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. **Uma ou duas? Eis a questão!** Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da língua brasileira de sinais (libras). 2014. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Maria Suelí de. **Fontes de pesquisa e estudo da família Pano**. Campinas: Editora Unicamp, 1994. Disponível em: [http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aaguiar-1994-fontes/Aguiar\\_1994\\_FontesPesqFamiliaPano.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aaguiar-1994-fontes/Aguiar_1994_FontesPesqFamiliaPano.pdf). Acesso em: 24 fev. 2023.
- AGUIAR, Maria Suelí de. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília]. 25 nov. 2021. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0950467502306607>. Acesso em: 23 fev. 2023.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado** (ensaios de teoria da história). Curitiba: Editora Appris, 2019.
- ALMEIDA-SILVA, Anderson; NEVINS, Andrew Ira. Observações sobre a estrutura linguística da Cena: a língua de sinais emergente da Várzea Queimada (Piauí, Brasil). **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 23, n. 4, p. 1029-1053, out./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/18533/0>. Acesso em: 03 fev. 2023.
- ALTMAN, Cristina. **A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)**. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USPP, 2004[1998].
- \_\_\_\_\_. Retrospectivas e perspectivas da historiografia da lingüística no Brasil. **Revista argentina de historiografía lingüística**, v. 1, n. 2, p. 115-136. 2009. Disponível em: <https://www.rahl.ar/index.php/rahl/article/view/12>. Acesso em: 03 mar. 2023.
- \_\_\_\_\_. História, estórias e Historiografia da Linguística Brasileira. **Todas as Letras**, v. 14, n. 1, p. 14-37, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/4526/3488>. Acesso em: 03 mar. 2023.
- ARMSTRONG, David F. A teoria gestual das origens da linguagem. Tradução: Pedro Henrique Witches e Maria Vitória Witches. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 7649 - 7665, jan./mar. 2022[2008].
- AZEVEDO, Marlon Jorge Silva de. **Mapeamento e contribuições linguísticas do professor surdo aos índios surdos da etnia Sateré-Mawé na microrregião de Parintins**. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) - Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2015.
- BAALKI, Ângela Corrêa Ferreira; CALDAS, Beatriz Fernandes; NOGUEIRA, Tathiana Targine. Ainda se busca “por uma gramática de línguas de sinais”? A figura de uma precursora. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 29-59, set./dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/36046>. Acesso em: 16 dez. 2022.
- BARROS, Mariângela Estelita. **ELiS – Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática**. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

BATTISON, Robbin. Phonological Deletion in American Sign Language. **Sign Language Studies** 5, Gallaudet University, n. 5, p. 1–19, out. 1974.

\_\_\_\_\_. Lexical borrowing in American Sign Language. Linstok Press, 2003[1978]. Disponível em: [http://clml.uchicago.edu/~jkeane/sll/Papers/Brentari-Lexical%20Borrowing%20in%20American%20Sign%20Language%20\(2003\).pdf](http://clml.uchicago.edu/~jkeane/sll/Papers/Brentari-Lexical%20Borrowing%20in%20American%20Sign%20Language%20(2003).pdf). Acesso em: 03 mar. 2023.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **A recepção à gramática gerativa no Brasil (1967-1983): um estudo historiográfico**. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. Em busca de uma história a ser contada: a recepção brasileira à Gramática Gerativa. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 29, 2010. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/181>. Acesso em: 27 fev. 2023.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Historiografia da Linguística**. São Paulo: Cortez, 2013.

\_\_\_\_\_. História e Historiografia da Linguística: um mapa de orientação. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira; BASTOS, Neusa Oliveira Barbosa (org.). **Questões em historiografia da linguística: homenagem a Cristina Altman**. São Paulo: Pé da Palavra, 2020, p. 30-49. Disponível em: [https://cedoch.fflch.usp.br/sites/cedoch.fflch.usp.br/files/upload/paginas/Questoes\\_em\\_HL.pdf](https://cedoch.fflch.usp.br/sites/cedoch.fflch.usp.br/files/upload/paginas/Questoes_em_HL.pdf). Acesso em: 03 mar. 2023.

BAYNTON, Douglas. The curious Death of Sign Language Studies in the Nineteenth Century. In: Armstrong, D., M.A. Karchmer y J.V. van Cleve (orgs.) **The Study of Signed Languages: Essays in Honor of William C. Stokoe**. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 2002, p. 13-34.

BERNARDO, Sandra Pereira. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília]. 14 jan. 2023. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5603244202635127>. Acesso em: 22 fev. 2023.

BERSCH, Rita de Cássia Reckziegel. **Design de um serviço de tecnologia assistiva em escolas públicas**. 2009. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BERSCH, Rita de Cássia Reckziegel. **Introdução à Tecnologia Assistiva**. Porto Alegre, 2017. Disponível em: [https://www.assistiva.com.br/Introducao\\_Tecnologia\\_Assistiva.pdf](https://www.assistiva.com.br/Introducao_Tecnologia_Assistiva.pdf). Acesso em: 22 fev. de 2023.

BEZERRA, Giovani Ferreira; ARAÚJO, Doracina Aparecida de Castro. Novas (re)configurações no Ministério da Educação: entre o fio de Ariadne e a mortalha de Penélope. **Revista Brasileira de Educação**. v. 19, n. 56, jan./mar, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/cpVfSCqS4Vrf9GcFbjpXsbb/?lang=pt&format=pdf#:~:text=Esse%20minist%C3%A9rio%20promoveu%20a%20extin%C3%A7%C3%A3o,perante%20o%20decreto%20presidencial%20n.> Acesso em: 08 dez. 2022.

BORGES NETO, José. **História da gramática**. Curitiba, 2018. No prelo.

BRASIL. Decreto nº 84.919, de 16 de julho de 1980. **Institui a Comissão Nacional do Ano Internacional das Pessoas Deficientes**. 1980. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-84919-16-julho-1980-434246-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 22 set. 2021.

BRASIL. Ministério de Estado da Educação e Cultura. **Comissão Nacional do Ano Internacional das Pessoas Deficientes**. Relatório de Atividades Brasil. Brasília, 1981. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-6806/ano-internacional-das-pessoas-deficientes---1981>. Acesso em: 03 mar. 2023.

BRASIL. **Relatório da Comissão Nacional do Ano Internacional das Pessoas Deficientes**. 1981. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002911.pdf>. Acesso em: 23 set. 2021.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. 2002. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm). Acesso em: 16 fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG) 2005-2010. 2004. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/pnpg-2005-2010-pdf>. Acesso em: 20 dez. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Casa Civil faz consulta pública sobre lei de libras**. 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/216-235851462/1622-sp-1341451479>. Acesso em: 08 dez. 2022.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. 2005. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm). Acesso em: 16 fev. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 7.480, de 16 de maio de 2011**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7480.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7480.htm). Acesso em 08 dez. 2022.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR). Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD). **Viver sem limite – Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência: SDH-PR/SNPD**, 2013. Disponível em: [https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/turismo-acessivel/Cartilha\\_Plano\\_Viver\\_sem\\_Limite.pdf](https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/turismo-acessivel/Cartilha_Plano_Viver_sem_Limite.pdf). Acesso em: 03 mar. 2023.

BRASIL. **Lei 13.146, de 5 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm). Acesso em: 07 dez. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Superior 2021**: notas estatísticas. Brasília: Inep, 2022. Disponível em:

[https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/notas\\_estatisticas\\_censo\\_da\\_educacao\\_superior\\_2021.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/notas_estatisticas_censo_da_educacao_superior_2021.pdf). Acesso em: 26 dez. 2022.

BRASIL. MEC. **Evolução do SNPG no decênio do PNPB 2011-2020**. Brasília, 2021. Disponível em: [https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/07032022\\_EvolucaoDoSNPGnoDecenioDoPNPB20112020\\_ISBNWeb.pdf](https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/07032022_EvolucaoDoSNPGnoDecenioDoPNPB20112020_ISBNWeb.pdf). Acesso em: 20 dez. 2022.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. **Indicadores de ensino de pós-graduação**. Alunos matriculados e titulados nos cursos de mestrado e doutorado, ao final do ano, por grande área, 1998-2021. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/indicadores/paginas/recursos-humanos/paginas/indicadores-sobre-o-ensino-de-pos-graduacao/3-5-2-brasil-alunos-matriculados-e-titulados-nos-cursos-de-mestrado-e-doutorado-ao-final-do-ano-por-grande-area-1998-2020>. Acesso em: 20 jan. 2023.

BRITO, Fábio Bezerra de. **Movimento social surdo e luta pelo reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais**. Coleção: Educação Bilíngue de Surdos no Brasil: história, desafios e avanços, v. 3. Curitiba: CRV, 2021.

\_\_\_\_\_; CÂMARA, Leandro Calbente. Do GT Linguagem e Surdez ao GT Libras na ANPOLL: retrospectiva histórica e balanço de contribuições. In: SOUZA, Regina Maria de (org.). **História da emergência do campo das pesquisas em educação bilíngue de/para surdos e dos estudos linguísticos da Libras no Brasil**: contribuições do Grupo de Trabalho Língua(gem) e Surdez da ANPOLL. Coleção Educação bilíngue de surdos no Brasil: história, desafios e avanços. v. 2. Curitiba: Editora CRV, 2019, p. 37-62.

CALVET, Louis-Jean. **Tradição oral e tradição escrita**. Tradução: Waldemar Pereira Neto e Maressa de Freitas Vieira. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CAMPELLO, Ana Regina e Sousa. A Constituição Histórica da Língua de Sinais Brasileira: Século XVIII a XX. **Revista Mundo & Letras**, José Bonifácio, v. 2, p. 1-20, jul. 2011.

\_\_\_\_\_. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília]. 02 fev. 2023. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6945261731062194>. Acesso em: 20 fev. 2023.

CAPOVILLA, Fernando César. Quiremas, visemas e bípedes implumes: por uma taxonomia da linguagem do surdo. **Espaço**: Informativo Técnico-Científico do INES. Rio de Janeiro, n. 36, p. 4. jul.- dez. 2011. Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1451/1425>. Acesso em: 22 fev. 2023.

\_\_\_\_\_. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília] 30 ago. 2022. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7770751615146997>. Acesso em: 14 dez. 2022.

\_\_\_\_\_; RAPHAEL, Walkiria Duarte (org.). **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira**. v. 1: sinais de A a L. São Paulo, SP: Edusp, Fapesp, Fundação Vitae, Feneis, Brasil Telecom, 2001.

\_\_\_\_\_. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira**. v. 1: sinais de M a Z. São Paulo, SP: Edusp, Fapesp, Fundação Vitae, Feneis, Brasil Telecom, 2001.

\_\_\_\_\_. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira**. v. 1: sinais de A a L. 2. ed. São Paulo, SP: Edusp, Imprensa Oficial, Feneis, 2002.

\_\_\_\_\_. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira**. v. 1: sinais de M a Z. 2. ed. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, Feneis, 2002.

\_\_\_\_\_. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira**, vol 1: sinais de A a L. 3. ed. São Paulo: Edusp, MEC-FNDE, 2008.

\_\_\_\_\_. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira**, vol. 2: sinais de M a Z, 3. ed. São Paulo: Edusp, MEC-FNDE, 2008.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; MAURÍCIO, Aline Cristina (org.). **Novo Deit-Libras**: Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em linguística e neurociências cognitivas, v. 1. São Paulo: Edusp, 2009.

\_\_\_\_\_. **Novo Deit-Libras**: Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em linguística e neurociências cognitivas, vol. 2: Sinais de I a Z. São Paulo: Edusp, 2009.

\_\_\_\_\_. **Novo Deit-Libras**: Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em linguística e neurociências cognitivas, vol. 1: sinais de A a H. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2011.

\_\_\_\_\_. **Novo Deit-Libras**: Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em linguística e neurociências cognitivas, vol. 2: sinais de I a Z. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2011.

\_\_\_\_\_. **Novo Deit-Libras**: Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira - Libras, vol. 1: sinais de A a H, 3. ed. São Paulo: Edusp, 2015.

\_\_\_\_\_. **Novo Deit-Libras**: Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em linguística e neurociências cognitivas, vol. 2: sinais de I a Z. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2015.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; TEMOTEO, Janice Gonçalves; MARTINS, Antonielle Cantarelli. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil**: a Libras em suas mãos. vol. 1: sinais de A a D. São Paulo, SP: Edusp, 2017.

\_\_\_\_\_. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil**: a Libras em suas mãos. vol. 2: sinais de E a O. São Paulo, SP: Edusp, 2017.

\_\_\_\_\_. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil**: a Libras em suas mãos. vol. 3: sinais de P a Z. São Paulo, SP: Edusp, 2017.

CARLIEZ, Maria Luizete Sampaio Sobral; FORMIGOSA, Ellen; CRUZ, Éder Barbosa. Acessibilidade e igualdade de oportunidades para as micro comunidades de surdos brasileiros: rumo ao reconhecimento das línguas de sinais praticadas pelos surdos de Soure (Ilha do Marajó) e Fortalezinha-PA e de Porto de Galinhas-PE. **Revista Moara**, n. 45, jan./jun, 2016.

Disponível em: Disponível em:

<https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/viewFile/3711/3901>. Acesso em: 03 fev. 2023.

CERQUEIRA, Ivanete de Freitas; TEIXEIRA, Elizabeth Reis. Iconicidade e realidade: um olhar sobre a produção de sinais dos surdos do município de Cruzeiro do Sul/Ac. **Anthesis: Revista de Letras e Educação da Amazônia Sul-Occidental**, v. 04, n. 08, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/anthesis/article/view/496>. Acesso em 03 fev. 2023.

CHOMSKY, Noam. **Estruturas sintáticas**. Tradução: Gabriel de Ávila Othero e Sérgio de Moura Menuzzi. Petrópolis: Vozes, 2018[1957].

COELHO, L. L. **A constituição do sujeito surdo na cultura Guarani-Kaiowá**: os processos próprios de interação e comunicação na família e na escola. 2011. **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2011.

COELHO, Olga Ferreira; HACKEROTT, Maria Mercedes Saraiva. Historiografia Linguística. In: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa (orgs.). **Ciências da linguagem**: o fazer científico? Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012, p. 381-407.

COELHO, Olga; NÓBREGA, Rogério, ALVES, Bruno Fochesato. A técnica de mapeamento de produção linguística: exemplificação em um estudo de caso. In: COELHO, Olga (org.). **Fontes para a Historiografia Linguística**: caminhos para a pesquisa documental. Campinas: Pontes Editores, 2021, p. 13-27.

DAMASCENO, Letícia de Souza Magalhães. **SurDOS Pataxó**: inventário das Línguas de Sinais em território etnoeducacional. 2017. **Dissertação** (Mestrado em Língua e Cultura) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

DEBONIS, Luciana. **Um estudo historiográfico da evolução da tradição automática**. 2021. **Dissertação** (Mestrado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2021.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. **Quem financia a pesquisa brasileira?** Um estudo InCites sobre o Brasil e a USP. São Paulo: SIBiUSP, 2018. Disponível em: <https://www.abcd.usp.br/noticias/quem-financia-a-pesquisa-brasileira-um-estudo-incites-sobre-o-brasil-e-a-usp>. Acesso em: 26 dez. 2022.

ENTREVISTA Dr. Fernando Capovilla a TV Brasil sobre Libras. 2011. 1 vídeo (2min48s). Publicado no canal **Fernando Capovilla**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KE0nyLDoum8>. Acesso em: 20 fev. 2023.

ENTREVISTA com Miriam Lemle [Completa]. 2015. 1 vídeo (41min14s). Publicado no canal **Ling Tube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8KuxazDIFy8>. Acesso em: 20 fev. 2023.

EVERETT, Daniel. **Linguagem**: a história da maior invenção da humanidade. Tradução: Maurício Resende. São Paulo: Contexto, 2019.

FARIA, Evangelina Maria Brito de. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília]. 16 fev. 2023. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1042071001002488>. Acesso em: 23 fev. 2023.

FAULSTICH, Enilde. **Lexicologia: a linguagem do noticiário policial**. Brasília: Horizonte, 1980.

\_\_\_\_\_. **Como ler, entender e redigir um texto**. Petrópolis: Vozes, 1988.

\_\_\_\_\_. **Como ler, entender e redigir um texto**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

\_\_\_\_\_. **Como ler, entender e redigir um texto**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. **Como ler, entender e redigir um texto**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

\_\_\_\_\_. **Como ler, entender e redigir um texto**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

\_\_\_\_\_. **Como ler, entender e redigir um texto**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. **Como ler, entender e redigir um texto**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. **Como ler, entender e redigir um texto**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Como ler, entender e redigir um texto**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Como ler, entender e redigir um texto**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Como ler, entender e redigir um texto**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Como ler, entender e redigir um texto**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Como ler, entender e redigir um texto**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Como ler, entender e redigir um texto**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Como ler, entender e redigir um texto**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Como ler, entender e redigir um texto**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Como ler, entender e redigir um texto**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Como ler, entender e redigir um texto**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

\_\_\_\_\_. **Como ler, entender e redigir um texto**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Como ler, entender e redigir um texto**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. **Como ler, entender e redigir um texto**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Como ler, entender e redigir um texto**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Como ler, entender e redigir um texto**. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. **Como ler, entender e redigir um texto**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FAULSTICH, Enilde Leite de Jesus. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília]. 22 jun 2022. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4443562026145510>. Acesso em: 14 dez. 2022.

FELIPE, Tanya Amara. **O signo gestual-visual e sua estrutura frasal na língua dos sinais dos centros urbanos brasileiros**. 1988. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1988.

\_\_\_\_\_. Trinta anos na ANPOLL: do Geles, GT Linguagem e Surdez ao GT Libras – trajetórias e conquistas. In: SOUZA, Regina Maria de (org.). **História da emergência do campo das pesquisas em educação bilíngue de/para surdos e dos estudos linguísticos da Libras no Brasil**: contribuições do Grupo de Trabalho Língua(gem) e Surdez da ANPOLL. Coleção Educação bilíngue de surdos no Brasil: história, desafios e avanços. v. 2. Curitiba: Editora CRV, 2019, p. 63-86.

\_\_\_\_\_; MONTEIRO, Myrna S. **Libras em Contexto**: curso básico: livro do professor. 6. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

FENEIS. **Revista da FENEIS**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano 1, número 1, jan./mar. 1999a.

\_\_\_\_\_. **Revista da FENEIS**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano 1, n. 2, abr./jun., 1999b.

\_\_\_\_\_. **Revista da FENEIS**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano 1, n. 3, jul./set. 1999c.

\_\_\_\_\_. **Revista da FENEIS**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano 1, n. 4, out./dez. 1999d.

\_\_\_\_\_. **Revista da FENEIS**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano 2, n. 5, jan./mar. 2000a.

\_\_\_\_\_. **Revista da FENEIS**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano 2, n. 6, abr./jun. 2000b.

\_\_\_\_\_. **Revista da FENEIS**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano 2, n. 7, jul./set. 2000c.

\_\_\_\_\_. **Revista da FENEIS**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano 2, n. 8, out./dez. 2000d.

\_\_\_\_\_. **Revista da FENEIS**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano 3, n. 9, jan./mar., 2001a.

\_\_\_\_\_. **Revista da FENEIS**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano 3, n. 10, abr./jun. 2001b.

\_\_\_\_\_. **Revista da FENEIS**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano 3, n. 11, jul./set. 2001c.

\_\_\_\_\_. **Revista da FENEIS**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano 3, n. 12, out./dez. 2001d.

\_\_\_\_\_. **Revista da FENEIS**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano 4, n. 13, jan./mar. 2002a.

\_\_\_\_\_. **Revista da FENEIS**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano 4, n. 14, abr./jun. 2002b.

\_\_\_\_\_. **Revista da FENEIS**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano 4, n. 15, jul./set. 2002c.

\_\_\_\_\_. **Revista da FENEIS**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano 5, n. 17, jan./mar. 2003a.

\_\_\_\_\_. **Revista da FENEIS**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano 5, n. 19, jul./set. 2003b.

\_\_\_\_\_. **Revista da FENEIS**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano 5, n. 20, out./dez. 2003c.

\_\_\_\_\_. **Revista da FENEIS**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano 5, n. 21, jan./mar. 2004a.

\_\_\_\_\_. **Revista da FENEIS**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano 5, n. 22, abr./jun. 2004b.

\_\_\_\_\_. **Revista da FENEIS**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano 5, n. 23, jul./dez. 2004c.

\_\_\_\_\_. **Revista da FENEIS**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano 5, n. 24, jan./mar. 2005a.

\_\_\_\_\_. **Revista da FENEIS**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano 5, n. 25, jan./set. 2005b.

\_\_\_\_\_. **Revista da FENEIS**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano 5, n. 26, out./dez. 2005c.

\_\_\_\_\_. **Revista da FENEIS**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano 6, n. 27, jan./mar. 2006a.

\_\_\_\_\_. **Revista da FENEIS**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano 6, n. 28, abr./jun. 2006b.

\_\_\_\_\_. **Revista da FENEIS**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano 6, n. 29, jul./set. 2006c.

\_\_\_\_\_. **Revista da FENEIS**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano 6, n. 30, out./dez. 2006d.

\_\_\_\_\_. **Revista da FENEIS**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano 7, n. 31, jan./mar. 2007a.

\_\_\_\_\_. **Revista da FENEIS**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano 7, n. 32, jun. 2007b.

\_\_\_\_\_. **Revista da FENEIS**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano 7, n. 33, jul./set. 2007c.

\_\_\_\_\_. **Revista da FENEIS**. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, ano 7, n. 34, out./dez. 2007d.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. Similarities and differences in two Brazilian sign languages. **Sign Language Studies**, n. 42, 1984. p. 45-56.

FERREIRA, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010 [1995].

\_\_\_\_\_. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília]. 03 jun. 2008. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1695994704730655>. Acesso em: 14 dez. 2022.

GARCIA, Barbara Gerner de. Prefácio. In: SOUZA, Regina Maria de (org.). **História da emergência do campo das pesquisas em educação bilíngue de/para surdos e dos estudos linguísticos da Libras no Brasil**: contribuições do Grupo de Trabalho Língua(gem) e Surdez da ANPOLL. Coleção Educação bilíngue de surdos no Brasil: história, desafios e avanços, v. 2. Curitiba: Editora CRV, 2019, p. 15-17.

GATTI, Daniela. Bulwer e a dança das mãos. **Revista Digital Arte**, ano 6, n. 09, 2008. Disponível em: <http://www.revista.art.br/site-numero-09/trabalhos/47.htm>. Acesso em: fev. 2023.

GIROLETTI, Marisa Fátima Padilha. **Cultura surda e educação escolar Kaingang**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

GRANNIER, Daniele Marcelle. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília]. 13 jan. de 2021. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6067480227330901>. Acesso em: 14 dez. 2022.

GODOI, Elena. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília]. 12 nov. 2022. Disponível: <http://lattes.cnpq.br/7808426677140604>. Acesso em: 20 fev. 2023.

GOMES, Dionei Moreira. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília]. 20 fev. 2023. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8981925310366979>. Acesso em: 20 fev. 2023.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: A Invenção das Tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997[1987].

HOEMANN, Harry; OATES, Eugênio; HOEMANN, Shirley. **Linguagem de sinais do Brasil**. Porto Alegre: Editora Pallotti, 1983.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IGREJA BATISTA. **Comunicando com as mãos**. Ilustrado por Judy Ensminger. São Paulo: 1987.

JAIRO Nunes para RELIF. 2021. 1 vídeo (7min56s). Publicado no canal **Red de Lingüistas en Formación**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Cf8fAHHFkeU>. Acesso em 20 de fevereiro de 2023.

JUNTA DAS MISSÕES NACIONAIS DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. **O clamor do silêncio**. (Atualizado e revisto). Rio de Janeiro, 1991.

\_\_\_\_\_. **O clamor do silêncio**: manual de sinais bíblicos. Rio de Janeiro, 1991.

KAKUMASU, Jim. Urubu Sign Language. **International Journal of American Linguistics**, n. 34, p. 275-281, 1968.

KLIMA, Edward; BELLUGI, Ursulla. **The Signs of Language**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. A importância da historiografia linguística e o lugar da história nas ciências da linguagem. In: KOERNER, E. F. K. **Quatro décadas de Historiografia Linguística: estudos selecionados**. Tradução de Rolf Kemmler e Cristina Altman. Centro de Estudos em Letras: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014 [1974], p. 9-15.

KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. Questões que persistem na historiografia linguística. In: KOERNER, E. F. K. **Quatro décadas de Historiografia Linguística: estudos selecionados**. Tradução de Rolf Kemmler e Cristina Altman. Centro de Estudos em Letras: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014 [1995], p. 45-63.

KUHN, Thomas Samuel. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução: Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 2 reimpr. da 13 ed. de 2017. São Paulo: Perspectiva, 2018 [1962].

LAMPRECHT, Regina Ritter. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília]. 18 maio 2022. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0695710695859433>. Acesso em: 20 dez. 2023.

LANÇAMENTO do v. 16, n. 3 da Revista Linguística. 2021. 1 vídeo (1h 4min 34s). Publicado no canal do **Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade**

**Federal do Rio de Janeiro.** Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=MVRiRCyJsYI>. Acesso em: 21 jan. 2023.

LANNA JÚNIOR, Mário Cléber Martins. **História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil.** Brasília: Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010. Disponível em:  
[https://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/21097\\_arquivo.pdf](https://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/21097_arquivo.pdf). Acesso em: 03 mar. 2023.

LAUDAN, Larry. **O progresso e seus problemas:** rumo a uma teoria do crescimento científico. Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora Unesp, 2011 [1977].

LEITE, Marli Quadros. Historiografia da Linguística e História das Ideias Linguísticas: aproximação e distanciamento. In: BATISTA, Ronaldo Oliveira de (org.). **Historiografia da Linguística.** São Paulo: Contexto, 2019.

LEITE, Tarcísio Arantes. **O Ensino de segunda língua com foco no professor:** história oral de professores surdos de língua de sinais brasileira. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

LEITE, Tarcísio de Antares; QUADROS, Ronice Müller. Línguas de sinais do Brasil: reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação. In: STUMPF, Marianne Rossi; QUADROS, Ronice Müller de; LEITE, Tarcísio de Arantes (orgs.). **Estudos de língua de sinais v. II.** Florianópolis: Insular, 2014.

LEITE, Tarcísio Arantes. **Currículo do sistema currículo Lattes.** [Brasília]. 02 dez. 2022. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7285343180848313>. Acesso em: 14 dez. 2022.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador.** 17. ed. São Paulo: Ática, 2009[1987].

\_\_\_\_\_. **Currículo do sistema currículo Lattes.** [Brasília]. 8 nov. 2020. Disponível em:  
<http://lattes.cnpq.br/4340158257121122>. Acesso em: 17 fev. 2023.

LIMA, J. M. S. **A criança indígena surda na cultura Guarani-Kaiowá:** um estudo sobre as formas de comunicação e inclusão na família e na escola. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Grandes Dourados, Dourados, 2013.

LOPES, Maraisa. A institucionalização do curso de Licenciatura em Letras-Libras no Brasil: língua, sujeitos e sentidos. **Revista Língua e Instrumentos Linguísticos.** n. 42, jul./dez. 2018, p. 57-71.

LUCCHESI, Dante. Por que a crioulização aconteceu no Caribe e não no Brasil? Condicionamentos sócio-históricos. **Gragoatá,** Niterói, v.24, n. 48, p. 227-255, jan./abr. 2019.

MAGALHÃES, Telma Moreira Vianna. **Aprendendo o sujeito nulo na escola.** 2000. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. **O sistema pronominal sujeito e objeto na aquisição do português europeu e do português brasileiro.** Tese (Doutorado em Linguística) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

\_\_\_\_\_. **Currículo do sistema currículo Lattes.** [Brasília]. 25 jan. 2023. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0392294189757802>. Acesso em: 20 fev. 2023.

MANUÁRIO – Marianne Stumpf (TV INES / LIBRAS). 2021. 1 vídeo (8min14s). Publicado no canal **Educação de Surdos / DEBASI – INES**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DOWnVcEchUc>. Acesso em 22 fev. 2023.

MARTINOD, Emanuella. **Les LS pratiquées par des sourds isolés de Marajó.** Dissertação (Mestrado) - Université Vincennes Saint Denis, Paris, 2013.

MASSONE, M. I. O lingüista ouvinte frente a uma comunidade surda e ágrafa: Metodologia da investigação. In: MORA, M. C.; LODI, A. C. B.; PEREIRA, M. C. da C. (orgs). **Língua de Sinais e Educação do Surdo** - Série de Neuropsicologia, vol. 3. São Paulo: Tec Art, p. 72-93, 1993.

MEDEIROS, Alessandro Boechat de. Interview with Noam Chomsky. **Revista Linguística**, vol. 13, n. 2, jul. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/14025>. Acesso em: 22 fev. 2023.

MURRAY, Stephen O. Theory Groups in Science. In: \_\_\_\_\_. **Theory groups and the Study of Language in North America: a social history.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins; 1994, p. 1-26.

NUNES, Jairo Morais. **Currículo do sistema currículo Lattes.** [Brasília]. 13 fev. 2023. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8727569764187182>. Acesso em: 19 fev. 2023.

OATES, Eugênio. **Linguagem das mãos.** Aparecida: Santuário, 1988 [1969].

\_\_\_\_\_. **No silêncio da fé: catequese e oração na linguagem das mãos.** Aparecida: Santuário, 1990 [1961].

OLIVEIRA, Antônio José Barbosa. **Uma breve história da UFRJ.** 2019. Disponível em: <https://conexao.ufrj.br/2019/09/uma-breve-historia-da-ufrj/>. Acesso em: 26 fev. 2023.

OLIVEIRA, Karina Gonçalves de Souza de. **História da Fonética e da Fonologia no Brasil (1949-2000): aspectos do conhecimento em circulação em teses e dissertações.** 2021. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

OLIVEIRA, Christiane Cunha da. **Currículo do sistema currículo Lattes.** [Brasília]. 21 jun. 2022. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5065865711171171>. Acesso em: 19 fev. 2023.

OVIEDO, Alejandro. Vuelta a un hito histórico de la lingüística de las lenguas de señas: la *mimographie* de Bébian en el sistema de transcripción de Stokoe. **Lenguaje**, vol. 37, n. 2, 2009, p. 293-313.

\_\_\_\_\_. Unas notas sobre el estudio de las lenguas de señas antes de la era de Stokoe. **Cultura Sorda**, 2007. Disponível em: <https://cultura-sorda.org/estudio-lenguas-de-senas-antes-de-stokoe/>. Acesso em: 3 mar. 2023.

PEREIRA, Éverton Luís. **Fazendo cena na cidade dos mudos**: surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no sertão do Piauí. 2013. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

PERES, Sarajane Marques. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília]. 11 fev. 2023. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6265936760089757>. Acesso em: 19 fev. 2023.

QUADROS, Ronice Müller. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília]. 30 nov. 2022. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7307577422387099>. Acesso em: 14 dez. 2022.

\_\_\_\_\_. Estudos de línguas de sinais: uma entrevista com Ronice Müller de Quadros. **ReVEL**, vol. 10, n. 19, 2012. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/00787439a6207a953f6842c5eedfd23a.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2023.

\_\_\_\_\_. **Site Ronice Muller de Quadros**. Disponível em: <http://ronice.paginas.ufsc.br/>. Acesso em: 02 jan. 2022.

\_\_\_\_\_. Contextualização dos estudos linguísticos sobre a Libras no Brasil. In: \_\_\_\_\_; STUMPF, Marianne Rossi; LEITE, Tarcísio de Arantes (orgs.). **Estudos da língua brasileira de sinais**. v. 1. Florianópolis: Insular, 2013.

\_\_\_\_\_; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

\_\_\_\_\_; STUMPF, M. R. Letras Libras EaD. In: \_\_\_\_\_ (org.). **Letras Libras**: ontem, hoje e amanhã. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

\_\_\_\_\_ *et al.* **Língua brasileira de sinais**: patrimônio linguístico brasileiro. Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018.

\_\_\_\_\_; SILVA, Jair Barbosa da; MACHADO, Rodrigo Nogueira; LUDWIG, Carlos Roberto. Inventário Nacional de Libras. **Forum lingüístic**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p.5457-5474, out./dez. 2020.

\_\_\_\_\_; SCHMITT, Deonísio; LOHN, Juliana T.; LEITE, Tarcísio de A. Corpus de Libras. <http://corpuslibras.ufsc.br/2020>. Acesso em: 22 dez. 2022.

QUEIROZ, Angélica. O que dá nome aos grupos indígenas? In: **Jornal da UFG** - Publicação da Assessoria de Comunicação da Universidade Federal de Goiás, ano V, n. 42, nov./dez. 2010.

RAMOS, Regina Clélia. **Histórico da FENEIS até o ano de 1988**. 2004. Disponível em: [www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo6.pdf](http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo6.pdf). Acesso em: 7 dez. 2022.

ROCHA, Solange Maria da. O processo de produção de memória coletiva para a construção de uma historiografia contemporânea no campo da educação de surdos no Brasil. In: SOUZA, Regina Maria de (org.). **História da emergência do campo das pesquisas em educação bilíngue de/para surdos e dos estudos linguísticos da Libras no Brasil**: contribuições do Grupo de Trabalho Língua(gem) e Surdez da ANPOLL. Coleção Educação bilíngue de surdos no Brasil: história, desafios e avanços. v. 2. Curitiba: Editora CRV, 2019, p. 19-36.

ROSA, Maria Carlota. **A Linguística brasileira de luto**: morre a professora Miriam Lemle. Publicado em 12 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://linguisticaufrjcarlotablog.wordpress.com/2020/02/12/a-linguistica-brasileira-de-luto-morre-a-professora-miriam-lemle/>. Acesso em: 20 fev. 2023.

SALLES, Heloísa Maria Moreira Lima de Almeida. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília]. 08 jan. 2023. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8514071793620267>. Acesso em: 19 fev. 2023.

SANTA CASA através das memórias delas - Regina Ritter Lamprecht. 2022. 1 vídeo (1h26min16s). Publicado no canal **CHC Santa Casa**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1Gj-HBIEg8w>. Acesso em: 23 fev. 2023.

SANTOS, Deize Vieira dos; MONTEIRO, Myrna Salerno. Breve histórico dos estudos sobre a língua de sinais no Brasil do final dos anos 70 até o início da segunda década dos anos 2000: resgatando os surdos da marginalização. In: SOUZA, Regina Maria de (org.). **História da emergência do campo das pesquisas em educação bilíngue de/para surdos e dos estudos linguísticos da Libras no Brasil**: contribuições do Grupo de Trabalho Língua(gem) e Surdez da ANPOLL. Coleção Educação bilíngue de surdos no Brasil: história, desafios e avanços. v. 2. Curitiba: Editora CRV, 2019, p. 10-12.

SILVA, Diná Souza da; QUADROS, Ronice Muller de. Línguas de sinais de comunidades isoladas encontradas no Brasil. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba, v. 5, n. 10, 2019, p. 22111-22127.

SILVA, César Augusto de Assis. **Entre a deficiência e a cultura**: análise etnográfica de atividades missionárias com surdos. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo: 2011.

SILVA, Jair Barbosa. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília]. 11 dez. 2022. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8654129558132481>. Acesso em: 20 jan. 2023.

STOKOE, William. Sign Language Structure: an outline of the visual communication System of the American Deaf. **Studies in Linguistics**: occasional papers, n. 8. Buffalo. University of Buffalo Press, 1960.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016.

STUMPF, Marianne Rossi; LINHARES, Ramon Santos de Almeida (org.). **Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua para surdos na Educação Bilíngue de Surdos**: da Educação Infantil ao Ensino Superior, Vol. 1 / texto final coletivo: vários autores *et. al.* Petrópolis: Editora Arara Azul, 2021. Disponível em:

[https://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/Vol01\\_LibrasL1\\_2022.pdf](https://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/Vol01_LibrasL1_2022.pdf). Acesso em: 07 dez. 2022.

STUMPF, Marianne Rossi. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília]. 24 de janeiro de 2023. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4624844037162346>. Acesso em: 24 fev. 2023.

SUGIYAMA JUNIOR, Enio. **O ensino de linguística no Brasil (1960-2010): efeitos do processo de institucionalização da disciplina na configuração curricular dos cursos de Letras e Linguística**. 2000. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

SUMAIO, Priscilla Alyne. **Sinalizando com os Terena: um estudo do uso da LIBRAS e de sinais nativos por indígenas surdos**. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2014.

SWIGGERS, Pierre. La historiografía de la lingüística: apuntes y reflexiones. **Revista argentina de historiografía lingüística**, n. 1, v. 1, p. 67-76, 2009.

\_\_\_\_\_. História e Historiografia da Linguística: *Status*, Modelos e Classificações. Tradução: Cristina Altman. **Revista Eutomia**, ano III, v. 2, p. 1-17, dez. 2010.

\_\_\_\_\_. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. Tradução: Ricardo Cavaliere. **Confluência**. Revista do Instituto de Língua Portuguesa, v. 44, 2013, p. 39-59.

\_\_\_\_\_. Directions for Linguistic Historiography. In: POLACHINI, Bruna; CRUDIS, Julia de; BORGES, Patrícia; DANNA, Stela Maris (org.). **Cadernos de Historiografia Linguística do CEDOCH**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015. p. 8-17.

\_\_\_\_\_. Historiografia da Linguística: princípios, perspectivas, problemas. Tradução: Ronaldo de Oliveira Batista e Antônio Ackel Barbosa. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira (org.). **Historiografia da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2019.

TEMÓTEO, Janice Gonçalves. **Diversidade linguístico-cultural da língua de sinais do Ceará: um estudo lexicológico das variações da Libras na comunidade de surdos do Sítio Caiçara**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2008.

TESTEMUNHAS DE JEOVÁ. **Linguagem de sinais**. Cesário Lange: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1992.

TRABANT, Jürgen. **A linguagem, objeto do conhecimento: breve trajeto pela história das ideias linguísticas**. Tradução e apresentação: Carlos Piovezani, Luzmara Curcino, Marcio Alexandre Cruz. São Paulo: Parábola, 2020.

VASCONCELOS, Sandra Maia Farias. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília]. 20 dez. 2023. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5092300534207989> Acesso em: 22 fev. 2023.

VILHALVA, Shirley. **Índios surdos: mapeamento das línguas de sinais do Mato Grosso do Sul**. Petrópolis: Arara Azul, 2012.

VIOTTI, Evani de Carvalho. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília]. 11 ago. 2022. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8608168347538654> 19 de fevereiro de 2023.

WELKER, Herbert Andreas. Breve histórico da metalexigrafia no Brasil e dos dicionários gerais brasileiros. **Matraga**, 2006. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga19/matraga19a04.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2022.

**APÊNDICE** – Lista de grupos de pesquisa catalogados no Diretório do CNPq<sup>85</sup>

REGIÃO NORTE					
	Nome do grupo	Ano de formação	IES	Líderes	Endereço do espelho do grupo
1	Língua Brasileira de Sinais, Cultura, Literatura e Educação de Surdos	2018	UFT	<a href="#">Carlos Roberto Ludwig</a> e <a href="#">Bruno Gonçalves Carneiro</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4639362002408630">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4639362002408630</a>
2	ESLIN- Educação de Surdos, Libras e Inclusão	2017	UFAC	<a href="#">Alexandre Melo de Sousa</a> e <a href="#">Rosane Garcia Silva</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5414152684070450">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5414152684070450</a>
3	Ensino-Aprendizagem de Português Língua Segunda para Surdos	2017	UFPA	<a href="#">Eder Barbosa Cruz</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6569035572371661">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6569035572371661</a>
4	GEPELISA -Grupo de Estudos e Pesquisas em Língua de Sinais na Amazônia	2018	UEA	<a href="#">Marcos Roberto dos Santos</a> e <a href="#">Jackson da Silva Vale</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8597157645498765">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8597157645498765</a>
5	GPELLSI - Grupo de Pesquisas em Estudos Linguísticos em Tipologias de Línguas de Sinais	2001	UFPA	<a href="#">Leila Saraiva Mota</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1650622053972279">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1650622053972279</a>

<sup>85</sup> Ao clicar no nome do(s) líder(es) e no *link* da última coluna do quadro, é possível ter acesso ao *lattes* dos líderes do grupo e ao endereço de cada grupo de pesquisa no Diretório. As informações contidas nos quadros baseiam-se no último acesso ao site do Diretório ocorrido em 15 de dezembro de 2022.

6	LaPLOS -Laboratório de Pesquisas em Línguas Orais e de Sinais	2016	UFRR	<a href="#">Paulo Jeferson Pilar Araújo</a> e <a href="#">André Nogueira Xavier</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6072720831564197">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6072720831564197</a>
7	Processos Linguísticos, identitários e culturais surdos	2014	UNIFAP	<a href="#">Ronaldo Manasses Rodrigues Campos</a> e <a href="#">Gabriel Lelis Cordeiro do Carmo</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2498579906883130">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2498579906883130</a>
<b>REGIÃO NORDESTE</b>					
	<b>Nome do grupo</b>	<b>Ano de formação</b>	<b>IES</b>	<b>Líderes</b>	<b>Endereço do espelho do grupo</b>
1	GELSPI - Grupo de Estudos em Línguas de Sinais do Piauí	2018	UESPI	<a href="#">Francisca Neuza de Almeida Farias</a> e <a href="#">Ediane Silva Lima</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2719370020629440">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2719370020629440</a>
2	NEPILS - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Interiorização da Língua de Sinais	2018	UFAL	<a href="#">Cristiano das Neves Vilela</a> e <a href="#">Welbert Vinicius de Souza Sansão</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8600625720915252">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8600625720915252</a>
3	GRUPELL - Grupo de Pesquisa e Estudos sobre o Léxico da Libras	2013	UFPE	<a href="#">Severina Batista de Farias</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4775797372699080">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4775797372699080</a>
4	LALLI - Grupo de Pesquisa em Línguas adicionais, Libras e Suas Literaturas		UFS	<a href="#">Fernando de Mendonca</a> e Ana Flora Schlindwein	Não encontrei no Diretório de Grupos no último acesso em 15 de dezembro de 2022.

5	AnALiSi - Análise e Aprendizagem da Língua de Sinais	2019	UFRB	<a href="#">Emmanuelle Félix dos Santos e Fabíola Morais Barbosa</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1669623054396109">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1669623054396109</a>
6	GELIS - Grupo de Estudos das Línguas de Sinais	2016	UFBA	<a href="#">Desirée de Vit Begrow</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9683485055037377">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9683485055037377</a>
7	PortS - Grupo de Pesquisa em estudos sobre Língua Portuguesa para Surdos	2018	UFRB	<a href="#">Ayane Nazarela Santos de Almeida</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7623211652237896">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7623211652237896</a>
8	Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Surdez e Educação de Surdos	2010	UFPE	<a href="#">Wilma Pastor de Andrade Sousa e Tícia Cassiany Ferro Cavalcante</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0647968215489056">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0647968215489056</a>
9	LINTRA- Grupo de Pesquisa em Estudos Linguísticos, Tradução e Acessibilidade	2020	IFBA	<a href="#">Deise Mônica Medina Silveira e Erivaldo de Jesus Marinho</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5318098280865540">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5318098280865540</a>
10	GEALCS - Grupo de Estudos Avançados em Linguagem, Comunicação e Saúde	2021	UFDFPar	<a href="#">Anderson Almeida da Silva</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0367900475251599">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0367900475251599</a>

REGIÃO CENTRO-OESTE					
	Nome do grupo	Ano de formação	IES	Líderes	Endereço do espelho do grupo
1	GEPLIBRAS - Grupo de Estudo em Linguística da Libras	2014	UnB	<a href="#">Gláucio de Castro Júnior</a> e <a href="#">Daniela Prometi Ribeiro</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5715064180945346">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5715064180945346</a>
2	Ensino de Libras - Língua Brasileira de Sinais do IFB	2016	IFB	<a href="#">Falk Soares Ramos Moreira</a> e <a href="#">Margot Latt Marinho</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6052566279129552">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6052566279129552</a>
3	Grupo de Estudos de Tipologia Linguística de Línguas Indígenas e Línguas de Sinais	2019	UFG	<a href="#">Monica Veloso Borges</a> e <a href="#">Bruno Gonçalves Carneiro</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9115136054901506">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9115136054901506</a>
4	NEPLI-On- Núcleo de Ensino e Pesquisas Libras On-line	2018	UEMS	<a href="#">Herbertz Ferreira</a> e <a href="#">Maria Inelisa Montenegro Sauer</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2867433663447454">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2867433663447454</a>
REGIÃO SUDESTE					
	Nome do grupo	Ano de formação	IES	Líderes	Endereço do espelho do grupo
1	Grupo de Trabalho Libras da ANPOLL	1988	Unicamp	<a href="#">Guilherme Lourenço</a> e <a href="#">Ana Regina e Souza Campello</a>	<a href="http://anpoll.org.br/gt/libras/">http://anpoll.org.br/gt/libras/</a>

2	SOPA - Línguas de Sinais e Oraís em Psicolinguística e Aquisição	2017	UFRJ	<a href="#">Marilia Uchoa Cavalcanti Lott de Moraes Costa e Daniela Cid de Garcia</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3054672699223736">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3054672699223736</a>
3	GEPLES - Grupo de Estudos e Pesquisas da Libras e Educação de Surdos	2016	UNIFESP	<a href="#">Silvana Zajac e André dos Santos Silva</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5420018229386558">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5420018229386558</a>
4	INDIOMAS - Conhecimento de línguas indígenas e de línguas de sinais na relação Universidade & Sociedade	2008	UNICAMP	<a href="#">Wilmar da Rocha D'Angelis e Consuelo de Paiva Godinho Costa</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6392736735500095">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6392736735500095</a>
5	Inventário da língua brasileira de sinais do Estado do Rio de Janeiro	2019	INES	<a href="#">Ana Regina Campello</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0718812868722688">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0718812868722688</a>
6	NELiS - Núcleo de Estudos em Libras, Surdez e Bilinguismo	2014	UFMG	<a href="#">Elidéa Lúcia Almeida Bernardino e Rosana Passos</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7372948727623764">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7372948727623764</a>
7	SignL- Grupo de Pesquisa em Língua de Sinais da Unesp	2019	UNESP	<a href="#">Angélica Terezinha Carmo Rodrigues e Edson Rosa Francisco de Souza</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2415462620481591">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2415462620481591</a>
8	GEDiLS- Grupo de Estudos Discursivos da Língua de Sinais	2015	UFSCAR	<a href="#">Marcus Vinicius Batista Nascimento</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5309983864381504">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5309983864381504</a>
9	Estudos do Bilinguismo: Libras e Língua Portuguesa para o surdo	2016	UFF	<a href="#">Tathianna Prado Dawes</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0937507045947000">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0937507045947000</a>

10	LiSCo – Língua de Sinais e Cogição	2020	USP	<a href="#">Felipe Venâncio Barbosa</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7834984140522975">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7834984140522975</a>
<b>REGIÃO SUL</b>					
	<b>Nome do grupo</b>	<b>Ano de formação</b>	<b>IES</b>	<b>Líderes</b>	<b>Endereço do espelho do grupo</b>
1	<i>Corpus</i> de Libras	2014	UFSC	<a href="#">Ronice Muller de Quadros e Jair Barbosa da Silva</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0012547801238362">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0012547801238362</a>
2	PORLIBRAS - Grupo de Estudos e Pesquisas para a investigação da Libras em Interface com Língua Portuguesa Brasileira	2015	UNIOESTE	<a href="#">Tania Aparecida Martins e Jorge Bidarra</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4498443209775345">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4498443209775345</a>
3	GEPELS - Grupo de Estudo e Pesquisa de Libras como Segunda Língua para Ouvintes	2019	UTFPR	<a href="#">Silvia Gaia e Lídia da Silva</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2262622156132828">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2262622156132828</a>
4	Grupo de Estudo e Inovação em Língua Brasileira de Sinais	2019	PUCRS	<a href="#">Janaína Pereira Cláudio Andréia Gulielmin Didó</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1214176649740541">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1214176649740541</a>
5	GEELTS - Grupo de Estudos sobre Educação, Linguística, Tradução, Cultura e Comunidade Surda	2021	IFRS	<a href="#">Renata Ohlson Heinzemann Bosse</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1911366043053552">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1911366043053552</a>

6	InterTrads - Núcleo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais	2014	UFSC	<a href="#">Carlos Henrique Rodrigues</a> e <a href="#">Silvana Aguiar dos Santo</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0255357758784743">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0255357758784743</a>
7	GELLI - Grupo de Estudos Linguísticos da Libras	2016	UFSC	<a href="#">Aline Lemos Pizzio</a> e <a href="#">Aline Nunes de Sousa</a>	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7223020317881022">dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7223020317881022</a>

**APÊNDICE B** – Lista das teses e dissertações do *corpus*

	<b>ANO</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>UNIVER.</b>	<b>NÍVEL</b>	<b>ORIENTADOR(A)</b>
1	1982	A ordem sintática e a repetição na língua de sinais em São Paulo. <i>Texto completo não encontrado</i>	Maria Inês Cossermelli Namura.	UMC	Mestrado	Lucinda Ferreira
2	1988	O signo gestual-visual e sua estrutura frasal na LSCB <i>Texto completo não encontrado</i>	Felipe, Tanya Amara	UFPE	Mestrado Em Linguística.	Lucinda Ferreira
3	1994	Aquisição do Parâmetro Configuração de Mão dos Sinais da Libras: Estudo Sobre Quatro Crianças Surdas, Filhas de Pais Surdos <i>Texto completo não encontrado</i>	Karnopp, Lodenir Becker	PUCRS	Mestrado em Linguística e Letras	Regina Ritter Lamprecht
4	1995	As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na Libras e reflexos no processo de aquisição <i>Texto completo não encontrado</i>	Quadros, Ronice Müller de	PUCRS	Mestrado em Linguística e Letras.	Regina Ritter Lamprecht
5	1996	Por uma abordagem performativa das línguas de sinais	Glass, Maria Helena Figueira	UNICAMP	Mestrado em Linguística Aplicada	Kanavillil Rajagopalan
6	1997	Sobre a arbitrariedade do signo: a Língua Brasileira de Sinais (Libras) <i>Texto completo não encontrado</i>	Silva, Paulo Eduardo Mendes da	PUC-SP	Mestrado em Linguística Aplicada Ao Ensino de Línguas	Roxane Helena Rodrigues Rojo

7	1997	Formas Pronominais Da Língua Brasileira de Sinais <i>Texto completo não encontrado</i>	Oliveira, Carlos Alves de	UFRJ	Mestrado em Letras (Linguística e Filologia)	Lucinda Ferreira
8	1998	A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na língua brasileira de sinais (LIBRAS)	Souza, Tanya Amara Felipe de	UFRJ	Doutorado em Linguística	Maria Ângela Botelho Pereira
9	1998	Proposta de escrita das línguas de sinais <i>Texto completo não encontrado</i>	Barros, Mariângela Estelita	UFG	Mestrado em Letras	Maria Suelí de Aguiar
10	1999	A construção da referência por surdos na LIBRAS e no português escrito: a lógica no absurdo.	Bernardino, Elidéa Lúcia	UFMG	Mestrado em Estudos Linguísticos	Marco Antônio de Oliveira
11	1999	Aquisição fonológica na língua brasileira de sinais: estudo longitudinal de uma criança surda	Karnopp, Lodenir Becker	PUCRS	Doutorado em Linguística e Letras	Regina Ritter Lamprecht Coorientador: van der Hulst, Harry
12	1999	Phrase structure of Brazilian Sign Language	Quadros, Ronice Müller de.	PUCRS	Doutorado em Linguística e Letras	Jorge Campos da Costa
13	2002	Estudos de Línguas de Sinais: um contexto para a análise da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) <i>Texto completo não encontrado</i>	Santos, Deize Vieira dos	UFRJ	Doutorado em Linguística	Miriam Lemle
14	2003	A Metáfora LSB e a Construção dos Sentidos no Desenvolvimento da Competência Comunicativa de Alunos Surdos <i>Texto completo não encontrado</i>	Faria, Sandra Patrícia de	UnB	Mestrado em Linguística	Stella Maris Bortoni-Ricardo

15	2003	Aspectos da Morfologia da Língua Brasileira de Sinais <i>Texto completo não encontrado</i>	Faria, Carla Valéria de Souza	UFRJ	Doutorado em Linguística	Miriam Lemle
16	2003	Reflexões Neurolinguísticas sobre a Surdez <i>Texto completo não encontrado</i>	Santana, Ana Paula de Oliveira	UNICAMP	Doutorado em Linguística	Edwiges Maria Morato
17	2004	Os sinais de tempo e aspecto na Libras <i>Texto completo não encontrado</i>	Finau, Rossana Aparecida	UFPR	Doutorado em Letras	Elena Godoi
18	2005	O Papel da Marcação Não Manual nas Sentenças Negativas em Língua de Sinais Brasileiras (LSB) <i>Texto completo não encontrado</i>	Arrotéia, Mara Jéssica	UNICAMP	Mestrado em Linguística	Jairo Morais Nunes
19	2005	Esboço de análise da estrutura morfêmica dos sinais da Libras <i>Texto completo não encontrado</i>	Neves, Maria Vilalba de Oliveira.	USP	Mestrado em Psicologia	Fernando César Capovilla
20	2006	Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua de sinais brasileira (LSB)	Xavier, André Nogueira	UNB	Mestrado em Linguística	Evani de Carvalho Viotti
21	2006	A variabilidade da ordem das palavras na aquisição da língua de sinais brasileira: construção com tópico e foco	Pizzio, Aline Lemos	UFSC	Mestrado em Linguística	Ronice Müller de Quadros
22	2006	Variações lingüísticas na escrita do surdo pelo contato da língua brasileira de sinais com o português. <i>Texto completo não encontrado</i>	Dizeu, Liliane Correia Toscano de Brito.	UFAL	Mestrado em Letras e Linguística	Maria Denilda Moura
23	2007	Composicionalidade semântica em Libras: fronteiras e encaixes	Castro, Cristina de Almeida Siaines de	UFRJ	Doutorado em Linguística	Miriam Lemle

24	2007	A complementaridade entre língua e gestos nas narrativas de sujeitos surdos	Correa, Rosemeri Bernieri De Souza	UFSC	Mestrado em Linguística	Ronice Müller de Quadros
25	2007	Uma descrição de dêixis de pessoa na língua de sinais brasileira: pronomes pessoais e verbos indicadores	Moreira, Renata Lucia	UnB	Mestrado em Linguística	Evani de Carvalho Viotti
26	2007	Psicanálise e surdez: metáforas conceituais da subjetividade em libras	Pereira, Priscila Frehse.	UFPR	Mestrado em Letras	Elena Godoi
27	2008	A segmentação da língua de sinais brasileira (Libras): Um estudo lingüístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos	Leite, Tarcísio de Arantes.	UnB	Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês	Leland Emerson McCleary
28	2008	Construções Classificadoras e Verbos de Deslocamento, Existência e Localização na Língua de Sinais Brasileira	Veloso, Brenda Silva	Unicamp	Doutorado em Linguística	Jairo Morais Nunes
29	2008	A categoria preposicional na interlíngua do surdo aprendiz de português (L2)	Mesquita, Aline Camila Romão	UnB	Mestrado em Linguística	Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Salles
30	2008	ELiS - Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática	Barros, Mariângela Estelita	UFSC	Doutorado em Linguística	Ronice Müller de Quadros
31	2008	Diversidade linguístico-cultural da língua de sinais do Ceará: um estudo lexicológico das variações da Libras na comunidade de surdos do sítio Caiçara	Temoteo, Janice Gonçalves	UFPB	Mestrado em Letras	Maria do Socorro Silva de Aragão
32	2009	Língua Brasileira de Sinais: escolhas lexicais e desenvolvimento do tópico discursivo	Gomes, Dannytza Serra	UFC	Mestrado em Linguística	Sandra Maia Farias Vasconcelos

33	2009	Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira. Uma proposta lexicográfica	Faria, Sandra Patrícia de	UnB	Doutorado em Linguística	Enilde Leite de Jesus Faulstich
34	2009	Mapeamento das línguas de sinais emergentes: Um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas de Mato Grosso do Sul	Vilhalva, Shirley	UFSC	Mestrado em Linguística	Ronice Müller de Quadros; Coorientador: Gilvan Muller de Oliveira
35	2009	Morfemas metafóricos na Libras: análise da estrutura morfêmica de 1577 sinais em 34 morfemas moleculares e 14 classes de morfemas molares	Mauricio, Aline Cristina Lofrese	USP	Doutorado Em Psicologia	Fernando César Capovilla
36	2009	A construção da argumentação na língua brasileira de sinais	Sousa, Wilma Pastor De Andrade	UFPB	Doutorado em Linguística	Evangelina Maria Brito de Faria
37	2009	As Marcações Linguísticas não-manuais na aquisição da Língua de Sinais Brasileira (LSB): um estudo de caso longitudinal	Anater, Gisele Iandra Pessini	UFSC	Mestrado em Linguística	Ronice Müller de Quadros
38	2010	Marcação de tempo por surdos sinalizadores	Crato, Aline Nascimento	USP	Mestrado em Ciências da Reabilitação	Maria Silvia Cárnio
39	2010	Investigando a categoria aspectual na aquisição da língua Brasileira de Sinais	Silva, Lídia da.	UFSC	Mestrado em Linguística	Orientadora: Ronice Müller de Quadros Coorientadora: Prof <sup>ª</sup> Dr <sup>ª</sup> Rossana A. Finau
40	2010	Sinais caseiros: uma exploração de aspectos linguísticos	Adriano, Nayara de Almeida.	UFSC	Mestrado em Linguística	Marianne Rossi Stumpf
41	2010	Empréstimos Linguísticos do Português na Língua de Sinais Brasileira LSB: Línguas em Contato	Nascimento, Cristiane Batista do	UnB	Mestrado em Linguística	Enilde Leite de Jesus Faulstich

42	2010	A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras): Um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais	Diniz, Heloise Gripp	UFSC	Mestrado em Linguística	Tarcísio de Arantes Leite
43	2011	Um Modelo de Descrição Computacional da Fonologia da Língua de Sinais Brasileira	Antunes, Diego Roberto.	UFPR	Mestrado em Informática	Laura Sánchez García
44	2011	Processo de grafia da língua de sinais: uma análise fono-morfológica de sinais em Sign Writing.	Nobre, Rundesth Sabóia.	UFSC	Mestrado em Linguística	Marianne Rossi Stumpf
45	2011	A tipologia linguística e a língua de sinais brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos	Pizzio, Aline Lemos	UFSC	Doutorado em Linguística	Ronice Müller de Quadros
46	2011	Variação linguística em Língua de Sinais Brasileira - foco no léxico	Júnior, Gláucio de Castro	UnB	Mestrado em Linguística	Enilde Leite de Jesus Faulstich
47	2011	Análise da estrutura morfêmica dos sinais de Libras do Novo Deit-Libras	Neves, Maria Vilalba de Oliveira.	USP	Doutorado em Psicologia	Fernando César Capovilla
48	2011	Metáfora Conceptual e Libras: uma abordagem cognitiva da surdez	Oliveira, Paula Helouise	UERJ	Mestrado em Letras	Sandra Pereira Bernardo
49	2011	A estrutura silábica na língua brasileira de sinais	Cunha, Karina Miranda Machado Borges	UFG	Mestrado em Letras e Linguística	Christiane Cunha de Oliveira
50	2012	Lexicografia da língua de sinais brasileira do Nordeste	Temoteo, Janice Gonçalves.	USP	Doutorado em Psicologia	Fernando César Capovilla
51	2012	Uma análise estilística da Língua Brasileira de Sinais: variações de seu uso no processo interativo	Delgado, Isabelle Cahino	UFPB	Doutorado em Linguística	Marianne Carvalho

52	2012	Lexicografia da língua de sinais brasileira do Rio Grande do Sul	Martins, Antonielle Cantarelli.	USP	Mestrado em Psicologia	Fernando César Capovilla
53	2012	Assimilação na Língua de Sinais Brasileira	Resende, Carolina Silva.	UnB	Mestrado em Linguística	Daniele Marcelle Grannier
54	2012	Iconicidade e produtividade na língua brasileira de sinais: a dupla articulação da linguagem em perspectiva	Costa, Victor Hugo Sepúlveda da	UFSC	Mestrado em Linguística	Tarcísio de Arantes Leite
55	2012	Instrumentos Linguísticos de Língua Brasileira de Sinais: Constituição e Formulação	Silva, Nilce Maria da	UNICAMP		Carolina Maria Rodríguez Zuccolillo
56	2012	A concepção de evento em construções representativas na Língua de Sinais Brasileira	Carneiro, Bruno Gonçalves	UFG	Mestrado em Letras e Linguística	Christiane Cunha de Oliveira
57	2012	Reduplicação na Língua Brasileira de Sinais (Libras)	Pagy, Fabiane Elias	UnB	Mestrado em Linguística	Dioney Moreira Gomes
58	2012	Classificação nominal em Libras: um estudo sobre os chamados classificadores	Mendonça, Cleomasina Stuart Sanção Silva	UnB	Mestrado em Linguística	Dioney Moreira Gomes
59	2012	Categorias lexicais na língua brasileira de sinais: nomes e verbos	Lima, Hildomar José de	UFG	Mestrado em Letras e Linguística	Christiane Cunha de Oliveira
60	2013	A metaforização na constituição dos sinais na Libras	Mendes, Maria Luísa	UFG	Mestrado em Letras e Linguística	Christiane Cunha de Oliveira

61	2013	Um estudo sobre os verbos manuais da Língua de Sinais Brasileira	Ferreira, Geysa Araújo	UnB	Mestrado em Linguística	Rozana Reigota Naves
62	2013	Indicadores de formalidade no gênero monológico em Libras	Silva, Rodrigo Custódio da	UFSC	Mestrado em Linguística	Orientador: Tarcísio de Arantes Leite Coorientador: Markus Johannes Weininger
63	2013	As expressões e as marcas não-manuais na Língua de Sinais Brasileira	Araújo, Adriana Dias Sambranel de	UnB	Mestrado em Linguística	Daniele Marcelle Grannier
64	2013	Sinais não-manuais gramaticais da LSB nos traços morfológicos e lexicais. Um estudo do morfema-boca	Pêgo, Carolina Ferreira.	UnB	Mestrado em Linguística	Enilde Leite de Jesus Faulstich
65	2013	O estatuto linguístico das línguas de sinais	Frydrych, Laura Amaral Kummel	UFRGS	Mestrado em Letras	Orientadora: Carmem Luci Da Costa Silva Coorientadora: Luiza Milano Surreaux
66	2013	Fazendo cena na cidade dos mudos: surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no sertão do Piauí	Pereira, Everton Luis.	UFSC	Doutorado em Antropologia Social	Esther Jean Langdon
67	2013	Nova proposta de sílaba em Libras	Aguiar, Thiago Cardoso	UFG	Mestrado em Letras e Linguística	Orientadora: Maria Sueli de Aguiar Coorientadora: Mariângela Estelita Barros
68	2013	A posição de sujeito em sentenças da Língua de Sinais Brasileira <i>Texto completo não encontrado</i>	Araújo, Nina Rosa Silva de	UFAC	Mestrado em Letras-Linguagem e Identidade	Vicente Cruz Cerqueira

69	2013	Demonstração da ambiguidade de itens lexicais na LSB: um estudo sincrônico de homonímia	Soares, Charley Pereira	UnB	Mestrado em Linguística	Enilde Leite de Jesus Faulstich
70	2013	Política linguística: a terminologia da Libras como veículo de cultura em concursos público	Barros, Rejane Louredo	UnB	Mestrado em Linguística	Enilde Leite de Jesus Faulstich
71	2013	Glossário bilíngue da Língua de Sinais Brasileira: criação de sinais dos termos da música	Ribeiro, Daniela Prometi	UnB	Mestrado em Linguística	Enilde Leite de Jesus Faulstich
72	2013	Uma descrição do processo de referenciação em narrativas contadas em língua de sinais brasileira (libras)	Barbosa, Thais Bolgueroni	USP	Mestrado em Linguística	Evani de Carvalho Viotti
73	2013	Variação fonológica da língua de sinais: um estudo sociolinguístico de comunidades surdas da Paraíba	Andrade, Wagner Teobaldo Lopes de	UFPB	Doutorado em Linguística	Demerval da Hora Coorinetadora: Marígia Ana de Moura Aguiar
74	2013	A gramática da língua brasileira de sinais: aspectos sintáticos	Craveiro, Luciana Viegas Alves	UFRJ	Mestrado em Letras	Sérgio de Moura Menuzzi
75	2013	Aspectos variacionistas fonológicos da Língua Brasileira de Sinais	Conserva, Katia Michaele Fernandes	UFPB	Mestrado em Linguística	Evangelina Maria Brito de Faria
76	2013	Universais linguísticos aplicáveis às línguas de sinais: discussão sobre as categorias lexicais nome e verbo	Chaibue, Karime	UFG	Mestrado em Letras e Linguística	Christiane Cunha de Oliveira
77	2013	Sintagmas nominais: marcas de referencialidade e determinação na Libras	Almeida-Silva, Anderson	UFPI	Mestrado em Letras	Ronald Taveira da Cruz
78	2013	Narrativas em Libras: análise dos processos cognitivos	Nunes, Valeria Fernandes	UERJ	Mestrado em Letras	Sandra Pereira Bernardo

79	2014	Língua de sinais: proposta terminológica para a área de desenho arquitetônico	Lima, Vera Lucia De Souza e.	UFMG	Doutorado em Estudos Linguísticos	Maria Cândida Trindade Costa de Seabra
80	2014	Concordância, caso e ergatividade em língua de sinais brasileira: uma proposta minimalista	Souza, Guilherme Lourenco de.	UFMG	Mestrado em Estudos Linguísticos	Fabio Bonfim Duarte
81	2014	Língua de Sinais Brasileira: proposta de análise articulatória com base no banco de dados LSB-DF	Marinho, Margot Latt.	UnB	Doutorado em Linguística	Orlene Lúcia de Sabóia Carvalho
82	2014	Língua Brasileira de Sinais: expressões inovadoras	Correa, Fabiana Schmitt	UFSC	Mestrado em Linguística	Tarcísio de Arantes Leite
83	2014	Língua de sinais x Libras: uma abordagem da historiografia linguística	Almeida, Magno Pinheiro de	UEMS	Mestrado em Letras	Miguel Eugênio Almeida
84	2014	Ordem dos termos em estruturas oracionais na língua de sinais brasileira: um estudo em narrativas infantis	Lira, Magnolia de Souza	UnB	Mestrado em Linguística	Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Salles
85	2014	Demonstrações em uma narrativa sinalizada em Libras	Silva, Joao Paulo da.	USP	Mestrado em Linguística	Evani de Carvalho Viotti
86	2014	Projeto Varlibras	Junior, Glaucio de Castro	UnB	Doutorado em Linguística	Enilde Leite de Jesus Faulstich
87	2014	Voz passiva em Libras? Ou outras estratégias de topicalização?	Miranda, Joao Paulo Vitorio	UnB	Mestrado em Linguística	Dionei Moreira Gomes
88	2014	Língua brasileira de sinais: fala-em-interação entre surdos	Gomes, Dannytza Serra	UFC	Doutorado em Linguística	Sandra Maia Farias Vasconcelos

89	2014	Uma ou duas? Eis a questão! Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da língua brasileira de sinais (libras)	Xavier, André Nogueira	UNICAMP	Doutorado em Linguística	Plínio Almeida Barbosa
90	2015	A interferência do português na análise gramatical em Libras: o caso das preposições	Monteiro, Myrna Salerno	UFSC	Mestrado em Linguística	Tarcísio de Arantes Leite
91	2015	Compostos na língua de sinais brasileira	Rodero-Takahira, Aline Garcia	USP	Doutorado em Linguística	Ana Paula Scher
92	2015	Um estudo introdutório sobre o desenvolvimento dos repertórios léxicos da língua brasileira de sinais a partir da elaboração da definição lexicográfica	Moreira, Daniela Almeida.	UFSC	Mestrado em Estudos da Tradução	Rodrigo Rosso Marques
93	2015	Causatividade em Libras	Andrade, Allinny de Matos Ferraz.	UnB	Mestrado em Linguística	Dioney Moreira Gomes
94	2015	A escrita de expressões não manuais gramaticais em sentenças da Libras pelo sistema SignWriting	Ampessan, Joao Paulo	UFSC	Mestrado em Linguística	Marianne Rossi Stumpf
95	2015	Gíria em Língua de Sinais Brasileira (LSB): processo e interpretação	Silva, Isaack Saymon Alves Feitoza.	UFSC	Mestrado em Estudos da Tradução	Ana Regina e Souza Campello
96	2015	Tradução Automática com Adequação Sintático-Semântica para LIBRAS	Lima, Manuella Aschoff Cavalcanti Brandao	UFPB	Mestrado em Informática	Tiago Maritan Ugulino e Araújo
97	2015	A construção de tópico na língua de sinais brasileira: uma abordagem psicolinguística	Dias, Aline Fernanda Alves	UFF	Doutorado em Estudos de Linguagem	Eduardo Kenedy Nunes Areas

98	2015	Sinais lexicais dos termos cinematográficos: a perspectiva da língua de sinais no cinema	Sousa, Saulo Machado Mello de	UnB	Mestrado em Linguística	Enilde Leite de Jesus Faulstich
99	2015	Reconhecimento automático de expressões faciais gramaticais na língua brasileira de sinais	Freitas, Fernando de Almeida.	USP	Mestrado em Sistemas de Informação	Sarajane Marques Peres
100	2015	Mapeamento e contribuições linguísticas do professor surdo aos índios surdos da etnia Sateré-Mawé na microrregião de Parintins Manaus – AM.	Azevedo, Marlon Jorge Silva de	UEA	Mestrado Profissional em Letras e Artes	Valteir Martins
101	2015	A compreensão das metáforas primárias em indivíduos surdo	Aureliano, Thalita Maria Lucindo.	UFPB	Mestrado em Linguística	Jan Edson Rodrigues Leite
102	2015	Reconhecimento das configurações de mão de libras baseado na análise de discriminante de fisher bidimensional utilizando imagens de profundidade	Santos, Jonilson Roque dos	UFAM	Mestrado em Engenharia Elétrica	Orientador: Cícero Ferreira Fernandes Costa Filho Coorientadora: Marly Guimarães Fernandes Costa
103	2015	Metáforas em Libras: um estudo de seu uso por pessoas surdas	Murta, Michelle Andrea	PUC-MG	Mestrado em Letras	João Henrique Rettore Totaro.
104	2015	Análise de estrutura semântica de 10.400 sinais de libras: caracterização das combinações canônicas entre articulação de mão, orientações de mão e palma, movimento e expressão facial	Domingues, Karina Nonato Pingituro.	USP	Mestrado em Psicologia	Fernando César Capovilla
105	2015	Análise descritiva da estrutura querológica de unidades terminológicas do glossário Letras-Libras	Oliveira, Janine Soares de	UFSC	Doutorado em Estudos da Tradução	Markus Johannes Weininger.
106	2015	A categoria dos verbos na língua brasileira de sinais	Oliveira, Ione Barbosa de.	UESB	Mestrado em Linguística	Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira

107	2016	Aspectos gramaticais e discursivos da narrativa na Libras	Sabanai, Noriko Lucia.	UnB	Doutorado em Linguística	Daniele Marcelle Grannier
108	2016	Os espaços na Libras	Araújo, Magali Nicolau de Oliveira de.	UnB	Doutorado em Linguística	Daniele Marcelle Grannier
109	2016	Terminografia em Língua de Sinais Brasileira: proposta de glossário ilustrado semibilíngue do meio ambiente, em mídia digital	Nascimento, Cristiane Batista do.	UnB	Doutorado em Linguística	Enilde Leite de Jesus Faulstich
110	2016	Comunidades de práticas virtuais como contexto para o desenvolvimento de neologismos terminológicos em língua de sinais	Saito, Daniela Satomi.	UFSC	Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento	Orientadora: Vania Ribas Ulbricht Coorientador: João Bosco da Mota Alves Coorientadora: Marianne Rossi Stumpf
111	2016	Glossário sistêmico bilíngue português-libras de termos da história do Brasil	Felten, Eduardo Felipe.	UnB	Mestrado em Linguística	Enilde Leite de Jesus Faulstich
112	2016	Escrita de sinais: supressão de componentes quirêmicos da escrita da Libras em Signwriting	Morais, Carla Damasceno de.	UFSC	Doutorado em Linguística	Marianne Rossi Stumpf
113	2016	Concordância verbal e a hipótese do período crítico em Libras: um estudo teórico-experimental	Souza, Isaac Gomes Moraes de	PUC-RJ	Mestrado em Estudos da Linguagem	Cilene Aparecida N. Rodrigues Coorientador: Josep Francisco Quer Villanueva
114	2016	Empréstimos linguísticos na Libras: primeira turma do curso de letras libras da UFSC	Machado, Rodrigo Nogueira	UFSC	Mestrado em Linguística	Ronice Müller de Quadros
115	2016	Proposta de dicionário infantil bilíngue libras/português	Klimsa, Severina Batista de Farias	UFPB	Doutorado em Linguística	Evangelina Maria Brito Faria

116	2016	Há classificadores verbais em Libras?	Santos, Jaelson da Silva	UFRR	Mestrado em Letras	Éder José Lanes
117	2016	Um Olhar da Semiótica para os Discursos em Libras: Descrição do Tempo	Moreira, Renata Lucia.	USP	Doutorado em Linguística	Orientadora: Diana Luz Pessoa de Barros Coorientadora: Profa. Dra. Evani de Carvalho Viotti
118	2016	Pronomes pessoais na interlíngua de surdo/a aprendiz de português L2 (escrito)	Andrade, Telma Rosa De	UnB	Mestrado em Linguística	Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Salles
119	2016	Neologismos em Libras: um estudo sobre a criação de termos na área de química	Marinho, Rosilene Silva	UFAM	Mestrado em Letras	Frantomé Bezerra Pacheco
120	2017	Lexicografia, metalexicografia e natureza da iconicidade da Língua de Sinais Brasileira (Libras)	Martins, Antonielle Cantarelli.	USP	Doutorado em Psicologia	Fernando César Capovilla
121	2017	Processos de expansão lexical da Libras no ambiente acadêmico	Santos, Hadassa Rodrigues	PUC-MG	Mestrado em Letras	João Henrique Rettore Totaro
122	2017	Mapeamento de sinais da educação escolar indígena dos surdos Paiter Suruí	Eler, Rosiane Ribas De Souza	UNIR (Universidade Federal de Rondônia)	Mestrado em Letras	João Carlos Gomes
123	2017	A classificação dos verbos com concordância da Língua Brasileira de Sinais: uma análise a partir do <i>SignWriting</i>	Wanderley, Debora Campos	UFSC	Doutorado	Orientadora: Marianne Rossi Stumpf Coorientadora: Janine Soares de Oliveira
124	2017	A terminologia na Língua de Sinais Brasileira: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue	Santos, Patricia Tuxi dos	UNB	Doutorado em Linguística	Enilde Leite de Jesus Faulstich

125	2017	Surdos Pataxó: inventário das línguas de sinais em território etnoeducacional Não encontrado	Damasceno, Leticia De Souza Magalhaes.	UFBA	Mestrado em Língua e Cultura	Suzane Lima Costa.
126	2017	Sinais toponímicos em Libras: logradouros da cidade de Vitória da Conquista na língua do cidadão surdo	Magalhães, Rozilda Almeida Neves	UESB	Mestrado em Letras: Cultura, Educação e Linguagens	Lucas Santos Campos
127	2017	A pluralidade em Libras	Lara, Marília Costa Pessanha	UFPR	Mestrado em Letras	Maria José Gnatta Dalcuche Foltran.
128	2017	A Interpretação da Sentença com Verbos Simples (plain verbs): a ambiguidade em construções com os verbos abraçar e conversar em Libras	Pinto, Charridy Max Fontes.	UFAL	Mestrado em Linguística e Literatura	Telma Moreira Vianna Magalhães
129	2017	Investigando os processos de emersão e modificação de sinais, durante a apropriação da sinalização científica por surdos ao abordar os saberes químicos matéria e energia	Carvalho, Vinicius Da Silva.	UFJF	Mestrado em Química	Orientadora: Ivoni de Freitas Reis Coorientador: Dr. Eloi Teixeira César
130	2017	Terminografia da Língua Brasileira de Sinais glossário de nutrição	Cardoso, Vilma Rodrigues.	UnB	Mestrado em Estudos de Tradução	René Gottlieb Strehler.
131	2017	Glossário jurídico em Libras: direito constitucional	Cavalcante, Priscilla Fonseca.	UFF	Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão	Ana Regina e Souza Campello
132	2017	A arte de escrever em Libras	Barbosa, Gabriela Otaviani.	UFSC	Mestrado em Linguística	Marianne Rossi Stumpf

133	2017	Que palavra vem a sua mente: um estudo de associação semântica em LIBRAS	Ramos, Lucilene Ongaratto.	PUCRS	Mestrado em Linguística e Letras	Augusto Buchweitz
134	2018	Segmentação automática de Expressões Faciais Gramaticais com Multilayer Perceptrons e Misturas de Especialistas	Cardoso, Maria Eduarda de Araújo	USP	Mestrado em Sistemas de Informação, Escola de Artes, Ciências e Humanidades	Sarajane Marques Peres
135	2018	Metáfora em Libras: um estudo de léxico	Silva Júnior, Daltro Roque Carvalho da.	UFSC	Mestrado em Linguística	Marianne Rossi Stumpf
136	2018	O fenômeno “ponta dos dedos” na Língua Brasileira de Sinais	Arnone, Juliane Farah.	USP	Mestrado em Linguística	Felipe Venâncio Barbosa
137	2018	Língua Terena de Sinais: análise descritiva inicial da língua de sinais usada pelos terenas da terra indígena Cachoeirinha	Soares, Priscilla Alyne Sumaio	UNESP	Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa	Cristina Martins Fargetti
138	2018	Importância da terminologia para atuação do tradutor e intérprete de língua de sinais brasileira: proposta de glossário de sinais termo do processo judicial eletrônico	Vale, Luciana Marques.	UnB	Mestrado em Estudos de Tradução	Flávia Cristina Cruz Lamberti Arraes
139	2018	Bases linguísticas e lexicográficas para a construção de um glossário bilíngue em Libras-Elis/português e português/Libras-Elis	Fernandes, Leandro Andrade.	UFG	Mestrado em Estudos da Linguagem	Vanessa Regina Duarte Xavier
140	2018	Corporificação e iconicidade cognitiva: um estudo sobre verbos em línguas de sinais	Nunes, Valeria Fernandes	UERJ	Doutorado em Letras	Sandra Pereira Bernardo

141	2018	Semântica da Libras: hiperônimos e hipônimos e o desenvolvimento linguístico da criança surda	Santos, Marcos de Moraes	UFAL	Mestrado em Letras e Linguística	Jair Barbosa da Silva
142	2018	Expressão por emoção: uma abordagem cognitiva de adjetivos em Língua Brasileira de Sinais	Sessa, Glênia Aguiar Belarmino da Silva	UERJ	Mestrado em Linguística	Sandra Pereira Bernardo
143	2019	Proposta lexicográfica para verbetes de dicionário especial de homônimos da Língua Brasileira de Sinais – Libras	Lima, Érika Lourrane Leôncio	UFPI	Mestrado em Letras	Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos
144	2019	Marcadores prosódicos da Libras e o papel das expressões corporais	Goes, Anne Karine Silva de	UFAL	Mestrado em Letras e Linguística	Jair Barbosa da Silva
145	2019	Aquisição de apontações pronominais pessoais em Língua Brasileira de Sinais (Libras)	Grutzmacher, Marcos.	UFAL	Mestrado em Letras e Linguística	Telma Moreira Vianna Magalhães
146	2019	A (in)definitude no sintagma nominal em libras: uma investigação na interface sintaxe-semântica	Almeida-Silva, Anderson	Unicamp	Doutorado em Linguística	Ruth Elisabeth Vasconcellos